Novo Som

Análise do Espólio Luso-Africano da Fonoteca Municipal do Porto (1960-1992)

Relatório de Projeto de Dissertação de Mestrado

Autor: Jorge Duarte
Orientador: Prof. José Carneiro

Mestrado em Design Gráfico e Projetos Editorais (MDGPE), Faculdade de Belas Artes da Universidade do Porto (FBAUP)

2025/2026

Outros Contributos: Ana Coelho, Ana Guimarães, Tomás Martins, Hugo Carvalho, Sofia Andrade, Hugo Moura, Julien Lima, Rui Santos, Cátia Abreu, Prof. Pedro Amado, Prof. Cristina Ferreira e Prof. Rui Vitorino Santos

U.PORTO
FACULDADE DE BELAS ARTES
UNIVERSIDADE DO PORTO

II. Resumo / Palavras-chave

O presente estudo propõe-se a analisar o espólio de discos de vinil luso-africanos, datado entre 1960 e 1992, pertencente ao acervo da Fonoteca Municipal do Porto (FMP). O projeto resultou na produção de dois artefactos editoriais: um catálogo visual e analítico, que explora a qualidade gráfica, artística e histórica das capas associadas a diferentes estilos musicais africanos, e um relatório de projeto, que contextualiza as ideologias e os movimentos socioculturais presentes no período em análise e descreve a metodologia adoptada no desenvolvimento da investigação. O catálogo tem como objetivo identificar e caracterizar o espólio — nomeadamente artistas, editoras e entidades envolvidas —, selecionar capas de maior relevância para as áreas do design e das artes visuais, e analisar a sua composição gráfica. Paralelamente, procede à comparação dos dados recolhidos, destacando a diversidade, a musicalidade e a importância histórica e visual de objetos reunidos. Para o seu desenvolvimento, o catálogo inspirou-se no estudo do movimento tropicalista no Brasil realizado por José Alexandre (2021) e no projeto "Discos Orfeu: Catálogo Visual e Crítico" (ESAD-IDEA, 2022), dedicado aos discos da editora Orfeu. O relatório de projeto aborda os contextos históricos e socioculturais em que os discos se inserem, com particular enfoque na Vocação Imperial (Silva, 2003), que legitimava o colonialismo português e incentivava a mobilidade para os territórios ultramarinos (Arenas, 2011). Igualmente importante foi a teoria do Luso-tropicalismo, porposta por Gilberto Freyre e apropriada pelo Estado Novo para justificar a administração colonial e sustentar hierarquias raciais e sociais (Arenas, 2011; Cardão, 2020); e no Cosmopolitismo, utilizado como construção ideológica de uma identidade cultural unificada, apesar do seu desfasamento face à realidade (Moorman, 2008; Cardão, 2020). Para além do enquadramento teórico, o relatório documenta os processos de análise do acervo da Fonoteca Municipal do Porto bem como o trabalho que desenvolvem e que se traduziu no desenvolvimento do catálogo que acompanha este documento (FMP, 2025). Conclui-se que os artefactos editoriais contribuíram para a valorização do espólio luso-africano, evidenciando o modo como este foi influenciado tanto pelos contextos históricos como pelas práticas gráficas. Destaca-se ainda o papel da FMP enquanto instituição dinâmica, cuja relação com o público é fundamental para a expansão, ativação e continuidade do acervo.

Luso-Africano; Design Editorial; Fonoteca Municipal do Porto (FMP); Capas de Vinil.

Alexandre, J. F. de . (2021, January). Aesthetic Legacy of the Tropicália Movement. Behance. https://www.behance.net/gallery/110728873/

esad-idea. (2022, October). esad—arte&design · Orfeu (1956—1983). Esad.pt. https://www.esad.pt/en/research-projects/orfeu Aesthetic-Legacy-of-the-Tropicalia-Movement

III. Abstract / Keywords

TThis study analyses the collection of Luso-African vinyl records, dating from 1960 to 1992, held in the archive of the Municipal Sound Archive of Porto (FMP). The project resulted in the production of two editorial artefacts: a visual and analytical catalogue, which explores the graphic, artistic, and historical qualities of record sleeves associated with different African musical genres, and a project report, which contextualises the ideologies and socio-cultural movements that shaped the period under study. The catalogue aims to identify and characterise the collection—including its artists, record labels, and associated entities—select record sleeves of particular relevance to the fields of design and visual arts, and analyse their graphic composition. It also compares the collected data, highlighting the collection's diversity, musical richness, and historical and visual significance. The catalogue was informed by José Alexandre's (2021) study of the Brazilian Tropicalist movement and by the project *Orfeu: Visual and Analytical Catalogue* (ESAD-IDEA, 2022), dedicated to records released by the Orfeu label. The project report examines the historical and socio-cultural contexts in which the records were produced, with particular emphasis on *Vocação Imperial* (Silva, 2003), which legitimised Portuguese colonialism and encouraged migration to the overseas territories (Arenas, 2011); Luso-tropicalism, a theory developed by Gilberto Freyre and appropriated by the Estado Novo to justify colonial rule and reinforce racial and social hierarchies (Arenas, 2011; Cardão, 2020); and cosmopolitanism, employed as an ideological construct to project a unified cultural identity despite its disconnection from social reality (Moorman, 2008; Cardão, 2020). In addition to the theoretical framework, the report documents the processes involved in analysing the collection and developing the catalogue, while also demonstrating the importance of the Municipal Sound Archive of Porto in preserving and promoting this archive (FMP, 2025). The study concludes that the editorial artefacts contributed to the enhancement of the Luso-African collection, demonstrating how it was shaped by both historical contexts and graphic design practices. It also highlights the role of the FMP as a dynamic institution whose relationship with the public is essential to the archive's expansion, activation, and long-term sustainability.

Luso-African; Editorial Design; Fonoteca Municipal do Porto (FMP); Vinyl Album Covers.

IV. Considerações
i. Considerações Éticas

Declaração de originalidade da autoria

Declaro que a presente proposta de projeto é de minha autoria e não foi utilizado previamente noutro curso ou unidade curricular, desta ou de outra instituição. As referências a outros/as autores/as (afirmações, ideias, pensamentos) respeitam escrupulosamente as regras da atribuição, e encontram-se devidamente indicadas no texto e nas referências bibliográficas, de acordo com as normas de referenciação. Tenho consciência de que a prática de plágio e autoplágio constitui um ilícito académico.

(UPorto, 2025/2026)

ii. Recursos necessários

Declaro que no presente documento houve recurso a ferramentas de inteligência artificial para a edição, correção de redação e tradução, como na na investigação e análise dos dados recolhidos, que foram devidamente curadas, avaliadas e verificadas, por mim.

Lista de Siglas, Acrónimos e Abreviaturas

CPLP — Comunidade dos Países de Língua Portuguesa
CSV — Comma-Separated Values ou Valores Separados por Vírgula
EP — Extended Play
FBAUP — Faculdade de Belas Artes da Universidade do Porto
FMP — Fonoteca Municipal do Porto
FRELIMO — Frente de Libertação de Moçambique
LP — Long Play
MDGPE — Mestrado em Design Gráfico e Projetos Editoriais
MPLA — Movimento Popular de Libertação de Angola

Glossário

Batuque – **MÚSICA**: instrumento de percussão cilíndrico de madeira, coberto de pele numa das extremidades, semelhante ao tambor; dança ao ritmo dos tambores; ruído de golpes repetidos; *Brasil* reunião festiva em que se tocam instrumentos de percussão, geralmente acompanhando cantos e danças; batucada. Fonte: Infopédia, https://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/batuque

Benigna – **ADJETIVO**: que se compraz em fazer bem; benévolo; que não apresenta gravidade; que não é maligno; afetuoso; suvae; brando; favorável. Fonte: Infopédia, https://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/Benigna

Coladeiras – Música tradicional de Cabo Verde, de ritmo acelerado, dançada por pares; dança acompanhada por essa música; Cabo Verde mulher que, nas festas regionais, brinca ao som de tambores ou que bate palmas e canta. Fonte: Infopédia, https://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/coladeiras

Hegemonia – **NOME FEMININO**: supremacia de uma cidade, povo ou nação sobre outras cidades, povos ou nações; figurado - supremacia. Fonte: Infopédia, https://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/hegemonia

Miscigenação – **NOME FEMININO**: ato ou efeito de miscigenar; mestiçagem; reprodução entre indivíduos pertencentes a grupos étnicos diferentes; cruzamento entre animais pertencentes a raças ou espécies diferentes. Fonte: Infopédia, https://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/miscigena%C3%A7%C3%A3o

Mornas – ***MÚSICA:*** género musical cabo-verdiano, surgido no século XIX e assente no formato canção, geralmente de andamento lento e compasso quaternário, com esquemas tonais menores clássicos e temática sentimental, tradicionalmente cantado por uma só pessoa com acompanhamento de instrumentos acústicos, nomeadamente o violão; canção desse género musical; dança executada ao som dessa canção. Fonte: Infopédia, https://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/Mornas

Lista de Imagens e Tabelas

FIG.1 - "A Idade do Jazz-Band", de António Ferro. Foto da Livraria Alfarrabista Liliana Queiroz (Liliana Queiroz, 2026) 22
FIG.2 - "Contemporânea", Nº2 (Junho de 1922). Foto da Hemeroteca Digital (Digital, 2026) 23
FIG.3 - "1.ª Exposição Colonial Portuguesa: Aldeia da Guiné, na ilha do lago dos jardins do Palácio de Cristal, 1934 Arquivo Histórico Municipal do Porto". Foto do Museu do Porto (Museu do Porto, 2023) 24
FIG.4 - "MUNDO PORTUGUÊS IMAGENS DE UMA EXPOSIÇÃO HISTÓRICA 1940". Foto da Livraria Esquina (Esquina, 2026) 25
FIG.5 - "Gilberto Freyre". Foto do Acervo Fundação Gilberto Freyre

(Monitor Mercantil, 2023) 28
FIG.6 - “Grupo de Escritores da Claridade e Amigos”. Foto do Jornal “A Nação” (A NAÇÃO, 2026) 29
FIG.7 - “Casa-Grande & Senzala”, Gilberto Freyre (Freyre, 2019) 29
FIG.8 - “Aventura e Rotina”, Gilberto Freyre (Freyre, 2010) 29
FIG.9 - “Amílcar Lopes Cabral”. Foto da Universidade do Mindelo (Mindelo, 2022) 33
FIG.10 - “O Vento Mudou”, *Single* do cantor Eduardo Nascimento, vencedor do Festival da Canção de 1967 e participante do Eurovisão do mesmo ano. Foto do Blogue Restos de Coleção (Leite, 2019) 34
FIG.11 - “Presença”, Revista do MNF, Nº1, publicada em outubro. Foto do Blogue Livros de África, Ultramar & Guerra Colonial (Livros de África, Ultramar & Guerra Colonial, 2026) 34
FIG.12 - “Os Claves”, Vencedores do Concurso Yé-Yé de 1966 promovido pelo MNF. Foto do Blogue Restos de Coleção (Leite, 2019) 35
FIG.13 - “Os Rocks”, participantes do Concurso Yé-Yé de 1966 promovido pelo MNF, que incluem o cantor Eduardo Nascimento (à direita). Foto do Blogue Restos de Coleção (Leite, 2019) 35
FIG.14 - “Os Rocks”, Banda Angolana, participantes do Concurso Yé-Yé de 1966 promovido pelo MNF. Foto do Blogue Restos de Coleção (Leite, 2019) 36
FIG.15 - “Grande Concurso Ié-Ié no Teatro Monumental”, promovido pelo MNF em 1966. Foto do Blogue Restos de Coleção (Leite, 2019) 36
FIG.16 - Apresentação do livro “Ler Com o Ouvido, 5 anos de Fonoteca Municipal do Porto” (16 de outubro de 2025). Foto da Fonoteca Municipal do Porto (FMP, 2025) 39
FIG.17 - Espaço físico da Fonoteca Municipal do Porto, junto de Armando Sousa, o supervisor do projeto FMP. Foto da Revista “Visão” (Alves & Monteiro, 2020) 40
FIG.17, 18 e 19 - Parâmetros “Estilo“, “Data” e “Formato” para filtragem do catálogo digital da FMP. Captura de Ecrã do website da FMP (FMP, 2026b) 40
FIG.20 - Parâmetros “Artistas“ para filtragem do catálogo digital da FMP. Captura de Ecrã do website da FMP (FMP, 2026a) 41
FIG.21 - Análise da lista completa dos artistas presentes no acervo da FMP. Ficheiro *CSV* criado através da extração dos 6907 artistas do website da FMP. Captura de Ecrã do ficheiro *CSV*. 42
FIG.22 - Resultados obtidos da análise da lista completa dos artistas presentes no acervo da FMP. Captura de Ecrã. 43
FIG.23 - Documento Excel com os dados recolhidos dos artistas luso-africanos. Captura de Ecrã. 52
FIG.24 - Análise dos dados recolhidos dos espólio luso-africanos. Captura de Ecrã. 53
FIG.25 - Análise dos autores das capas. A cinzento estão os discos sem capa. Captura de Ecrã. 54
FIG.26 - Análise e Classificação das capas. Os números presentes servem para totalizar o número de capas inseridas numa categoria. Os discos a cor, são os discos de uma época com maior interesse para as artes visuais e gráficas. Captura de Ecrã. 55
FIG.27 - Resultados Obtidos do Espólio Luso-Africano. Imagem do Catálogo “*NOVO SOM*” (pág.50). 56
FIG.28 - “Branco, Tinto e Jeropiga”, Danny Silva e a Banássanhá (1981), *Single* 7” 57
FIG.29 - *PROMPT* obtido através do ChatGPT quanto às editoras que partilham direitos, distribuição e licenciamento entre 1960 e 1992 (ChatGPT,

2025) 58
FIG.30 - Editoras do Espólio Luso-Africano. Imagem do Catálogo "*NOVO SOM*" (pág.114 e 115). 59 e 60
FIG.31 - João Maria Tudela. Foto do Baú das Memórias (Baú das Memórias, 2022) 61
FIG.32 - Teta Lando. Foto do disco "Canções de Angola", Teta Lando, 1977 (Lando, 2026a) 61
FIG.33 - Raúl Indipwo. Foto do disco "Meus olhos ficaram mar", Raúl Indipwo, 1985 (Indipwo, 2026a) 61
FIG.34 - Alvorada, "Embaixadora do Folclore Angolano". Disco "Conjunto Cabo Verde", Conjunto Cabo Verde (Conjunto Cabo Verde, 2026) 62
FIG.35a e 35b - Bana. Capa e Foto do disco "Mornas e Coladeiras de Cabo Verde", Bana (Bana, 2026) 63
FIG.36 - Marino Silva. Capa do disco "Cabo Verde", Marino Silva, 1973 (M. Silva, 2026) 63
FIG.37a e 37b - Fernando Quejas. Capa e Foto do disco "Mornas", Fernando Quejas (Quejas, 2026a) 64
FIG.38 - Bonga. Foto da FMP (FMP, 2026a) 64
FIG.39 - Conchinha de Mascarenhas. Foto da FMP (FMP, 2026b) 64
FIG.40 - Dany Silva. Foto da FMP (FMP, 2026c) 65
FIG.41 Duo Ouro Negro. Foto da FMP (FMP, 2026d) 65
FIG.42 - Felipe Mukenga. Foto da Bantumen (Bantumen, 2026) 65
FIG.43 - Mário Mata. Foto da FMP (FMP, 2026i) 65
FIG.44 - Mory Kanté. Foto do jornal "The Guardian" (Denselow, 2020) 66
FIG.45 - Tabanka Djaz. Foto da Agenda Cultural Lisboa (Agenda Cultural Lisboa, 2022) 66
FIG.46 - Tó Neto. Foto da RTP Arquivo (RTP Arquivos, 2023) 67
FIG.47 - Waldemar Bastos. Foto da FMP (FMP, 2026p) 67
FIG.48 - "Kualuka Kuetu", Bonga, 1982 (Bonga, 2026) 67
FIG.49 - "Crioula de S.Bento", Dany Silva, 1982 (D. Silva, 2026b) 68
FIG.50 - "Mulowa Afrika", Duo Ouro Negro, 1967 (Duo Ouro Negro, 2026f) 68
FIG.51 - "Novo Som", Filipe Mukenga, 1991 (Mukenga, 2026) 69
FIG.53 - "Hambanine", João Maria Tudela (Tudela, 2026a) 69
FIG.52 - "Kanimambo", João Maria Tudela (Tudela, 2026b) 70
FIG.54 -"Lourenço Marques, gosto de ti", João Maria Tudela (Tudela, 2026c) 70
FIG.55 - "Yé Ké Yé Ké", Mory Kanté, 1985 (Kanté, 2026) 71
FIG.56 - "Tabanka Djaz", Tabanka Djaz, 1990 (Djaz, 2026) 71
FIG.57 - "Sô santo", Raúl Indipwo, 1986 (Indipwo, 2026b) 72
FIG.58 - "Canções de Angola", Teta Lando, 1977 (Lando, 2026a) 72
FIG.59 - Calssificação das Capas do Espólio Luso-Africano. Imagem do Catálogo "*NOVO SOM*" (pág.128 e 129). 73 e 74
FIG.60 -"Carta de nha cretcheu", AnaFirmino, 1989 (Firmino, 2026) 75
FIG.61 - "Encontro em Lisboa", Eleutério Sanches, 1968 (Sanches, 2026) 75
FIG.62 - "Canta canções do folclore de Angola", Duo Ouro Negro, 1960 (Duo Ouro Negro, 2026b) 76
FIG.63 - "Conjunto Renato Silva", Conjunto Renato Silva, 1960 (Conjunto Renato Silva, 2026) 76
FIG.64 -"Mornas de Cabo Verde", Fernando Quejas (Quejas, 2026b) 77
FIG.65 - "A festa", Ari Lopes (Lopes, 2026) 77
FIG.66 - "Comboio mala de Benguela", Duo Ouro Negro, 1984 (Duo

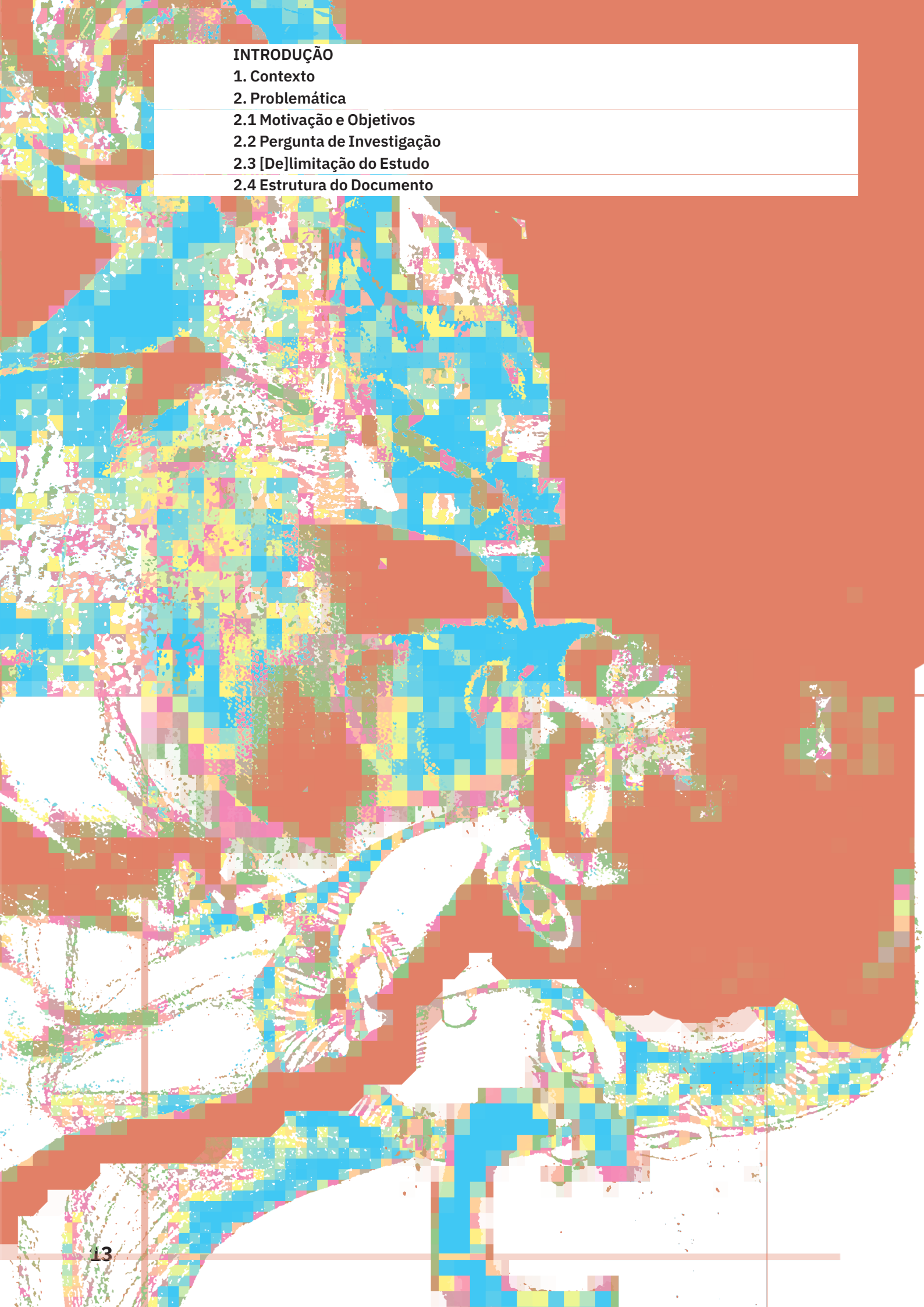
Ouro Negro, 2026c) 78
FIG.67 - “Que grande seca”, Mário Mata, 1984 (Mata, 2026c) 78
FIG.68 - “A mãe”, Conjunto de Oliveira Muge (Conjunto de Oliveira Muge, 2026a) 79
FIG.69 - “Alex Steinweiss”. Foto da Eye Magazine (Eye Magazine, 2026) 79
FIG.70 - “Alex Steinweiss first picture cover for Columbia Records “Smash Song Hits by Rodgers & Hart” from 1940”. Foto da recordart (recordart, 2016) 79
FIG.71 -“Mornas e Coladeras”, Fernando Quejas (Quejas, 2026d) 80
FIG.72 - “Hey Mal Yo”, Johnny Rodrigues (Rodrigues, 2026) 80
FIG.73 - “Casamenti d’Haös”, Justino Delgado, 1989 (Delgado, 2026) 81
FIG.74 - “Menguánà”, Sum Alvarinho, 1989 (Alvarinho, 2026) 81
FIG.75 -“Estamos juntos”, Waldemar Bastos, 1983 (Bastos, 2026) 82
FIG.76 - “Mornas de Cabo Verde”, Fernando Quejas (Quejas, 2026c) 82
FIG.77 - “Os Gingas”, Os Gingas (Os Gingas, 2026) 83
FIG.78 - “Negro”, Tó Neto (Neto, 2026b) 83
FIG.79 -“Longe de ti”, Conjunto de Oliveira Muge (Conjunto de Oliveira Muge, 2026b) 84
FIG.80 - “Confidências”, Henrik Lanjele, 1976 (Lanjele, 2026b) 84
FIG.81 - “Monangambé”, Rut Mingas, 1974 (Mingas, 2026) 85
FIG.82 - “Mornas e coladeiras”, Black Power (Power, 2026) 85
FIG.83 -“Luar da lua cheia”, Duo Ouro Negro, 1980 (Duo Ouro Negro, 2026e) 86
FIG.84 - “Cabo Verde”, Marino Silva, 1973 (M. Silva, 2026) 86
FIG.56 - “Nunca mais é sábado/Amanhã é um novo dia”, Mário Mata, 1986 (Mata, 2026b) 87
FIG.86 - “Big Bang”, Tó Neto, 1986 (Neto, 2026a) 87
FIG.87 -“Duo Ouro Negro”, Duo Ouro Negro (Duo Ouro Negro, 2026d) 88
FIG.88 - “Carneyro: Sonata para Violino e Piano; Bruma; A roda dos degredados”, Filipe de Sousa, 1982 (Sousa, 2026) 88
FIG.89 - “Angola: Terra livre”, Henrik Lanjele, 1975 (Lanjele, 2026a) 89
FIG.90 - “Não mata mas mói”, Mário Mata, 1982 (Mata, 2026a) 89
FIG.91 -“Flor da beira rio”, Vasco Rafael 1980 (Rafael, 2026) 90
FIG.92 - “Aesthetic Legacy of the Tropicália Movement”, José Alexandre, 2021 (Alexandre, 2021) 90
FIG.93 - Paleta Cromática das Capas do Espólio Luso-Africano. Imagem do Catálogo “*NOVO SOM*” (pág.292 e 293). 91 e 92
FIG.94 -“Canção da vida”, Conchinha de Mascarenhas (Rafael, 2026) 93
FIG.95 -Luís de Vasconcelos, “Luís Vasconcelos Os fotojornalistas estão a in? tervir na sociedade”. Foto do jornal Público (Marques, 2011) 93
FIG.96 - “Aos nossos amigos”, Duo Ouro Negro, 1982 (Duo Ouro Negro, 2026a) 94
FIG.97 - “Lua Vagabunda”, Danny Silva, 1986 94
FIG.98 -José Santa_Bárbara, “Morreu José Santa-Bárbara, o designer da ‘intervenção’”. Foto do jornal Correio da Manhã (Fidalgo, 2026) 95
FIG.99 - “A invenção do amor e outros poemas de Daniel Filipe”, Daniel Filipe (Filipe, 2026) 95
FIG.100 -Eleutério Sanches, “Morreu o pintor, poeta e cantor angolano

Eleutério Sanches". Foto do jornal Rede Angola (REDE ANGOLA, 2016) 96
FIG.101 -Fátima Rolo Duarte, "Fátima Rolo Duarte and the stories of our design". Foto da Escola Superior de Artes e Design (ESAD.CR, 2024) 96
FIG.102 - "Teta Lando", Teta Lando (Lando, 2026b) 97
FIG.103a e 103b - "Discos Orféu: Catálogo Visual e Crítico" (2022), ESAD-idea. Imagens de Inês Nepomuceno (Nepomuceno, 2025a) 102 e 103
FIG.104a, 104b, 104c e 104d - Versão 1 do catálogo. Maquete apresentada no Ponto de Situação a Abril de 2026. Fotos por Jorge Duarte. 104 e 105
FIG.105a, 105b, 105c, 105d, 105e, 105f e 105g - "Ler Com o Ouvido 5 Anos de Fonoteca Municipal do Porto" (2025). Fotos por Jorge Duarte ao livro e do Instagram da FMP (FMP Instagram, 2026) (FMP, 2025) 106 a 109
FIG.106a, 106b, 106c e 106d - "Haircuts For Men" (2025), Proposta 2 da UC de Projeto, realizado por Jorge Duarte (Duarte, 2025) 110 e 111
FIG.107a e 107b - Versão 3 do Catálogo. Spread exemplo de apresentação do artista e discos correspondentes e das capas dos discos. 112 a 113
FIG.107c, 107d, 107e, 107f, 107g, 107h, e 107i - Versão 3.1 do catálogo. Fotos por Jorge Duarte. 114 a 117
FIG.108 - Versão 4 do Catálogo. Spread exemplo do conceito de célula e grelha aplicada no obejto editorial. 118
FIG.109a e 109b - "Órbita" (2018), GNRATION, poster realizado por João Queirós (GNRATION, 2018) 119
FIG.110a, 110b e 110c - "Aesthetic Legacy of the Tropicália Movement" (2021), José Alexandre (Alexandre, 2021) 120 a 122
FIG.111a, 111b, 111c, 111d, 111e, 111f, 111g, 111h e 111i- Versão 4 do catálogo. Primeiros usos da grelha. Introdução da cor, das matrizes e das paletas. Introdução das paletas.Fotos por Jorge Duarte. 123 a 127
FIG.112a, 112b, 112c e 112d - Versão 5 do Catálogo. Spread exemplo do conceito de célula com desfoque e cor aplicada no obejto editorial. 128 a 131
FIG.113a, 113b, 113c, 113d, 113e, 113f, 113g e 113h - Prints de teste das versões finais do catálogo. Fotos por Jorge Duarte 132 a 135
FIG.114 - Capa inspirada no poster de João Queirós (GNRATION, 2018) 136
FIG.115a e 115b - Capa e Contra-capa final acompanhada de stickers rematentes à época dos discos de vinil. Verso da Capa e Contra-capa final. 137 a 138
FIG.115c - Stickers produzidos para o catálogo e para o relatório de projeto. Os stikers que dizem "Versão Única", "Homemade Handmande", "Fragile" e com o código de barras seriam repetidos em ambos obejtos editoriais. 139

ÍNDICE

II. Resumo / Palavras-chave	2
III. Abstract / Keywords	3
IV. Considerações	4
i. Considerações Éticas	4
ii. Recursos necessários	4
Lista de Siglas, Acrónimos e Abreviaturas	6
Glossário	6
Lista de Imagens e Tabelas	6
INTRODUÇÃO	13
1. Contexto	14
2. Problemática	15
2.1 Motivação e Objetivos	15
2.2 Pergunta de Investigação	15
2.3 [De]limitação do Estudo	16
2.4 Estrutura do Documento	17
3. Filosofias Luso-tropicalistas e Lusófonas	18
3.1 Da Vocação Imperial ao Luso-tropicalismo e Cosmopolitismo	19
3.1.1 Vocação Imperial	19
3.1.2 Luso-tropicalismo	26
3.1.3 Cosmopolitismo	30
3.2 A Lusofonia no Pós-Colonialismo	31
4. Acervo da Fonoteca Municipal do Porto	37
5. Espólio Luso-Africano	44
5.1 Análises do Espólio	45
5.2 Análise do Dados Recolhidos	46
5.2.1 Editoras	46
5.2.2 Artistas de interesse e Origens	47
5.2.3 Classificação das Capas	48
5.2.4 Autores das Capas	50
6.NOVO SOM - Catálogo Visual e Analítico	98
7. Conclusão	140
8. Referências	144
Revisão de Literatura	145
Autores Citados nas Referências	145
Entrevistas	147
Referências Gráficas	147
Glossário e Siglas	147
Imagens	148

INTRODUÇÃO
1. Contexto
2. Problemática
2.1 Motivação e Objetivos
2.2 Pergunta de Investigação
2.3 [De]limitação do Estudo
2.4 Estrutura do Documento



1. Contexto

O presente projeto tem como objeto de estudo o espólio de discos de vinil luso-africanos presentes na FMP, pretendendo assim, identificar, analisar e documentar as editoras e artistas luso-africanos, como a sua presença musical em Portugal, para compreender de que forma os resultados gráficos que acompanham as edições são eco da suas sonoridades..

A FMP é a única discografia de discos de vinil em Portugal, um projeto criado pela Câmara Municipal do Porto e orientado pela Ágora Cultura e Desporto. O projeto partiu da discografia presente na Biblioteca Municipal Almeida Garret e duas doações da Rádio Renascença e a Rádio Difusão Portuguesa, totalizando a catalogação de mais de 35 mil discos. Este património inclui cerca de 6907 artistas de origens diversas, abrangendo um período que se estende da década de 1950 até hoje, 2026 (FMP, 2025) (Ágora Cultura e Desporto, 2025).

Pela dimensão da discografia realizou-se, inicialmente, uma análise e identificação ao catálogo que dividiu os artistas em quatro parâmetros, "Português", "Não Português", "Luso-Africano" e "Luso-Americano (Brasil)". Os resultados obtidos — 4476 artistas estrangeiros, 2185 artistas portugueses, 207 artistas de origem brasileira e 39 de origem africana — apontaram para uma escassez no panorama luso-africano. Em conjunto com o orientador o Prof. José Carneiro, definiu-se o foco do projeto para os artistas de origem africana, não só pela escassez de conteúdo físico, como para manuseamento e realização do projeto dentro do leque temporal previsto para a sua realização..

Numa primeira análise, foi possivél constatar que o espólio luso-africano presente na FMP, por muito reduzido que seja quando comparado a outros espólios presentes, contém contudo vários dos discos e artistas essenciais das suas épocas. A FMP realiza um trabalho contínuo da divulgação cultural e arquivista do projeto e em relação com o espaço, deixando o público como o contribuidor essencial na sua vitalidade.

FMP. (2025). Ler com o ouvido: 5 anos de Fonoteca Municipal do Porto - Fonoteca Municipal do Porto. Cm-Porto. pt. https://fonoteca.cm-porto.pt/atividades/ler-com-o-ouvido-5-anos-de-fonoteca-municipal-do-porto-20251016/

Ágora Cultura e Desporto. (2025). Fonoteca Municipal do Porto. Porto. Ágora Cultura E Desporto. https://www.agoraporto.pt/cultura/fonoteca-municipal-do-porto

2. Problemática
2.1 Motivação e Objetivos

O tema principal deste projeto é música aplicada ao formato físico, neste contexto, o disco de vinil, pela sua qualidade de áudio, e excelência dda dimensão ,que favorece a experiência visual do design gráfico. O interesse pelo formato físico parte de um contexto pessoal, através uma relação entre pai e filho envolvendo a música como artefacto de apreciação, principalmente o vinil, pela sua sonoridade, preciosidade, estética e fragilidade, tanto como marco histórico social, cultural e artístico e inclusive uma forma de documentar as relações luso-africanas, das quais fazem parte alguns membros familiares, tornando este projeto uma dedicatória. O contexto pessoal construiu ao longo do tempo um apreço pelo formato físico fonográfico, tal como os *CDs*, *MiniDisc*, Cassete, Vinil, entre outros. Também parte de um contexto académico, através da orientação do Professor José Carneiro e o seu trabalho contínuo na área da música e a imagem — como visto no seu último projeto "*ECO: ONDA SONORA*" (FBAUP, 2025) — e a descoberta da FMP a partir do orientador. Permitiu assim o estudo aprofundado do formato físico mais apreciado pessoalmente, o fonograma conhecido como disco de vinil ou abreviadamente de vinil, na área acadêmica e profissional escolhida, o design editorial.

Ao longo desta investigação, realizou-se uma entrevista ao artista, investigador e colecionador Hugo Oliveira (2018), que quando realizava o seu doutoramento, estudava etnomusicologia focada na editora Voz de Cabo Verde — segundo o mesmo a maior e das principais editoras de música de origem africana, em conjunto com a RCA e Valentim de Carvalho. A entrevista proporcionou vários esclarecimentos, desde os estudos reduzido aos espólios luso-africanos e alguns motivos que justificam a dimensão reduzida do acervo presente na FMP.

O projeto propôs-se reunir o espólio luso-africano da FMP e apresentar num catálogo visual a parte gráfica e num relatório de projeto a parte sociocultural dos discos de vinil. A inspiração do catálogo parte do projeto realizado pela ESAD-IDEA, onde realizaram além do catálogo "*Discos Orfeu: Catálogo Visual e Crítico*", uma exposição no espaço da FMP e na Casa do Design, onde a exposição deu continuidade à investigação e divulgação da história do Design Português (esad-idea, 2017; esad-idea, 2022; Nepomuceno, 2025a; Nepomuceno, 2025b). Outra inspiração é o projeto de investigação do Mestrado em Design de Comunicação da ESAD de Matosinhos (Alexandre, 2021) "*Legado Estético do Tropicalismo*", onde se realizou uma análise gráfica e visual das capas de discos de vinil de artistas brasileiros, além de uma estudo sobre o contexto histórico e sociocultural em que o movimento se insere.

2.2 Pergunta de Investigação

O início do projeto ainda não tinha um foco preciso, devido à dimensão da FMP e do seu acervo, deixando dúvidas em relação no que iria se investigar concretamente. Iria-se focar nos géneros musicais ou num só? Aprofundaria-se uma época? Estudava-se os formatos presentes? Ou investigava-se um ou vários artistas? Tais questões levaram a focar numa inicial, para poder decidir quais seriam as perguntas seguintes. Essa questão inicial fora na estipulação da dimensão da discografia existente na FMP. No projeto de dissertação de Ana Carvalho (2022) e no livro de comemoração dos cinco anos de FMP (2025), cita-se uma discografia contendo uma estimativa de mais 35 mil discos, desde a sua abertura. Tal dimensão do acervo, levantou duas questões quanto à catalogação digital e física. O espaço físico cataloga por géneros musicais, para ordem alfabética e divide os formatos entre *EPs*, *LPs* e *Maxis* no primeiro andar e *Singles* no segundo. Já o site organiza entre estilos, datas, formatos e artistas em ordem alfabética. Logo o site procurou-se por um espólio reduzido para foco e tema do estudo. Através dos filtros/

FBAUP. (2025). FBAUP - Exposição | ECO: ONDA SONORA. Sigarra.up.pt. https://sigarra.up.pt/fbaup/pt/noticias_geral.ver_noticia?p_nr=42502

Oliveira, H. (2018). i2ADS - Instituto de Investigação em Arte, Design e Sociedade. I2ads.up.pt. https://i2ads.up.pt/eventos/o-lugar-do-som-nas-artes-plasticas/

Carvalho, A. C. C. (2022). Disco e daquilo: as capas de discos do rock português (1960-1989). In Universidade do Porto. https://doi.org/10.34626/eab0-1985

FMP. (2026). Artistas - Fonoteca Municipal do Porto. Cm-Porto.pt. https://fonoteca.cm-porto.pt/artistas/

esad-idea. (2017, May 4). Orfeu Records (1956-1983) – imagens/palavras/sons. Esad.pt. https://esad.pt/en/archive/discos-orfeu-1956-1983-imagenspalavrassons

esad-idea. (2022, October). esad—arte&design · Orfeu (1956—1983). Esad.pt. https://www.esad.pt/en/research-projects/orfeu

Nepomuceno, I. (2025a, SEptember 8). "Discos Orfeu: Catálogo Visual e Crítico." Instagram. https://www.instagram.com/ines_Nepomuceno_design/p/DOWT3d4DPGR/

Nepomuceno, I. (2025b, SEptember 19). "Discos Orfeu: Catálogo Visual e Crítico." Instagram.com. https://www.instagram.com/ines_Nepomuceno_design/p/DOyMXq-DI0H/

Alexandre, J. F. de . (2021, January). Aesthetic Legacy of the Tropicália Movement.

parâmetros presentes no site, conclui-se que o parâmetro "Artistas" (FMP, 2026a) apresenta uma lista completa dos artistas, incluindo datas, bibliografia e os discos correspondentes. Para analisar a listagem, pediu-se ajuda a um estudante do MDGPE da FBAUP, Julien Lima, para o desenvolvimento de ficheiros em *JavaScript* para a extração da listagem e das informações do arquivo disponível, incluindo a totalidade de discos e ficha técnica.

Obteve-se um ficheiro em *CSV* contendo 6907 artistas, que foram individualmente analisados[1], e categorizados em quatro parâmetros, como referido anteriormente — "Português", "Não Português", "Luso-Africano" e "Luso-Americano (Brasil)". Como citado no início deste estudo, o parâmetro "Luso-Africano" por conter 40 artistas de origens africanas, apresentava um espólio manuseável e do interesse do orientando e orientador.

Depois deste levantamteno e das entrevistas inicias e convresas informais com o Armando Sousa que gere a Fonoteca, começou a ser delienado o foco do projecto, permitindo formular a seguinte questão de investigação: "Qual o interesse do espólio luso-africano para as áreas visuais e gráficas?". As questões consequentes visam o contexto histórico e sociocultural dos países luso-africanos, a representação e inserção do espólio num catálogo analítico e visual e o entender da dimensão do espólio e dos objetivos da FMP na preservação e divulgação do projeto.

Qual o contexto histórico e sociocultural dos países luso-africano nas épocas em que os discos de vinil da FMP se inserem?

Quais são os artistas e editoras luso-africanas inseridas na FMP e se são artistas com valor histórico, musical ou artístico?

Quantos e quais discos são do interesse para as áreas visuais e plásticas no espólio luso-africano?

Como o catálogo visual deve representar e valorizar o espólio luso-africano?

Como a FMP aumenta e divulga o projeto?

2.3 [De]limitação do Estudo

Como referido no subcapítulo "2.2 Pergunta de Investigação", o estudo delimitou-se no espólio luso-africano, devido à grande dimensão do arquivo da FMP e para manuseamento do mesmo para o projeto. O estudo encontra-se limitado pelo espólio em si, ou seja, pela quantidade de artistas e discos presentes, que poderão não apresentar interesse visual ou histórico para as áreas visuais e gráficas, como não serem discos representativos das épocas que se inserem[1]. Inclusive o espólio não se limita por géneros musicais, pois os vários artistas luso-africanos entre 1960 e 1992, foram influenciados por várias modas e movimentos internacionais, desde o rock e o yé-yé inglês, francês e americano aos movimentos libertadores africanos (Andrade, 2015; Arenas, 2011; Cardão, 2020; FMP, 2025; Moorman, 2008; Randall & Left Book Club, 2017; Silva, 2003).

Relativamente ao contexto histórico e sociocultural, o estudo revela-se, em certa medida, limitado pela escassez de investigação existente, sobretudo no que diz respeito ao cruzamento histórico com a dimensão visual e gráfica dos discos de vinil luso-africanos. Ao reunir com Hugo Oliveira (Oliveira, 2018), foi possivél apontar os principais autores que investigaram de alguma forma essa parte dos discos de vinil. A maioria dos estudos são da área da etnomusicologia, que focam nos contextos históricos, socioculturais, geopolíticos e como afetaram os cenários musicais. Sendo assim, foram referenciadas duas obras a estudar, que investigam uma pequena parte do conteúdo gráfico dos vinis. O livro "*Intonations - A Social History of Music and Nation in Luanda Angola From 1945 to Recent Times*" de Marissa Jean Moorman (2008), foca-se nos contextos angolanos e como a música criou o conceito e ideia de nação para o povo angolano entre 1950 até a sua independência em 1974/1975. Na obra "*Lusophone Africa: Beyond Independence*" de Fernando Arenas (2011), que foca em vários contextos envolvendo os páises lusófonos, mas dando foco em cada capítulo a uma área específica, como a música de cabo verde

Behance. https://www.behance.net/gallery/110728873/Aesthetic-Legacy-of-the-Tropicalia-Movement

1 A análise individual foi realizada através das fotografias, bibliografias e discos presentes no site da FMP. Em poucos casos houve uma investigação aprofundada, pois pela dimensão da discografia e manuseamento do tempo do projeto, foi realizada assim a análise, tendo em conta inclusive a falta de informação para vários artistas/conjuntos.

Andrade, R. (2015, SEptember 18). Mistérios e maravilhas: O rock sinfónico/progressivo em Portugal na década de 1970. Revista Portuguesa de Musicologia, 2/2, 239–270. https://rpm-ns.pt/index.php/rpm/article/view/276/375. nova série | new series 2/2 (2015), pp. 239/270 ISSN 0871-9705 http://rpm-ns.pt.

Arenas, F. (2011). Lusophone Africa : beyond Independence. University Of Minnesota Press, Cop.

Cardão, M. (2020). Fado tropical. Luso-Tropicalismo na Cultura de Massas (1960-1974). Tigre de Papel.

Moorman, M. J. (2008). Intonations : a social history of music and nation in Luanda, Angola, from 1945 to recent times. Ohio University Press.

Randall, D., & Left Book Club (London, England. (2017). Sound system : the political power of music. Pluto Press.

Silva, M. D. (2003). Os sons de África nos primeiros anos do Estado Novo: Entre exotismo e "vocação imperial." Revista Portuguesa de Musicologia,

13(Vol.13), 113–144. https://rpm-ns.pt/index.php/rpm/article/view/125

Carvalho, V. de. (2025). A Valentim de Carvalho iniciou a sua actividade de gravação no início dos anos 30, no primeiro andar da histórica loja da Rua Nova do Almada. Valentim.pt. https://valentim.pt/conteudo/quem-somos/quem-somos

e o género world music, o cinema e literatura lusófona e em como estas áreas influenciaram o mundo e os seus respetivos países.

Na questão gráfica e visual, muitos destes artistas estavam sujeitos a normas impostas pelo Estado novo às grandes editoras portuguesas ou representantes das editoras internacionais (Carvalho, 2025; Moorman, 2008), para venda dos discos entre 1960 e 1974. Estas normas criaram representações luso-tropicalistas destes povos e regiões, vendendo uma cultura cosmopolita que o regime queria vender ao próprio povo e internacionalmente (Arenas, 2011, p.8; Cardão, 2020, p.250; Moorman, 2008).

2.4 Estrutura do Documento

O presente relatório irá dividir-se em sete capítulos que introduzem o estudo ("Introdução" e capítulos 1 e 2), o espólio luso-africano e os resultados obtidos a partir do estudo realizado. O primeiro capítulo é a "Introdução", que explica o projeto e as etapas desenvolvidas, de forma resumida, para a realização do catálogo e do estudo do espólio. Nele irá incluir-se a forma extensa do estudo, dos objetivos do projeto e o desenvolvimento do catálogo, concluindo assim o projeto. Os seguintes capítulos os movimentos e ideias que moldaram as comunidades luso-africanas (capítulo 3), a acervo da FMP (capítulo 4), o espólio e as análises realizadas (capítulo 5), o desenvolvimento do catálogo "*NOVO SOM*" (capítulo 6) e que encerra o projeto (capítulo 7).

INTRODUÇÃO
1. Contexto
2. Problemática
2.1 Motivação e Objetivos
2.2 Pergunta de Investigação
2.3 [De]limitação do Estudo
2.4 Estrutura do Documento
3. Filosofias Luso-tropicalistas e Lusófonas
3.1 Da Vocação Imperial ao Luso-tropicalismo e Cosmopolitismo
3.1.1 Vocação Imperial
3.1.2 Luso-tropicalismo
3.1.3 Cosmopolitismo
3.2 A Lusofonia no Pós-Colonialismo

Silva, M. D. (2003). Os sons de África nos primeiros anos do Estado Novo: Entre exotismo e "vocação imperial." Revista Portuguesa de Musicologia, 13(Vol.13), 113–144. https://rpm-ns. pt/index.php/rpm/article/view/125

3.1 Da Vocação Imperial ao Luso-tropicalismo e Cosmopolitismo

3.1.1 Vocação Imperial

O termo refere-se ao incentivo realizado pelo Estado Novo entre 1930 e 1940, em promover, legitimar e justificar a expansão marítima e a criação do império ultramarino, dever do povo português de desenvolver tais territórios ultramarinos. O mesmo parte de Manuel Deniz Silva (2003) e de uma comunicação apresentada no XI Encontro de Musicologia, promovido pela Associação Portuguesa de Ciências Musicais, em Maio de 2002. Silva parte deste termo para abrir a discussão sobre os sons africanos nos primórdios do Estado Novo, no seu artigo para a "Revista Portuguesa de Musicologia" (RPM) — "*Os sons de África nos primeiros anos do Estado Novo: entre exotismo e "vocação imperial""*. O artigo começa por apresentar Portugal nas décadas de 1920 e 1930, onde emerge um imaginário sonoro associado à música negra no país, inicialmente pela popularização do jazz norte-americano nos cabarés e *dancings*, e mais tarde as exposições coloniais que, como afirma o autor, surgem para idealizar o "Mundo Português" para a metrópole, consagrando e justificando a vocação imperial do regime.

Durante estas décadas o *Jazz-Band* invadiu os espaços sociais e noturnos e o comércio musical pela Europa, conquistando fama e atenção do público, principalmente o público português e francês. Esta atenção dividia o público, entre apreciadores pelo género musical, os artistas e as influências e os opositores, que opunham-se a qualquer género musical tocado por indivíduos negros com as suas representações nas capas, pelas influências geradas no público e pelas origens africanas, que tornavam a música e dança, em algo selvagem, erótico e exótico (Silva, 2003). Apreciadores como António Ferro, proclamavam a vaga da "*Idade do Jazz-Band*" [FIG.1], o "*triunfo da dissonância*" e a "*única renovação possível do velho mundo*", que rejuvenescia a Europa e a arte moderna "*pela sua verdade primitiva*" (Silva, 2003, p.114). Opositores como Alberto de Monsaraz publicavam a sua hostilidade em revistas e jornais — na revista "Contemporânea" [FIG.2], Alberto publicou um poema hostil com preconceitos racistas em francês — e João Ameal, que anunciara anos mais tarde a morte da moda do *Jazz Band* — este anúncio era "*face à reação nacionalista que se desenvolvia por toda a Europa, a "força pura" que "resgatava" o continente*" (Silva, 2003, p.115).

O sentido histórico e analítico do termo estudado por Silva, aponta-o entre os autores analisados, aquele com quem mais no identificamos. Entrou-se de acordo com a sua visão, quando o mesmo refere que: "*A sociedade portuguesa dividia-se, portanto, face às propostas de «consumo do exótico», nos moldes em que ia aparecendo nos grandes centros urbanos dos países desenvolvidos. Mas até a fascinação exercida pelo Jazz na geração modernista portuguesa não era desprovida de ambiguidades e os preconceitos raciais andaram muitas vezes a par da estetização da sensualidade violenta da música negra. António Ferro dá um bom exemplo desse movimento de atracção/repulsa suscitado pela descoberta do Jazz, nas crónicas da sua viagem aos Estados Unidos em 1927 e depois reunidas com o título "Novo mundo, mundo novo". Por um lado o Jazz apresenta-se, para António Ferro, como o símbolo declarado da «capital das capitais», a Nova Iorque futurista dos arranha-céus, dos altifalantes, dos elevadores e dos automóveis. Mas por outro aparece como um lugar de perdição, uma experiência de que o homem civilizado não pode sair indemne. Numa curta Rapsódia Negra, António Ferro relata o seu encontro com o «verdadeiro Jazz» em Nova York, num bar de Harlem. A experiência relatada por Ferro mistura a exaltação da descoberta de uma nova dimensão sensorial e corporal, trazida pela dança negra, e a angústia do abismo em que esta parecia lançar a cultura ocidental*" (Silva, 2003, p.117)

Silva argumenta que o meio artístico português foi influenciado indiretamente pelas imagens e sons africanos, através do *Jazz* nos cabarés e a expansão da indústria do disco — tal expansão deriva de vários fatores como o surgimento dos discos e dos discos de duas faces em inícios da década de 1900,

seguido das primeiras gravações de discos em Portugal em 1900 por William Sinkler Darby ao serviço da *Gramophone Company* e o surgimento do microfone em meados da década de 1920 (Ana Carvalho, 2022; Spampinato & Wiedemann, 2017). Embora tais influências estéticas que foram operadas pelos movimentos modernistas, não chegaram a realizar-se, pois confrontaram-se com as representações e estudos realizados pelos "cientistas sociais" (Moorman, 2008). Assim construiu-se o imaginário racial e social que perdominou durante décadas no território português.

"*Acontecimentos que, segundo Augusto França, se provocaram por vezes um genuíno interesse no meio artístico, não tiveram uma verdadeira «consequência cultural (...) no seio da tranquilidade que o «modernismo» então atingira».*[15]" (Silva, 2003, p.119)

Os estudos realizados pelos "cientistas sociais", serviam para promover aos poucos o dever português referido anteriormente. Tais estudos acabariam por esconder as realidades vividas nos territórios ultramarinos e inclusive no território português (Moorman, 2008). Os resultados apresentavam estatísticas e casos provocadores à imagem africana, tanto social e cultural. Ao serem expostos através das exposições colonais e mídias sociais como a televisão, rádio, revistas e jornais, moldou-se cada vez mais um senso do trópico que influenciou mais tarde, em conjunto da teoria de Freyre, o imaginário gráfico africano. As principais exposições que afirmaram e propagaram o regime do Estado Novo, foram a Exposição Colonial de Paris (1931), a Exposição Colonial do Porto (1934) e a Exposição do Mundo Português (1940) [FIG.3]. As duas exposições portuguesas, continham uma secção dedicada aos territórios ultramarinos, servindo de expressão "*na capacidade de desenvolver economicamente os territórios administrados (foram apresentados inúmeros projetos e estatísticas e da missão missionária de que o povo português seria depositário desde o início da gesta dos descobrimentos*" (Silva, 2003, p.120). A antropologia fora o argumento legitimador do domínio e contribuía "*com uma descrição antropométrica da variedade de raças do Império*" (Silva, 2003, p.120). Apresentavam-se em mostruários inúmeros crânios e ossos, acompanhados de descrições físicas, psicológicas e sociais de vários grupos étnicos — os jardins do Palácio de Cristal tiveram representações de aldeias indígenas, descritas por Silva como, "*numa amálgama de culturas e continentes*" (2003, p.120). Segundo Silva fixaram-se taxonomias que pretendiam explicar a indigência de certas etnias e habilidade de outras, sem disfarçar o aproveitamento económico que o conhecimento das potencialidades de cada grupo administrado poderia proporcionar ao império. Tais estudos na "*ciência social*" tentaram apresentar uma classificação dos saberes dos povos colonizados, mas não impediu a receção da "*arte negra*" pelos visitantes, que marcasse a fascinação pelo exótico.

A Agência Geral das Colónias (AGC), foi outro instrumento da vocação imperial, desenvolvendo iniciativas para o aumento do conhecimento das "realidades" geográficas e humanas dos territórios ultramarinos, dando visibilidade à metrópole e ao estrangeiro da administração colonial, encorajando a partida de novos colonos para tais territórios — a partir de 1940 o número de portugueses que partiram para as colónias era alto, pois sonhavam em enriquecer, mas a realidade é que muitos não tinham as competências de trabalho para as funções que desempenhavam, causando um acréscimo no desemprego (principalmente aos africanos que tinham tais competências, tanto às elites como à classe baixa) e na segregação e racismo (Moorman, 2008). Os meios dispostos à AGC permitiram o acesso a novas tecnologias como a rádio — Plano Radiofónico (1935) — e o cinema — Missão Cinematográfica às Colónias (confiada a António Lopes Ribeiro em 1938), inclusive organizaram-se cruzeiros de férias destinados ao conhecimento dos jovens da Metrópole (1935) e das colónias (1941) a extensão do império (Silva, 2003, p.122). A revista "O Mundo Português" [FIG.4] (revista de cultura, propaganda, arte e literatura colonial), foi um instrumento da AGC a partir de 1934, editada em conjunto com o Secretariado de Propaganda Nacional (SPN), propondo a apresentação dos territórios ultramarinos e a doutrina colonial portuguesa.

Carvalho, V. de. (2025). A Valentim de Carvalho iniciou a sua actividade de gravação no início dos anos 30, no primeiro andar da histórica loja da Rua Nova do Almada. Valentim.pt. https://valentim.pt/conteudo/quem-somos/quem-somos

Spampinato, F., & Wiedemann, Ed. J. (2017). Art record covers (45th Ed.). Taschen.

Silva, M. D. (2003). Os sons de África nos primeiros anos do Estado Novo: Entre exotismo e "vocação imperial." Revista Portuguesa de Musicologia, 13(Vol.13), 113–144. https:// rpm-ns. pt/index.php/rpm/ article/view/125

Moorman, M. J. (2008). Intonations : a social history of music and nation in Luanda, Angola, from 1945 to recent times. Ohio University Press.

3 - Jornal portueense, fundado a 2 de junho de 1854. (Infopédia, 2024)

Infopédia. (2024). O Comércio do Porto. Infopedia.pt - Porto Editora. https://www.infopedia.pt/artigos/

4 - Segundo Silva, Hugo Rocha fora um autor de várias obras poéticas de temáticas africanas, citando duas obras e um artigo para a revista "O Mundo Português"

"*Apesar da composição heteróclita dos seus colaboradores (administradores coloniais, militares, eruditos amadores, escritores, poetas, artistas), o discurso da revista apresenta-se unificado pela procura comum da afirmação das verdades do regime, ou seja, o valor e a originalidade da colonização portuguesa.*[23]"(Silva, 2003, p.122)

Silva passa a citar o crítico musical no "Comércio do Porto"[3], Hugo Rocha (1907-1993), que inclusive escrevera alguns artigos para a revista "O Mundo Português", onde o mesmo representa a mentalidade da época em relação aos povos africanos de "*civilizar será, portanto, para um português tornar português um bárbaro ou um selvagem*"[4] (Silva, 2003, p.122) e da música africana, que é simbolizada por um batuque, um instrumento primitivo e indígena, "*dum selvícula, que só conhece o ritmo sensual do seu batuque e a simplicidade primeva da sua esteira, não se faz dum golpe, um cidadão*" (Silva, 2003, p.122). Esta representação da cultura africana de Hugo Rocha partem de histórias na infância misturadas com a experiência pessoal no continente africano, tornando-a em algo falso e não coerente com a realidade que vivia (Silva, 2003, p.122). O batuque passa a ser para Hugo Rocha o elemento de representação da cultura africana e da missão civilizadora do povo português. O instrumento segundo Silva, fora referido apenas uma vez nos artigos da revista, sendo tal artigo sobre a morna de Cabo Verde, que aparece como "*uma entidade abstracta e irreal, uma sinédoque de toda a cultura africana e da sua natureza selvagem*" (Silva, 2003, p.124).

Silva termina o artigo ao apresentar o livro de Belo Marques, "*Música negra: estudos de folclore Tonga*", onde reúne num único volume (publicado pela AGC), as observações realizadas na sua expedição no interior de Moçambique entre 1940 e 1942. Segundo Silva, Belo Marques acreditava de que observar apenas os fenómenos no terreno, poder-se-ia desvendar o sentido profundo de uma experiência musical — tal como Silva afirma, percebe-se que Belo Marques, não acompanhava a visão reducionista citada, tanto nas exposições coloniais, nas revistas, no cinema e literatura.

"*É preciso sentir a África. É preciso mergulhar a alma nesta natureza estranha e forte, para compreender a música negra, que é a música da selva. Esta paisagem que parece, a todo o instante, rir da dor humana, atira-nos à cara o grito irreverente e vibrante duma alegria infantil, enquanto a nossa alma parece querer esconder-se envergonhada nas brumas da incerteza.*" (Silva, 2003, p.136)

Belo Marques, anotou de ouvido as melodias que recolheu pelo sul de Moçambique, pois não tinha equipamento de gravação. Realizou um sistema original de notação, que justapôs à escrita convencional, para poder anotar e estudar os que considerou serem desvios à lógica musical. Infelizmente a sua visão eurocêntrica da música, não permitiu compreender tais desvios e ultrapassar os impasses que o seu próprio sistema criou. Tal como Silva afirma, o "*material musical parecia resistir-lhe, escapar a todo o momento do enquadramento que ele deseja impor*" (2003, p.138). Ainda assim o músico tem preferência pela música negra ao celebralismo da música moderna, afirmando que o governo português deveria enviar os seus melhores artistas a viajarem pelo continente africano, em vez bolsas para Paris, Londres e Berlim (Silva, 2003, p.139).

"*Os dois tipos de apropriação da música negra propostos por Frederico de Freitas e de Belo Marques na segunda metade dos anos trinta, mostram que o imaginário sonoro associado à música negra, fixado ao longo das duas décadas anteriores, não permitia um verdadeiro encontro entre as duas culturas, portuguesa e africana, fora do âmbito da produção de objectos musicais pitorescos e de divertimento. Mesmo a produção musical de Belo Marques, que se propusera servir de tradutor da música negra no contexto português, não conseguiu libertar-se de uma ideologia colonial que continuava a negar qualquer autonomia estética às produções culturais dos colonizados. Uma ideologia que recusava a possibilidade de conceber a música africana como um material musical legítimo, sem passar*

por uma reelaboração conforme à «riqueza dos instrumentos e da civilização» ocidental." (Silva, 2003, p.141)

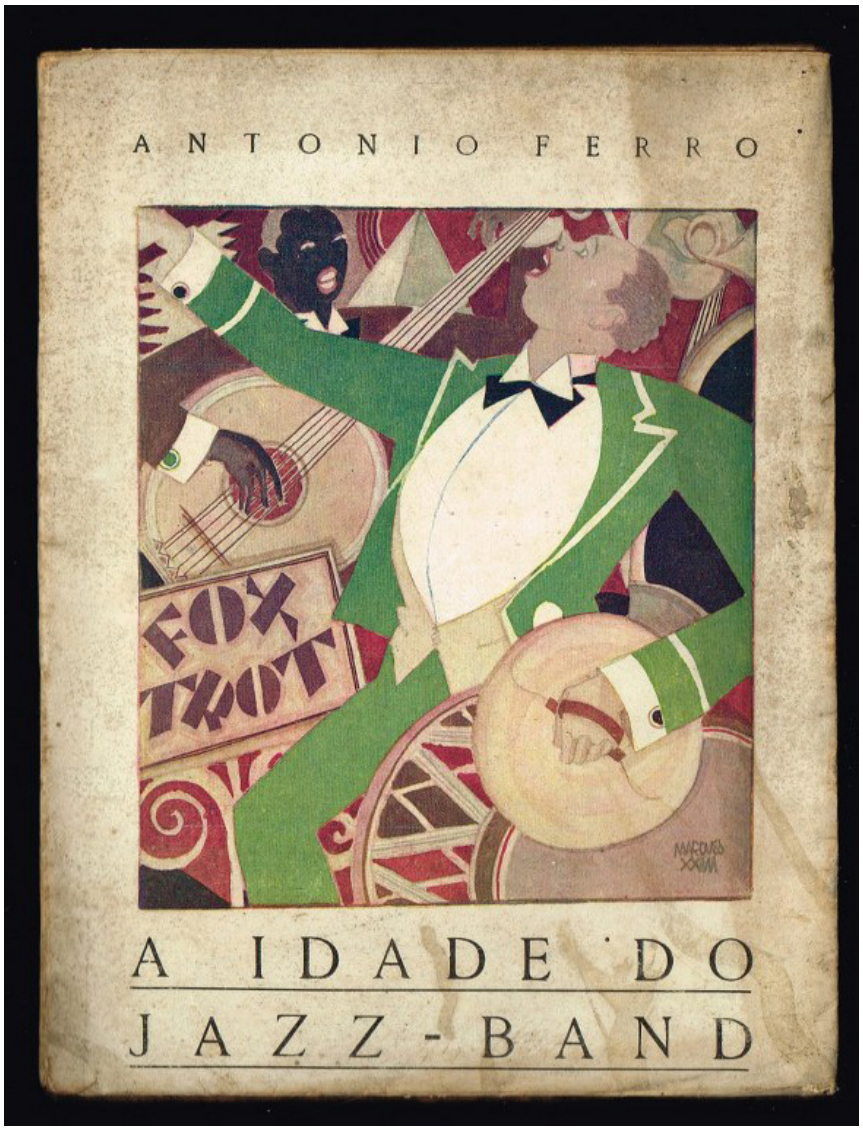
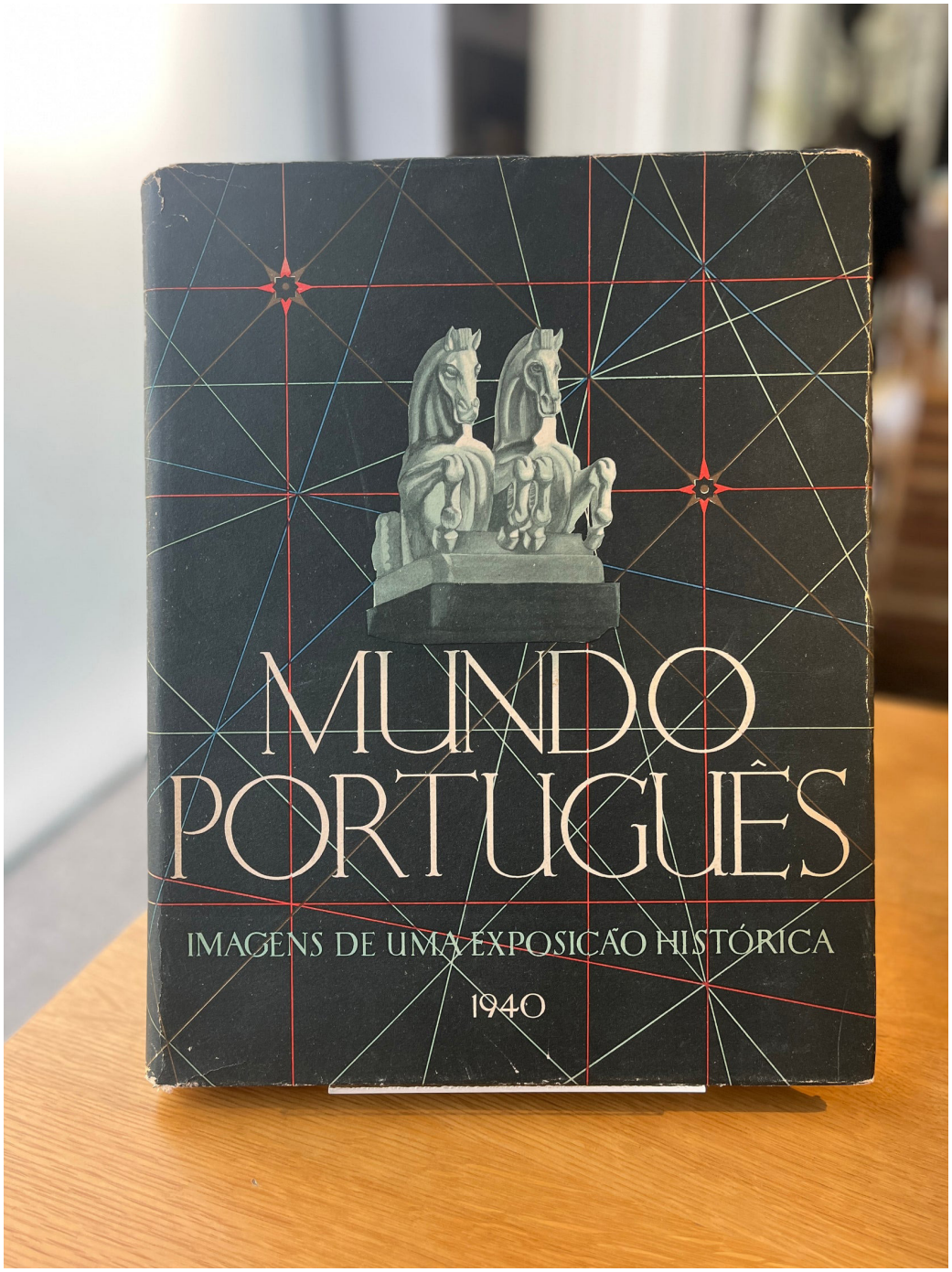


FIG.1 - "A Idade do Jazz-Band", de António Ferro. Foto da Livraria Alfarrabista Liliana Queiroz (Liliana Queiroz, 2026)

FIG.2 - "Contemporânea", Nº2 (Junho de 1922). Foto da Hemeroteca Digital (Digital, 2026)

FIG.3 - "1.ª Exposição Colonial Portuguesa: Aldeia da Guiné, na ilha do lago dos jardins do Palácio de Cristal, 1934 Arquivo Histórico Municipal do Porto". Foto do Museu do Porto (Museu do Porto, 2023)

FIG.4 - "MUNDO PORTUGUÊS IMAGENS DE UMA EXPOSIÇÃO HISTÓRICA 1940". Foto da Livraria Esquina (Esquina, 2026)



3.1.2 Luso-tropicalismo

Para perceber como a teoria influenciou o regime do Estado Novo em Portugal e nos territórios ultramarinos, como o ideal de identidade e liberdade dos países luso-africanos, tem que se entender as suas origens. A teoria foi criada por Gilberto Freyre [FIG.5] (intelectual brasileiro, que estudou diversos ângulos da sociologia, antropologia, geografia e história brasileira), tendo três fases — Luso-tropicalista, Luso-tropicologia e Tropicologia —,desde as suas bases nas obras "*Casa grande e senzala*" [FIG.7] (1933) e "*Os mestres e os escravos*" (1946) (Arenas, 2011, p.5) até a sua solidificação no Seminário de Tropicologia (1966) (Cardão, 2020, p.17). Arenas (2011, p.5) resumidamente explica que a teoria argumenta que por uma série de motivos interrelacionados com lógica climática, geográfica, histórica, cultural e fatores genéticos, tornaram os portugueses no povo mais inclinado para relações inter-raciais com os povos dos trópicos. Esta inclinação seria o que tornou o povo português num povo mais brando e "*uma nação colonizadora mais benigna.*" Cardão (2020) já explica as três fases ou momentos do desenvolvimento da teoria, que em cada momento, proporcionava ao autor discursos em conferências no continente europeu — a primeira realizou-se em 1937 (Arenas, 2011, p.5 e 6) — e o uso do regime português, como fator de legitimação da colonização e da administração colonial — Arenas cita uma publicação da revista "O Mundo português" (1951), onde Freyre, exaltou a miscigenação e mestiçagem (2011, p.5 e 6), mas Cardão apresenta o caso da Junta de Investigações do Ultramar, que propôs realizar uma ciência sobre matérias tropicais (2020, p.18). A primeira fase designou de "*luso-tropicalista*" que apresenta "*a ideia de forma genérica, enfatizando a singularidade lusa em criar, uma zona sentimental e social, acima dos preconceitos raciais e classe*". Na segunda denominou de "*luso-tropicologia*" que é a "*ciência especializada no estudo do processo de integração dos portugueses em ambientes tropicais*". A terceira e última fase, titulada de "*tropicologia*", visava "*singularizar os fatores ecológicos e culturais dos grupos humanos situados nos espaços tropicais*".

Arenas e Cardão citam argumentos de estudos realizados por intelectuais, escritores, entre outros que se opõem à teoria, que irão ser apresentados posteriormente. Primeiramente irá incluir-se o artigo de Silva, que já apresenta alguns desses argumentos, como as exposições coloniais e as representações indígenas dos povos africanos, a dualidade do público quanto à música negra ou africana e visão euro-centrada que impedia o apreço e estudo das influências africanas como no caso de Belo Marques. Alguns argumentos referidos que Arenas cita incluem a hegemonia cultural — discutida por José Carlos Gomes dos Anjos (2002) e Gabriel Fernandes (2002) (Arenas, 2011, p.6) — praticada pelo movimento Claridade[5] [FIG.6] (1936-1966), que foi reforçada com a visita de Freyre a Cabo Verde — episódio controverso[6], onde o escritor ao visitar as Ilhas de Santiago, São Vicente e do Sal, criou consternação aos intelectuais pelos seus sentimentos de repugnâncias pelo crioulo Cabo Verdiano (elemento essencial da manifestação luso-tropical) e acima de tudo a sua inabilidade ou falta de vontade de reconhecer o nível ou tipo de mestiçagem a ser trabalhado no país, onde elementos africanos e europeus mesclaram em vários níveis criando uma nova cultura. Freyre e Mindelo têm visões euro-centradas, mas a de Freyre vê Cabo Verde como muito africana, enquanto Mindelo visualiza uma Cabo Verde mais europeia —, o discurso luso-tropicalista em parte adotado pela ala direita salazarista em resposta ao colonialismo português em África

"*O movimento Claridade, tem como marco inicial a criação da Revista Claridade surge no ano de 1936, cujas obras obtiveram grande importância no âmbito literário cabo-verdiano. O grupo possuiu um papel fundamental no que diz respeito ao processo de construção de um ideal de caboverdianidade, o qual serviu para a formação de um ideal de nação após a* independência *do país no ano de 1975. Se faz necessário enfatizar que a literatura teve uma grande representatividade no campo cultural e político desse país. Os claridosos e a revista Claridade serviram*

Rocha, H. (1934, May). O Mundo Português, 1(5), 185.

Marques, B. (1943). Música negra: estudos de folclore Tonga (p. 8). Agência Geral das Colônias.

para destacarem que esse movimento foi de suma importância nas questões culturais e políticas de Cabo Verde." (Santos, 2023, p.2)

Arlindo Barbeitos (1997, citado por Arenas, 2011, p.11) — escritor angolano — baseia-se nas suas leituras de Freyre e na sua experiência pessoal como mestiço, para confirmar o contraste entre as formas de colonialismo, onde existem as interações diárias entre raças que flexionam uma dinâmica entre dominador e dominado. Barbeitos utiliza a simbologia da cama e da mesa de jantar — distanciamento e aproximação da dinâmica entre famílias e casa mestiças —, onde a cama implica a proximidade na esfera privada e a mesa de jantar a distância na esfera pública de um casal mestiço. Maria da Conceição Neto (1997, citada por Arenas, 2011, p.11) — historiadora angolana — dá enfoque à contradição profunda (desde 1950) do regime salazarista para o fortalecimento da segregação racial em Angola e Moçambique — resultado do grande fluxo de emigrantes da Europa, principalmente dos titulados de assimilados (Moorman, 2008). Omar Ribeiro Thomaz (2002), apoiou a declaração de Neto, apontando à ambiguidade nos últimos anos do colonialismo português, onde apesar das mudanças significativas ao sistema (como por exemplo a abolição da Lei do Indigentato (1961) e o regime do contrato de trabalho — intensificação da segregação racial para negros e mestiços) (Arenas, 2011, p.11).

Cardão cita o escritor angolano Mário Pinto de Andrade (1955) que publicou o artigo "*O que é o luso-tropicalismo*", sob o pseudónimo de *Buanga Fele*, onde denuncia as generalizações prematuras da doutrina, além de demonstrar que a mestiçagem é rara no continente africano e a reciprocidade que proclamou Freyre seria inexistente (Cardão, 2020, p.20). Também cita as palavras de Amílcar Cabral [FIG.9] — líder do movimento libertador de Guiné-Bissau e Cabo-Verde, natural da Guiné-Bissau — que refere que a doutrina não passa de "*uma poderosa máquina de propaganda*" que trabalhou em convencer a opinião pública mundial de que os povos africanos, "*viviam no melhor dos mundos possíveis, descrevendo felizes portugueses "de cor" cuja única mágoa estava na saudade que sentiam pela sua pátria branca, da qual se encontravam tragicamente afastados pelos factos e pela geografia*"[7] (Cabral citado por Cardão, 2020, p.21). Outros autores citados incluem Eduardo Mondlane — no artigo "*A estrutura social – mitos e factos*" onde critica os regimes imperiais, que procuravam apresentar um retrato moral das situações coloniais, atribuindo virtudes à colonização, principalmente dos portugueses antirracistas ou cegos à discriminação de cor —, Eduardo Lourenço — publica no "O Comércio do Porto" um texto sarcástico, "*A propósito de Freyre (Gilberto)*" (1961), referindo o texto "*sociologismo polémico e apologético*" do antropólogo, que esconde a luxuosa cordialidade do "*universalismo tropical*", intenções nada inocentes — Perry Anderson — artigos da "*New Left Review*" posteriormente publicados no livro "*Le Portugal et la fin de l'ultra-colonialisme*" (1963), que o colonialismo português conjuga no autor as formas mais primitivas e extremas de colonialismo, designadamente de trabalho (correcional, forçado, culturas obrigatórias), com discursos luxuosos quanto à tolerância — e Charles Boxer — historiador que teve mais impacto em Portugal e com a crítica mais célebre, segundo Cardão sobre a doutrina, onde Charles mostra-se cético quanto às generalidades e profissões de fé da doutrina, examinando as relações raciais no império que eram mediante o tempo e o lugar — (Cardão, 2011, p.21 e 22).

Assim pode-se observar as ambiguidades e contradições da teoria de Freyre, que apenas serviram para o Estado Novo promover e legimitar a visão colonizadora portuguesa. Inclusive a postura de Freyre pode estar influenciada pela sua independência do controlo imperial português, tendo em conta os séculos que o Brasil estava independente e a maior presença de relações inter-raciais brasileiras que africanas. Embora as dificuldades raciais e sociais no país ainda estão presentes, sendo temas de discussão e ativismo pela igualdade. Ao contrário dos países luso-africanos em que deixou-se à merce dos mesmos para encontro da sua identidade cultural e nacionalista, que inclusive Freyre esteve repugnado

Arenas, F. (2011). Lusophone Africa : beyond Independence. University Of Minnesota Press, Cop.

Cardão, M. (2020). Fado tropical. Luso-Tropicalismo na Cultura de Massas (1960-1974). Tigre de Papel.

Gomes dos Anjos, J. C. (2002). Intelectuais, literatura e poder em Cabo Verde. Porto Alegre: Editora da UFRGS.

Fernandes, G. (2002). A diluição de África: Uma interpretação da saga identitária cabo-verdiana no panorama político (pós) colonial. Editora Da Ufsc.

5 "O principal projeto da Geração da Claridade era o de fincar os pés na terra - falar da terra, do homem em todo o seu envolvimento, da cultura mais própria, criando, assim, raízes com o chão, por forma a proporcionar uma íntima e profunda ligação de amor firme do homem à terra que o sustém." (Infopédia, 2024a)

Infopédia. (2024a). Geração da Claridade. Infopedia.pt - Porto Editora. https://www.infopedia.pt/artigos/

6 - Tal Episódio está documentado na obra "Aventura e Rotina", que cita diretamente o diário de Freyre, durante as suas viajens pelo continente africano na década de 1950 [FIG.8].

*Santos, N. de F. N. (2023). IDEAL DE CABOVERDIANIDADE ATRAVÉS DO MOVIMENTO CLARIDADE (pp. 1–16). https://www.snh2023.anpuh.org/resources/anais/11/snh2023/1693777688_*

Barbeitos, A. (1997). "Une perspective angolaise sur le lusotropicalisme.", In

nas suas viagens pelo continente africano, como visto no episódio em Cabo-Verde. Não se pode esquecer também dos preconceitos raciais entre negros e mestiços que estavam a desenvolver-se no continente africano (Randall & Left Book Club, 2017, p.34 e 35)

"*Gilberto Freyre's ambiguities, contradictions, together with his extraordinary vision, are all part of the legacy that reverberates to this day in the attempt to construct linguistic and cultural communities in an ambivalently postcolonial era of intensified hybridization driven by the processes of contemporary globalization, where both Portugal and Brazil have important roles to play.*" (Arenas, 2011, p.39)

Lusotropicalisme: Idéologies coloniales et identités nationales dans les mondes lusophones (pp. 309–326). Karthala ; Talence.

Neto, M. de C. (1997). "Ideologias, contradições e mistificações da colonização de Angola no século XX.", In Lusotropicalisme: Idéologies coloniales et identités nationales dans les mondes lusophones (pp. 327–359). Karthala ; Talence.

Moorman, M. J. (2008). Intonations : a social history of music and nation in Luanda,

FIG.5 - "Gilberto Freyre". Foto do Acervo Fundação Gilberto Freyre (Monitor Mercantil, 2023)

FIG.6 - "Grupo de Escritores da Claridade e Amigos". Foto do Jornal "A Nação" (A NAÇÃO, 2026)

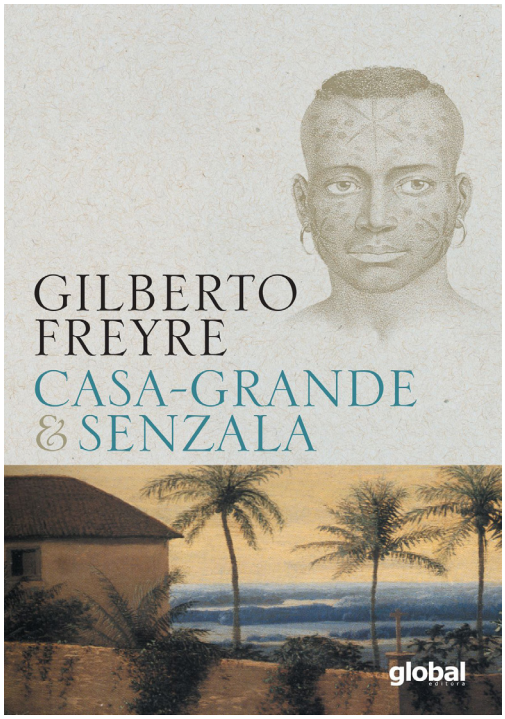


FIG.7 - "Casa-Grande & Senzala", Gilberto Freyre (Freyre, 2019)

FIG.8 - "Aventura e Rotina", Gilberto Freyre (Freyre, 2010)

3.1.3 Cosmopolitismo

Esta corrente filosófica tem um papel importante nas relações geopolíticas e sociais para Portugal entre 1960 e 1970 e mais tarde com a independência dos países luso-africanos. Este ideal promovia união entre classes e culturas, servindo como travão ou cortina para as dificuldades que os povos africanos passavam e as manifestações e ativismos contra o estado (ex: Processo dos 50 e os vencedores do concurso yé-yé de 1967). Após 1974 tornou-se o laço que ligava e permitia as relações económicas e políticas entre os países lusófonos. Não se consegue afirmar ao certo o autor da corrente filosófica, mas numa pesquisa rápida num motor de busca, encontram-se autores desde a Grécia Antiga como Diógenes de Sínopse, até o século XVIII com Immanuel Kant e mais recentes como Kwame Antohny Appiah, Marco Aurélio e Andrew Linklater. Logo o conceito é trabalhado já de tempos há muito passados até os tempos de hoje, sendo interpretado ao longo de cada época. Vai se afirmar que todos partem do mesmo significado da palavra, ou seja, "*ideal de quem considera como sua pátria o mundo inteiro; atitude de quem se mostra aberto a culturas e hábitos diferentes dos do seu país; condição do que inclui ou abrange diferentes nacionalidades; carácter do que releva diversas influências estrangeiras; condição do que é próprio dos grandes centros urbanos.*" (Infopédia, 2025).

Assim sendo, esta corrente filosófica moldou Portugal e as ex-colónias até o fim e o pós-colonialismo, e perdura até hoje, como aponta Cardão (2020, p.14). Este enquadramento permite entender como se construiu as relações referidas anteriormente e como as mesmas afetaram os vários países de língua portuguesa. Em Portugal a filosofia de uma nação unida na época do Estado Novo teria como função unificar os territórios, diminuir ou parar as revoltas (ex: o Processo dos 50 onde 56 cidadãos angolanos e portugueses foram presos por atividades contra a administração colonial (Moorman, 2008)), e apresentar às nações europeias, união e paz (com o fim da 2ª Guerra Mundial, mostrar tais aspetos, eram importantes nas relações políticas).

Não é claro o início da entrada deste pensamento, embora se possa apontar entre o início das disásporas portuguesas e africanas — por volta de 1940 como aponta Moorman, onde portugueses partiam para de uma certa forma, re-colonizar os países africanos, e os cidadãos desses países partiriam para Portugal, onde melhorariam a sua qualidade de vida —, pois uma nação unida mistura-se e partilha cultura e território e o pós guerra no continente europeu após 1945.

Alguns momentos que se pode apontar de Portugal a construir essa ideia cosmopolita é a participação de Eduardo Nascimento [FIG.10] — cantor angolano — , Duo Ouro Negro e Lily Tchiumba — cantora angolana —, no Festival da Canção de 1967 e 1969 (Cardão, 2020, p.233). Irá afirmar-se que desde 1950 e 1960 iniciou-se o processo de demonstrar à nação portuguesa (o que incluiu os territórios ultramarinos), que são um povo unido, acima do racismo e preconceito social. Pós 1960 seria o processo do desenvolvimento da imagem cosmopolita a nível internacional, principalmente para o continente europeu. Cardão (2020) cita alguns destes momentos que davam "*visibilidade à alegada diversidade étnica do país*" (2020, p.233), como programas televisivos (ex: "Presença Ultramar" [FIG.11] e "Portugal para Além da Europa"), jornalismo televisivo (ex: o primeiro apresentador negro da RTP, o jornalista Adirano Parreira), os concursos yé-yé (ex:o concurso apropriado pelo MNF em 1966 [FIG.15], que na final entregou a vitória ao conjunto Os Claves [FIG.12] de Lisboa, quando a maioria do público tinha preferência Os Rocks [FIG.13] de Angola, que inclusive o concurso trouxera muitas bandas luso-africanas como os *Nights Stars* [FIG.14] (Moçambique), Ritmos Cabo-Verdianos (Cabo-Verde) e Os Lordes (Guiné)), futebol (ex: Eusébio) e o eventos europeus (ex: o Festival da Eurovisão de 1967, Portugal Levou Eduardo Nascimento com o tema "O vento mudou", onde a comunidade angolana seguia através das rádios angolas — Rádio Clube de Benguela, da Huíla e do Huambo —, que seguiam por telefone e rádio pelo enviado em Lisboa, no qual Cardão interpreta o acontecimento

Angola, from 1945 to recent times. Ohio University Press.

Thomaz, O. R. (2002). "Tigres de papel: Gilberto Freyre, Portugal e os países africanos de língua oficial portuguesa." In Trânsitos coloniais: Diálogos críticos lusobrasileiros (pp. 39–63). Imprensa de Ciências Sociais.

Andrade, M. P. de . (1955). "Qu'est-ce que le luso-tropicalismo?", de Buanga Fele (Mário Pinto de Andrade). Présence Africaine, 4(4), 24–25. http://casacomum.org/cc/

7 Cardão cita Cabral através da obra de Basil Davidson, "A Libertação da Guiné" (Davidson, 1975)

Davidson, B. (1975). A libertação da Guiné (pp. 3–4). Livraria Sá da Costa.

Mondlane, E. (2011). "A estrutura social - mitos e factos." In malhas que o Império Tecem - Textos Anticoloniais, Contextos Pós-Coloniais,. Viagens da teoria antes do pós-colonial (p. 310). Edições 70.

Lourenço, E. (1984). "A Propósito de Freyre (Gilberto)." O Comércio Do Porto - Ocasionais I (1950-1965), 105–113.

Perry, A. (1963). Le Portugal et la fin de l'ultra-colonialisme. Maspero.

Boxer, C. R. (1988). Relações raciais no império colonial português, 1415-1825 (p. 7). Afrontamento.

como o desempenho da rádio na imaginação apelidada de "*comunidade lusíada*", assegurando e evidenciando a pluricontinentalidade do território português).

Portugal não era o único país que seguia esta imagem cosmopolita, já que a Holanda em 1966, escolheu a contora Milly Scott para o Festival da Eurovisão. O festival tinha essa função, de unir nações diferentes no mesmo pretexto, veiculando e propagando a imagem de união de cada. Os representantes tornavam-se nas alegorias associadas ao ideal de excepcionalismo nacional, já que todos os impérios coloniais esforçavam-se em afirmar as suas características excepcionais de cariz civilizador, humanitário ou liberal (Cardão, 2020, p.244 e 245). A participação dos Duo Ouro Negro tem um certo tom cômico, pois Cardão visuliza a banda como cosmopolitas e ddesnacionalizadores, pois o seu cariz de mistura, hibridismo ou secretismo musical, tornava-se em criatividade musical e sintetizava os domínios musicais que estavam separados (2020, p.250) — o duo está realmente marcado como músicos cosmopolitas, pois não só uniam os domínios musicais, mas os domínios sociais e raciais, já que Raúl Indipwo e Milo MacMahon eram ambos mestiços, o que lhes trazia segregação racial e social entre brancos e negros (o racismo entre negros era algo que estava a surgir cada vez mais no continente africano, afetando principalmente países como a Nigéria, como aponta Dave Randall (2017, p.34 e 35)).

"*O homem angolano, branco ou* Negro*, é sempre verdadeiramente um homem "mestiço". Por isso é que o homem angolano canta a canção da "Maria Candimba" e a cantiga do "Malhão", dança e o vira e o rebita, come bacalhau com batatas e muamba com funge, bebe marufo de dendém e vinho do Porto, estuda D. João II e a rainha Jinga, sabe escutar a voz eterno dos castelos de Portugal e a linguagem, imorredoura de Massangano, toca violino ou piano e marimba ou quissangue. (...) A Angola, revelação máxima da África Negra Latina, é a expressão mais pura, mais forte e mais prática do "lusotropicalismo", que Gilberto Freyre cientificamente teorizou.*" (Victor, citado por Cardão, 2020, p.251)

3.2 A Lusofonia no Pós-Colonialismo

Após o 25 de Abril de 1974, pode-se ter pensado que nenhum país luso-africano manteria relações com Portugal, mas a iniciativa partiu de figuras importantes na luta pela independência dos países africanos. Arenas (2011) cita a iniciativa discuta por Amílcar Cabral — lutou pela independência do seu país Guiné-Bissau e Cabo Verde — e o escritor Manuel Alegre (Ferreira, Ribeiro, 2003), onde Cabral visionava "*uma revolução transcontinental e multirracial*" envolvendo o Brasil, Portugal e o continente Africano, onde estariam unidos por "*uma capital itinerante e presidência rotativa*". A língua portuguesa tomou o papel fundamental na contextualização das dificuldades nas lutas pela liberdade no continente africano, unificando um manto de nacionalidade, disparatando etnicidade e regionalidade onde as várias línguas permanecem a serem faladas — a união fora recebida pelos líderes da FRELIMO (Moçambique), MPLA (Angola) e PAIGC (Guiné-Bissau).

"*A Comunidade dos Países de Língua Portuguesa (CPLP) — fundada em 1989 e inspirada na Commonwealth britânica e na Francofonia — é a concretização institucional da Lusofonia e constitui, essencialmente, um fórum multilateral e uma organização de cooperação*"[8] (Arenas, 2011, p.37).

"*Parte do legado histórico da época da guerra de libertação foi a ideia amplamente difundida entre os líderes nacionalistas de que «a língua portuguesa era a dádiva mais importante concedida pelos colonizadores portugueses em África», aliada à noção altamente subversiva de que a língua portuguesa era, por si só, "uma arma de libertação".*"[9] (Arenas, 2011, p.38)

Três décadas após o fim do colonialismo português, tudo que o Estado Novo causou aos países luso-africanos ainda permanece até hoje, desde os mitos imperiais, as fantasias neocoloniais, os sonhos luso-tropicalistas, as memórias anticoloniais, deixando as comunidades transatlânticas a observar a realidade pós-colonial, que é do capitalismo multinacional, projetos de desenvolvimento,

Infopédia. (2025). cosmopolitismo | Dicionário Infopédia da Língua Portuguesa. Dicionários Infopédia Da Porto Editora. https://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/cosmopolitismo

Cardão, M. (2020). Fado tropical. Luso-Tropicalismo na Cultura de Massas (1960-1974). Tigre de Papel. Randall, D., & Left Book Club (London, England. (2017). Sound system : the political power of music. Pluto Press.

Arenas, F. (2011). Lusophone Africa : beyond Independence. University Of Minnesota Press, Cop.

turismo, tratados de cooperação, ONGs e apoios humanitários (Arenas, 2011, p.39). Gilberto Freyre por muito que tenha causado dano às comunidades luso-africanas, torna-se a figura central da lusofonia, pois ajudou na fundação epistemológica do que veria a ser a lusofonia pós-colonialismo. Foi responsável por apontar as evidências intelectuais ou "*científicas*" para a validação de ideias, mitos, ou sentimentos enraizados na história portuguesa, para a legitimação do colonialismo. A sua enfatização no papel de Portugal na criação da comunidade cultural comum luso-tropicalista (que a partir de 1989 modificou-se para lusofonia) — Freyre não se equivoca do papel do seu país, o Brasil, como o centro nos termos messiónicos —, embora na essência da visão faltava o papel das colónias africanas, quer no colonialismo quer pós. Este papel fundamental só poderia ser determinado individualmente, mediante as necessidades, prioridades e objetivos das mesmas — por isso que o luso-tropicalismo tem dois lados como numa moeda, o lado opressor e legimitador do colonialismo português, e o liberdator e nacionalista das nações africanas. Criou-se assim a comunidade entre países unidos por uma língua em comum, que no seu coração lusófono, encontram-se assimetrias fundamentais em termos de tamanho territorial, demográfico, níveis de desenvolvimento material e tecnológico, economia e peso geopolítico (Arenas, 2011, p.42).

"*As ambiguidades e contradições de Gilberto Freyre, a par da sua visão extraordinária, fazem parte do legado que ainda hoje repercute na tentativa de construir comunidades linguísticas e culturais numa era pós-colonial ambivalente, marcada por uma hibridização intensificada impulsionada pelos processos da globalização contemporânea, na qual tanto Portugal como o Brasil têm papéis importantes a desempenhar.*" (Arenas, 2011, p.39)

Arenas termina a sua análise da lusofonia tocando em dois tópicos. O primeiro é em relação ao termo lusofonia, que segundo o mesmo é discutido academicamente, embora a sua aceitação e uso, pelo seu objetivismo nostálgico usado na política e mídia nos discursos neo-coloniais. A sua identidade e comunidade é partilhada em diversas cidades como Praia, Bissau e São Tomé, enquanto Luanda e Maputo são mediadas em Lisboa. O que acaba acontecendo é um certo nível de fricção e dissonância de tempos em tempos, deixando críticos como R. Timothy Sieber a argumentar que não passa de um termo promovido pelo estado português para "*representar no melhor uma reconstrução superficial pós-colonial de velhas ideologias imperialistas*".

"*A maior parte da produção literária nestes países é escrita em português por membros das elites, muitos dos quais são descendentes brancos de portugueses ou de ascendência mista africana e portuguesa.[66] Desde a independência que se tem verificado um aumento constante do número de escritores africanos negros, tanto homens como mulheres. Embora o português continue a ser a língua privilegiada no âmbito da cultura de elite (em particular na literatura), no domínio da cultura popular (por exemplo, a música) a preferência recai sobre as línguas nacionais ou vernáculas (incluindo os crioulos de Cabo Verde, da Guiné-Bissau e de São Tomé e Príncipe). No entanto, entre os jovens de Luanda, o português está a tornar-se rapidamente a língua dominante na música pop, embora seja cantado ou falado com um sotaque tipicamente angolano, salpicado de palavras e expressões em kimbundu. [67]*" (Arenas, 2011, p.42)

O segundo é o papel fundamental das mídias luso-africanas e inclusive franco-africanas (RTP África, RDP África, RFI Afrique e TV 5), na promoção essencial da noção de uma comunidade transatlântica da língua portuguesa e francesa, apontando blocos para a solidificação dos blocos linguísticos e da perservação cultural, política e económica. Estas mídias tornam-se em jogadores ativos e ambivalentes nas culturas políticas pós-coloniais.

A Lusofonia é uma realidade concreta que permanece até hoje e deve permanecer amanhã, quer seja experenciada de outras formas pelos países que a partilham. Esta realidade está presente, ainda que americanizada e até goblizada, nos cenários sociais e musicais, em que as comunidades africanas

Victor, G. B. (1973, January 3). "Problemática da moderna música popular angolana." Revista de Actualidades Ultramarinas, 3, 17.

Ferreira, A. P., & Ribeiro, M. C. (2003). Fantasmas e fantasias imperiais no imaginário português contemporâneo. Campo das Letras.

Arenas, F. (2011). Lusophone Africa : beyond Independence. University Of Minnesota Press, Cop.

8 No texto original, "The Community of Portuguese-Speaking Countries or CPLP—founded in 1989 and inspired by the British Commonwealth and the Francophonie—is the institutional embodiment of Lusofonia and it essentially entails a multilateral forum and cooperation organization."

9 No texto original, "Part of the historical legacy of the liberation war era was the widely held idea on the part of the nationalist leadership that "the Portuguese language was the most important gift granted by the Portuguese colonizers in Africa" coupled with the highly subversive notion that the Portuguese language was in itself "a weapon of liberation.""

são estereotipadas por mídias sociais, musicais e outros meios criativos como a literatura e cinema. A estereotipização denigre e abranda o apreciamento e evolução destas comunidades em qualquer área. A Vocação Imperial de Silva, encontra-se no meio musical atual, através do *hip hop* e *R&B (o ou a artista gangster, exótico(a), drogado(a), mulherengo(a) e sexual)*, e o Luso-tropicalismo de Freyre vive diante do povo português e no seu glorificar do período dos Descobrimentos, onde Portugal dividia o mundo com o seu vizinho ibérico, por vezes esquecido. Ambos alimentam mentalidades retróguedas, racistas, sociais e geopolíticas, fermentando as extremidades políticas. O Cosmopolitismo transparece-se nos mesmos meios, ainda que por vezes despercebido, pois promove a atividade e relevância das comunidades africanas por onde atravessam. Principalmente no cenário musical, já que atualmente a música é influenciada pelos sons e culturas africanas — que entre 1920 e 1930, como indica Silva, foram promovidos pelos movimentos modernistas e abrandados pelo Estado Novo —, e social, pois os papéis destas comunidades no território português, são da importância e cuidado do estado e nação portuguesa. Cita-se o termino do argumento de Arenas, com uma crítica a Portugal para abandonar as aclamações de ser o epicentro da lusofonia e reconher e alimentar sobre tudo a multiporalidade, tendo o empenho na construção dos interesses mútuos da comunidade num sistema pós-colonial, e que de baixo do eixo da ordem global, onde evoluiu e discernimenta intelectualmente (Arenas, 2011, p.43).

FIG.9 - "Amílcar Lopes Cabral". Foto da Universidade do Mindelo (Mindelo, 2022)

*FIG.10 - "O Vento Mudou", **Single** do cantor Eduardo Nascimento, vencedor do Festival da Canção de 1967 e participante do Eurovisão do mesmo ano. Foto do Blogue Restos de Coleção (Leite, 2019)*

FIG.11 - "Presença", Revista do MNF, Nº1, publicada em outubro. Foto do Blogue Livros de África, Ultramar & Guerra Colonial (Livros de África, Ultramar & Guerra Colonial, 2026)

FIG.12 - "Os Claves", Vencedores do Concurso Yé-Yé de 1966 promovido pelo MNF. Foto do Blogue Restos de Coleção (Leite, 2019)

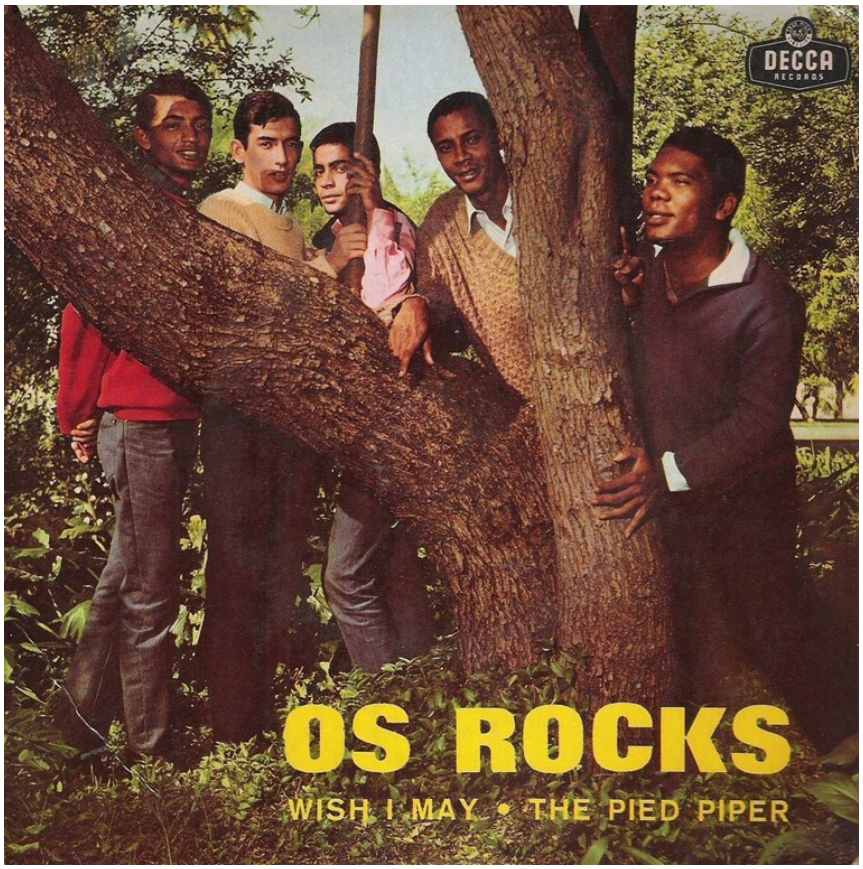
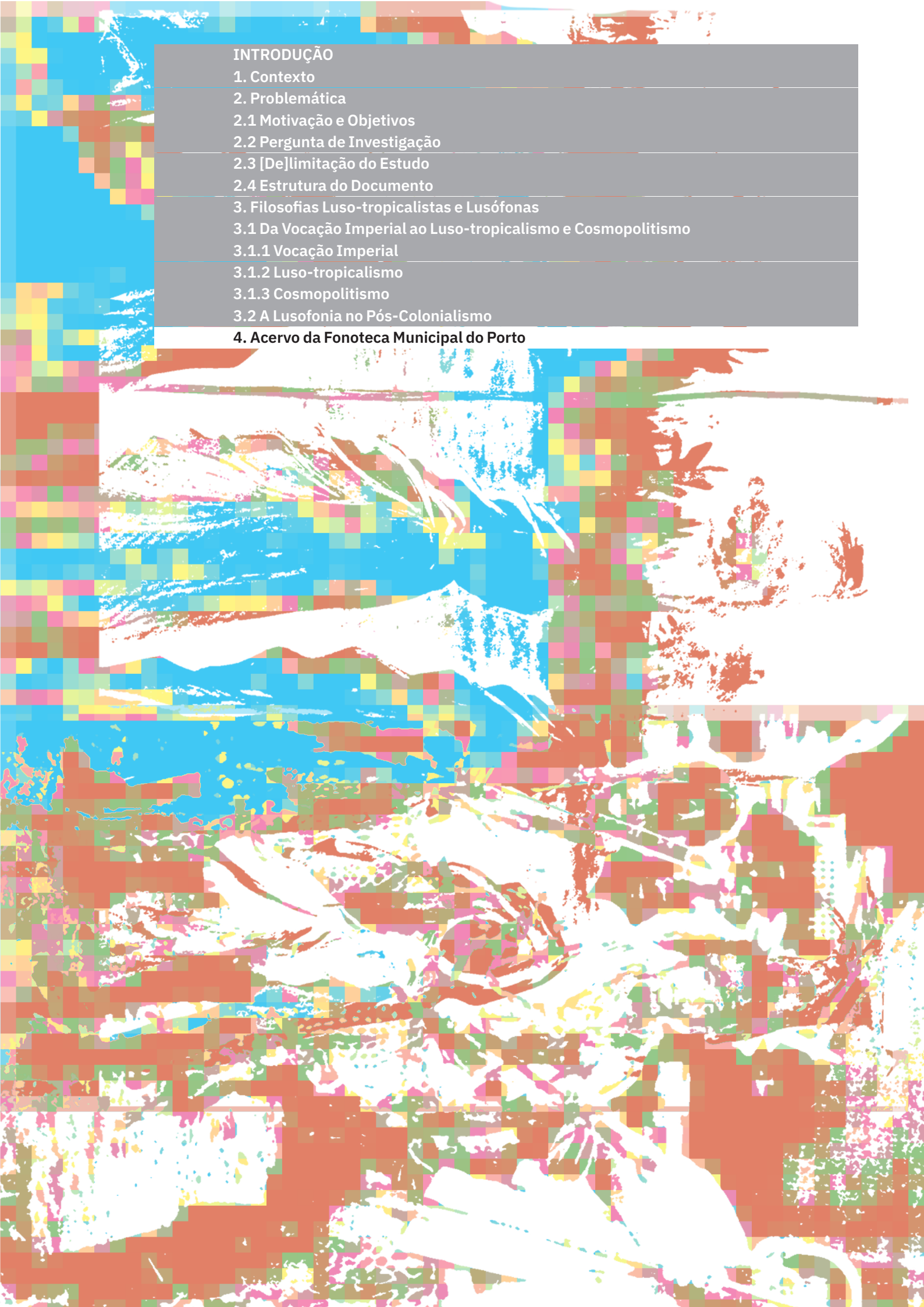


FIG.13 - "Os Rocks", participantes do Concurso Yé-Yé de 1966 promovido pelo MNF, que incluem o cantor Eduardo Nascimento (à direita). Foto do Blogue Restos de Coleção (Leite, 2019)

FIG.14 - "Os Rocks", Banda Angolana, participantes do Concurso Yé-Yé de 1966 promovido pelo MNF. Foto do Blogue Restos de Coleção (Leite, 2019)

FIG.15 - "Grande Concurso Ié-Ié no Teatro Monumental", promovido pelo MNF em 1966. Foto do Blogue Restos de Coleção (Leite, 2019)

INTRODUÇÃO
1. Contexto
2. Problemática
2.1 Motivação e Objetivos
2.2 Pergunta de Investigação
2.3 [De]limitação do Estudo
2.4 Estrutura do Documento
3. Filosofias Luso-tropicalistas e Lusófonas
3.1 Da Vocação Imperial ao Luso-tropicalismo e Cosmopolitismo
3.1.1 Vocação Imperial
3.1.2 Luso-tropicalismo
3.1.3 Cosmopolitismo
3.2 A Lusofonia no Pós-Colonialismo
4. Acervo da Fonoteca Municipal do Porto



4. Acervo da Fonoteca Municipal do Porto

A FMP é um espaço de criação de conhecimento e de apreciação musical especialmente em discos de vinil, disponibilizando cerca de 35 mil discos, como é "*um acervo vivo, que sirva de ponto de partida ou matéria-prima para um conjunto de atividades públicas, estando também ao serviço da investigação e preservação da memória cultural*" (FMP, 2025). O espaço disponibilizado desde 26 de setembro de 2020 pela *ARDA Music Hub* em Campanhã, tem vindo a aumentar o seu acervo através das doações do público e promove a memória cultural, através de atividades no espaço como o Hora de Ponta ou através das redes sociais, com recomendações do público ou destaques visuais e gráficos de uma seleção própria. Em outubro de 2025, a FMP festejou cinco anos do seu projeto, publicando o livro "*Ler Com o Ouvido: 5 Anos de Fonoteca Municipal do Porto*" [FIG.16], em que se documenta a génese do projeto com os seus fundadores como o ex-presidente da Câmara Municipal do Porto, Rui Moreira, o Diretor Artístico do Batalha Centro de Cinema, Guilherme Blanc, o fundador da *Arda Music Hub*, João Brandão e o coordenador do projeto e espaço da FMP, Armando Sousa. Além da curta introdução das origens do projeto, o restante da obra, contempla alguns dos principais discos e artistas da história em Portugal, passando por várias épocas e géneros musicais no país, dando destaque inclusive a artistas pouco referenciados, como a Conchinha de Mascarenhas e os Tabanka Djaz (FMP, 2025, p.63 a 65 e 69).

Nas fases iniciais do projeto, a dimensão da discografia da FMP, não permitia a realização de um catálogo visual e analítico dentro do espaço e tempo do ano letivo. Para poder realizar o estudo das capas dos discos de vinil e o contexto sociocultural onde se inserem, inicialmente analisou-se a catalogação do espaço físico e do site da FMP. O espaço físico conta com dois andares, tendo os discos de maior dimensão como os *LP* e *Maxi* de 12 polegadas no primeiro andar — o primeiro andar é o andar de acesso ao espaço da FMP — e os discos de menor dimensão como os *Singles* e *EPs* de 7 polegadas no segundo andar — alguns discos de grande formato encontram-se no segundo andar [FIG.17]. Cada estante cataloga os discos por género musical como rock, punk, world music, jazz, entre outros e ordem alfabética, entre os vários formatos dos discos. No *website* da FMP os discos encontram-se catalogados por vários filtros, começando por ordem alfabética, tendo a possibilidade de filtrar por género musical — ao contrário do espaço físico da FMP, no site disponibiliza-se 32 géneros musicais —, década — desde 1950 à atualidade —, formato — contendo os *LPs* de 10 e 12 polegadas, os *Maxi* de 12 polegadas e os *Singles* e *EP* de 7 polegadas — e artistas — organizados por ordem alfabética [FIG.18,19 e 20].

Através do filtro "Artistas" [FIG.21], era possível coletar um espólio significativo, que englobasse diversos géneros musicais, diversas épocas e formatos, assim mantendo os objetivos da FMP de preservação e divulgação das diversas culturas musicais e históricas (FMP 2025). Cada artista identificado no acervo, pode apresentar uma breve bibliografia, data de nascimento e falecimento, fotografia e os discos correspondentes. Para poder analisar paradigmaticamente a lista de artistas e poder copiar as informações correspondentes, pediu-se ajuda a um colega do curso MDGPE da FBAUP e web designer, já aqui referido, Julien Lima, para o desenvolvimento de ficheiros script. Com o apoio do colega, descarregou-se um ficheiro *CSV* com uma listagem de todos os artistas do acervo, totalizando cerca de 6907 artistas [FIG.22] e outro que permitia descarregar uma listagem dos artistas pretendidos, obtendo um ficheiro *CSV* com as informações dos artistas, outro ficheiro do mesmo formato com os discos e a ficha técnica correspondente e uma pasta com as imagens de cada disco.

A análise da lista completa de artistas na discografia da FMP teve de ser realizada manualmente, ou seja, em cada artista, atribuía-se um de quatro parâmetros, "Português", "Não Português", "Luso-Africano" e "Luso-Americano (Brasil)" [FIG.23], seguindo regras para a atribuição. Os parâmetros foram estabelecidos tendo em conta as origens dos artistas para poder um espólio

10 No texto original, "Gilberto Freyre's ambiguities, contradictions, together with his extraordinary vision, are all part of the legacy that reverberates to this day in the attempt to construct linguistic and cultural communities in an ambivalently postcolonial era of intensified hybridization driven by the processes of contemporary globalization, where both Portugal and Brazil have important roles to play."

11 No texto original, "Most of the literary production in these countries is written in Portuguese by members of the elites, many of them either white descendants of Portuguese or of mixed African and Portuguese heritage.[66] Since Independence there has been a steady increase in the number of black African writers, both male and female. While Portuguese remains the privileged language in the realm of elite culture (particularly literature), the preference in the domain of popular culture (e.g., music) is for the national or vernacular languages (including the Creoles of Cape Verde, Guinea-Bissau, and São Tomé and Príncipe). However, among the youth of Luanda, Portuguese is fast becoming the dominant tongue in pop music, although sung or spoken in a distinctively Angolan fashion, peppered with words and expressions in Kimbundu.[67]"

de dimensão reduzida, contendo vários artistas e géneros musicais diversos de épocas diversas, incluindo os vários formatos dos discos de vinil. Outro fator teve-se em conta para o estabelecimento dos parâmetros, como citado no livro da comemoração dos 5 anos de FMP (FMP 2025), a CMP recebera duas doações por parte da Rádio Difusão Portuguesa e da Rádio Renascença de cerca de 17 mil discos de vinil de cada uma. Na época discutia-se a saída de alguns discos da biblioteca municipal — a BMAG — e dos discos guardados e com pouca requisição na BMAG. Concluiu-se que a maioria dos discos presentes apresentaria uma maior quantidade de artistas e géneros portugueses como fado e música popular.

Através da análise da lista dos artistas, obtém-se 4470 artistas não portugueses — artistas europeus, americanos, asiáticos, oceânicos e africanos, fora do espólio lusófono —, 2185 artistas portugueses — entre o fado, música popular portuguesa, folclore, canto autor, rock e outros géneros —, 202 artistas luso-americanos (Brasil) e 40 artistas luso-africanos [FIG.24]. Escolheu-se então o espólio luso-africano pela sua dimensão, os poucos estudos realizados na área da etnomusicologia luso-africana e pela descoberta de novos sons e artistas.

FIG.16 - Apresentação do livro "Ler Com o Ouvido, 5 anos de Fonoteca Municipal do Porto" (16 de outubro de 2025). Foto da Fonoteca Municipal do Porto (FMP, 2025)

FIG.17 - Espaço físico da Fonoteca Municipal do Porto, junto de Armando Sousa, o supervisor do projeto FMP. Foto da Revista "Visão" (Alves & Monteiro, 2020)

FIG.17, 18 e 19 - Parâmetros "Estilo", "Data" e "Formato" para filtragem do catálogo digital da FMP. Captura de Ecrã do website da FMP (FMP, 2026b)

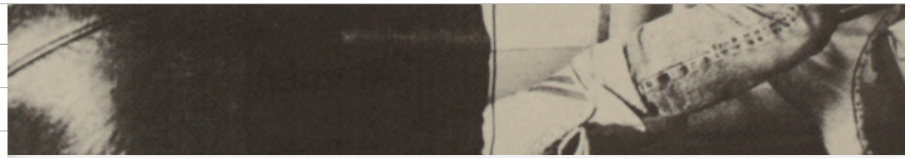
Fonoteca Municipal do Porto

Visitar Ler Ouvir Discos Sobre

A B C D E F G H I J K L M N O P Q R S T U V W X Y Z

A

A Bandinha Trólaró
A Barafunda
A Comandita
A Cor do Som
A Flock of Seagulls
a-ha
A Malta
ABBA
ABC
Abdel Rahman El Bacha
Abel Coelho Costa
Abel Ferreira
Abílio Araújo
Abílio Manoel
Absolute
AC Black
Acácio Rocha



Grupo norueguês de synth-pop

Discografia

Porto.

FIG.20 - Parâmetros "Artistas" para filtragem do catálogo digital da FMP. Captura de Ecrã do website da FMP (FMP, 2026a)

	A	B
397	CFMP00396,/artistas/antonio-rosado/,AntÃ³nio Rosado	Português
398	CFMP00397,/artistas/antonio-rossano/,AntÃ³nio Rossano	Português
399	CFMP00398,/artistas/antonio-sala/,AntÃ³nio Sala	Português
400	CFMP00399,/artistas/antonio-severino/,AntÃ³nio Severino	Português
401	CFMP00400,/artistas/antonio-sutil-roque/,AntÃ³nio Sutil Roque	Português
402	CFMP00401,/artistas/antonio-variacoes/,AntÃ³nio VariaÃ§Ãµes	Português
403	CFMP00402,/artistas/antonio-vecchi/,AntÃ³nio Vecchi	Português
404	CFMP00403,/artistas/antonio-victorino-dalmeida/,AntÃ³nio Victorino d'Almeida	Português
405	CFMP00404,/artistas/anya/,Anya	Não Português
406	CFMP00405,/artistas/apeticao/,ApetiÃ§Ã£o	Português
407	CFMP00406,/artistas/april-wine/,April Wine	Não Português
408	CFMP00407,/artistas/april-young/,April Young	Não Português
409	CFMP00408,/artistas/aquarius/,Aquarius	Português
410	CFMP00409,/artistas/aqui-del-rock/,Aqui d'El Rock	Português
411	CFMP00410,/artistas/ara-bartevian/,Ara Bart©vian	Não Português
412	CFMP00411,/artistas/arabesque/,Arabesque	Português
413	CFMP00412,/artistas/araceli-banyuls/,Araceli Banyuls	Não Português
414	CFMP00413,/artistas/aracy-de-almeida/,Aracy de Almeida	Luso-Americano (Brasil)
415	CFMP00414,/artistas/arcadia/,Arcadia	Não Português
416	CFMP00415,/artistas/archie-bell-the-drells/,Archie Bell & The Drells	Não Português
417	CFMP00416,/artistas/arco-iris/,Arco Íris	Português
418	CFMP00417,/artistas/areal/,Area	Não Português
419	CFMP00418,/artistas/arenas/,Arenas	Não Português
420	CFMP00419,/artistas/aretha-franklin/,Aretha Franklin	Não Português
421	CFMP00420,/artistas/argentina-rocha/,Argentina Rocha	Português
422	CFMP00421,/artistas/ari-lopes/,Ari Lopes	Luso-Africano
423	CFMP00422,/artistas/ariana/,Ariana	Português
424	CFMP00423,/artistas/ariane/,Ariane	Português
425	CFMP00424,/artistas/arie-malando/,Arie Malando	Não Português
426	CFMP00425,/artistas/aristides-silva/,Aristides Silva	Português
427	CFMP00426,/artistas/arlinda-morais/,Arlinda Morais	Português
428	CFMP00427,/artistas/arlindo-de-carvalho/,Arlindo de Carvalho	Português
429	CFMP00428,/artistas/arlindo-de-oliveira/,Arlindo de Oliveira	Português
430	CFMP00429,/artistas/arlo-guthrie/,Arlo Guthrie	Não Português
431	CFMP00430,/artistas/armageddon/,Armageddon	Não Português
432	CFMP00431,/artistas/armand-bernard/,Armand Bernard	Não Português
433	CFMP00432,/artistas/armandinho-filho/,Armandinho Filho	Português
434	CFMP00433,/artistas/armando/,Armando	Português
435	CFMP00434,/artistas/armando-cortez/,Armando Cortez	Português
436	CFMP00435,/artistas/armando-ferreira/,Armando Ferreira	Português
437	CFMP00436,/artistas/armando-gama/,Armando Gama	Português
438	CFMP00437,/artistas/armando-guerreiro/,Armando Guerreiro	Português
439	CFMP00438,/artistas/armando-hilario/,Armando HilÃ¡rio	Português
440	CFMP00439,/artistas/armando-marinho/,Armando Marinho	Português
441	CFMP00440,/artistas/armando-marta/,Armando Marta	Português
442	CFMP00441,/artistas/armando-morais/,Armando Morais	Português
443	CFMP00442,/artistas/armando-ribeiro/,Armando Ribeiro	Português

FIG.21 - Análise da lista completa dos artistas presentes no acervo da FMP. Ficheiro CSV criado através da extração dos 6907 artistas do website da FMP. Captura de Ecrã do ficheiro CSV.

Origem	Contagem de reference,url,artist
Luso-Africano	39
Luso-Americano (Brasil)	207
Não Português	4476
Português	2185

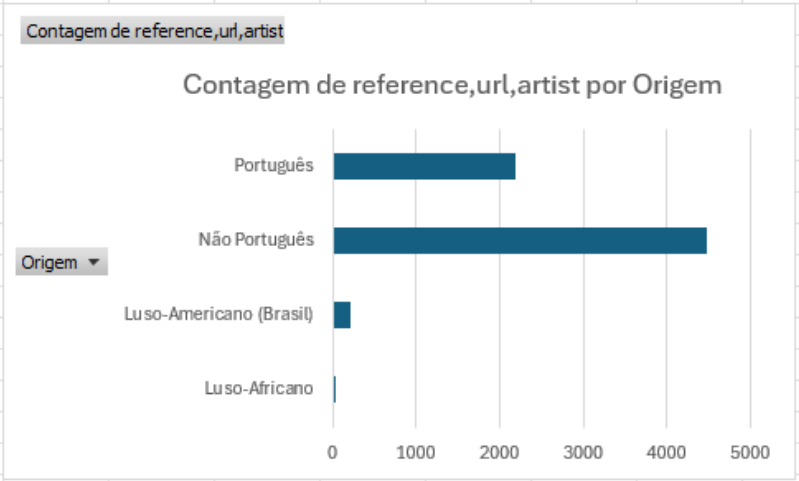


FIG.22 - Resultados obtidos da análise da lista completa dos artistas presentes no acervo da FMP. Captura de Ecrã.

INTRODUÇÃO
1. Contexto
2. Problemática
2.1 Motivação e Objetivos
2.2 Pergunta de Investigação
2.3 [De]limitação do Estudo
2.4 Estrutura do Documento
3. Filosofias Luso-tropicalistas e Lusófonas
3.1 Da Vocação Imperial ao Luso-tropicalismo e Cosmopolitismo
3.1.1 Vocação Imperial
3.1.2 Luso-tropicalismo
3.1.3 Cosmopolitismo
3.2 A Lusofonia no Pós-Colonialismo
4. Acervo da Fonoteca Municipal do Porto
5. Espólio Luso-Africano
5.1 Análises do Espólio
5.2 Análise do Dados Recolhidos
5.2.1 Editoras
5.2.2 Artistas de interesse e Origens
5.2.3 Classificação das Capas
5.2.4 Autores das Capas

FMP. (2025). Ler com o ouvido: 5 anos de Fonoteca Municipal do Porto - Fonoteca Municipal do Porto. Cm-Porto. pt. https://fonoteca.cm-porto.pt/atividades/ler-com-o-ouvido-5-anos-de-fonoteca-municipal-do-porto-20251016/

5. Espólio Luso-Africano

Em reunião com o orientador do projeto, o mesmo indicou o designer e colecionador Hugo Oliveira (Oliveira, 2018), que trabalha na Matéria Prima — loja localizada na Rua Miguel Bombarda, Porto, que vende artigos de música (discos de vinil, CDs e cassetes) e artigos editoriais (livros e fanzines de arte, design, fotografia, cinema, arquitetura, entre outros temas) —, para poder coletar obras de referência para o estudo sociocultural do espólio. O Prof. José Carneiro conhecera Hugo devido aos seus estudos na área da etnomusicologia, principalmente no doutoramento (que não finalizara) sobre a editora Voz de Cabo Verde, e pela sua paixão por colecionar discos de vinil.

Hugo Oliveira além de citar os trabalhos de Marissa Moorman (2008) e Fernando Arenas (2011), contextualizou segundo a sua perspetiva quanto à dimensão do espólio. O pai de Hugo fora um retornado de Angola após 1974 e como muitos retornados da época, não tiveram a capacidade de trazer consigo os vários pertences que possuíam nas ex-colónias, sendo poucos, como no caso do pai de Hugo, que tiveram a possibilidade de levar os discos de vinil para Portugal. Outro fator que Hugo apontou fora o epicentro da música africana em Portugal, que se localizava em Lisboa, ou seja, a maioria dos discos de vinil, espetáculos (bares, cabarés, *dancings clubs*, entre outros) e artistas concentravam-se em Lisboa, tal como aponta Arenas (2011, p.16 a 17 e 49). Logo, as outras zonas do país lusitano, não continham ou quase não apresentavam consumo dos estilos africanos e de artistas negros — o pai de Hugo era o único cidadão numa aldeia em Famalicão que possuía vinis de música angolana. O encontro com Hugo Oliveira, permitira uma visão inicial do espólio luso-africano da FMP e das informações que poder-se-ia encontrar, partindo assim para as primeiras conclusões e análises.

5.1 Análises do Espólio

Os primeiros passos a serem dados na análise do espólio, foi a organização da informação reunida até o momento, reunindo num documento Excel a lista dos artistas junto das suas bibliografias, datas e quantidade de discos (incluindo a ficha técnica, quantidade de imagens e *links*) [FIG.23]. Tendo o documento organizado, iniciou-se uma análise às informações presentes, como quantidade de discos, quantidade de artistas dos vários países, totalidade de artistas de origem africana e portuguesa, quais editoras estavam presentes, quantidade de discos por época, quantidade de formatos e quantos artistas trabalhavam a solo/conjunto [FIG.24, 25 e 26]. Tais análises e resultados foram sendo realizadas ao longo do projeto, tanto na Revisão de Literatura como no Desenvolvimento do Catálogo, e cada uma fora realizada no Excel ou no InDesign, durante a realização do catálogo, sendo posteriormente copiada para o Excel.

Dos 39 artistas luso-africanos, totalizam-se 146 discos de vinil (na FMP só existe um exemplar de cada disco), tendo 67 *EPs* de 7 polegadas, 40 *LPs* de 12 polegadas, 37 *Singles* de 7 polegadas e 2 *Maxi* de 12 polegadas [FIG.27]. Separou-se dos 39 artistas, 29 artistas com carreiras a solo, 7 conjuntos/grupos/bandas e 3 artistas com carreira a solo, mas acompanhados por conjuntos como no caso do Danny Silva e o Conjunto Bandássanhá [FIG.28]. Os discos inserem-se dentro de 4 décadas, sendo 19 de 1960, 19 de 1970, 43 de 1980 e 11 de 1990, deixando 54 discos sem uma data atribuída [FIG.27]. Segundo Hugo Oliveira, alguns discos de vinil provenientes dos países lusófonos, só começaram a ser datados após o 25 de Abril de 1974.

5.2 Análise do Dados Recolhidos

5.2.1 Editoras

No capítulo de "*Dados, Classificações e Análises*", inicia-se com a documentação e análise das editoras, que foram separadas por grupos — fez-se uso da inteligência artificial para poder realizar a divisão, dentro da época do estudo, ou seja, 1960 a 1992 [FIG.29]. Totalizou-se 7 grupos que relacionaram as editoras entre

distribuição, licenciamento e fabrico (pediu-se ao ChatGPT para usar o site Discogs pelo seu largo catálogo de informações sobre formatos físicos, artistas, editoras, entre outros). A IA dividiu as editoras majors internacionais e as suas subeditoras[10], sendo elas a EMI (15), PolyGram/Philips (16), RCA (7) e CBS (Columbia) (6) — segundo a mesma, a RCA e Zafiro foram distribuídas pela Telectra e, Portugal até a BMG absorver a RCA em meados dos anos 80; A editora London era subeditora da Decca que era subeditora da PolyGram; a RCA dividia-se na RCA Records e na RCA Victor [FIG.30]. Depois separou a major nacional que era a Valentim de Carvalho (4), que distribuía outras editoras presentes como as majors internacionais (EMI, RCA e Decca) e menores e independentes (N'Gola), estando inclusive ligada à Orfeu, Rádio Triunfo, Zip Zip e outras editoras independentes [FIG.30]. As restantes editoras separam-se em "*Editoras* Independentes *Portuguesas*" (76) — Alvorada (37), A Voz do Dono (1), Estúdio (2), Horizonte (1), Materfonis (2), MBP (1), Orfeu (11), Ovação (1), Portugalsom (1), Rádio Triunfo (3), Rapsódia (3), RPE (1), Roda (6), RR (1), Tecla (2), Vidisco (2) e Zip Zip (1) — e "*Editoras Internacionais/Ibéricas/Lusófonas*" (19) — 0 (1), Da Nova (1), Diapasão (1), Discossete (5), Gilberto Gil Umbelina (1), Kolá Records (1), N'Gola (1) e Zafiro (8) [FIG.30].

As editoras independentes portuguesas são o grupo com maior número de editoras e edições, pois entre 1960 e 1974, Portugal investia na produção musical nacional. Cardão (2020) e Moorman (2008), comentam do ideal cosmopolita que Portugal queria divulgar internacionalmente, logo, Portugal tivera de investir em editoras nacionais para as mesmas promoverem essa imagem. Não que houvesse editoras internacionais no país, mas todas eram distribuídas por editoras nacionais, como a Valentim de Carvalho, que distribuía das majors às menores ou independentes. Logo todos estes artistas e editoras seguiam as normas das administrações coloniais e do Estado Novo na divulgação do território ultramarino em vários níveis. O primeiro é da vocação imperialista, de mover portugueses para os territórios ultramarinos para desenvolver e manter controlo dos mesmos (além de continuar a segregação e preconceito racial e social). O segundo é do luso-tropicalismo, ou seja, justificar que Portugal e os portugueses são o povo ideal para a colonização e manter o controle ultramarino — inclusive é justificação para a segregação e preconceito racial e social, pois ao legitimar as atitudes passadas, Portugal legitimava a mentalidade de povos indígenas, selvagens e ingénuos. Por último o cosmopolitismo, uma nação "unida", sem qualquer ressentimento ou dificuldade em relacionar-se entre diversos territórios e culturas.

Embora este trabalho tenha resultado da forma contrária que o Estado Novo pretendia. A imagem cosmopolita, permitiu o desenvolvimento industrial e económico dos países africanos, como relações próximas entre as nações, já que vários portugueses defendiam as causas africanas e muitos apreciavam realmente o som, levando-o ao nível internacional como o Duo Ouro Negro. As representações raciais e culturais destes povos, foram um instrumento da construção nacionalista de cada país africano, quer que o artista fosse de origem africana ou portuguesa, inclusive mestiça, tal como João Maria Tudela (origem portuguesa)[FIG.31], Raúl Indipwo (mestiço de origem africana) [FIG.32] e Teta Lando (origem africana) [FIG.33]. Sendo assim, as capas criadas e divulgadas durante este período são promotoras da independência luso-africana e após (1975 a 1992), são a liberdade artística, a liberdade cultural e as boas relações que Portugal desenvolveu com estas nações, pois as editoras permaneceram e continuaram a trabalhar com os mesmos artistas.

A editora Alvorada — situada na cidade do Porto, sendo uma das maiores editoras independentes portuguesas, tendo ainda uma revista mensal de exposição dos seus discos de vinil — [FIG.34] é a editora mais marcante nesta análise, já que a mesma era a "*embaixadora do folclore angolano*" (Moorman, 2008). Apresenta 38 edições datadas entre 1960 e 1981, o que ao contrário das editoras majors internacionais que mesmo ao incluir as subeditoras ou representantes (a representante da EMI por exemplo era a Valentim de Carvalho) não totalizam o

Oliveira, H. (2018). i2ADS - Instituto de Investigação em Arte, Design e Sociedade. I2ads. up.pt. https://i2ads.up.pt/eventos/o-lugar-do-som-nas-artes-plasticas/

Moorman, M. J. (2008). Intonations : a social history of music and nation in Luanda, Angola, from 1945 to recent times. Ohio University Press.

Arenas, F. (2011). Lusophone Africa : beyond Independence. University Of Minnesota Press, Cop.

10 O presente número de editoras encontra-se instável, uma vez que os arquivos são impermanentes.

Cardão, M. (2020). Fado tropical. Luso-Tropicalismo na Cultura de Massas (1960-1974). Tigre de Papel.

número de edições e não abrangem um leque largo de datas. Relembrando o tópico que Hugo Oliveira (Oliveira, 2018) apresentou da falta de discos de vinil sem data, através desta análise, comprova-se tal facto, dado que a maioria dos vinis presentes no espólio enquadram-se nas décadas de 1970 e 1980. Outro tópico referido por Hugo fora a importância e grandeza da editora A Voz de Cabo Verde (A Voz de Cabo-Verde, 2026), desde meados de 1950 e 1960, tornara-se a editora mais impactante na produção e divulgação dos sons cabo-verdianos e influenciadora do género musical world music — anos mais tarde, com artistas como Cesária Évora e Bana [FIG.35a e 35b], mas no panorama do Estado Novo, divulgara Marino Silva [FIG.36], Fernando Quejas [FIG.37a e 37b] e os Voz de Cabo Verde, que inclusive o grupo não se encontra no espólio.

Tal editora não se encontra presente no espólio, deixando algumas questões do porquê tal marco não estar presente, concluindo as seguintes hipóteses. A primeira afirma que as doações realizadas pela Rádio Renascença e a Radiodifusão Portuguesa, não continham qualquer vinil da editora e que desde a abertura da FMP em setembro de 2020, nenhum visitante doara à FMP algum vinil da editora. A segunda e última, afirma que os presentes discos, foram distribuídos por outras editoras, como a Alvorada que tem edições de Fernando Quejas e Marino Silva. Isto devido ao facto da popularização do sons cabo-verdianos como referido anteriormente, que inclui as diversas diásporas que se realizaram durante décadas, que na maioria levava os homens cabo-verdianos ao continente europeu e americano (Arenas, 2011).

5.2.2 Artistas de interesse e Origens

A dimensão do espólio não restringe ou diminui a qualidade do mesmo. Os 146 discos presentes, apresentam discos e artistas importantes nas décadas em que inserem, ou seja, na época dos movimentos libertadores das administrações coloniais e que consolidavam as identidades nacionalistas de cada país africano, e após a sua independência, que foram um dos meios de globalização com o mundo (Arenas, 2011). Tal como citado no catálogo, o espólio apresenta artistas de renome internacional, como o Bonga [FIG.38], Conchinha de Mascarenhas [FIG.39], Danny Silva [FIG.40], Duo Ouro Negro [FIG.41], Felipe Mukenga [FIG.42], Fernando Quejas, João Maria Tudela [FIG.31], Marino Silva, Mário Mata [FIG.43], Mory Kanté [FIG.44], Os Gingas, Raúl Indipwo, Tabanka Djaz [FIG.45], Teta Lando, Tó Neto [FIG.46] e Waldemar Bastos [FIG.47], alguns sendo citados nas obras de Fernando Arenas (2011), Marissa Moorman (2008) e Marcos Cardão (2020). Quanto aos discos de vinil mais marcantes na cultura luso-africana, destacam-se o "*Kualuka Kuetu*" (Bonga, 1982) [FIG.48]; "Crioula de S. Bento" (Danny Silva, 1982) [FIG.49]; "*Mulowa Afrika*" (Duo Ouro Negro, 1967) [FIG.50]; "Novo Som" (Felipe Mukenga, 1991) [FIG.51]; "*Hambine*", "*Kanimambo*" e "Lourenço Marques, gosto de ti" (João Maria Tudella) [FIG.52, 53 e 54]; "*Yé Ké Yé Ké*" (Mory Knaté, 1985) [FIG.55], "Sô Santo" (Raúl Indipwo, 1986) [FIG.56]; "*Tabanka Djaz*" (Tabanka Djaz, 1990) [FIG.57] e "Canções de Angola" (Teta Lando, 1977) [FIG.58].

A origem dos 39 artistas luso-africanos totaliza-se numa maioria de 15 artistas angolanos e 11 cabo-verdianos e numa minoria de 6 artistas moçambicanos, 5 artistas bissau-guineenses e 2 artistas santomenses. As breves descrições da FMP na sua maioria apresentam o artista/grupo como "*Cantor do país tal*" e alguns seguidos com curtos acrescentos como natural de tal terra ou nascido com outro nome. Poucos casos como os Conjunto de Oliveira Muge e os Duo Ouro Negro, apresentam os integrantes do grupo. Menor são os casos onde o artista é descrito por informação específica como Filipe de Sousa e Tó Neto, que são bibliografados pelo género ou trabalho musical — Filipe de Sousa é descrito como maestro, compositor e pianista, mas Tó Neto é apresentado como "*reconhecido no contexto da música eletrónica portuguesa, foi músico residente da RTP.*". De todos os artistas presentes, apenas 4 artistas — Ari Lopes, Black Power, Conjunto Cabo Verde e Sum Alvarinho —, não apresentavam alguma descrição, tendo que investigar posteriormente as suas origens.

5.2.3 Classificação das Capas

A análise e classificação das capas do espólio, envolve uma perspetiva mais pessoal, logo, as normas de classificação nas categorias seguintes, podem e são diferentes entre indivíduos e profissionais. Algumas escolhas na classificação partem das influências do espólio pessoal e das seleções realizadas pela editora Taschen nas suas obras "*Art Record Covers*" (Spampinato & Wiedemann, 2017) e "*Rock Covers*" (Busch et al., 2014) — obras onde se selecionam capas desde 1950 aos anos 2000 de vários géneros musiciais e artistas que apresentam qualidade visual e gráfica, inclusive indicando os autores das mesmas. Para classificar as capas, separou-se 5 categorias cada uma com sub-categorias específicas — Ilustração (Artística[27], Cultural[16] e Cômica[2]), Artes Visuais (PLásticas[25] e Performativas[2]), Fotografia (Editada[28], Cultural[27], Paisagista[32], Retrato[100] e Artística[58]), Design (Índicios[46] e Designer[69]) e Tipografia[52] [FIG.59]. A Ilustração nas sub-categorias "Artística" e "Cultural", partilham relação com a sub-categoria "Plásticas" das Artes Visuais, pois atribui-se estas classificações, através do traço, material, técnica e qualidade gráfica e visual do desenho (o que pode indicar o interesse nas artes visuais e prática continua por parte do autor) — exemplos desta classificação são a capa "*Carta de nha cretcheu*" (Ana Firmino) [FIG.60], "*Kualuka Kuetu*" (Bonga) [FIG.48], "*Mulowa Afrika*" (Duo Ouro Negro) [FIG.50] e "Encontro com Lisboa" (Eleutério Sanches) [FIG.61]. As sub-categorias "*Cultural*" em Ilustração e Fotografia, referem-se às representações tanto preconceituosas no ponto de vista eurocentrico e afirmadoras das culturas africanas no ponto de vista nacionalista afro-centrado — capas como "Canta canções do folclore de Angola" (Duo Ouro Negro) [FIG.62], "Conjunto Renato Silva" (Conjunto Renato Silva) [FIG.63], "*Mulowa Afrika*" (Duo Ouro Negro) [FIG.50], "Mornas de Cabo Verde" (Fernando Quejas) [FIG.64]. As sub-categorias com menor quantidade de capas são a "Cômica" [3] da Ilustração — as capas inseridas nesta categoria são com figuras ou estética de tirinhas de banda desenhada ou desenho mais infantil, como em "A festa" (Ari Lopes) [FIG.65], "Comboio mala de Benguela" (Duo Ouro Negro) [FIG.66] e "Que grande seca" (Mário Mata) [FIG.67] — e "Performativas"[2] — são as capas compostas de fotografias de atos performativos como danças e exposições, que são os discos "A mãe" (Conjunto de Oliveira Muge) [FIG.68] e "*Yé Ké Yé Ké*" (Mory Kanté)[FIG.55].

Na tese de Ana Carvalho (2022), para documentar a evolução das embalagens dos fonogramas, documenta a passagem das embalagens cilindricas com apenas tipografia (documentavam o nome do artista, nome do trabalho e editora) para as mangas dos discos de vinil, que até meados de 1940, apenas mantinham as mesmas normas dos cilindros ou apresentavam fotografias/ ilustrações do artistas/grupo. Foi através do designer Alex Steinweiss [FIG.69 e 70] que as capas dos discos de vinil, iniciaram um trabalho mais artístico através da ilustração e fotografia (Spampinato & Wiedemann, 2017). Ainda assim a maioria das editoras pelo mundo seguiam a tendência das fotografias paisagistas e de retrato do artista ou modelo. Com a evolução do design gráfico e da fotografia, as fotos começaram a ser editadas, através de filtros de cor, recortes, desenho por cima de fotografia, entre outras formas. Na categoria pode-se verificar estas afirmações, pois esta é a categoria com maior seleção de capas, já que só a sub-categoria "Retrato" conta com 100 capas (frente, verso, interior ou manga do disco) com retratos dos artistas/grupos ou modelos.

Na sub-categoria "Editada", totalizou-se 28 capas com fotografias com filtros de cor, gradientes, recortes e desenho sobre fotografia — capas como "Crioula de S. Bento" (Danny Silva) [FIG.49], "Mornas e Coladeras" (Fernando Quejas) [FIG.71], "*Hey Mal Yo*" (Johnny Rodrigues) [FIG.72], "*Casamenti d'Haös* " (Justino Delgado) [FIG.73], "*Menguánà*" (Sum Alvarinho) [FIG.74] e "Estamos Juntos" (Waldemar Bastos) [FIG.75]. As capas com fotografias paisagistas contabilizam 32 capas, sendo atribuídas esta sub-categoria, através da dimensão do fundo e

A Voz de Cabo-Verde. (2026). A Voz De Cabo-Verde Discography | Discogs. Discogs. https://www.discogs.com/label/222689-A-Voz-De-Cabo-Verde

Spampinato, F., & Wiedemann, Ed. J. (2017). Art record covers (45th Ed.). Taschen.

Busch, R., Kirby, J., & Wiedemann, Ed. J. (2014). Rock Covers. Taschen America Llc.

Carvalho, A. C. C. (2022). Disco e daquilo: as capas de discos do rock português (1960-1989). In Universidade do Porto. https://doi.org/10.34626/eab0-1985

do conteúdo apresentado, ou seja, um jardim de uma casa não é contado como uma fotografia paisagista, mas uma fotografia de uma praia, cidade, floresta, mato, entre outros locais que abranjam uma média a maior quantidade de informação, sem que uma figura central seja a protagonista (plantas, rochas, animais, nuvens, casas, pessoas, etc.) — aqui seleciounou-se capas como "Mornas de Cabo Verde" (Fernando Quejas) [FIG.76], "Os Gingas" (Os Gingas) [FIG.77], "*Tabanka Djaz*" (Tabanka Djaz) [FIG.57] e "Negro" (Tó Neto) [FIG.78]. Por fim na sub-categoria "*Artística*" selecionou-se as capas com fotografias com algum teor marcante na fotografia, que não fosse uma mera fotografia de retrato ou representativa de uma atividade ou indivíduo. Estas fotografias têm de passar algum sentimento e peso ao espetador, quer que a fotografia seja editada, recortada, retrato ou paisagista — as capas mais representativas desta seleção são "Longe de ti" (Conjunto Oliveira Muge) [FIG.79], "Longe de ti" (Fernando Quejas) [FIG.76], "Novo Som" (Felipe Mukenga) [FIG.51], "Confidências" (Henrik Lanjele) [FIG.80], "*Monangambé*" (Ruy Mingas) [FIG.81], "Canções de Angola" (Teta Lando) [FIG.58] e "Estamos Juntos" (Waldemar Bastos) [FIG.75].

Em Design selecionou-se as capas com "Índicios" (45), ou seja, as capas com alguma atenção ténica na organização e apresentação do conteúdo e alguma exploração gráfica — capas como "Mornas e Coladeiras" (Black Power) [FIG.82], "Luar da lua cheia" (Duo Ouro Negro) [FIG.83], "Cabo Verde" (Marino Silva) [FIG.84], "Nunca mais é sábado/Amanhã é um novo dia" (Mário Mata) [FIG.85] e "Negro" (Tó Neto) [FIG.78] —, enquanto em "Designer", observa-se uma atenção ao detalhe, o equilíbrio do conteúdo, a relação entre as várias manchas, fotografias e texto e o desenvolvimento de um conceito em alguns deles — "Big Bang" (Tó Neto) [FIG.86], "Novo Som" (Felipe Mukenga)[FIG.51], "*Mulowa Afrika*" (Duo Ouro Negro) [FIG.50], "Canções de Angola" (Teta Lando) [FIG.58] e "Estamos Juntos" (Waldemar Bastos)[FIG.75].

A classificação das capas finaliza com a seleção das tipografias com maior interesse visual e gráfico. A maioria são famílias tipográficas gráficas ou tipos de letra manuais gráficos, beirando as fontes serifadas e não serifadas. Selecionou-se tais tipos de letra devido à generalidade de fontes sem serifa ou serifadas, tendências das suas épocas como Helvética, Futura, Times New Roman, entre outras. Existem tipos de letra sem serifa e serifadas, mas com aspetos visuais interessantes ao ver pessoal. As do maior interesse para este projeto incluem "*Carta de nhâ cretcheu*" (Ana Firmino) [FIG.60], "Crioula de S.Bento" (Danny Silva) [FIG.49], "Ouro Negro" (Duo ouro negro) [FIG.87], "*Mulowa Afrika*" [FIG.50] (Duo Ouro Negro), "Mornas de Cabo Verde" (Fernando Quejas) [FIG.76], "Carneyro: Sonata para Violino e Piano; Bruma; A roda dos degredados" (Felipe de Sousa) [FIG.88], "Angola Livre" (Henrik Lanjele) [FIG.89], "*Hey Mal Yo*" (Johnny Rodrigues) [FIG.72], "Não mata mas moí" (Mário Mata) [FIG.90], "*Yé Ké Yé Ké*" (Mory Kanté) [FIG.55], "*Tabanka Djaz*" (Tabanka Djaz) [FIG.57], "Canções de Angola" (Teta Lando) [FIG.58], "Flor da beira rio" (Vasco Rafael) [FIG.91] e "Estamos Juntos" (Waldemar Bastos)[FIG.75].

A análise ou espólio finaliza em duas secções, a "Matrizes e *Layouts*" e "Paleta Cromática". Na "Matrizes e *Layouts*" encaixou-se as capas dos discos em *layouts* retirados do estudo de José Alexandre (2021) [FIG.92] — 3x3, Centrado, Cruzado, Terços Horizontais, Terços Verticais e Espiral. Os resultados obtidos apontaram para números muito próximos, ou seja, a maioria das capas insere-se na maioria dos templates retirados do estudo de José Alexandre. Sendo assim, percebe-se que as capas seguiam o *layout* mais usado que é o 3x3, pois apresentam equilíbrio e foco, não que os outros não o façam, mas apontam para pontos e equilíbrios específicos. A "Paleta Cromática" [FIG.93] seleciona duas cores contrastantes ou semelhantes de cada capa, para poder entender as tendências ao longo de 32 anos de espólio. O que se retira desta paleta é que a maioria das capas (tendo em conta a passagem do tempo) apresentam cores pastéis em tons neutros — brancos, pretos, cinzas e castanhos —, seguido de cores vibrantes e

quentes — os vermelhos, amarelos, laranjas e rosas —, depois das frias — azuis, roxos e verdes (alguns destes tons frios apresentam-se nas escalas de cinzas, principalmente os tons verdes). Pode-se afirmar então, que os tons vibrantes e quentes evocam o tropical e exótico destes artistas — de alguma forma pode-se afirmar que distancia o espólio do território português e o aproxima dos territórios ultramarinos —, mantendo equilíbrio através dos tons neutros, enquanto os tons frios traziam o contraste e foco para as capas.

5.2.4 Autores das Capas

Por fim a análise aos dados recolhidos termina com uma tabela da autoria das capas do espólio. Numa fase inicial da análise, os dados recolhidos eram realizados através de visitas à FMP, pedindo ao Armando Sousa [FIG.17] — gestor do espaço, atividades e website da FMP — os discos pretendidos. Este processo era demorado, recolhendo em duas visitas separadas, 40 discos de vinil (em média 20 discos por visita). Para adiantar o máximo possível do projeto, decidiu-se que esta análise seria realizada de forma digital através das imagens disponíveis e verificando cada autor através do site Discogs, para maior legimitação e referenciação. Um aspeto positivo das visitas fora a possibilidade de apreciar alguns artistas presentes no espólio como Duo Ouro Negro [FIG.41], Raúl Indipwo [FIG.33], Teta Lando [FIG.32], Felipe Mukenga [FIG.42] e Danny Silva [FIG.40].

Por se ter realizado a análise através das imagens disponíveis, alguns discos permaneceram sem autores, devido à qualidade da imagem, autocolantes da Biblioteca Almeida Garret e danos físicos às capas. Várias capas não apresentavam na sua ficha técnica o autor pela composição ou fotografia, mas quase todas indicam no mínimo a empresa que imprimiu as capas (exemplo: "*Canção da vida*", Conchinha de Mascarenhas [FIG.94]). Dividiu-se os autores das capas através das fichas técnicas, então tem-se as categorias "Capas", "Composição/Arranjo Gráfico", "Fotografia", "Ilustração" e "Impressão".

Dos diversos nomes retirados, selecionou-se alguns pela sua importância na história do design, artes plásticas e fotografia, pela qualidade do seu trabalho e pela repetição do seu nome. Luís Vasconcelos (Vasconcelos, 2026) [FIG.95] é um fotógrafo português que construiu o seu legado em vários trabalhos, principalmente nas capas de vinil. Trabalhou com diversas editoras e gráficas, algumas inclusive presentes no espólio, como a EMI, Valentim de Carvalho, Gráfica Monumental, PolyGram, Sericrom, Parlophone, Odeon, Philips e Costa e Valério. O seu trabalho ficou conhecido em capas como "Ar de Rock" (Rui Veloso e a Banda Sonora), "À Flor da Pele" (UHF), "Algarismos" (Carlos Paião), "Também Eu" (Banda do Casaco), "Perto de Ti" (Lena D'Água & Atlântida), "Independença" (GNR), "Aos nossos amigos" (Duo Ouro Negro) [FIG.96] e "Lua Vagabunda" (Danny Silva) [FIG.97].

Um grande nome no design gráfico e artes visuais que infelizmente veio a falecer este ano, José Santa-Bárbara (Santa-Bárbara, 2026) [FIG.98], ficou conhecido pela sua riqueza e qualidade nos seus projetos. Nas capas de vinil reconhece-se o seu traço como em "Traz Outro Amigo Também" (José Afonso), "Cantigas Do Maio" (José Afonso) — José St. Bárbara trabalhou em diversas capas do artista —, "A Invenção Do Amor E Outros Poemas De Daniel Filipe" (Daniel Filipe) [FIG.99], "O Despertar Dos Alquimistas" (Capitão Fausto) e "*Carta De Nha Cretcheu*" (Ana Firmino) [FIG.60].

Eleutério Sanches (Sanches, 2016) [FIG.100] fora um artista e músico angolano (Luanda, 1935 - Lisboa, 2016), onde o seu trabalho artístico fora exposto em capas de artistas de renome na história angolana, como em "*Blackout*" (Duo Ouro Negro), "Angola 76" (Bonga), "*Kualuka Kuetu*" (Bonga) [FIG.48], "*Massemba 87*" (Bonga) e até no seu próprio *EP*, "Encontro com Lisboa" [FIG.61]. O seu estilo é perceptível nas várias capas, onde o traço grosso ou fino, cria ritmo e direção, dando fluidez às figuras em ambientes das suas obras. As suas pinturas representam os elementos culturais angolanos, o ambiente tropical e exótico, a história e tradição.

Alexandre, J. F. de . (2021, January). Aesthetic Legacy of the Tropicália Movement. Behance. https://www.behance.net/gallery/110728873/Aesthetic-Legacy-of-the-Tropicalia-Movement

Vasconcelos, L. (2026). Luís Vasconcelos. Discogs. https://www.discogs.com/artist/1602023-Lu%C3%ADs-Vasconcelos

Santa-Bárbara, J. (2026). José Santa-Bárbara. Discogs. https://www.discogs.com/artist/2018091-Jos%C3%A9-Santa-B%C3%A1rbara

Sanches, E. (2016). Eleutério Sanches. Discogs. https://www.discogs.com/artist/5204333-Eleut%C3%A9rio-

Cada pintura embeleza cada aspeto importante de Angola, o que ajudou a solidificar estes aspetos culturais, que os artistas pretendiam, cultivando o desejo nacionalista e de independência referido ao longo do estudo.

Fátima Rolo Duarte (Rolo Duarte, 2026) [FIG.101] está creditada em diversos trabalhos gráficos, sendo uma designer gráfica de interesse e estudo. Chegou a trabalhar com diversos artistas marcantes da história musical portuguesa, tais como Rui Veloso, Delfins, Sétima Legião, Rádio Macau, Carlos Paião, entre outros, e em vários aspetos das capas de vinil, segundo o site Discogs em 9 categorias (73 capas) — Cover, *Design*, *Artwork*, *Graphics*, *Art Direction*, *Sleeve*, *Design Concept*, *Graphic Design* e *Layout*. Algumas capas do interesse do design gráfico, cita-se "Asas e Penas" (Jorge Palma), "Cores E Aromas" (António Pinho Vargas), "Lua Vagabunda" (Danny Silva) [FIG.97], "*Spleen*" (Rádio Macau), "Rui Veloso" (Rui Veloso), "Mar D'Outubro" (Sétima Legião), "U Outro Lado Existe" (Delfins) e "*Música Concreta*" (Ban).

O fotógrafo espanhol Pueche (Pueche, 2026), tem um vasto leque de fotografias para capas de vinil, trabalhando para editoras como a Zafiro, Hispavox, Erato e Iberofon. Tal leque chega entre a música popular espanhola, portugesa, jazz, blues e orquestras espanholas e estrangeiras. A maioria das suas capas de interesse partem da editora Hispavox, onde o seu uso de tipografias gráficas, tornam a capa dinâmica, colorida e chamativa. Assim estas capam trazem mais vida e presença ao artista e estilo. Algumas capas que captaram o foco são a "*Molienda Café*" (Alfonso Y Fernando), "*En Un Pueblito Español*" (Billy Mure y Su Orquesta), "*Hermano Bill/Luna De Rocky Mountain/Cantando Al Estilo De Una Orquesta De Dixie/Alla, En Nueva Orleans*" (Bing Crosby Y Louis Armstrong) e "*Hay Tantas Chicas En El Mundo*" (Micky Y Los Tonys).

Outro artista visual português presente é José Manuel Cruz e Silva (M. Cruz e Silva, 2026), que chegou a trabalhar com José Santa-Bárbara [FIG.98] e Fátima Rolo Duarte [FIG.101], nos discos "Passional" (JTX), "Fora de Moda" (Rui Veloso e a Banda Sonora) e "Estou de Passagem" (UHF). Está creditado em 32 capas em várias áreas de desenvolvimento e direção. Através do Discogs é possível descobrir diferentes versões do discos (re-edições como o disco "Teta Lando" [FIG.102] que fora re-editado em 1977 com o nome "Canções de Angola [FIG.58] — ambas versões estão presentes na FMP[11]), e aqui é possível perceber outra versão do "*Mulowa Afrika*" (Duo Ougro Negro) [FIG.50]. Outros discos conhecidos no cenário musical português incluem os discos de António Variações, "Anjo da Guarda" e "Estou Além/Povo Que Lavas No Rio", e outros discos como "Demagogia" (Lena D'Água & Atlântida), "*Opus Ensemble*" (Opus Ensemble), "Algarismo" (Carlos Paião) e "Também Eu" (Banda do Casaco).

Vicente Ibáñez Gámez (1930-2010) (Ibañez, 2026) é um fotógrafo de estúdio espanhol, que pertencia à quarta geração de uma família de fotógrafos profissionais. Trabalhou como tal em 185 capas para editoras espanholas, portuguesas e majors internacionais como a Hispavox, Philips, Zafiro, Columbia, Polydor, Alvorada, EMI, Odeon, RCA, Decca, entre outras. Do seu trabalho fotográfo resalta-se os discos "*Morena Y Clara*" (Morena y Clara), "*Su Canción*" (Betty Missiego), "*Torres de España*" (Luisa Ortega) e "*La Perrichola*" (Nati Mistral).

O último fotógrafo espanhol referido neste espólio é o Gallés (Gallés, 2026), que trabalhou nas capas das editoras Zafiro e Iberofon na década de 1960. Algumas das 46 capas realizadas, as que capturaram a atenção as "*Costa Brava*" (Vários Artistas), "*Ali-Baba Y Los 40 Ladrones*" (Teatro Invisible De Radio Nacional De España, De Barcelona) e "*Que Dije Yo/Pony Time/Ya Ya Twist/El Tren De Mi Pequeña*" (Rocky Man).

Termina-se com as pinturas do artista e músico angolano, Raúl Indipwo (Indipwo, 2026) [FIG.32], que pintou obras de detalhe, técnica avançada e comentadoras da sua cultura e vida de artista. As principais capas que se citam, marcam-no como um artista, ao observar as capas do "*Mulowa Afrika*" (Duo Ouro Negro) [FIG.50] nas duas versões (1974 e 1982 — versão presente na FMP), "Sô

11 - A FMP só aceita um exemplar de cada disco e nos casos onde os discos têm uma ou mais reedições, essas versões são aceites, como no disco "Canções de Angola" e "Teta Lando" do Teta Lando. Inclusive a primeira versão encontra-se com nome incorreto, pois segundo o site Discogs, o disco tem o nome de "Tia Chica" nas duas versões (ambas de 1974) antes da versão de 1977.

Rolo Duarte, F. (2026). Fátima Rolo Duarte. Discogs. https://www.discogs.com/artist/2336689-F%C3%A1tima-Rolo-Duarte

Pueche. (2026). Pueche. Discogs. https://www.discogs.com/artist/1966773-Pueche?searchParam=mascarenhas&page=1

M. Cruz e Silva, J. (2026). José Manuel Cruz e Silva. Discogs. https://www.discogs.com/artist/2627402-Jos%C3%A9-Manuel-Cruz-e-Silva

Ibañez. (2026). Ibáñez. Discogs. https://www.discogs.com/artist/1238331-Ib%C3%A1%C3%B1ez

Gallés. (2026). Page Restricted. Discogs.com. https://www.discogs.com/artist/2616700-Gall%C3%A9s

Indipwo, R. (2026). Raúl Indipwo. Discogs. https://www.discogs.com/artist/1474193-Ra%C3%BAl-Indipwo

	E	F	G	H	I	J	K	L	M	N	O	P	Q	R	S	T	U	V	W	X	Y	Z	AA	AB
1	Disco 1 (Nome | Autor | Editora | Nº Catálogo | Formato | Ano	URL	@image	Disco 2 (N	URL	Imagens	Disco 3 (N	URL	Imagens	Disco 4 (N	URL	Imagens	Disco 5 (	URL	Imagens	Disco 6 (N	URL	Imagens	Disco 7 (N	URL	Imagens	Disco 8 (N	URL	Image
2	Carta de nha cretcheu | Kolá Records | 001-89 | "LP 12 | 1989	https://for	"Ambiente/imagens/discos/573116/573116_1.jpg, /imagens/discos/573116/573116_2.jpg, /imagens/discos/573116/573116_3.jpg, /imagens/discos/573116/573116_4.jpg"																					
3	A Festa | RR | RREP 0023 | "EP 7	https://for	"/imagens/discos/851000/851000_1.jpg, /imagens/discos/851000/851000_2.jpg, /imagens/discos/851000/851000_3.jpg, /imagens/discos/851000/851000_4.jpg"																					
4	Mornas e Coladeiras de Cabo Verde | Bana | Rapsódia | EPF 53	https://for	/imagens/discos/662409/662409_1_1.jpg, /imagens/discos/662409/662409_2_1.jpg, "/imagens/discos/662409/662409_3_1.jpg, /imagens/discos/662409/662409_4_1.jpg"																					
5	Mornas e coladeiras | Black Power | Orfeu | SB-1138 | "LP 12	https://for	"/imagens/discos/741137/741137_1.jpg, /imagens/discos/741137/741137_2.jpg, /imagens/discos/741137/741137_3.jpg, /imagens/discos/741137/741137_4.jpg"																					
6	Kualuka Kuetu | Bonga | Philips | 6330 081 | "LP 12 | 1982	https://for	"/imagens/discos/455179/455179_1.jpg, /imagens/discos/455179/455179_2.jpg, /imagens/discos/455179/455179_3.jpg, /imagens/discos/455179/455179_4.jpg"																					
7	Canção da vida | Conchinha de Mascarenhas | RCA | PB-9238	https://fonoteca.cm-	Maria Pro	https://for	"/imagens	Melodias	https://for	"/imagens	Mulata é a	https://fonoteca.cm-porto.pt/discos/mulata-e-a-noite-424230/														
8	Conjunto Cabo Verde | Conjunto Cabo Verde | Alvorada | AEP 6	https://for	"/imagens/discos/420858/420858_1.jpg, /imagens/discos/420858/420858_2.jpg"																					
9	Folclore de Cabo Verde | Conjunto de Cabo Verde | Rapsódia |	https://for	"/imagens/discos/693033/693033_1.jpg, /imagens/discos/693033/693033_2.jpg, /imagens/discos/693033/693033_3.jpg, /imagens/discos/693033/693033_4.jpg"																					
10	A mãe | Conjunto de Oliveira Muge | Parlophone | LMEP 1331 |	https://for	"/imagens	Longe de t	https://for	"/imagens/discos/692583/692583_1.jpg, /imagens/discos/692583/692583_5.jpg, /imagens/discos/692583/692583_3.jpg, /imagens/discos/692583/692583_4.jpg"																			
11	Conjunto Renato Silva | Conjunto Renato Silva | Alvorada | ME	https://for	"/imagens/discos/682741/682741_1.jpg, /imagens/discos/682741/682741_2.jpg, /imagens/discos/682741/682741_3.jpg, /imagens/discos/682741/682741_4.jpg"																					
12	A invenção do amor e outros poemas de Daniel Filipe | Daniel F	https://for	"/imagens/discos/472186/472186_1.jpg, /imagens/discos/472186/472186_2.jpg, /imagens/discos/472186/472186_3.jpg, /imagens/discos/472186/472186_4.jpg, /imagens/discos/472186/4																					
13	"Branco, tinto e jeropiga" | Dany Silva | Valentim de Carvalho |	https://for	"/imagens	Crioula de	https://for	"/imagens	Já estou fa	https://for	"/imagens	Lua vagab	https://for	"/imagens	Sodádi Fi	https://for	"/imagens/discos/477647/477647_1.jpg, /imagens/discos/477647/477647_2.jpg, /imagens/discos/477									
14	Aos nossos amigos | Duo Ouro Negro | EMI | 17755101 | "LP 12	https://fonoteca.cm-	Au revoir S	https://fonoteca.cm-	Canta car	https://fonoteca.cm-	Comboio n	https://fonoteca.cm-	Duo Ouro	https://fonoteca.cm-	Duo Ouro	https://fonoteca.cm-	Está chov	https://fonoteca.cm-	Estou pen	https://fonoteca.								
15	Encontro com Lisboa | Eleutério Sanches | Decca | PEP 1153 |	https://for	"/imagens/discos/710744/710744_1.jpg, /imagens/discos/710744/710744_2.jpg, /imagens/discos/710744/710744_3.jpg, /imagens/discos/710744/710744_4.jpg"																					
16	Abraço de paz | José Mendes Bota Fernando Carvalho | Discos	https://for	"/imagens/discos/456499/456499_1.jpg, /imagens/discos/456499/456499_2.jpg, /imagens/discos/456499/456499_3.jpg, /imagens/discos/456499/456499_4.jpg"																					
17	Cabo Verde | Fernando Quejas | Alvorada | EP-60-1113 | "Singl	https://for	"/imagens	Fernando	https://for	"/imagens	Fernando	https://for	"/imagens	Fernando	https://for	/imagens/	Mornas |	https://for	"/imagens	Mornas | I	https://for	"/imagens	Mornas | I	https://for	"/imagens	Mornas de	https://for	"/imag
18	Carneyro: Sonata para Violino e Piano; Bruma; A roda dos degre	https://for	"/imagens	Lacerda: 2	https://for	"/imagens	Sousa: Ca	https://for	"/imagens/discos/669666/669666_1.jpg, /imagens/discos/669666/669666_2.jpg, /imagens/discos/669666/669666_3.jpg, /imagens/discos/669666/669666_4.jpg, /ima																
19	Novo Som | Filipe Mukenga | EMI | 7967591 | "LP 12 | 1991	https://for	"/imagens/discos/710376/710376_1.jpg, /imagens/discos/710376/710376_2.jpg, /imagens/discos/710376/710376_3.jpg, /imagens/discos/710376/710376_4.jpg, /imagens/discos/710376/710376_5.jpg, /imagens/discos/710376/7																					
20	Miun ça pué mino | Gilberto Gil Umbelina | Gilberto Gil Umbeli	https://for	"/imagens/discos/744513/744513_1.jpg, /imagens/discos/744513/744513_2.jpg, /imagens/discos/744513/744513_3.jpg, /imagens/discos/744513/744513_4.jpg"																					
21	Angola: Terra livre | Henrik Lanjele | RCA | 20 146 | "Single 7 | 1	https://for	"/imagens	Confidênc	https://for	"/imagens/discos/727996/727996_1.jpg, /imagens/discos/727996/727996_2.jpg, /imagens/discos/727996/727996_3.jpg, /imagens/discos/727996/727996_4.jpg"																			
22	Hambanine | João Maria Tudela | Decca | LPR 101 | "Single 7	https://for	"/imagens	João Mari	https://for	"/imagens	Kanimaml	https://for	"/imagens	"Lourençc	https://for	"/imagens	Tudella 1	https://for	"/imagens	Tudella 2	https://for	"/imagens	Tudella ca	https://for	"/imagens/discos/440991/440991_1.jp			
23	Hey Mal Yo | Johnny Rodrigues | EMI | 006-96439 | "Single 7	https://for	"/imagens	Mariquinh	https://for	"/imagens/discos/484724/484724_1.jpg, /imagens/discos/484724/484724_2.jpg, /imagens/discos/484724/484724_3.jpg, /imagens/discos/484724/484724_4.jpg"																			
24	Casamenti d'Haös | Justino Delgado | Vidisco | 11.30.1043 | "L	https://for	"/imagens/discos/801476/801476_1_1.jpg, /imagens/discos/801476/801476_2_1.jpg, /imagens/discos/801476/801476_3_1.jpg, /imagens/discos/801476/801476_4_1.jpg"																					
25	Cabo Verde | Marino Silva | Alvorada | EP-60-1444 | "EP 7 | 197	https://for	"/imagens	Cabo Verd	https://for	"/imagens	Cai no ma	https://for	"/imagens	Marino Sil	https://for	"/imagens	Mornas |	https://for	"/imagens	Mornas | I	https://for	"/imagens	Mornas / C	https://for	"/imagens	Mornas de	https://for	"/imag
26	Deix'os poisar | Mário Mata | Discossete | LP-452 | "LP 12 | 19	https://for	"/imagens	Não há na	https://for	"/imagens	Não há na	https://for	"/imagens	Não mata	https://for	"/imagens	Nunca m	https://for	"/imagens	Que grand	https://for	"/imagens/discos/444830/444830_1.jpg, /imagens/discos/444830/444					
27	Yé Ké Yé Ké | Mory Kanté | Barclay | 887048-1 | "Maxi 12 | 198	https://for	"/imagens/discos/873376/873376_1.jpg, /imagens/discos/873376/873376_2.jpg, /imagens/discos/873376/873376_3.jpg, /imagens/discos/873376/873376_4.jpg"																					
28	Os Gingas,Os Gingas | Alvorada | AEP 60721 | "EP 7	https://for	"/imagens/discos/421003/421003_1.jpg, /imagens/discos/421003/421003_2.jpg, /imagens/discos/421003/421003_3.jpg, /imagens/discos/421003/421003_4.jpg"																					
29	Notas sobre a alma | Paulo Bragança | Polydor | 511 760-1 | "LI	https://for	"/imagens	Notas sob	https://for	"/imagens	Notas sob	https://for	"/imagens/discos/445827/445827_1.jpg, /imagens/discos/445827/445827_2.jpg"																
30	Coração farrapo e Cherry | Paulo Flores | Discossete | LP-815	https://for	"/imagens	Thunda m	https://for	"/imagens/discos/578298/578298_1_1.jpg, /imagens/discos/578298/578298_2_1.jpg"																		
31	Rey Kana Murry | Ramiro Naka | Discossete | LP - 684 | "LP 12 |	https://for	"/imagens/discos/751549/751549_1.jpg, /imagens/discos/751549/751549_2.jpg, /imagens/discos/751549/751549_3.jpg, /imagens/discos/751549/751549_4.jpg"																					
32	Meus olhos ficaram mar | Raúl Indipwo | EMI | 1775657 | "Singl	https://for	"/imagens	Só santo |	https://for	/imagens/	Ter amigo	https://for	"/imagens/discos/446577/446577_1.jpg, /imagens/discos/446577/446577_2.jpg, /imagens/discos/446577/446577_3.jpg, /imagens/discos/446577/446577_4.jpg"																
33	Ana Maria | Rui de Mascarenhas | Alvorada | MEP 60167 | "EP 7	https://for	"/imagens	Avril au Po	https://for	"/imagens	Álbum de	https://for	"/imagens	Mascaren	https://for	"/imagens	Mascare	https://for	"/imagens	Mascaren	https://for	"/imagens	Mascaren	https://for	"/imagens	Mascaren	https://for	"/imag
34	Monangambé | Rui Mingas | Zip Zip | ZIP 10058/E | "EP 7 | 1974	https://for	"/imagens/discos/625900/625900_1.jpg, /imagens/discos/625900/625900_2.jpg, /imagens/discos/625900/625900_3.jpg, /imagens/discos/625900/625900_4.jpg"																					
35	Menguánà | Sum Alvarinho | Vidisco | 11.30.1044 | "LP 12 | 198	https://for	"/imagens/discos/719266/719266_1.jpg, /imagens/discos/719266/719266_2.jpg, /imagens/discos/719266/719266_3.jpg, /imagens/discos/719266/719266_4.jpg"																					
36	Tabanka Djaz | Tabanka Djaz | 0 | "LP 12 | 1990	https://for	"/imagens/discos/719254/719254_1.jpg, /imagens/discos/719254/719254_2.jpg, /imagens/discos/719254/719254_3.jpg, /imagens/discos/719254/719254_4.jpg, /imagens/discos/719254/719254_5.jpg"																					
37	Canções de Angola | Teta Lando | Roda | SRL 5546 | "LP 12 | 19	https://for	"/imagens	Eu vou vol	https://for	"/imagens	Teta Land	https://for	"/imagens/discos/744866/744866_1.jpg, /imagens/discos/744866/744866_2.jpg, /imagens/discos/744866/744866_3.jpg, /imagens/discos/744866/744866_4.jpg, /ima																
38	Mornas | Titina | Alvorada | AEP 60558 | "EP 7	https://for	"/imagens	Titina | Tit	https://for	"/imagens/discos/538568/538568_1.jpg, /imagens/discos/538568/538568_2.jpg, /imagens/discos/538568/538568_3.jpg, /imagens/discos/538568/538568_4.jpg"																			
39	Big Bang | Tó Neto | Materfonis | MLP 1002 | "LP 12 | 1986	https://for	"/imagens	Negro | To	https://for	"/imagens/discos/579046/579046_1.jpg, /imagens/discos/579046/579046_2.jpg, /imagens/discos/579046/579046_3.jpg, /imagens/discos/579046/579046_4.jpg, /imagens/discos/579046/579046_5																			
40	A velha Feira da Ladra / A última varina de Lisboa | Vasco Rafael	https://for	"/imagens	A velhinha	https://for	"/imagens	Ah! fadista	https://for	"/imagens	As mulher	https://for	"/imagens	As mulhe	https://for	"/imagens	Cantar / E	https://for	"/imagens	Flor da be	https://for	"/imagens	Maria ven	https://for	"/imag
41	Estamos juntos | Waldemar Bastos | Odeon | 4212581 | "LP 12	https://for	"/imagens/discos/785667/785667_1.jpg, /imagens/discos/785667/785667_2.jpg, /imagens/discos/785667/785667_3.jpg, /imagens/discos/785667/785667_4.jpg, /imagens/discos/785667/785667_5.jpg, /imagens/discos/785667/7																					

FIG.23 - Documento Excel com os dados recolhidos dos artistas luso-africanos. Captura de Ecrã.

Editora	Aparições	Anos
0	1	1990
Alvorada	38	60 - 1961 - 1968 - 1969 - 1970 - 1973 - 1978 - 1979 - 1980 - 1981
A Voz do Dono	1	
Barclay	1	1985
Columbia	6	1960 - 1964 - 1966 - 1980
Da Nova	1	1981
Decca	6	
Diapasão	1	1982
Discossete	5	1987 - 1990 - 1991 - 1992
EMI	8	1975 - 1985 - 1986 - 1991
Estúdio	2	
Gilberto Gil Umbelina	1	1988
Horizonte	1	1984
Kolá Records	1	1989
London	1	
Materfonis	2	1986
MBP	1	
N'Gola	1	
Odeon	1	1983
Orfeu	7	1978 - 1983 - 1984 - 1985
Ovação	1	1988
Parlophone	2	
Philips	1	1982
Polydor	5	1981 - 1982 - 1984 - 1992
Polygram	2	1992
Portugalsom	1	1987
Rádio Triunfo	3	1980 - 1981 - 1982
Rapsódia	3	
RCA	7	1975 - 1976 - 1978
RPE	1	1980
Roda	5	1977 - 1978 - 1980
RR	1	
Tecla	2	1974
Valentim de Carvalho	3	1981 - 1982
Vidisco	2	1989
Zafiro	8	1962 - 1963
Zip Zip	1	1974

Artista	Africanos/Mestiços	Assimilado/Retornado	Não Identificável
Ana Firmino	Sim		
Ari Lopes	Sim		
Bana	Sim		
Black Power	Sim		
Bonga	Sim		
Conchinha de Mascarer	Sim		
Conjunto Cabo Verde	Sim		
Conjunto de Cabo Verd	Sim		
Conjunto de Oliveira Muge		Sim	
Conjunto Renato Silva	Sim		
Daniel Filipe	Sim		
Dany Silva	Sim		
Dua Ouro Negro	Sim		
Eleutério Sanches	Sim		
Fernando Carvalho	Sim		
Fernando Quejas		Sim	
Filipe de Sousa		Sim	
Filipe Mukenga	Sim		
Gilberto Gil Umbelina	Sim		
Henrik Lanjele	Sim		
João Maria Tudela		Sim	
Johnny Rodrigues	Sim		
Justino Delgado	Sim		
Marino Silva		Sim	
Mário Mata		Sim	
Mory Kanté	Sim		
Os Gingas	Sim		
Paulo Bragança		Sim	
Paulo Flores	Sim		
Ramiro Naka	Sim		
Raúl Indipwo	Sim		
Rui de Mascarenhas		Sim	
Rui Mingas	Sim		
Sum Alvarinho	Sim		
Tabanka Djaz	Sim		
Teta Lando	Sim		
Titina	Sim		
Tó Neto	Sim		
Vasco Rafael		Sim	
Waldemar Bastos	Sim		

País de Origem VS Artis	Angola (15)	Moçambique (6)	Guiné-Bissau (5)	São Tomé e Príncipe (2)	Cabo-Verde (11)
Ana Firmino					Cantora caboverdiana, natural da Ilha do Sal
Ari Lopes		Cantor moçambicano			
Bana					Cantor cabo-verdiano, nascido Adriano Gonçal
Black Power					Grupo Cabo-verdiano
Bonga	Cantor angolado, nascido José Adelino Barceló de Carvalho				
Conchinha de Mascarer	Cantora angolana				
Conjunto Cabo Verde					Grupo Cabo-verdiano
Conjunto de Cabo Verde					Grupo Cabo-verdiano
Conjunto de Oliveira Muge		Grupo de Pop moçambicano, formado por António Muge, António Policarpo, Jóse Muge, Jóse Violante			
Conjunto Renato Silva		Grupo moçambicano			
Daniel Filipe					Poeta cabo-verdiano
Dany Silva					Cantor cabo-verdiano
Duo Ouro Negro	Grupo angolano, formado por Raul Indipwo e Milo MacMahon				
Eleutério Sanches	Cantor angolano				
Fernando Carvalho			Cantor guineense		
Fernando Quejas					Cantor e compositor cabo-verdiano
Filipe de Sousa		Maestro, compositor e pianista natural de Maputo, Moçambique			
Filipe Mukenga	Cantor angolano				
Gilberto Gil Umbelina				Cantor santomense	
Henrik Lanjele	Cantor angolano				
João Maria Tudela		Cantor português, natural de Lourenço Marques, Moçambique			
Johnny Rodrigues					Cantor cabo-verdiano
Justino Delgado			Cantor guineense		
Marino Silva					Compositor e interprete cabo-verdiano, natural
Mário Mata	Cantautor português, natural de Luanda, Angola				
Mory Kanté			Cantor guineense		
Os Gingas	Grupo angolano				
Paulo Bragança	Fadista natural de Luanda				
Paulo Flores	Cantor angolano				
Ramiro Naka			Cantor guineense		
Raúl Indipwo	Cantor angolano, nascido Raúl José Aires Corte Peres Cruz. Foi membro dos Duo Ouro Negro				
Rui de Mascarenhas		Cantor português, natural de Vila Pery, Moçambique			
Rui Mingas	Cantautor angolano				
Sum Alvarinho				Cantor santomense	
Tabanka Djaz			Grupo guineense, formado por Mikas Cabral, Jânio Barbosa, Caló Barbosa, Juvenal Cabral e Rui S		
Teta Lando	Cantor angolano				
Titina					Cantora cabo-verdiana, nascida Albertina Almei
Tó Neto	Músico natural de Luanda, Angola, reconhecido no contexto da música electrónica portuguesa, foi músico residente na RTP				
Vasco Rafael	Fadista natural de Moçamedes, Angola				
Waldemar Bastos	Cantor angolano				

Grupo Valentim de Carvalho/EMI
Grupo PolyGram (atualmente Universal Music)
Grupo Rádio Triunfo
Grupo Movieplay (MBP)
Editoras Independentes / Especializadas

Uma nota importante: A **RCA** e a **Zafiro** eram frequentemente distribuídas pela **Telectra** em Portugal durante grande parte desse período, antes de a BMG absorver a RCA a nível global em meados dos anos 80.

FIG.24 - Análise dos dados recolhidos dos espólio luso-africanos. Captura de Ecrã.

	A	B	C	D	E	
1	**Autores das Capas**	**Capa**	**Composição/Arranjo Gráfico**	**Fotografia**	**Ilustração**	**Impr**
2	Carta de nha cretcheu | Kolá Records | 001-89 | *LP 12 | 1989	António Firmino	José St. Bárbara	Luísa Carvalho Ferreira	António Firmino	
3	A Festa | RR | RREP 0023 | *EP 7					Marâ
4	Mornas e Coladeiras de Cabo Verde | Bana | Rapsódia | EPF 5372 | *EP7			Por amável deferência da Agência Geral do Ultramar		
5	Mornas e coladeiras | Black Power | Orfeu | SB-1138 | *LP 12			Octávio Teixeira		
6	Kualuka Kuetu | Bonga | Philips | 6330 081 | *LP 12 | 1982	Eleutério Sanches (1960/1977)				Gráfic
7	Canção da vida | Conchinha de Mascarenhas | RCA | PB-9238 | *Single 7 | 1978					Gráfic
8	Maria Provocação | Conchinha de Mascarenhas | Rapsódia | EPF 5464 | *EP 7		Octávio Teixeira			
9	Melodias de Angola | Conchinha de Mascarenhas | Parlophone | LMEP 1302 | *EP 7					Fotog
10	Mulata é a noite | Conchinha de Mascarenhas | RCA | PB-9237 | *Single 7 | 1978					Lugo
11	Conjunto Cabo Verde | Conjunto Cabo Verde | Alvorada | AEP 60524 | *EP 7					
12	Folclore de Cabo Verde | Conjunto de Cabo Verde | Rapsódia | EPF 5195 | *EP 7			Foto cedida pela Casa Leão		
13	A mãe | Conjunto de Oliveira Muge | Parlophone | LMEP 1331 | *EP 7					Fotog
14	Longe de ti | Conjunto de Oliveira Muge | Roda | RTE 2049 | *EP 7	J. P. Sottomayor		J. P. Sottomayor		Gráfic
15	Conjunto Renato Silva | Conjunto Renato Silva | Alvorada | MEP 60302 | *EP 7 | 1960			Carlos Alberto "Notícias"		
16	A invenção do amor e outros poemas de Daniel Filipe | Daniel Filipe, Mário Viegas | Orfeu | STAT 016 | *LP 12		José St. Bárbara			
17	"Branco, tinto e jeropiga" | Dany Silva | Valentim de Carvalho | 1VCS 1008 | *Single 7 | 1981	ZM		Luís Vasconcelos		
18	Crioula de S. Bento | Dany Silva | Valentim de Carvalho | VCEP 1034 | *Maxi 12 | 1982		José M. Cruz e Silva	Luís Vasconcelos		
19	Já estou farto / Não há-de ser nada | Dany Silva | Valentim de Carvalho | 1VCS 1023 | *Single 7 | 1982		José M. Cruz e Silva	Pintura sobre fotografia de Luís Vasconcelos		
20	Lua vagabunda | Dany Silva | EMI | 1775801 | *LP 12 | 1986					Costa
21	Sodádi Funaná | Dany Silva | EMI | 7975501 | *LP 12 | 1991	Fátima Rolo Duarte	Miguel Gonçalves	Gonçalo Rosa da Silva		
22	Aos nossos amigos | Duo Ouro Negro | EMI | 17755101 | *LP 12 | 1982			Luís Vasconcelos		
23	Au revoir Silvye | Duo Ouro Negro | Columbia | SLEM 2239 | *EP 7 | 1966					Marâ
24	Canta canções do folclore de Angola | Duo Ouro Negro | Columbia | SLEM 2058 | *EP 7 | 1960					
25	Comboio mala de Benguela | Duo Ouro Negro | EMI | 1775057 | *Single 7 | 1984					Costa
26	Duo Ouro Negro | Duo Ouro Negro | Columbia | SLEM 2189 | *EP 7 | 1964					
27	Duo Ouro Negro | Duo Ouro Negro | Columbia | SLEM 2060 | *EP 7		Luiz Bêco			
28	Está chovendo cá fora | Duo Ouro Negro | Columbia | SLEM 2327 | *EP 7					Fotog
29	Estou pensando em ti / Rapsódia angolana | Duo Ouro Negro | Orfeu | TSAT 319 | *Single 7 | 1982					Gráfic
30	Luar da lua cheia | Duo Ouro Negro | Columbia | KSAT 683 | *Single 7 | 1980					
31	Mamã esperança / Cipriano | Duo Ouro Negro | Orfeu | KSAT 603 | *Single 7 | 1977					
32	Marmelada / Muamba, banana e cola | Duo Ouro Negro | Orfeu | TSAT 301 | *Single 7 | 1981					Gráfic
33	Mulowa Afrika | Duo Ouro Negro | Valentim de Carvalho | 2VCLP 10029 | *LP 12 | 1987	Pintura de Raúl Indipwo	José M. Cruz e Silva			
34	O disco de ouro | Duo Ouro Negro | EMI | 2400041 | *LP 12 | 1983					Costa
35	O melhor do Duo Ouro Negro | Duo Ouro Negro | EMI | 7946961 | *LP 12 | 1990					Gráfic
36	Vou levar-te comigo | Duo Ouro Negro | Orfeu | SINP 36 | *Single 7 | 1985					Gráfic
37	Encontro com Lisboa | Eleutério Sanches | Decca| PEP 1153 | *EP 7 | 1968	Eletério Sanches (1967)				
38	Abraço de paz | José Mendes Bota Fernando Carvalho | Discossete | DSG-798 | *Single 7 | 1991					Costa
39	Cabo Verde | Fernando Quejas | Alvorada | EP-60-1113 | *Single 7 | 1969					
40	Fernando Quejas | Fernando Quejas | Alvorada | MEP 60425 | Cabo Verde | *EP 7					
41	Fernando Quejas | Fernando Quejas | Alvorada | MEP 60356 | *EP 7					
42	Fernando Quejas | Fernando Quejas | Alvorada | MEP 60245 | *EP 7					
43	Mornas | Fernando Quejas | Alvorada | EP-60-1051 | *EP 7 | 1968					Litoco
44	Mornas | Fernando Quejas | Alvorada | AEP 60650 | *EP 7					
45	Mornas | Fernando Quejas | Alvorada | AEP 60472 | *EP 7					
46	Mornas de Cabo Verde | Fernando Quejas | Alvorada | MEP 60206 | *EP 7					Marâ
47	Mornas de Cabo Verde | Fernando Quejas | Alvorada | MEP 60030 | *EP 7					
48	Mornas de Cabo Verde | Fernando Quejas | Alvorada | MEP 60123 | *EP 7 | 1961					Marâ
49	Mornas e Coladeras | Fernando Quejas | Alvorada | MEP 60156 | *EP 7					Marâ
50	Mornas Coladeras | Fernando Quejas | Alvorada | AEP 60848 | *EP 7					
51	Carneyro: Sonata para Violino e Piano; Bruma; A roda dos degredados | Jack Glatzer, Filipe Sousa | Diapasão | DIAP 25004 | *LP 12 | 1982	Divisão de Actividades Criativas e de Montagens da Secretaria de Estado da Cultura	Luís Carlos Peixoto			Nova
52	Lacerda: 20 das 36 histórias para divertir os filhos de um artista | Filipe de Sousa | Tecla | TES 50003 | *LP12 | 1974	Victor Reis				
53	Sousa: Canções | Fernando Serafim, Filipe de Sousa | Portugalsom | 860015 | *LP 12 | 1987	Dimensão 6 (Sobre quadro de Noronha Costa). Retrato de Filipe de Sousa: Victor Silva				Costa
54	Novo Som | Filipe Mukenga | EMI | 7967591 | *LP 12 | 1991	Fátima Rolo Duarte		Inês Gonçalves		

FIG.25 - Análise dos autores das capas. A cinzento estão os discos sem capa. Captura de Ecrã.

	A	B	C	D	E	F	G	H	I	J	K	L	M	N	O	P	Q	R	S	T	U
1	Capas com maior interesse...	Ilustração			Fotografia					Artes		Design					Matrizes e Layouts				
2		Artíst	Cultu	Côm	Edit	Cultu	Paisag	Retr	Artíst	Plásti	Performat	Indi	Desig	3	Centra	Esp	Terços Horizor	Terços Vert	Cruza		
3	Ana Firmino - Disco 1 "Carta de nha cretcheu" (1989)	1	1					1		1			1	1	1	1	1	1	1		Capas de interesse
4	Ari Lopes - Disco 1 "A Festa"		1	1	1	1		1				1		1	1	1	1	1	1		Capas de interesse
5	Bana - Disco 1 "Mornas e Coladeiras de Cabo Verde"						1	1						1	1		1	1	1		Capas de interesse
6	Black Power - Disco 1 "Mornas e coladeiras"						1	1				1		1	1	1	1	1	1		
7	Bonga - Disco 1 "Kualuka Kuetu" (1982)	1	1							1			1	1	1	1	1	1	1		
8	Conchinha de Mascarenhas - Disco 1 "Canção da vida" (1978)							1						1	1	1	1	1	1		
9	Conchinha de Mascarenhas - Disco 2 "Maria Provocação"						1	1						1	1	1	1	1	1		
10	Conchinha de Mascarenhas - Disco 3 "Melodias de Angola"							1	1			1		1	1	1	1	1	1		
11	Conchinha de Mascarenhas - Disco 4 "Mulata é a noite" (1978)							1						1	1	1	1	1	1		
12	Conjunto Cabo Verde - Disco 1 "Conjunto Cabo Verde"																				
13	Conjunto de Cabo Verde - Disco 1 "Folclore de Cabo Verde"						1					1		1	1		1	1	1		
14	Conjunto de Oliveira Muge - Disco 1 "A mãe"								1		1			1	1	1	1	1	1		
15	Conjunto de Oliveira Muge - Disco 2 "Longe de ti"	1			1			1	1	1		1		1	1	1	1	1	1		
16	Conjunto Renato Silva - Disco 1 "Conjunto Renato Silva" (1960)				1	1	1	1	1			1		1	1	1	1	1	1		
17	Daniel Filipe - Disco 1 "A invenção do amor e outros poemas de Daniel Filipe"	1			1			1	1	1			1	1	1		1	1	1		
18	Dany Silva - Disco 1 "Branco, tinto e jeropiga" (1981)	1			1			1	1	1		1		1	1	1	1	1	1		
19	Dany Silva - Disco 2 "Crioula de S. Bento" (1982)	1			1			1	1	1			1	1	1	1	1	1	1		
20	Dany Silva - Disco 3 "Já estou farto / Não há-de ser nada" (1982)	1			1			1	1	1		1		1	1	1	1	1	1		
21	Dany Silva - Disco 4 "Lua vagabunda" (1986)							1	1				1	1	1		1	1	1		
22	Dany Silva - Disco 5 "Sodádi Funaná" (1991)							1	1				1	1	1	1	1	1	1		
23	Duo Ouro Negro -Disco 1 "Aos nossos amigos" (1982)							1	1				1	1	1		1	1	1		
24	Duo Ouro Negro -Disco 2 "Au revoir Silvye" (1966)							1				1		1	1	1	1	1	1		
25	Duo Ouro Negro -Disco 3 "Canta canções do folclore de Angola" (1960)	1	1			1	1	1	1	1			1	1	1	1		1	1		
26	Duo Ouro Negro -Disco 4 "Comboio mala de Benguela" (1984)	1		1				1		1			1	1	1	1	1	1	1		
27	Duo Ouro Negro -Disco 5 "Duo Ouro Negro" (1964)																				
28	Duo Ouro Negro -Disco 6 "Duo Ouro Negro"		1			1	1		1				1	1	1	1	1	1	1		
29	Duo Ouro Negro -Disco 7 "Está chovendo cá fora"	1						1	1	1			1	1	1	1	1	1	1		
30	Duo Ouro Negro -Disco 8 "Estou pensando em ti / Rapsódia angolana" (1982)						1	1	1				1	1	1	1	1	1	1		
31	Duo Ouro Negro -Disco 9 "Luar da lua cheia" (1980)							1				1		1		1	1	1	1		
32	Duo Ouro Negro -Disco 10 "Mamã esperança / Cipriano" (1977)							1	1				1	1	1	1	1	1	1		
33	Duo Ouro Negro -Disco 11 "Marmelada / Muamba, banana e cola" (1981)					1						1		1	1	1	1	1	1		
34	Duo Ouro Negro -Disco 12 "Mulowa Afrika" (1967)	1	1		1	1		1	1	1			1	1	1	1	1	1	1		
35	Duo Ouro Negro -Disco 13 "O disco de ouro" (1983)						1	1	1				1	1	1	1	1	1	1		
36	Duo Ouro Negro -Disco 14 "O melhor do Duo Ouro Negro" (1990)	1			1			1	1				1	1	1		1	1	1		
37	Duo Ouro Negro -Disco 15 "Vou levar-te comigo" (1985)					1		1	1				1	1	1		1	1	1		
38	Eleutério Sanches - Disco 1 "Encontro com Lisboa" (1968)	1								1			1	1	1	1	1	1	1		
39	Fernando Carvalho - Disco 1 "Abraço de paz" (1991)							1						1	1		1	1	1		
40	Fernando Quejas - Disco 1 "Cabo Verde" (1969)						1					1		1		1	1	1	1		
41	Fernando Quejas - Disco 2 "Fernando Quejas" MEP 60425																				
42	Fernando Quejas - Disco 3 "Fernando Quejas" MEP 60356																				
43	Fernando Quejas - Disco 4 "Fernando Quejas" AEP 60577																				
44	Fernando Quejas - Disco 5 "Mornas" (1968) AEP 60472																				
45	Fernando Quejas - Disco 6 "Mornas" AEP 60650				1		1	1				1		1	1	1	1	1	1		
46	Fernando Quejas - Disco 7 "Mornas" EP-60-1051				1		1					1		1	1		1	1	1		
47	Fernando Quejas - Disco 8 "Mornas de Cabo Verde" MEP 60206						1		1				1	1	1	1	1	1	1		
48	Fernando Quejas - Disco 9 "Mornas de Cabo Verde" MEP 60030						1		1			1		1	1	1	1	1	1		
49	Fernando Quejas - Disco 10 "Mornas de Cabo Verde" (1961) MEP 60123				1			1				1		1		1	1	1	1		
50	Fernando Quejas - Disco 11 "Mornas e Coladeras"				1		1		1			1		1	1	1	1	1	1		
51	Fernando Quejas - Disco 12 "Mornas Coladeras"																				
52	Filipe de Sousa - Disco 1 "Carneyro: Sonata para Violino e Piano; Bruma; A roda dos degredados" (1982)	1								1			1	1	1	1	1	1	1		
53	Filipe de Sousa - Disco 2 "Lacerda: 20 das 36 histórias para divertir os filhos de um artista" (1974)	1								1			1	1	1	1	1	1	1		
54	Filpe de Sousa - Disco 3 "Sousa: Canções" (1987)	1			1			1	1	1			1	1	1		1	1	1		

FIG.26 - Análise e Classificação das capas. Os números presentes servem para totalizar o número de capas inseridas numa categoria. Os discos a cor, são os discos de uma época dcom maior interesse para as artes visuais e gráficas. Captura de Ecrã.

Waldemar Bastos 1954 - 2020 Cantor angolano

Artistas (39)
Artistas Solo (32)
Conjuntos/Grupos/Bandas (8)
Artistas e Conjuntos (3)

Discos (146)
“EP 7 (67)
“LP 12 (40)
“Single 7 (37)
“Maxi 12 (2)

Total de Discos de 1960 (19)
Total de Discos de 1970 (19)
Total de Discos de 1980 (43)
Total de Discos de 1990 (11)
Total de Discos sem data (54)

50

FIG.27 - Resultados Obtidos do Espólio Luso-Africano. Imagem do Catálogo “NOVO SOM” (pág.50).

FIG.28 - "Branco, Tinto e Jeropiga", Danny Silva e a Banássanhá (1981), ***Single*** *7"*

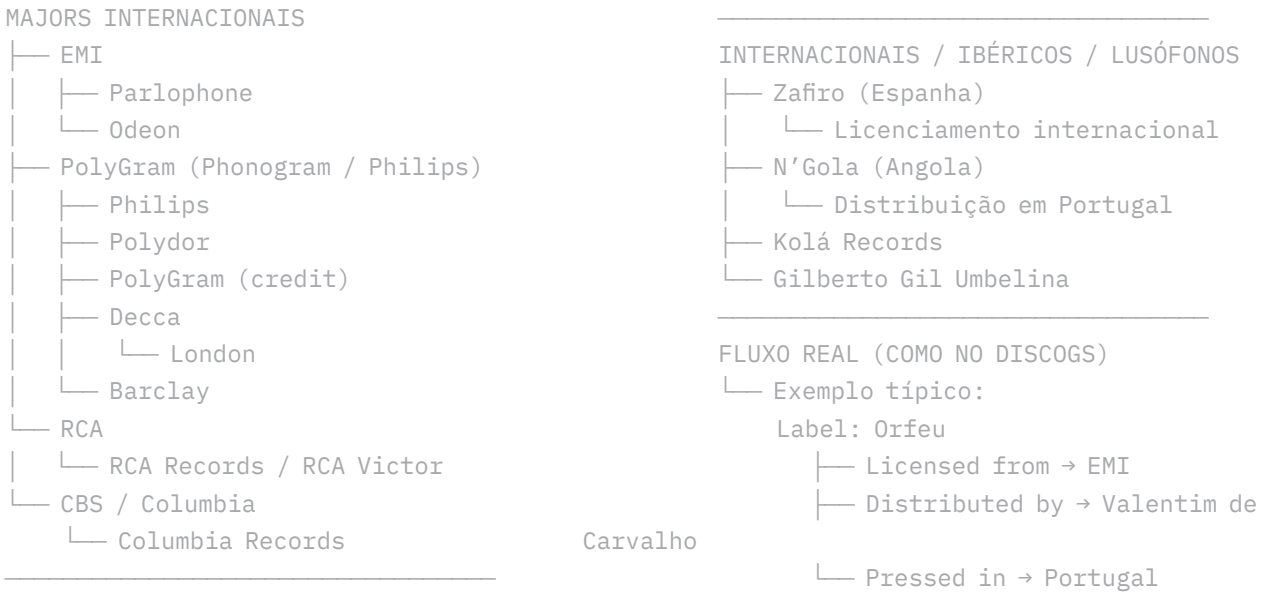


*FIG.29 - **PROMPT** obtido através do ChatGPT quanto às editoras que partilham direitos, distribuição e licenciamento entre 1960 e 1992 (ChatGPT, 2025)*

Editora	*Edições*	*Anos*
0	1	1990
Alvorada	38	1960 - 1961 - 1968 - 1969 - 1970 - 1973 - 1978 - 1979 - 1980 - 1981
A Voz do Dono	1	
Barclay	1	1985
Columbia	6	1960 - 1964 - 1966 - 1980
Da Nova	1	1981
Decca	6	
Diapasão	1	1982
Discossete	5	1987 - 1990 - 1991 - 1992
EMI	8	1975 - 1985 - 1986 - 1991
Estúdio	2	
Gilberto Gil Umbelina	1	1988
Horizonte	1	1984
Kolá Records	1	1989
London	1	
Materfonis	2	1986
MBP	1	
N'Gola	1	
Odeon	1	1983
Orfeu	7	1978 - 1983 - 1984 - 1985
Ovação	1	1988
Parlophone	2	
Philips	1	1982
Polydor	5	1981 - 1982 - 1984 - 1992
Polygram	2	1992
Portugalsom	1	1987
Rádio Triunfo	3	1980 - 1981 - 1982
Rapsódia	3	
RCA	7	1975 - 1976 - 1978
RPE	1	1980
Roda	5	1977 - 1978 - 1980
RR	1	
Tecla	2	1974
Valentim de Carvalho	3	1981 - 1982
Vidisco	2	1989
Zafiro	8	1962 - 1963
Zip Zip	1	1974

114

FIG.30 - Editoras do Espólio Luso-Africano. Imagem do Catálogo "NOVO SOM" (pág.114 e 115).

Editoras Grupo EMI (11)
Editoras Grupo PolyGram/Philips (16)
Editoras Grupo RCA (7)
Editoras Grupo CBS (Columbia) (6)
Editoras Valentim de Carvalho (3)
Editoras Independentes Portuguesas (78)
Editoras Internacionais/Ibéricas/Lusófonas (16)

Nota 1: Fez-se uso da inteligência artificial, neste caso o ChatGPT, para poder organizar as editoras em grupos (dentro das épocas em que o estudo se insere, ou seja, 1960 a 1992), separando-as entre distribuição, licenciamento e fabrico — pediu-se que fizesse uso do site discogs para poder fazer os agrupamentos.

Nota 2: A RCA e a Zafiro eram frequentemente distribuídas pela Telectra em Portugal durante grande parte desse período, antes de a BMG absorver a RCA a nível global em meados dos anos 80.

Nota 3: A editora Londo era uma sub-sub-editora, fazendo parte da Decca que era sub-editora da PolyGram.

Nota 4: A RCA continha duas editoras nestas épocas, sendo elas a RCA Records e a RCA Victor.

Nota 5: A Valentim de Carvalho distribuía editoras como a EMI, RCA, Decca, N'Gola, entre outras. Inclusive estava ligada à Orfeu, Rádio Triunfo. Zip Zip e outras editoras independentes.

Nota 6: As editoras independentes têm relações variáveis entre licenciamento das editoras majors (EMI, PolyGram, RCA e CBS) e distribuição (Valentim de Carvalho e PolyGram).

115

FIG.30 - Editoras do Espólio Luso-Africano. Imagem do Catálogo "NOVO SOM" (pág.114 e 115).

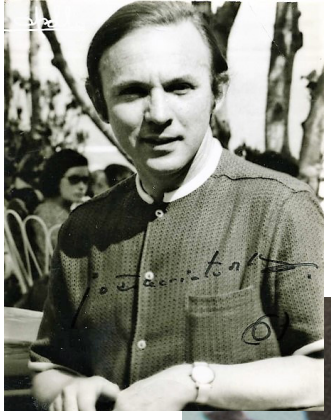


FIG.31 - João Maria Tudela. Foto do Baú das Memórias (Baú das Memórias, 2022)

FIG.32 - Teta Lando. Foto do disco "Canções de Angola", Teta Lando, 1977 (Lando, 2026a)

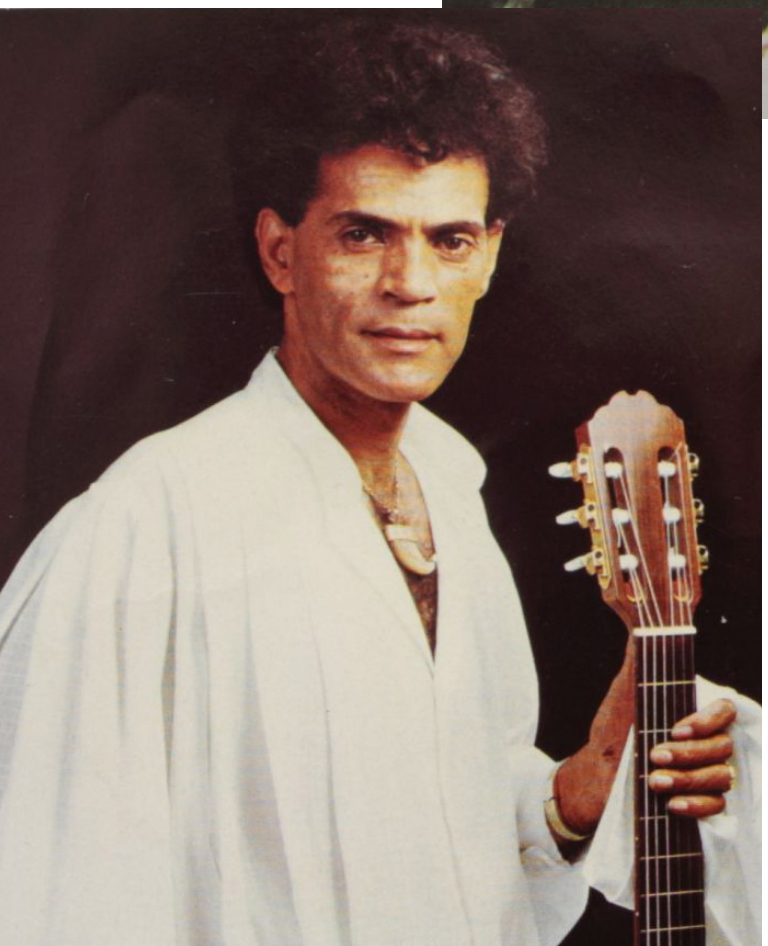


FIG.33 - Raúl Indipwo. Foto do disco "Meus olhos ficaram mar", Raúl Indipwo, 1985 (Indipwo, 2026a)

FIG.34 - Alvorada, "Embaixadora do Folclore Angolano". Disco "Conjunto Cabo Verde", Conjunto Cabo Verde (Conjunto Cabo Verde, 2026)

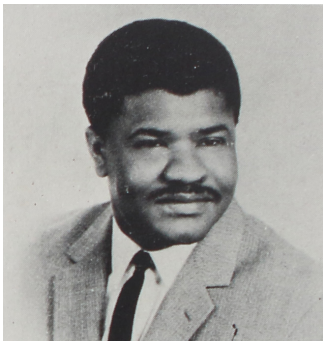


FIG.35a e 35b - Bana. Capa e Foto do disco "Mornas e Coladeiras de Cabo Verde", Bana (Bana, 2026)

FIG.36 - Marino Silva. Capa do disco "Cabo Verde", Marino Silva, 1973 (M. Silva, 2026)

FIG.37a e 37b - Fernando Quejas. Capa e Foto do disco "Mornas", Fernando Quejas (Quejas, 2026a)

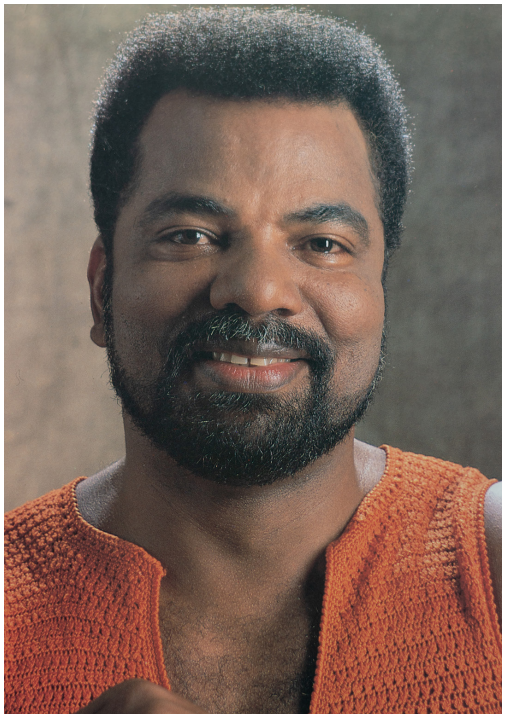


FIG.38 - Bonga. Foto da FMP (FMP, 2026a)

FIG.39 - Conchinha de Mascarenhas. Foto da FMP (FMP, 2026b)

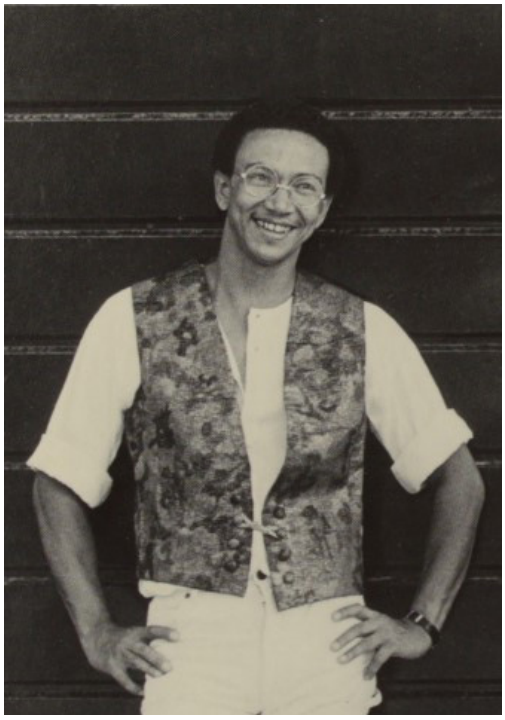


FIG.40 - Dany Silva. Foto da FMP (FMP, 2026c)

FIG.41 Duo Ouro Negro. Foto da FMP (FMP, 2026d)

FIG.42 - Felipe Mukenga. Foto da Bantumen (Bantumen, 2026)

FIG.43 - Mário Mata. Foto da FMP (FMP, 2026i)

FIG.44 - Mory Kanté. Foto do jornal "The Guardian" (Denselow, 2020)

FIG.45 - Tabanka Djaz. Foto da Agenda Cultural Lisboa (Agenda Cultural Lisboa, 2022)

FIG.46 - Tó Neto. Foto da RTP Arquivo (RTP Arquivos, 2023)

FIG.47 - Waldemar Bastos. Foto da FMP (FMP, 2026p)

FIG.48 - "Kualuka Kuetu", Bonga, 1982 (Bonga, 2026)

FIG.49 - "Crioula de S.Bento", Dany Silva, 1982 (D. Silva, 2026b)

FIG.50 - "Mulowa Afrika", Duo Ouro Negro, 1967 (Duo Ouro Negro, 2026f)

FIG.51 - "Novo Som", Filipe Mukenga, 1991 (Mukenga, 2026)

FIG.53 - "Hambanine", João Maria Tudela (Tudela, 2026a)

FIG.52 - "Kanimambo", João Maria Tudela (Tudela, 2026b)

FIG.54 -"Lourenço Marques, gosto de ti", João Maria Tudela (Tudela, 2026c)

FIG.55 - "Yé Ké Yé Ké", Mory Kanté, 1985 (Kanté, 2026)

FIG.56 - "Tabanka Djaz", Tabanka Djaz, 1990 (Djaz, 2026)

FIG.57 - "Sô santo", Raúl Indipwo, 1986 (Indipwo, 2026b)

FIG.58 - "Canções de Angola", Teta Lando, 1977 (Lando, 2026a)

Teta Lando, Teta Lando, N'Gola, NGLP 9002, "LP 12
Mornas, Titina, Alvorada, AEP 60558, "EP 7
Titina, Titina, Alvorada, AEP 60759, "EP 7
Big Bang, Tó Neto, Materfonis, MLP 1002, "LP 12, 1986
Negro, Tó Neto, MBP, 7010281, "LP 12
A velha Feira da Ladra / A última varina de Lisboa, Vasco Rafael, Alvorada, N-S-97-121, "Single 7, 1978
A velhinha da fava rica / Toma lá beijinhos d'água, Vasco Rafael, Alvorada, N-S-97-139, "Single 7, 1979
Ah! fadista..., Vasco Rafael, Orfeu, SINP 44, "Single 7, 1985
As mulheres do meu país, Vasco Rafael, Roda, RPE 1521, "EP 7, 1978
As mulheres do meu país, Vasco Rafael, Roda, SLRL 8003, "LP 12, 1977
Cantar / Esta palavra mulher, Vasco Rafael, Orfeu, SINP 2, "Single 7, 1983
Flor da beira rio, Vasco Rafael, Rádio Triunfo, RT 51-1, "Single 7, 1980
Maria vende cautelas, Vasco Rafael, Rádio Triunfo, RT 51-10, "Single 7, 1981
O fado é fixe, Vasco Rafael, Rádio Triunfo, RT 51-29, "Single 7, 1982
O melhor de Vasco Rafael, Vasco Rafael, Orfeu, LPP 12, "LP 12
Os amigos que eu canto, Vasco Rafael, Alvorada, ALV 98-25, "LP 12, 1981
Os namorados não têm fome, Vasco Rafael, Alvorada, ALV 97-149, "Single 7, 1979
Pescador lavrando o mar, Vasco Rafael, Alvorada, ALV 97-156, "Single 7, 1980
Português tornaviagem, Vasco Rafael, Alvorada, LP-S-98-16, "LP 12, 1978
Promessa, Vasco Rafael, Roda, RPE 1570, "EP 7, 1980
Que povo é este que povo?, Vasco Rafael, Estúdio, EEP 50365, "EP 7
Um tempo na vida, Vasco Rafael, Ovação, OV-LP-2019, "LP 12, 1988
Oiçam tudo o que vos dou, Vasco Rafael, Roda, SLRL 8003, "LP 12, 1977
Estamos juntos, Waldemar Bastos, Odeon, 4212581, "LP 12, 1983

Discos sem capa (20)
Capas de sem ano (4)
Capas de Interesse de 1960 (3)
Capas de Interesse de 1970 (3)
Capas de Interesse de 1980 (10)
Capas de Interesse de 1990 (4)
Total das Capas de Interesse (24)

Ilustração	***Artes Visuais***	***Fotografia***	***Design***
Artística (27)	Plásticas (25)	Editada (28)	Índicios (45)
Cultural (16)	Performativas (2)	Cultural (27)	Designer (70)
Cômica (3)		Paisagista (32)	
		Retrato (100)	***Tipografia (52)***
		Artística (58)	

Nota 1: No parâmetro de classificação "Tipografia", foram selecionadas as tipografias com maior interesse gráfico e visual.

128

FIG.59 - Calssificação das Capas do Espólio Luso-Africano. Imagem do Catálogo "NOVO SOM" (pág.128 e 129).

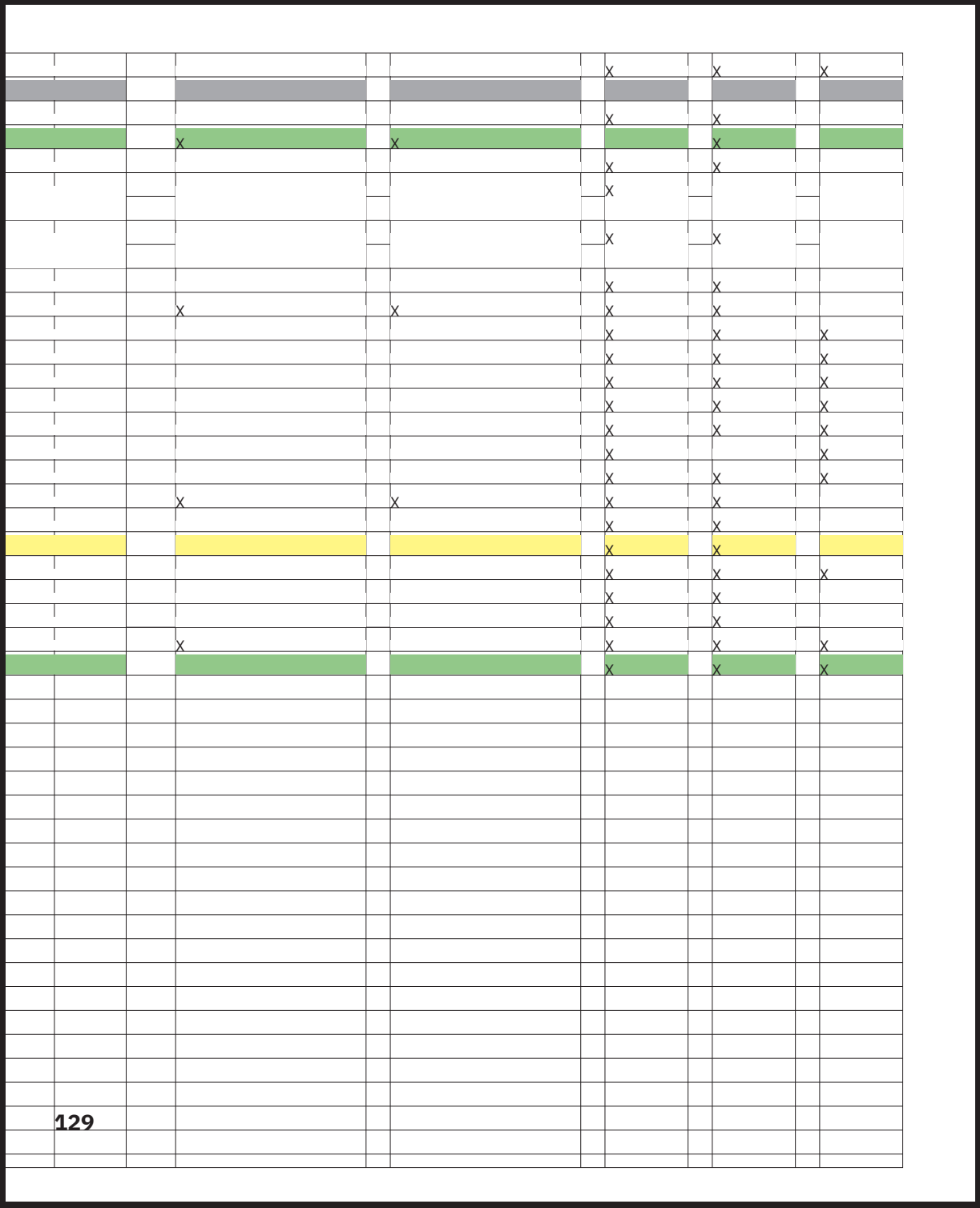


FIG.59 - Calssificação das Capas do Espólio Luso-Africano. Imagem do Catálogo "NOVO SOM" (pág.128 e 129).

FIG.60 - "Carta de nha cretcheu", Ana Firmino, 1989 (Firmino, 2026)

FIG.61 - "Encontro em Lisboa", Eleutério Sanches, 1968 (Sanches, 2026)

FIG.62 - "Canta canções do folclore de Angola", Duo Ouro Negro, 1960 (Duo Ouro Negro, 2026b)

FIG.63 - "Conjunto Renato Silva", Conjunto Renato Silva, 1960 (Conjunto Renato Silva, 2026)

FIG.64 - "Mornas de Cabo Verde", Fernando Quejas (Quejas, 2026b)

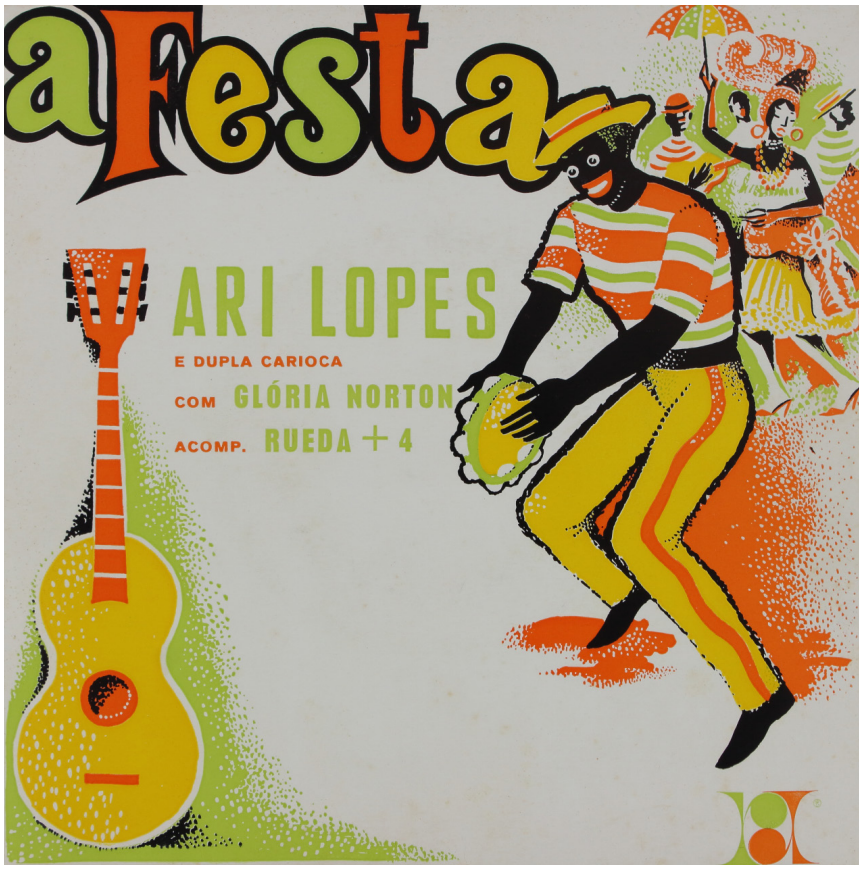


FIG.65 - "A festa", Ari Lopes (Lopes, 2026)

FIG.66 - "Comboio mala de Benguela", Duo Ouro Negro, 1984 (Duo Ouro Negro, 2026c)

FIG.67 - "Que grande seca", Mário Mata, 1984 (Mata, 2026c)

FIG.68 - "A mãe", Conjunto de Oliveira Muge (Conjunto de Oliveira Muge, 2026a)

FIG.69 - "Alex Steinweiss". Foto da Eye Magazine (Eye Magazine, 2026)

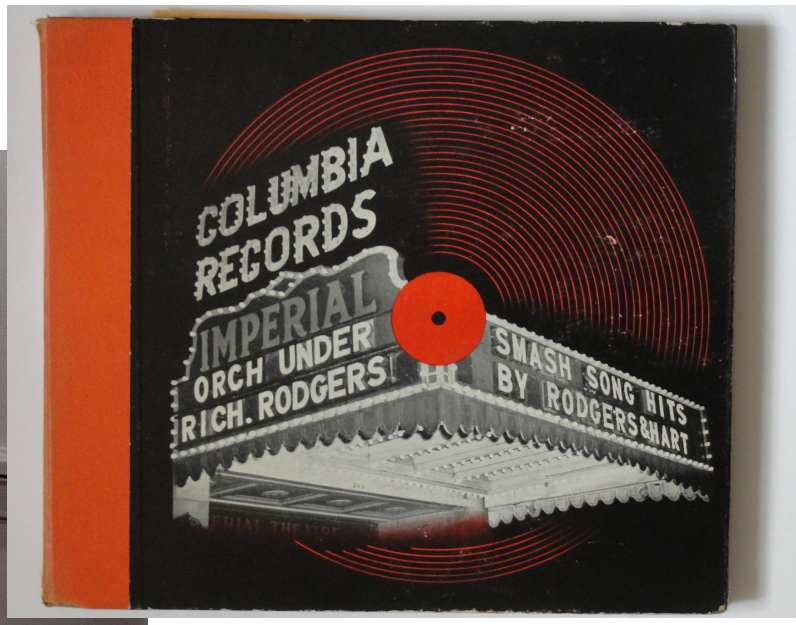


FIG.70 - "Alex Steinweiss first picture cover for Columbia Records "Smash Song Hits by Rodgers & Hart" from 1940". Foto da recordart (recordart, 2016)

FIG.71 - "Mornas e Coladeras", Fernando Quejas (Quejas, 2026d)

FIG.72 - "Hey Mal Yo", Johnny Rodrigues (Rodrigues, 2026)

FIG.73 - "Casamenti d'Haös", Justino Delgado, 1989 (Delgado, 2026)

FIG.74 - "Menguánà", Sum Alvarinho, 1989 (Alvarinho, 2026)

FIG.75 - "Estamos juntos", Waldemar Bastos, 1983 (Bastos, 2026)

FIG.76 - "Mornas de Cabo Verde", Fernando Quejas (Quejas, 2026c)

FIG.77 - "Os Gingas", Os Gingas (Os Gingas, 2026)

FIG.78 - "Negro", Tó Neto (Neto, 2026b)

FIG.79 - "Longe de ti", Conjunto de Oliveira Muge (Conjunto de Oliveira Muge, 2026b)

FIG.80 - "Confidências", Henrik Lanjele, 1976 (Lanjele, 2026b)

FIG.81 - "Monangambé", Rut Mingas, 1974 (Mingas, 2026)

FIG.82 - "Mornas e coladeiras", Black Power (Power, 2026)

FIG.83 -"Luar da lua cheia", Duo Ouro Negro, 1980 (Duo Ouro Negro, 2026e)

FIG.84 - "Cabo Verde", Marino Silva, 1973 (M. Silva, 2026)

FIG.56 - "Nunca mais é sábado / Amanhã é um novo dia", Mário Mata, 1986 (Mata, 2026b)

FIG.86 - "Big Bang", Tó Neto, 1986 (Neto, 2026a)

FIG.87 - "Duo Ouro Negro", Duo Ouro Negro (Duo Ouro Negro, 2026d)

FIG.88 - "Carneyro: Sonata para Violino e Piano; Bruma; A roda dos degredados", Filipe de Sousa, 1982 (Sousa, 2026)

FIG.89 - "Angola: Terra livre", Henrik Lanjele, 1975 (Lanjele, 2026a)

FIG.90 - "Não mata mas móí", Mário Mata, 1982 (Mata, 2026a)

FIG.91 - "Flor da beira rio", Vasco Rafael 1980 (Rafael, 2026)

FIG.92 - "Aesthetic Legacy of the Tropicália Movement", José Alexandre, 2021 (Alexandre, 2021)

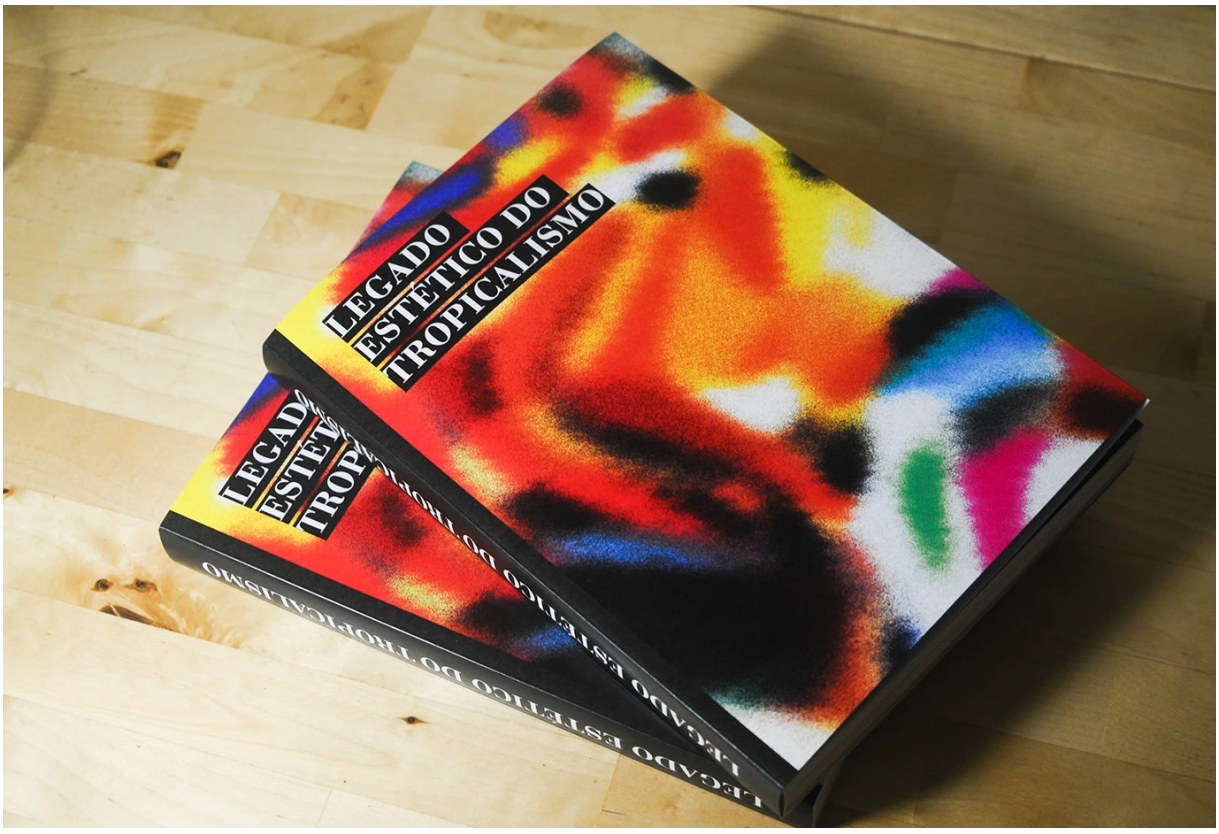


FIG.93 - Paleta Cromática das Capas do Espólio Luso-Africano. Imagem do Catálogo "NOVO SOM" (pág.290 e 291).

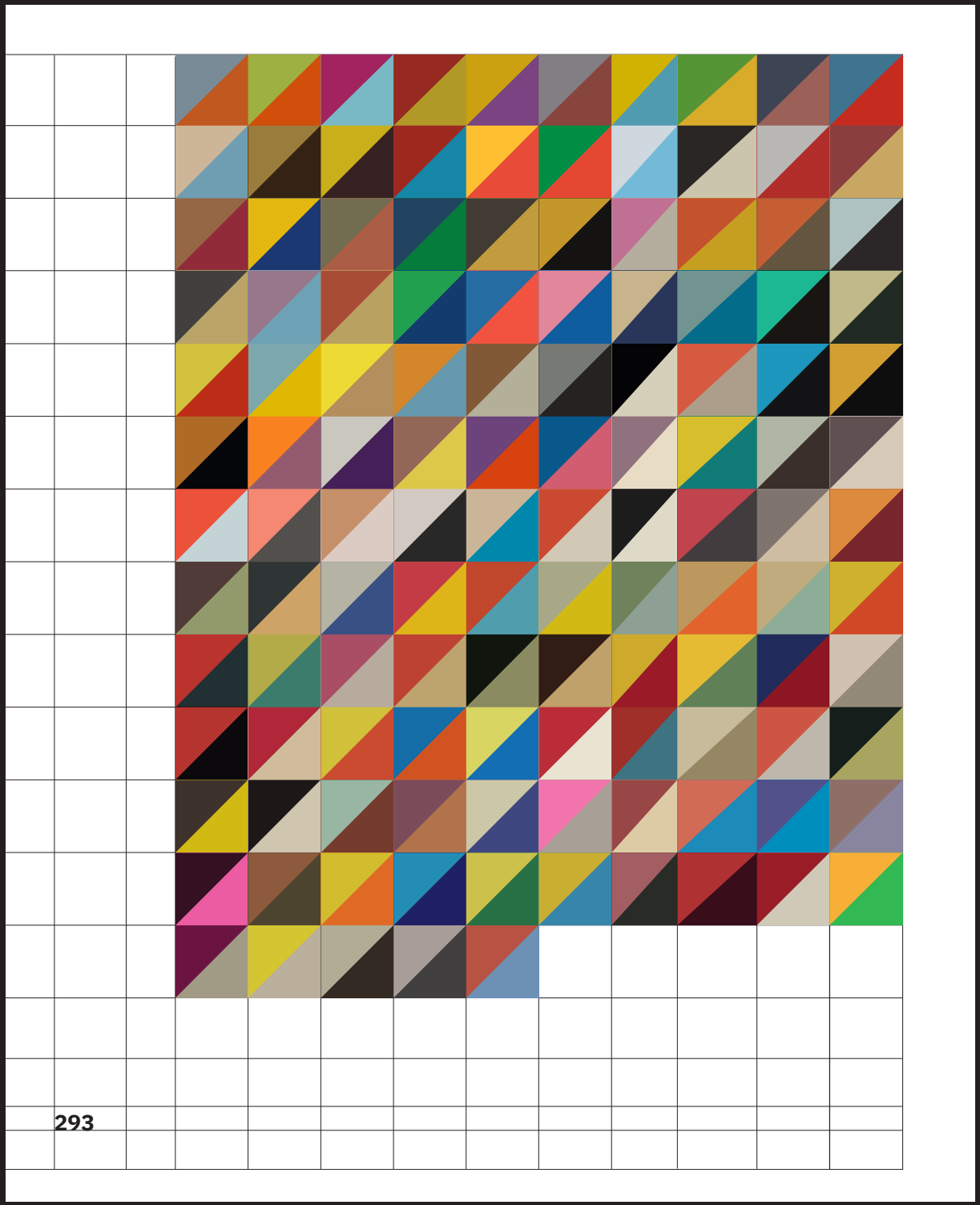


FIG.93 - Paleta Cromática das Capas do Espólio Luso-Africano. Imagem do Catálogo "NOVO SOM" (pág.290 e 291).

FIG.94 -"Canção da vida", Conchinha de Mascarenhas (Rafael, 2026)

FIG.95 -Luís de Vasconcelos, "Luís Vasconcelos Os fotojornalistas estão a in? tervir na sociedade". Foto do jornal Público (Marques, 2011)

FIG.96 - "Aos nossos amigos", Duo Ouro Negro, 1982 (Duo Ouro Negro, 2026a)

FIG.97 - "Lua Vagabunda", Danny Silva, 1986

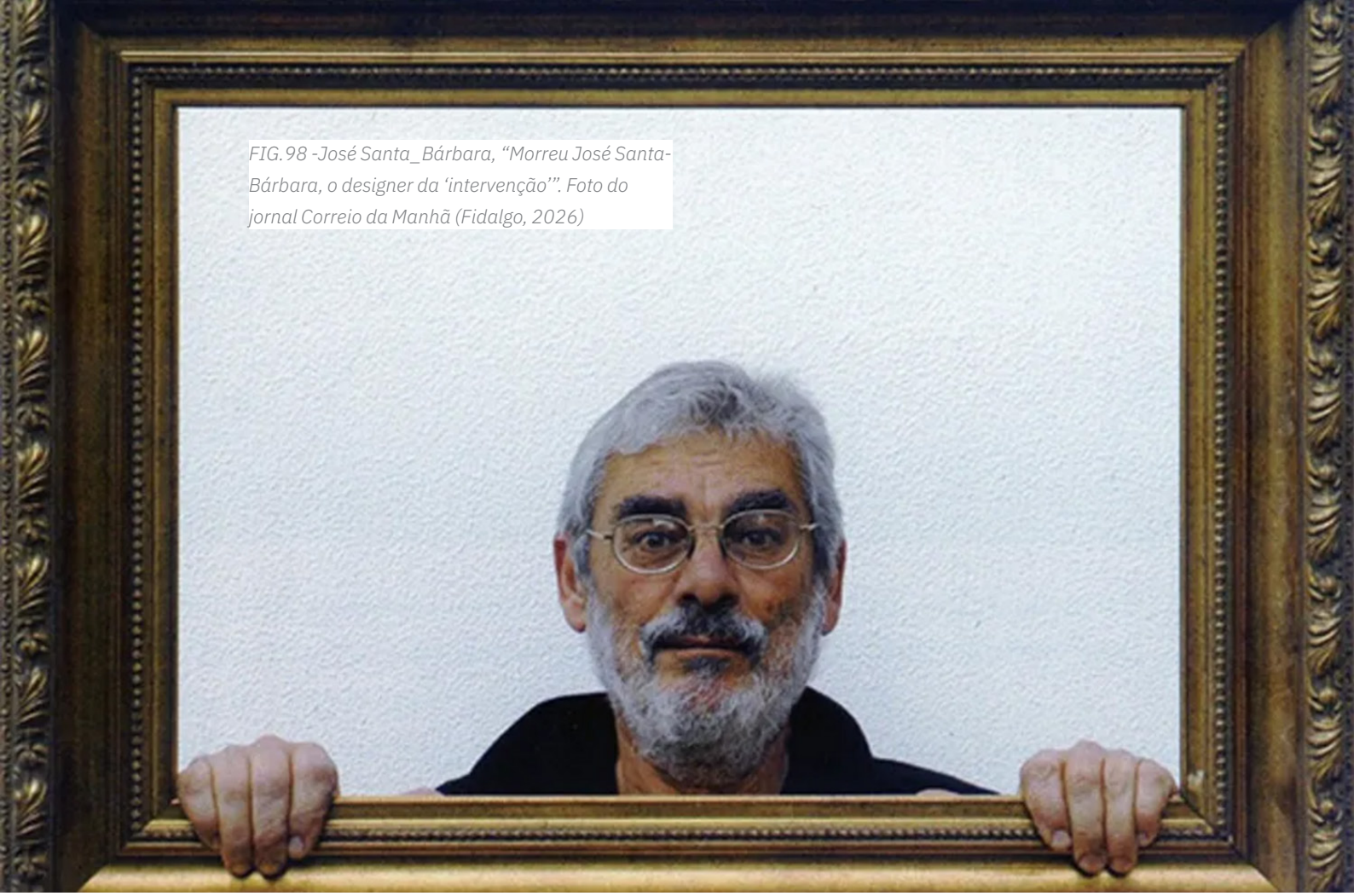


FIG.98 -José Santa_Bárbara, "Morreu José Santa-Bárbara, o designer da 'intervenção'". Foto do jornal Correio da Manhã (Fidalgo, 2026)

FIG.99 - "A invenção do amor e outros poemas de Daniel Filipe", Daniel Filipe (Filipe, 2026)

FIG.100 -Eleutério Sanches, "Morreu o pintor, poeta e cantor angolano Eleutério Sanches". Foto do jornal Rede Angola (REDE ANGOLA, 2016)

FIG.101 -Fátima Rolo Duarte, "Fátima Rolo Duarte and the stories of our design". Foto da Escola Superior de Artes e Design (ESAD.CR, 2024)

FIG.102 - "Teta Lando", Teta Lando (Lando, 2026b)

INTRODUÇÃO
1. Contexto
2. Problemática
2.1 Motivação e Objetivos
2.2 Pergunta de Investigação
2.3 [De]limitação do Estudo
2.4 Estrutura do Documento
3. Filosofias Luso-tropicalistas e Lusófonas
3.1 Da Vocação Imperial ao Luso-tropicalismo e Cosmopolitismo
3.1.1 Vocação Imperial
3.1.2 Luso-tropicalismo
3.1.3 Cosmopolitismo
3.2 A Lusofonia no Pós-Colonialismo
4. Acervo da Fonoteca Municipal do Porto
5. Espólio Luso-Africano
5.1 Análises do Espólio
5.2 Análise do Dados Recolhidos
5.2.1 Editoras
5.2.2 Artistas de interesse e Origens
5.2.3 Classificação das Capas
5.2.4 Autores das Capas
6.NOVO SOM - Catálogo Visual e Analítico

Santo” (álbum a solo)[FIG.56] e “Epopeia/Lamento Do Rei” (Duo Ouro Negro).

FMP. (2025). Ler com o ouvido: 5 anos de Fonoteca Municipal do Porto - Fonoteca Municipal do Porto. Cm-Porto. pt. https://fonoteca.cm-porto.pt/atividades/ler-com-o-ouvido-5-anos-de-fonoteca-municipal-do-porto-20251016/

esad-idea. (2022, October). esad—arte&design · Orfeu (1956—1983). Esad.pt. https://www.esad.pt/en/research-projects/orfeu

Duarte, J. S. (2025). Haircust For Men. Jsduartedesign.com. https://jsduartedesign.com/projeto-2-p-mdgpe.html

*GNRATION. (2018). Órbita by GNRATION. Instagram. https://www.instagram.com/p/DWmgl7oiV1W/?utm_source=ig_web_copy_*

6.*NOVO SOM* - Catálogo Visual e Analítico

O desenvolvimento do catálogo foi inspirado em cinco projetos ou objetos editorais, retirando de cada um, elementos específicos para serem trabalhados. Os projetos não foram selecionados numa fase inicial, mas sim a cada nova versão do catálogo, encontrou-se ou percebeu-se o que deveria retirar conceptualmente e graficamente de cada um, para poder criar um artefacto editorial que realça-se o espólio como pretendido.

No primeiro esboço do catálogo retirou-se ideias básicas de organização e apresentação do espólio no catálogo. Estas ideias estavam inspiradas no livro da comemoração dos 5 anos da FMP (2025) [FIG.16] e no catálogo "*Discos Orfeu: Catálogo Visual e Crítico*" (2022) [FIG.103a e 103b] realizado pela Esad-idea. O resultado fora uma simples maquete sem conceito e representação do espólio ou do estudo [FIG.104a]. A sua organização tornava-se no fim desorganizada, deixando confuso o discos de cada artista e as imagens dos mesmos, além de deixar muitos espaços em branco que não apresentavam função alguma [FIG.104b,104c e 104d]. A maquete fora apresentada num ponto de situação em abril(Versão 1 e 2) [FIG.104a], do projeto para os docentes da UC de Metodologias de Investigação II — Doutor(a) Prof. Pedro Amado, Rui Vitorino e Cristina Ferreira — e restantes colegas do curso. O feedback recolhido centrou-se nas as dimensões reduzidas do catálogo, que não apresentava devidamente a parte visual e gráfica e a organização/apresentação dos discos e artistas. Ao rever as referências gráficas citadas anteriormente, percebeu-se que o livro da FMP, não trazia alguma organização ou apresentação do discos que fosse do interesse para o catálogo, mas sim as dimensões e texto [FIG.108]. Do catálogo da Esad-idea [FIG.103a e 103b], percebeu-se que as páginas que apresentavam os discos não faziam jus à parte gráfica e visual — as imagens eram pequenas e muito seguidas, como se fossem post-its numa folha —, mas a sua organização dos dados recolhidos e do método de organização e inserção dos dados no programa editorial, já eram do interesse do projeto [FIG.103b] — mais tarde percebeu-se que o método usado (Data Merge), por fazer uso do formato *CSV*, complicava e desorganizava as tabelas realizadas, além de ter sido difícil de realizar tal função, levando ao processo manual.

O que se tinha que definir para o catálogo era um conceito, uma ideia, que podesse ser trabalhada visualmente e que estivesse ligada ao território (o tema do projeto). Este pensamento ou estratégia gráfica fora trabalhada inicialmente no Projeto 2 para a UC de Projeto, orientada por Eduardo Aires (1º do curso) [FIG.106a, 106b, 106c e 106d]. Tinha-se desenvolvimento um artefacto editorial sobre um género musical com o conceito de ruído, trabalhado graficamente no texto e imagens e visualmente pelo catálogo (Duarte, 2025). Então estudou-se o território do tema deste projeto, para encontrar a ideia que liga-se ou representa-se o espólio. Tal objetivo demorou a ser realizado, mas não impediu o desenvolvimento do catálogo que se encontrava numa nova versão (Versão 3 e 3.1) [FIG.107a, 107b, 107c, 107d, 107e, 107f, 107g, 107h e 107i]. Na nova versão aumentou-se as dimensões do catálogo, definiu-se as novas formas de organização dos dados recolhidos e apresentação do espólio.

Ao realizar tais alterações, encontrou-se o conceito para o catálogo, o conceito de célula. A célula partiu de dois pensamentos sobre o tema e o desenvolvimento do estudo e uma inspiração. Numa forma mais simples, a célula fora retirada do Excel, pois fora o programa utilizado para reunir, organizar, analisar e comparar os dados recolhidos. Assim sendo transpôs-se a grelha do programa pelas páginas do catálogo. Na forma mais complexa da célula, a mesma representa não só os discos, mas os artistas luso-africanos, na grelha luso-tropicalista e cosmopolita do Estado Novo, onde o seu trabalho musical e gráfico era usado para promover, legimitar e justificar o controlo ultramarino e apresentar uma nação unida perante as nações estrangeiras. Tal grelha era fraca perante as células (os artistas e discos), que construiam , desenvolviam e solidificavam o nacionalismo e desejo de liberdade e independência de tal administração. Uma grelha restringe e controla

Alexandre, J. F. de . (2021, January). Aesthetic Legacy of the Tropicália Movement. Behance. https://www.behance.net/gallery/110728873/Aesthetic-Legacy-of-the-Tropicalia-Movement

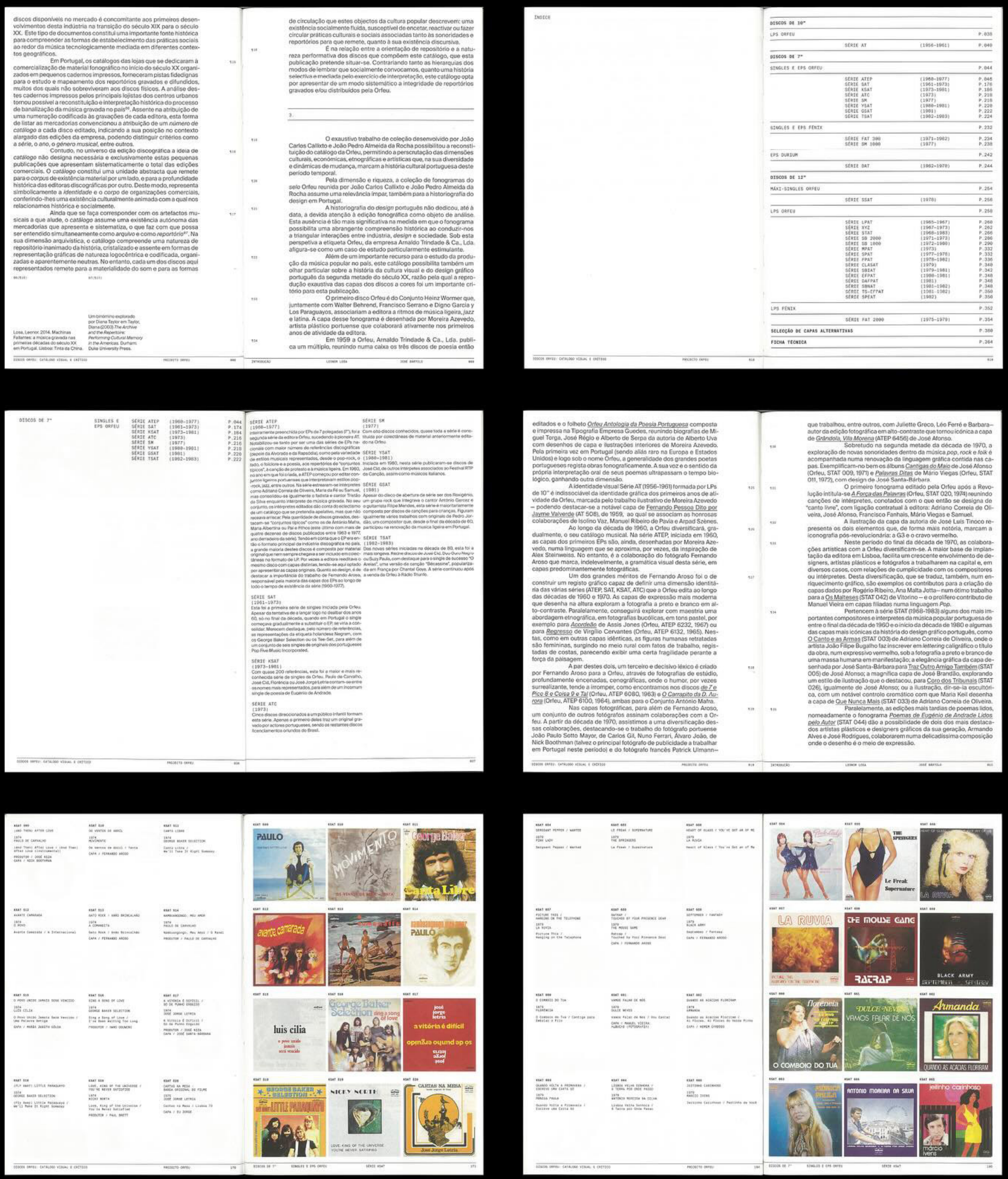
várias células, mas quando uma célula se individualiza, se indentifica e materializa dentro da grelha, a mesma torna-se fraca e rompe. As restantes células irão e deverão individualizar-se, identificar-se e materializar-se, para posteriormente, todas culminarem-se numa nova grelha que as una [FIG.108]. A inspiração partiu de uns pôster desenvolvidos por João Queirós — designer e professor na ESAD e Esad-idea —, para o Órbita (GNRATION, 2018) [FIG.109a e 109b]. A linguagem desenvolvida fazia uso de uma grelha e uma temática recorrente de Queirós, a repetição do texto, que cria ritmo e padrões.

Na quarta versão do catálogo [FIG.111a, 111b, 111c, 111d, 111e, 111f, 111g, 111h e 111i], introduziu-se a grelhas pelas suas páginas, que atribuiam um senso de organização e a repetição de Queirós em separadores e na capa. Infelizmente na fase inicial, causavam ruído visual em relação ao texto e imagens e a repetição não se relacionava com o conteúdo e não criava pausa na leitura. Para resolver o problema, voltou-se à ideia de célula e que cada célula é diferente da outra, ou seja, as suas dimensões podem ser diversas perante a função de uma ou mais células. As células do catálogo não precisavam de ficar restringias a uma forma, como numa colmeia, mas sim a pessoas numa multidão, que vão cercando o palco, as roulotes, os postes, as árvores, entre outros objetos de dimensões maiores. Então a cada novo esquema no catálogo, quer fosse as capas dos discos, as tabelas das análises ou texto, criava-se um novo spread mestre que definia a largura e comprimento de cada célula [FIG.111a, 111b, 111c, 111d, 111e e 111f]. Assim o catálogo tornava-se dinámico e ao reduzir a espessura e quantidade de linhas da grelha, a mesma perdia o protagonismo. Outra alteração que permitiu o foco ao conteúdo em vez do fundo, fora a introdução da cor nas grelhas. As cores fossem usadas de forma a separar e protagonizar o dados pretendidos, marcou-se assim novos ritmos e vivacidade ao catálogo [FIG.111f e 111g]. A repetição usada fora resolvida posteriormente noutra versão.

O último objeto editorial de inspiração para o catálogo fora o estudo sobre o legado gráfico do movimento tropicalista no Brasil de José Alexandre (2021), realizado no seu mestrado na ESAD [FIG.92]. O catálogo que João desenvolvera, apresentava o movimento, os artistas e discos correspondentes, selecionados para demonstrar o legado gráfico. Após apresentar tais discos e artistas, João parte para uma análise gráfica das matrizes e *layouts* [FIG.110a] que os discos se inserem, depois para uma paleta cromática [FIG.110b], onde retira duas cores de cada capa, culminando numa paleta de várias cores semelhantes e contrastantes, terminando numa seleção das melhores tipografias de cada capa [FIG.110c]. O catálogo fora apresentado e emprestado pelo orientador deste projeto, o Prof. José Carneiro, pois apresentava análises gráficas do interesse deste estudo. Copiou-se essas análises, alterando-as para a estética e tema do estudo, sem deixar de referenciar o autor original. Na seccção do estudo das matrizes e *layouts*, seguiu-se a execução de João ao pôr as capas em fundos pretos, como linhas a branco para cima, para as mesmas terem maior contraste e foco [FIG.111h].

As alterações que se seguiram foram correções no conteúdo e nas grelhas, desde alinhar conteúdo devidamente, alterar cores, erros ortográficos, entre outros [FIG.113]. O catálogo expandiu em si quando se introduziu o conceito do catálogo ao conteúdo visual, o que resolveu o problema da repetição. No início do desenvolvimento do conceito aplicado ao catálogo, coletou-se críticas relativas à grelha, onde a mesma aplicava ruído e não condizia com a temática. Na procura de desenvolver o conceito noutro método, aplicou-se a cada página do catálogo filtros, os filtros de Desfoque Gaussiano, Pixelicação em Mosaico e Ruído, o que deixava as imagens com manchas retangulares com textura [FIG.112a, 112b 112c e 112d]. Em reunião com o orientador do projeto decidiu-se manter a grelha, pela sua presença visual e relação conceptual com o tema, além que a versão anterior trazia muita cor e ruído para as páginas. Mais tarde ao pensar-se em separadores ou capítulos, para poder trazer um momento de pausa para o leitor, voltou-se à estética criada e desta vez alterou-se um filtro que fora o Desfoque Guassiano,

FIG.103a - "Discos Orféu: Catálogo Visual e Crítico" (2022), ESAD-idea. Imagens de Inês Nepomuceno (Nepomuceno, 2025a)



discos disponíveis no mercado é concomitante aos primeiros desenvolvimentos desta indústria na transição do século XIX para o século XX. Este tipo de documentos constitui uma importante fonte histórica para compreender as formas de estabelecimento das práticas sociais ao redor da música tecnologicamente mediada em diferentes contextos geográficos.

Em Portugal, os catálogos das lojas que se dedicaram à comercialização de material fonográfico no início do século XX organizados em pequenos cadernos impressos, forneceram pistas fidedignas para o estudo e mapeamento dos reportórios gravados e difundidos, muitos dos quais não sobreviveram aos discos físicos. A análise destes cadernos impressos pelos principais lojistas dos centros urbanos tornou possível a reconstituição e interpretação histórica do processo de banalização da música gravada no país[86]. Assente na atribuição de uma numeração codificada às gravações de cada editora, esta forma de listar as mercadorias convencionou a atribuição de um *número de catálogo* a cada disco editado, indicando a sua posição no contexto alargado das edições da empresa, podendo distinguir critérios como a *série*, o *ano*, o *género musical*, entre outros.

Contudo, no universo da edição discográfica a ideia de *catálogo* não designa necessária e exclusivamente estas pequenas publicações que apresentam sistematicamente o total das edições comerciais. O *catálogo* constitui uma unidade abstracta que remete para o *corpus* de existência material por um lado, e para a profundidade histórica das editoras discográficas por outro. Deste modo, representa simbolicamente a *identidade* e o *corpo* de organizações comerciais, conferindo-lhes uma existência culturalmente animada com a qual nos relacionamos histórica e socialmente.

Ainda que se faça corresponder com os artefactos musicais a que alude, o *catálogo* assume uma existência autónoma das mercadorias que apresenta e sistematiza, o que faz com que possa ser entendido simultaneamente como *arquivo* e como *reportório*[87]. Na sua dimensão arquivística, o catálogo compreende uma natureza de repositório inanimado da história, cristalizado e assente em formas de representação gráficas de natureza logocêntrica e codificada, organizadas e aparentemente neutras. No entanto, cada um dos discos aqui representados remete para a materialidade do som e para as formas

Losa, Leonor. 2014. Machinas Fallantes: a música gravada nas primeiras décadas do século XX em Portugal. Lisboa: Tinta da China.

Um binómio explorado por Diana Taylor em Taylor, Diana (2003) *The Archive and the Repertoire: Performing Cultural Memory in the Americas*. Durham: Duke University Press.

DISCOS ORFEU: CATÁLOGO VISUAL E CRÍTICO — PROJECTO ORFEU

de circulação que estes objectos da cultura popular descrevem: uma existência socialmente fluida, susceptível de encetar, reactivar ou fazer circular práticas culturais e sociais associadas tanto às sonoridades e reportórios para que remete, quanto à sua existência discursiva.

É na relação entre a orientação de repositório e a natureza performativa dos discos que compõem este catálogo, que esta publicação pretende situar-se. Contrariando tanto as hierarquias dos modos de lembrar que socialmente convocamos, quanto uma história selectiva e mediada pelo exercício de interpretação, este catálogo opta por apresentar de um modo sistemático a integridade de reportórios gravados e/ou distribuídos pela Orfeu.

3.

O exaustivo trabalho de coleção desenvolvido por João Carlos Callixto e João Pedro Almeida da Rocha possibilitou a reconstituição do catálogo da Orfeu, permitindo a perscrutação das dimensões culturais, económicas, etnográficas e artísticas que, na sua diversidade e dinâmicas de mudança, marcam a história cultural portuguesa deste período temporal.

Pela dimensão e riqueza, a coleção de fonogramas do *selo* Orfeu reunida por João Carlos Callixto e João Pedro Almeida da Rocha assume uma relevância ímpar, também para a historiografia do design em Portugal.

A historiografia do *design* português não dedicou, até à data, a devida atenção à edição fonográfica como objeto de análise. Esta ausência é tão mais significativa na medida em que o fonograma possibilita uma abrangente compreensão histórica ao conduzir-nos a triangular interações entre indústria, *design* e sociedade. Sob esta perspetiva a etiqueta Orfeu, da empresa Arnaldo Trindade & Ca., Lda. afigura-se como um caso de estudo particularmente estimulante.

Além de um importante recurso para o estudo da produção da música popular no país, este catálogo possibilita também um olhar particular sobre a história da cultura visual e do design gráfico português da segunda metade do século XX, razão pela qual a reprodução exaustiva das capas dos discos a cores foi um importante critério para esta publicação.

O primeiro disco Orfeu é do Conjunto Heinz Wormer que, juntamente com Walter Behrend, Francisco Serrano e Digno Garcia y Los Paraguayos, associariam a editora a ritmos de música ligeira, *jazz* e latina. A capa desse fonograma é desenhada por Moreira Azevedo, artista plástico portuense que colaborará ativamente nos primeiros anos de atividade da editora.

Em 1959 a Orfeu, Arnaldo Trindade & Ca., Lda. publica um múltiplo, reunindo numa caixa os três discos de poesia então

INTRODUÇÃO — LEONOR LOSA — JOSÉ BÁRTOLO

ÍNDICE

DISCOS DE 10"			
LPS ORFEU			P.038
	SÉRIE AT	(1956-1961)	P.040
DISCOS DE 7"			
SINGLES E EPS ORFEU			P.044
	SÉRIE ATEP	(1960-1977)	P.046
	SÉRIE SAT	(1961-1973)	P.176
	SÉRIE KSAT	(1973-1981)	P.186
	SÉRIE ATC	(1973)	P.218
	SÉRIE SM	(1977)	P.218
	SÉRIE YSAT	(1980-1981)	P.220
	SÉRIE GSAT	(1981)	P.222
	SÉRIE TSAT	(1982-1983)	P.224
SINGLES E EPS FÉNIX			P.232
	SÉRIE FAT 300	(1971-1982)	P.234
	SÉRIE SM 1000	(1977)	P.238
EPS DURIUM			P.242
	SÉRIE DAT	(1962-1970)	P.244
DISCOS DE 12"			
MÁXI-SINGLES ORFEU			P.254
	SÉRIE SSAT	(1978)	P.256
LPS ORFEU			P.258
	SÉRIE LPAT	(1965-1967)	P.260
	SÉRIE XYZ	(1967-1973)	P.262
	SÉRIE STAT	(1968-1983)	P.266
	SÉRIE SB 2000	(1971-1973)	P.286
	SÉRIE SB 1000	(1972-1980)	P.290
	SÉRIE MPAT	(1973)	P.332
	SÉRIE SPAT	(1977-1978)	P.332
	SÉRIE FPAT	(1978-1982)	P.336
	SÉRIE CLASAT	(1979)	P.340
	SÉRIE SBIAT	(1979-1981)	P.342
	SÉRIE EFPAT	(1980-1981)	P.348
	SÉRIE DAFPAT	(1981)	P.348
	SÉRIE SBNAT	(1981-1982)	P.348
	SÉRIE TG-EFPAT	(1981-1982)	P.350
	SÉRIE SPEAT	(1982)	P.350
LPS FÉNIX			P.352
	SÉRIE FAT 2000	(1975-1979)	P.354
SELECÇÃO DE CAPAS ALTERNATIVAS			P.360
FICHA TÉCNICA			P.364

DISCOS DE 7" — SINGLES E EPS ORFEU

SÉRIE ATEP	(1960-1977)	P.044
SÉRIE SAT	(1961-1973)	P.174
SÉRIE KSAT	(1973-1981)	P.184
SÉRIE ATC	(1973)	P.216
SÉRIE SM	(1977)	P.216
SÉRIE YSAT	(1980-1981)	P.218
SÉRIE GSAT	(1981)	P.220
SÉRIE TSAT	(1982-1983)	P.222

SÉRIE ATEP
(1960-1977)
Inteiramente preenchida por EPs de 7 polegadas (7"), foi a segunda série da editora Orfeu, sucedendo à pioneira AT. Notabilizou-se tanto por ser uma das séries de EPs nacionais com maior número de referências discográficas (depois da Alvorada e da Rapsódia), como pela variedade de estilos musicais representados, desde o pop-rock, o fado, o folclore e a poesia, aos repertórios de "conjuntos típicos", à canção de protesto e à música ligeira. Em 1960, no ano em que foi criada, a ATEP começou por editar conjuntos ligeiros portuenses que interpretavam estilos pop-rock, jazz, entre outros. Na série estrearam-se intérpretes como Adriano Correia de Oliveira, Maria da Fé ou Samuel, mas consolidou-se igualmente o fadista e cantor Tristão da Silva enquanto intérprete de música gravada. No seu conjunto, os intérpretes editados dão conta do eclectismo de um catálogo que se pretendia apelativo, mas que não receava arriscar. Pela quantidade de discos gravados, destacam-se "conjuntos típicos" como os de António Mafra, Maria Albertina ou Pai e Filhos (este último com mais de quatro dezenas de discos publicados entre 1963 e 1977, ano derradeiro da série). Tendo em conta que o EP era então o formato principal da indústria discográfica no país, a grande maioria destes discos é composta por material original que nem sempre chegava a ser incluído em colectâneas no formato de LP. Por vezes a editora reeditava o mesmo disco com capas distintas, tendo-se aqui optado por apresentar as capas originais. Quanto ao design, é de destacar a importância do trabalho de Fernando Aroso, responsável pela maioria das capas dos EPs ao longo de todo o tempo de existência da série (1960-1977).

SÉRIE SAT
(1961-1973)
Esta foi a primeira série de singles iniciada pela Orfeu. Apesar da tentativa de a lançar logo no dealbar dos anos 60, só no final da década, quando em Portugal o single começava gradualmente a substituir o EP, se viria a consolidar. Merecem destaque, pelo número de referências, as representações da etiqueta holandesa Negram, com os George Baker Selection ou os Tee-Set, para além de um conjunto de seis singles de originais dos portugueses Pop Five Music Incorporated.

SÉRIE KSAT
(1973-1981)
Com quase 200 referências, esta foi a maior e mais reconhecida série de singles da Orfeu. Paulo de Carvalho, José Cid, Florência ou José Jorge Letria contam-se entre os nomes mais representados, para além de um incomum single de poesia de Eugénio de Andrade.

SÉRIE ATC
(1973)
Cinco discos direccionados a um público infantil formam esta série. Apenas o primeiro deles traz um original gravado por actores portugueses, sendo os restantes discos licenciamentos oriundos do Brasil.

SÉRIE SM
(1977)
Com oito discos conhecidos, quase toda a série é constituída por colectâneas de material anteriormente editado na Orfeu.

SÉRIE YSAT
(1980-1981)
Iniciada em 1980, nesta série publicaram-se discos de José Cid, de outros intérpetes associados ao Festival RTP da Canção, assim como músicos italianos.

SÉRIE GSAT
(1981)
Apesar do disco de abertura da série ser dos Roxigénio, um grupo rock que integrava o cantor António Garcez e o guitarrista Filipe Mendes, esta série é maioritariamente composta por discos de canções para crianças. Figuram igualmente vários trabalhos com originais de Pedro Jordão, um compositor que, desde o final da década de 60, participou na renovação da música ligeira em Portugal.

SÉRIE TSAT
(1982-1983)
Das novas séries iniciadas na década de 80, esta foi a mais longeva. Reúne discos de José Cid, Duo Ouro Negro ou Suzy Paula, com destaque para o single de sucesso "O Areias", uma versão da canção "Bécassine", popularizada em França por Chantal Goya. A série continuou após a venda da Orfeu à Rádio Triunfo.

editados e o folheto *Orfeu Antologia da Poesia Portuguesa* composta e impressa na Tipografia Empresa Guedes, reunindo biografias de Miguel Torga, José Régio e Alberto de Serpa da autoria de Alberto Uva com desenhos de capa e ilustrações interiores de Moreira Azevedo. Pela primeira vez em Portugal (sendo aliás raro na Europa e Estados Unidos) e logo sob o nome Orfeu, a generalidade dos grandes poetas portugueses regista obras fonograficamente. A sua voz e o sentido da própria interpretação oral de seus poemas ultrapassam o tempo biológico, ganhando outra dimensão.

A identidade visual Série AT (1956-1961) formada por LPs de 10" é indissociável da identidade gráfica dos primeiros anos de atividade da Orfeu, marcada pelo trabalho ilustrativo de Moreira Azevedo – podendo destacar-se a notável capa de Fernando Pessoa Dito por Jayme Valverde (AT 508), de 1959, ao qual se associam as honrosas colaborações de Isolino Vaz, Manuel Ribeiro de Pavia e Arpad Szènes.

Ao longo da década de 1960, a Orfeu diversificará, gradualmente, o seu catálogo musical. Na série ATEP, iniciada em 1960, as capas dos primeiros EPs são, ainda, desenhadas por Moreira Azevedo, numa linguagem que se aproxima, por vezes, da inspiração de Alex Steinweiss. No entanto, é a colaboração do fotógrafo Fernando Aroso que marca, indelevelmente, a gramática visual desta série, em capas predominantemente fotográficas.

Um dos grandes méritos de Fernando Aroso foi o de construir um registo gráfico capaz de definir uma dimensão identitária das várias séries (ATEP, SAT, KSAT, ATC) que a Orfeu edita ao longo das décadas de 1960 e 1970. As capas de expressão mais moderna que desenha na altura exploram a fotografia a preto e branco em alto-contraste. Paralelamente, conseguirá explorar com maestria uma abordagem etnográfica, em fotografias bucólicas, em tons pastel, por exemplo para *Acordeão* de Assis Jones (Orfeu, ATEP 6232, 1967) ou para *Regresso* de Virgílio Cervantes (Orfeu, ATEP 6132, 1965). Nestas, como em outras capas idênticas, as figuras humanas retratadas são femininas, surgindo no meio rural com fatos de trabalho, registadas de costas, parecendo exibir uma certa fragilidade perante a força da paisagem.

A par destes dois, um terceiro e decisivo léxico é criado por Fernando Aroso para a Orfeu, através de fotografias de estúdio, profundamente encenadas, cenográficas, onde o humor, por vezes surrealizante, tende a irromper, como encontramos nos discos *de 7 e Pico 8 e Coisa 9 e Tal* (Orfeu, ATEP 6080, 1963) e *O Carrapito da D. Aurora* (Orfeu, ATEP 6100, 1964), ambas para o Conjunto António Mafra.

Nas capas fotográficas, para além de Fernando Aroso, um conjunto de outros fotógrafos assinam colaborações com a Orfeu. A partir da década de 1970, assistimos a uma diversificação dessas colaborações, destacando-se o trabalho do fotógrafo portuense João Paulo Sotto Mayor, de Carlos Gil, Nuno Ferrari, Álvaro João, de Nick Boothman (talvez o principal fotógrafo de publicidade a trabalhar em Portugal neste período) e do fotógrafo francês Patrick Ulmann–

que trabalhou, entre outros, com Juliette Greco, Léo Ferré e Barbara– autor da edição fotográfica em alto-contraste que tornou icónica a capa de *Grândola, Vila Morena* (ATEP 6456) de José Afonso.

Sobretudo na segunda metade da década de 1970, a exploração de novas sonoridades dentro da música *pop*, *rock* e *folk* é acompanhada numa renovação da linguagem gráfica contida nas capas. Exemplificam-no bem os álbuns *Cantigas do Maio* de José Afonso (Orfeu, STAT 009, 1971) e *Palavras Ditas* de Mário Viegas (Orfeu, STAT 011, 1972), com design de José Santa-Bárbara.

O primeiro fonograma editado pela Orfeu após a Revolução intitula-se *A Força das Palavras* (Orfeu, STAT 020, 1974) reunindo canções de intérpretes, conotados com o que então se designa de "canto livre", com ligação contratual à editora: Adriano Correia de Oliveira, José Afonso, Francisco Fanhais, Mário Viegas e Samuel.

A ilustração da capa da autoria de José Luís Tinoco representa os dois elementos que, de forma mais notória, marcam a iconografia pós-revolucionária: a G3 e o cravo vermelho.

Neste período do final da década de 1970, as colaborações artísticas com a Orfeu diversificam-se. A maior base de implantação da editora em Lisboa, facilita um crescente envolvimento de designers, artistas plásticos e fotógrafos a trabalharem na capital e, em diversos casos, com relações de cumplicidade com os compositores ou intérpretes. Desta diversificação, que se traduz, também, num enriquecimento gráfico, são exemplos os contributos para a criação de capas dados por Rogério Ribeiro, Ana Malta Jotta – num ótimo trabalho para a Os Malteses (STAT 042) de Vitorino – e o prolífero contributo de Manuel Vieira em capas filiadas numa linguagem *Pop*.

Pertencem à série STAT (1968-1983) alguns dos mais importantes compositores e intérpretes da música popular portuguesa de entre o final da década de 1960 e o início da década de 1980 e algumas das capas mais icónicas da história do design gráfico português, como O Canto e as Armas (STAT 003) de Adriano Correia de Oliveira, onde o artista João Filipe Bugalho faz inscrever em *lettering* caligráfico o título da obra, num expressivo vermelho, sob a fotografia a preto e branco de uma massa humana em manifestação; a elegância gráfica da capa desenhada por José Santa-Bárbara para Traz Outro Amigo Também (STAT 005) de José Afonso; a magnífica capa de José Brandão, explorando um estilo de ilustração que o destacou, para Coro dos Tribunais (STAT 026), igualmente de José Afonso; ou a ilustração, dir-se-ia escultórica, com um notável controlo cromático com que Maria Keil desenha a capa de Que Nunca Mais (STAT 033) de Adriano Correia de Oliveira.

Paralelamente, as edições mais tardias de poemas lidos, nomeadamente o fonograma *Poemas de Eugénio de Andrade Lidos pelo Autor* (STAT 044) dão a possibilidade de dois dos mais destacados artistas plásticos e designers gráficos da sua geração, Armando Alves e José Rodrigues, colaborarem numa delicadíssima composição onde o desenho é o meio de expressão.

FIG.103b - "Discos Orféu: Catálogo Visual e Crítico" (2022), ESAD-idea. Imagens de Inês Nepomuceno (Nepomuceno, 2025a)

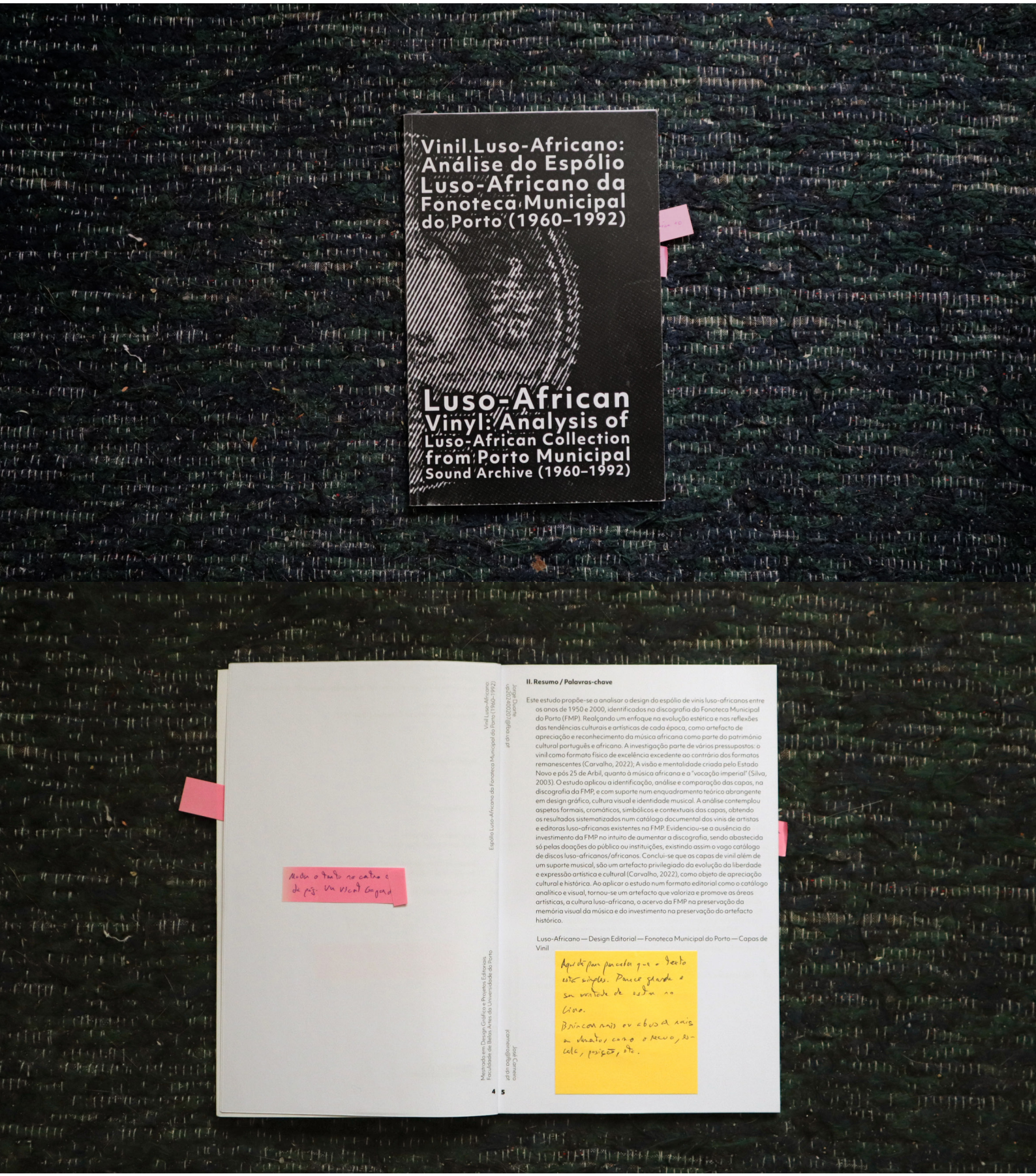


FIG.104a, 104b, 104c e 104d - Versão 1 do catálogo. Maquete apresentada no Ponto de Situação a Abril de 2026. Fotos por Jorge Duarte.

formato físico mais apreciado pessoalmente, o fonograma conhecido como disco de vinil ou abreviadamente de vinil, na área académica e profissional escolhida, o design editorial.

Ao longo desta investigação, realizou-se uma entrevista ao artista, investigador e colecionador Hugo Oliveira (Oliveira, 2018), que quando realizava o seu doutoramento, estudava etnomusicologia focada na editora Voz de Cabo Verde — segundo o mesmo a maior e das principais editoras de música de origem africana, em conjunto da RCA e Valentim de Carvalho. A entrevista proporcionou um esclarecimento do porquê o espólio luso-africano ser reduzido. Os retornados após a Revolução dos Cravos, trouxeram os seus pertences das antigas colónias, junto desses presentes estavam os discos de vinil de artistas africanos, que incluem artistas portugueses e das colónias (maioritariamente portugueses). Tal quantidade era baixa, além que a maior parte dos retornados, focou-se em Lisboa, logo, pelo resto do país eram poucos os indivíduos com tal posse — Hugo apresentou o seu exemplo, pois seu pai, um retornado de Angola, era o único da sua aldeia em Famalicão com discos luso-africanos.

O projeto propôs-se a coletar o espólio luso-africano da FMP e apresentar num catálogo visual, onde se encontrará o contexto histórico das várias épocas que os discos se inserem, além de mostrar, os principais itens de apreço visual.

2.2 Pergunta de Investigação

O projeto foi realizando várias perguntas ao longo de cada análise e decisão tomada. Inicialmente era a estipulação da quantidade de discos que existiriam na FMP. No projeto de Ana Carvalho, "Disco e daquilo: as capas de discos do rock português (1960-1989)", referenciava a FMP e na sua data de abertura, contendo uma estimativa de 35mil discos. A questão seguinte introduziu-se nos filtros ou parâmetros que o site da FMP cataloga o seu inventário, para decidir por qual parâmetro iria-se analisar o espólio. Conclui-se que a melhor forma de poder realizar a análise seria através do parâmetro "Artistas", pois em quantidade é menor que a totalidade dos discos presentes, como permite antever o trabalho do mesmo de maneira eficaz. Para tal pediu-se ajuda a um estudante do MDGPE da FBAUP, Julien Lima, para a criação de scripts para a extração da listagem de todos os artistas e outro para extrair as informações de cada artista e os seus vinis.

Obtém-se então um ficheiro CSV contendo 6907 artistas, individualmente analisados, e categorizados em quatro parâmetros — "Português", "Não Português", "Colónia Brasileira" e "Colónia Africana" [AP-1]. Sendo assim restou uma interrogação que era, qual parâmetro entrega uma quantidade manipulável para o projeto, sendo este "Colónia Africana" — 40 artistas de origem africana [AP-2]. Junto do orientador, planeou-se a entrevista a Hugo Oliveira, pelo seu conhecimento do tema da música luso-africana na área da etnomusicologia. Como citado anteriormente no subcapítulo "2.1. Motivação e Objetivos", criou a perceção do porquê de um espólio reduzido na FMP e em Portugal, e como a FMP não cresce a sua discografia.

Sendo assim formolizou-se várias questões que visam o objetivo do projeto, a realização de um catálogo visual que compile todo o espólio luso-africano, que apresente os artistas e editoras das várias épocas em que se inserem, como apresente o valor artístico e de design das capas com maior interesse de estudo nas áreas plásticas e visuais.

Qual o contexto histórico luso-africano que os discos de vinil da FMP se inserem?

Quais são os artistas e editoras inseridas na FMP e se são artistas com valor histórico, musical ou artístico?

Quantos e quais discos de interesse para as áreas visuais e plásticas se encontram no espólio luso-africano?

Como o catálogo visual deve representar e valorizar o espólio?

Porque a FMP não aumenta o seu espólio e como o pode fazer?

Quais entidades ou projetos que valorizam o luso-africano que possam servir de exemplo para a FMP?

2.3 [De]limitação do Estudo

O estudo atualmente encontra-se limitado principalmente na revisão de literatura, pois a quantidade de obras ou estudos na área do design e da musicologia africana são reduzidos. Em maioria, as obras/estudos focam-se em contextos socioculturais, no qual têm propósito neste estudo, pois procura-se entender resumidamente os contextos históricos que Portugal e as ex-Colónias se encontravam. Na entrevista com Hugo Oliveira, foi possível encontrar as principais obras que realizam esse objetivo do contexto histórico, ainda que sejam focados em Angola e Cabo Verde.

Na obra que irá ser referenciada no capítulo "3. Revisão de Literatura", "Intonations - A Social History of Music and Nation in Luanda Angola From 1945 to Recent Times" de Marissa Jean Moorman (2008), no capítulo "Introduction", podesse assumir o porquê de o espólio luso-africano da FMP ser diminuto em relação a outros. Segundo a autora, em inícios de 1940, António Salazar, começou a mover os chamados "assimilados" para Angola. Mas só em 1960 que as editoras como a Valentim de Carvalho — representante das marcas His Master Voice, RCA, Decca e Columbia desde o ano 1920 (Carvalho, 2025) — começaram a surgir nos países africanos, ou seja, qualquer disco que existisse nos países africanos provinham de Portugal e seriam de artistas portugueses. Ou seja, durante 20 anos (1940 a 1960 — disco mais datado no espólio luso-africano [AP-3]), as antigas colónias portuguesas, não produziram discos de vinis de origem africana, como os discos a serem produzidos posteriormente são poucos. Inclusive pode-se assumir que em 1950, como refere Marissa Moorman, Angola começa os seus primeiros passos para a sua independência — esta dada em entre 1974 e 1975 —, ou seja, em 24/25 anos, o país encontrou-se em lutas para a sua independência — durante esta época, qualquer ambiente ou trabalho que

Mestrado em Design Gráfico e Projetos Editoriais
Faculdade de Belas Artes da Universidade do Porto
José Carneiro
up202400307@fba.up.pt

Ana Firmino

1953 -

Cantora caboverdiana, natural da Ilha do Sal.

Carta de nha cretcheu | Kolá Records | 001-89 | "LP 12 | 1989

Ari Lopes

Cantor moçambicano.

A Festa | RR | RREP 0023 | "EP 7

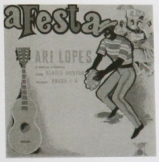
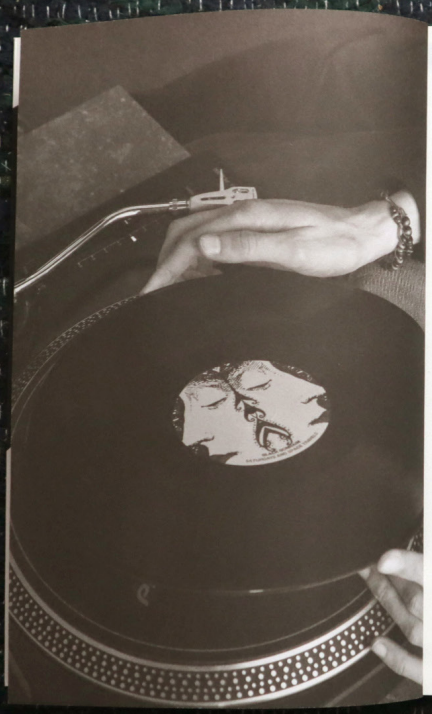


FIG.105a, 105b e 105c - "Ler Com o Ouvido 5 Anos de Fonoteca Municipal do Porto" (2025). Fotos por Jorge Duarte ao livro e do Instagram da FMP (FMP Instagram, 2026) (FMP, 2025)



LER COM O OUVIDO
5 ANOS DE FONOTECA MUNICIPAL DO PORTO

READING WITH YOUR EARS
5 YEARS OF FONOTECA MUNICIPAL DO PORTO

9 20	**5 anos de Fonoteca Municipal do Porto** 5 Years of Fonoteca Municipal do Porto	ARMANDO SOUSA, GUILHERME BLANC, JOÃO BRANDÃO & RUI MOREIRA	CONVERSA TALK
31 32	**TRADICIONAL OU POPULAR?** — **TRADITIONAL OR POPULAR?**		
34 39	**O Adufe: entre o passado e o presente** The Adufe: Between Past and Present	BÁRBARA TRABULO	PERCURSO ITINERARY
43 44	**Rancho Folclórico de Balão**	TERESA CAMPOS	RESENHA REVIEW
45 46	**Rosa Ramalho e a música folclórica** Rosa Ramalho and Folk Music	MARIA MANUELA RESTIVO	RESENHA REVIEW
48 53	**Luísa Basto**	MARIANA DUARTE	ENTREVISTA INTERVIEW
57 59	**Manifiesto, Víctor Jara**	SOFIA RAJADO	RESENHA REVIEW
62 66	**Concha de Mascarenhas e o som de Luanda** Concha de Mascarenhas and the Sound of Luanda	ANDRÉ FORTE	PERCURSO ITINERARY
69 70	**Tabanka Djaz**	ANDRÉ FORTE	RESENHA REVIEW
72 78	**Canal 16** Channel 16	RENATO CRUZ SANTOS	PERCURSO ITINERARY

5

ÍNDICE INDEX

83 84	**Ful por Alfama, Beatriz da Conceição**	ANA LOPES	RESENHA REVIEW
85 86	**S. João, Lenita Gentil**	ARMANDO SOUSA	RESENHA REVIEW
91 92	**HORIZONTES E FRONTEIRAS** — **HORIZONS AND FRONTIERS**		
94 101	**Cândido Lima**	ARMANDO SOUSA	ENTREVISTA INTERVIEW
107 109	**Gesualdo: Feria Sexta, Deller Consort**	JOSÉ CARLOS FERNANDES	RESENHA REVIEW
111 113	**Mozart: Concerto para piano N.º 21 K.467, Maria João Pires, Orquestra da Fundação Gulbekian, Theodor Guschlbauer**	JOSÉ CARLOS FERNANDES	RESENHA REVIEW
114 120	**Music of Portugal: a composição portuguesa além-fronteiras** Music of Portugal: Portuguese Composition Beyond Borders	PEDRO JUNQUEIRA MAIA	PERCURSO ITINERARY
127 129	**Canto Ecuménico / Litania / Homo Sapiens, Filipe Pires**	PEDRO JUNQUEIRA MAIA	RESENHA REVIEW
130 134	**1957: o ano em que Miles Davis "explodiu"** 1957: The Year Miles Davis "Exploded"	JOSÉ CARLOS FERNANDES	PERCURSO ITINERARY
137 139	**Orfeu Negro, João Gilberto**	RODRIGO ALZUGUIR	RESENHA REVIEW

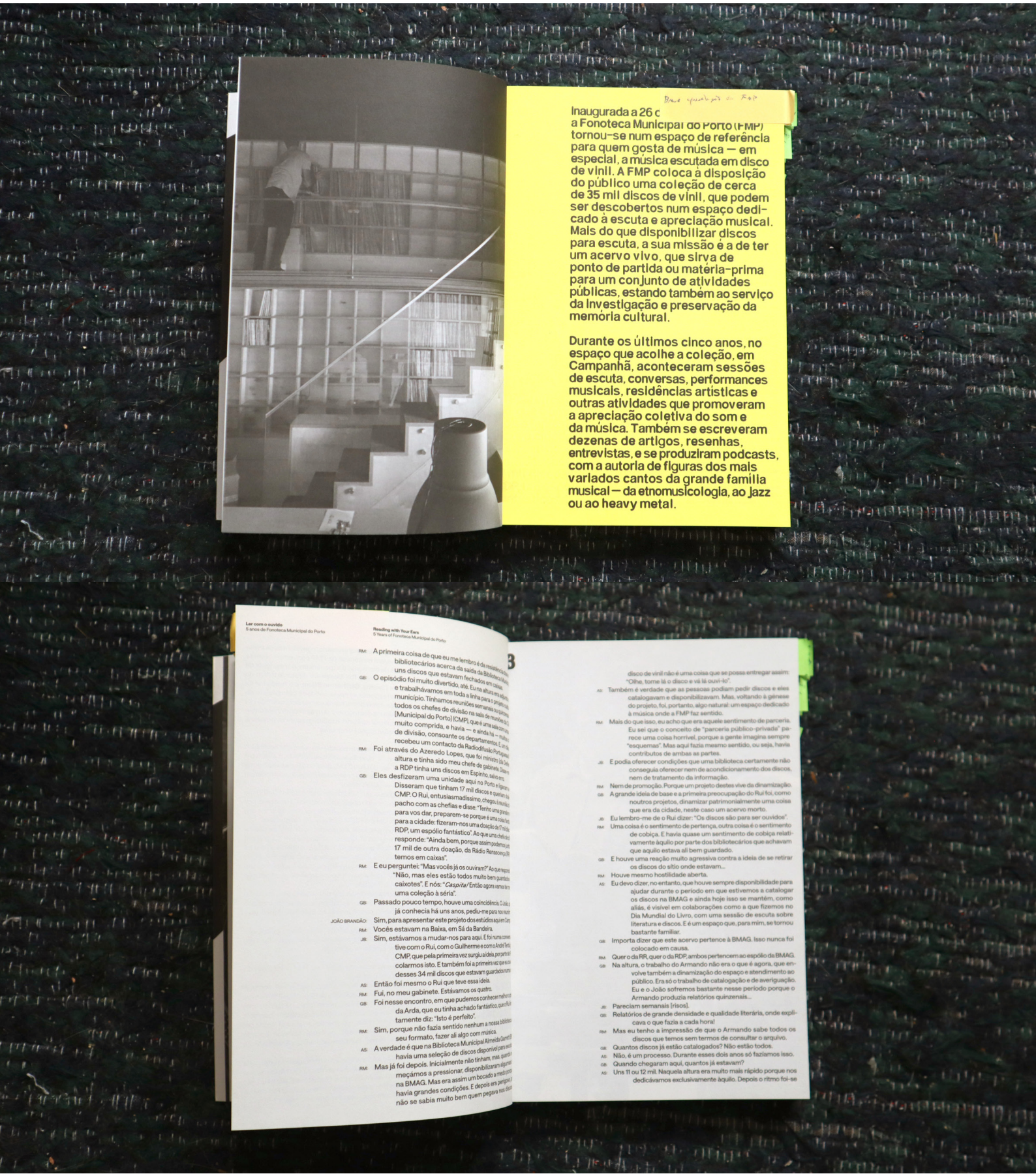
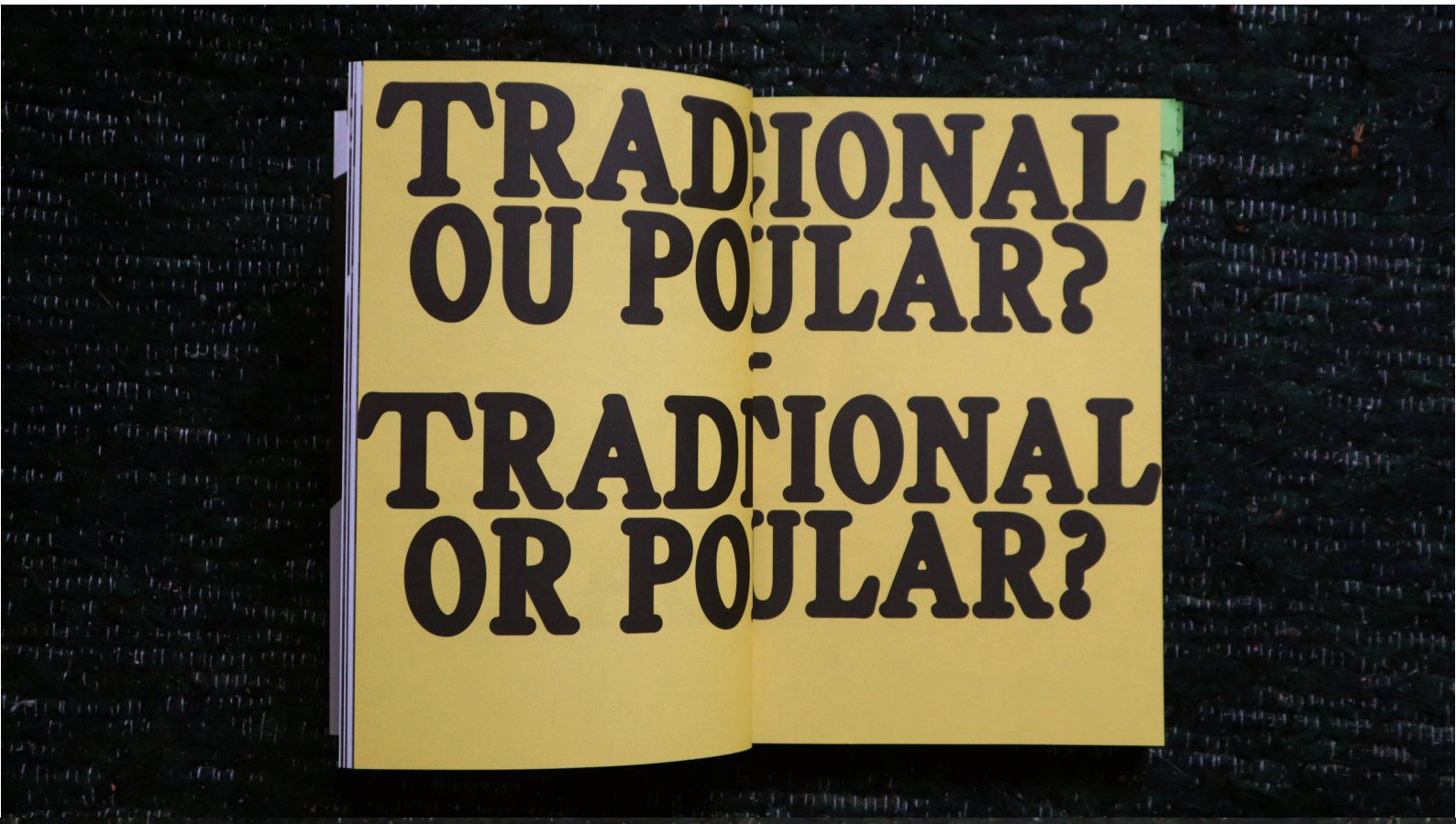
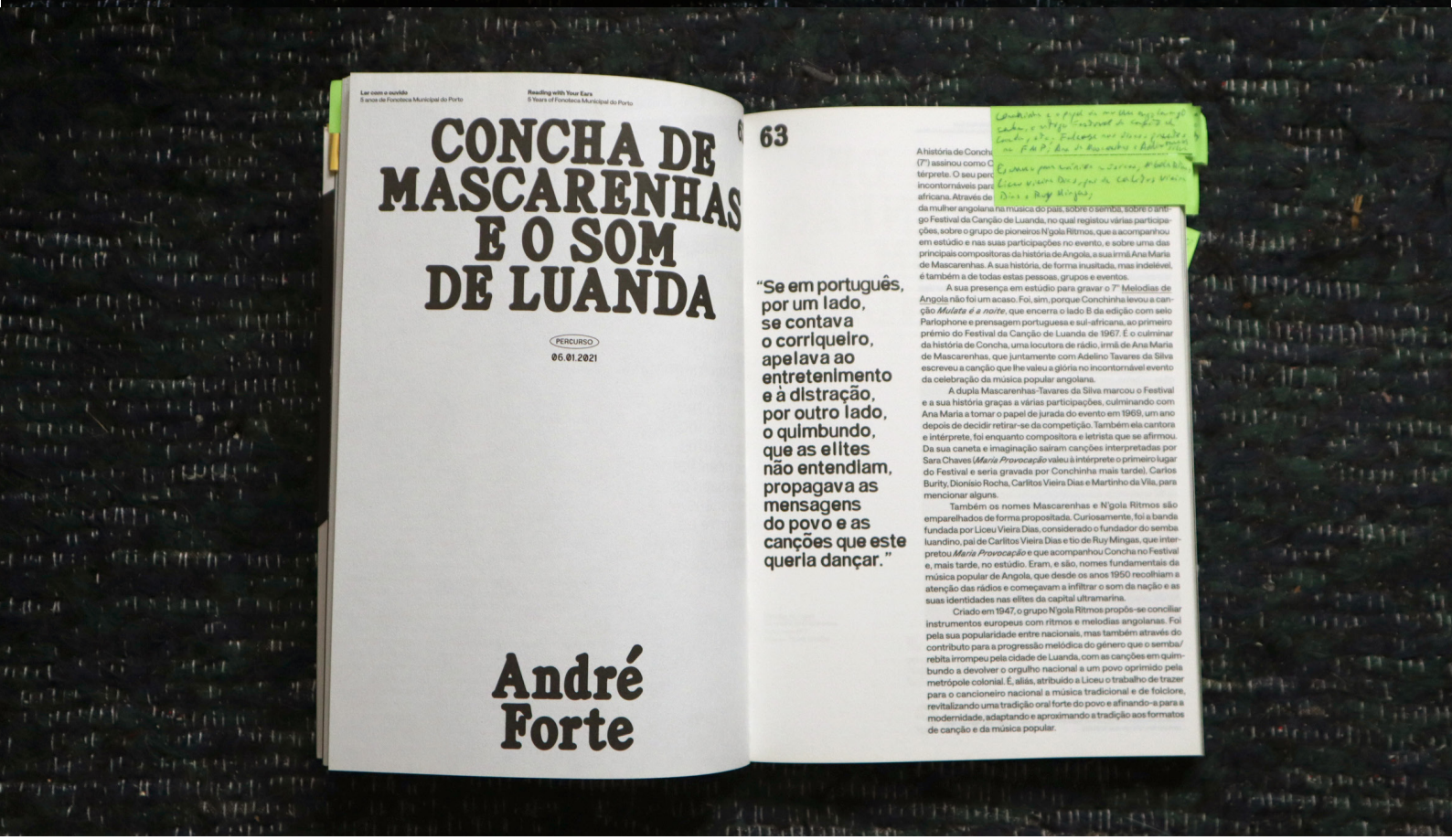


FIG.105d, 105e, 105f e 105g - "Ler Com o Ouvido 5 Anos de Fonoteca Municipal do Porto" (2025). Fotos por Jorge Duarte ao livro e do Instagram da FMP (FMP Instagram, 2026) (FMP, 2025)


TRADIONAL
OU POPULAR?
TRADIONAL
OR POPULAR?


Ler com o ouvido
5 anos de Fonoteca Municipal do Porto
Reading with Your Ears
5 Years of Fonoteca Municipal do Porto
CONCHA DE MASCARENHAS E O SOM DE LUANDA
PERCURSO
06.01.2021
André Forte
63
"Se em português, por um lado, se contava o corriqueiro, apelava ao entretenimento e à distração, por outro lado, o quimbundo, que as elites não entendiam, propagava as mensagens do povo e as canções que este queria dançar."
A história de Concha
(7") assinou como C
térprete. O seu perc
incontornáveis para
africana. Através de
da mulher angolana na música do país, sobre o semba, sobre o antigo Festival da Canção de Luanda, no qual registou várias participações, sobre o grupo de pioneiros N'gola Ritmos, que a acompanhou em estúdio e nas suas participações no evento, e sobre uma das principais compositoras da história de Angola, a sua irmã Ana Maria de Mascarenhas. A sua história, de forma insultada, mas indelével, é também a de todas estas pessoas, grupos e eventos.
A sua presença em estúdio para gravar o 7" Melodias de Angola não foi um acaso. Foi, sim, porque Conchinha levou a canção *Mulata é a noite*, que encerra o lado B da edição com selo Parlophone e prensagem portuguesa e sul-africana, ao primeiro prémio do Festival da Canção de Luanda de 1967. É o culminar da história de Concha, uma locutora de rádio, irmã de Ana Maria de Mascarenhas, que juntamente com Adelino Tavares da Silva escreveu a canção que lhe valeu a glória no incontornável evento da celebração da música popular angolana.
A dupla Mascarenhas-Tavares da Silva marcou o Festival e a sua história graças a várias participações, culminando com Ana Maria a tomar o papel de jurada do evento em 1969, um ano depois de decidir retirar-se da competição. Também ela cantora e intérprete, foi enquanto compositora e letrista que se afirmou. Da sua caneta e imaginação saíram canções interpretadas por Sara Chaves (*Maria Provocação* valeu à intérprete o primeiro lugar do Festival e seria gravada por Conchinha mais tarde), Carlos Burity, Dionísio Rocha, Carlitos Vieira Dias e Martinho da Vila, para mencionar alguns.
Também os nomes Mascarenhas e N'gola Ritmos são emparelhados de forma propositada. Curiosamente, foi a banda fundada por Liceu Vieira Dias, considerado o fundador do semba luandino, pai de Carlitos Vieira Dias e tio de Ruy Mingas, que interpretou *Maria Provocação* e que acompanhou Concha no Festival e, mais tarde, no estúdio. Eram, e são, nomes fundamentais da música popular de Angola, que desde os anos 1950 recolhiam a atenção das rádios e começavam a infiltrar o som da nação e as suas identidades nas elites da capital ultramarina.
Criado em 1947, o grupo N'gola Ritmos propôs-se conciliar instrumentos europeus com ritmos e melodias angolanas. Foi pela sua popularidade entre nacionais, mas também através do contributo para a progressão melódica do género que o semba/rebita irrompeu pela cidade de Luanda, com as canções em quimbundo a devolver o orgulho nacional a um povo oprimido pela metrópole colonial. É, aliás, atribuído a Liceu o trabalho de trazer para o cancioneiro nacional a música tradicional e de folclore, revitalizando uma tradição oral forte do povo e afinando-a para a modernidade, adaptando e aproximando a tradição aos formatos de canção e da música popular.

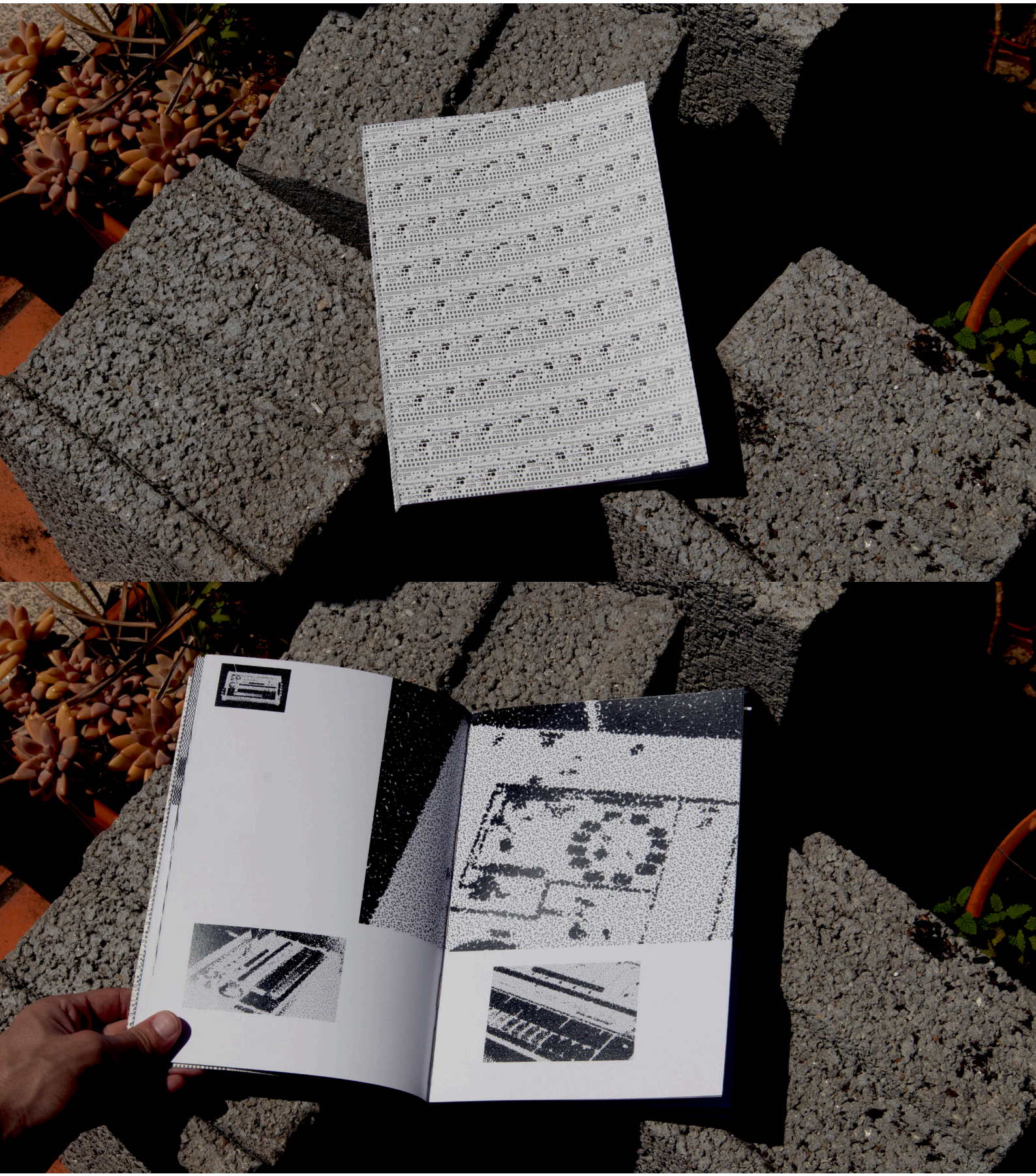


FIG.106a, 106b, 106c e 106d - "Haircuts For Men" (2025), Proposta 2 da UC de Projeto, realizado por Jorge Duarte (Duarte, 2025)

58
59
60
61
R. Stevie Moore é a principal referência não só da gravação caseira, mas também da
música independente. Facto que se pode comprovar pelos seus álbuns, gravados
no seu estúdio no norte de New Jersey, e por anos ter sido membro da WFMU - uma
estação de rádio comunitária independente, não comercial.
Esta cultura não parou só pelo rock e punk. Em 1980 deixou-se de referenciar o
lo-fi como música de baixa qualidade e, pelos anos 90, "os elementos do lo-fi foram
adaptados para criar sons mais corajosos e crus, ao contrário do pop rock". Essas
adaptações ocorreram por causa do surgimento do indie rock e do grunge. Anos
mais tarde incorporou-se um ambiente difuso e estático, para aprimorar a música,
o que colocou o cantor Beck e os The Strokes na vanguarda do garage rock.

Rui de Mascarenhas

1929 - 1987

Cantor português, natural de Vila Pery, Moçambique.

Descendência Portuguesa
Descendência Luso-Africana
- Angola
- Moçambique
- Cabo-Verde
- Santomé e Príncipe
- Guiné-Bissau

Grupo Polygram
Grupo Rádio Triunfo
Grupo Movieplay (MBP)
Grupo Valentim de Carvalho/EMI
Editoras Independentes/Especializadas

Década de 1960
Década de 1970
Década de 1980
Década de 1990
Década de Indefenida

Tipografia
- Serif
- Sans Serif
- Humanista
- Geomátrica
- Gótica
- Caligrafia
- Gráfica

Ilustração
- Artística
- Cômica

Fotografia
- Editada
- Cultural
- Paisagista
- Retrato
- Artística

Artes
- Plásticas
- Performativas

Design
- Índicios
- Designer

Ana Maria | Rui de Mascarenhas | Alvorada | MEP 60167 | "EP 7
Avril au Portugal | Maria de Lourdes Resende, Rui de Mascarenhas, Simone de Oliveira, Anita Guerreiro | Alvorada | MEP 60135 | "EP 7 | 1961
Álbum de Recordações | Rui de Mascarenhas | Polydor | 823540-1 | "LP 12 | 1984
Mascarenhas | Rui de Mascarenhas | Zafiro | Z-E 353 | "EP 7 | 1962
Mascarenhas | Rui de Mascarenhas | Zafiro | Z-E 426 | "EP 7 | 1963
Mascarenhas | Rui de Mascarenhas | Zafiro | Z-E 365 | "EP 7 | 1962
Mascarenhas | Rui de Mascarenhas | Zafiro | Z-E 349 | "EP 7 | 1962
Mascarenhas | Rui de Mascarenhas | Zafiro | Z-E 448 | "EP 7 | 1963
Mascarenhas | Rui de Mascarenhas | Zafiro | Z-E 362 | "EP 7 | 1963
Mascarenhas | Rui de Mascarenhas | Zafiro | Z-E 427 | "EP 7 | 1963
Portugal à beira mar / Lisboa queimando | Rui de Mascarenhas | RPE | RPE 1009 | "Single 7 | 1980
Regresso | Rui de Mascarenhas | Horizonte | LP-S-20 | "LP 12 | 1984
Rui de Mascarenhas | Rui de Mascarenhas | Alvorada | AEP 60687 | "EP 7
Rui de Mascarenhas | Rui de Mascarenhas | Alvorada | MEP 60072 | "EP 7
Rui de Mascarenhas | Rui de Mascarenhas | Estúdio | EEP 50005 | "EP 7
Rui Mascarenha | Rui de Mascarenhas | RCA | TP-336 | "EP 7
Rui Mascarenhas | Rui de Mascarenhas | RCA | TP 335 | "EP 7
Rui Mascarenhas | Rui de Mascarenhas | RCA | TP 334 | "EP 7
Rui Mascarenhas | Rui de Mascarenhas | Zafiro | Z-E 454 | "EP 7 | 1963
Rui Mascarenhas | Rui de Mascarenhas | Decca | 451.014 | "EP 7
Rui Mascarenhas | Rui de Mascarenhas | Decca | PEP 1029 | "EP 7
Rui Mascarenhas | Rui de Mascarenhas | Alvorada | AEP 60642 | "EP 7
Rui Mascarenhas | Rui de Mascarenhas | Decca | 451.045 | "EP 7
Rui Mascarenhas canta fados | Rui de Mascarenhas | RCA | TP 456 | "EP 7
Saudade de... | Rui de Mascarenhas | EMI | 2605471 | "LP 12 | 1985

FIG.107a - Versão 3 do Catálogo. Spread exemplo de apresentação do artista e discos correspondentes.

FIG.107b - Versão 3 do Catálogo. Spread exemplo de apresentação das capas dos discos.

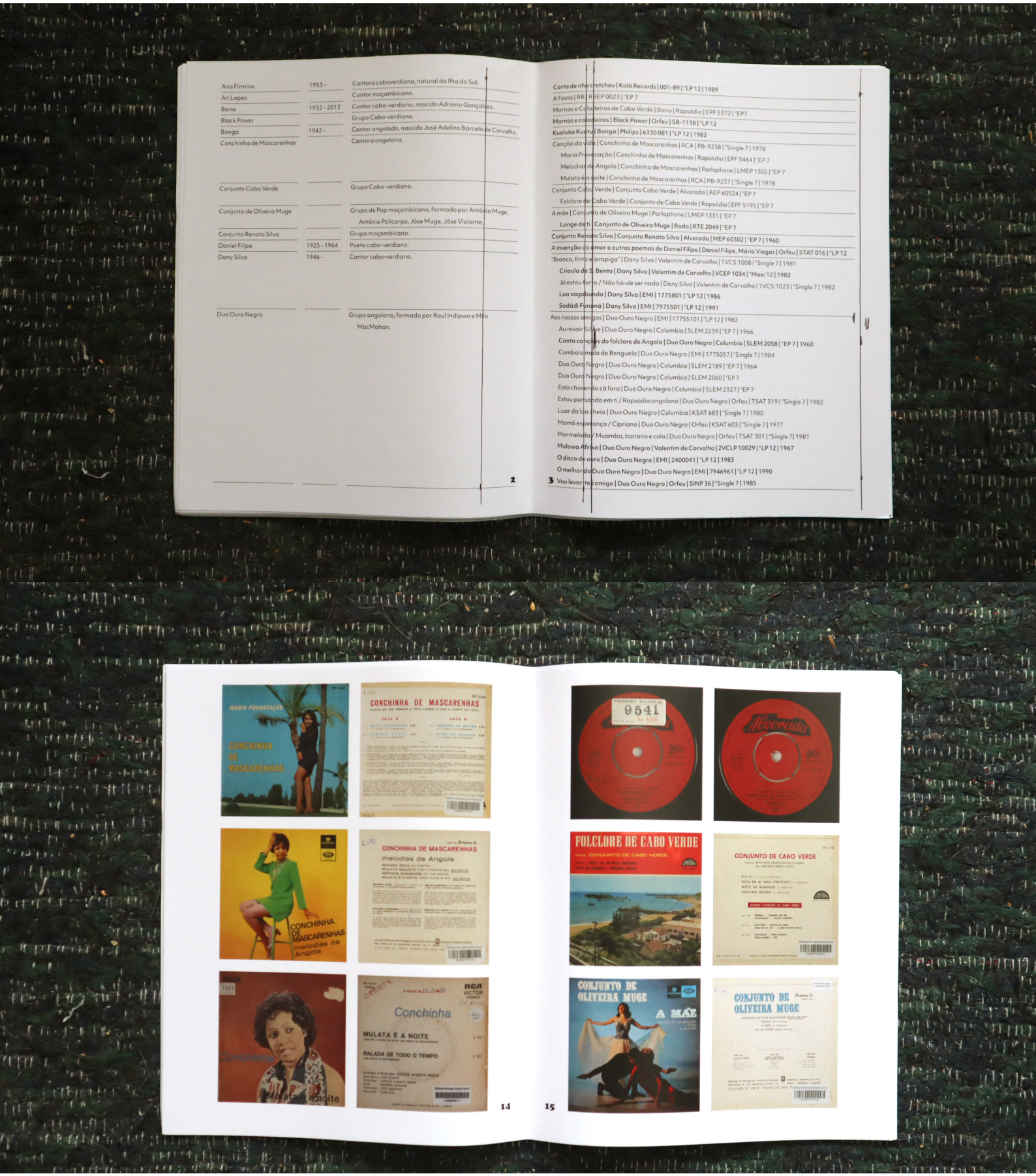


FIG.107c, 107d, 107e e 107f - Versão 3.1 do catálogo. Fotos por Jorge Duarte.

Editoras	Aparições	Anos
0	1	1990
Alvorada	38	1960 - 1961 - 1968 - 1969 - 1970 - 1973 - 1978 - 1979 - 1980 - 1981
A Voz do Dono	1	
Barclay	1	1985
Columbia	6	1960 - 1964 - 1966 - 1980
Da Nova	1	1981
Decca	6	
Diapasão	1	1982
Discossete	5	1987 - 1990 - 1991 - 1992
EMI	8	1975 - 1985 - 1986 - 1991
Estúdio	2	
Gilberto Gil Umbelina	1	1988
Horizonte	1	1984
Kolá Records	1	1989
London	1	
Materfonis	2	1986
MBP	1	
N'Gola	1	
Odeon	1	1983
Orfeu	7	1978 - 1983 - 1984 - 1985
Ovação	1	1988
Parlophone	2	
Philips	1	1982
Polydor	5	1981 - 1982 - 1984 - 1992
Polygram	2	1992
Portugalsom	1	1987
Rádio Triunfo	3	1980 - 1981 - 1982
Rapsódia	3	
RCA	7	1975 - 1976 - 1978
RPE	1	1980
Roda	5	1977 - 1978 - 1980
RR	1	
Tecla	2	1974

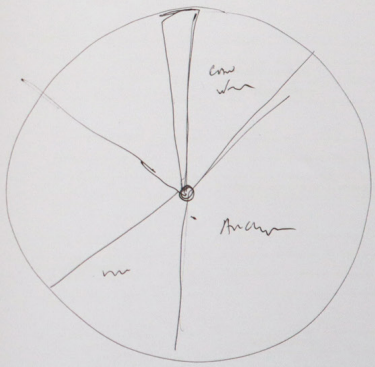
Valentim de Carvalho	3	1981 - 1982
Vidisco	2	1989
Zafiro	8	1962 - 1963
Zip Zip	1	1974

Grupo Valentim de Carvalho/EMI
Grupo PolyGram (atualmente Universal Music)
Grupo Rádio Triunfo
Grupo Movieplay (MBP)
Editoras Independentes / Especializadas

Uma nota importante: A RCA e a Zafiro eram frequentemente distribuídas pela Telectra em Portugal durante grande parte desse período, antes de a BMG absorver a RCA a nível global em meados dos anos 80.

Artistas	Origem Africana	Origem Portuguesa	No ID
Ana Firmino	X		
Ari Lopes	X		
Bana	X		
Black Power	X		
Bonga	X		
Conchinha de Mascarenhas	X		
Conjunto Cabo Verde	X		
Conjunto de Cabo Verde	X		
Conjunto de Oliveira Muge		X	
Conjunto Renato Silva	X		
Daniel Filipe	X		
Dany Silva	X		
Dua Ouro Negro	X		
Eleutério Sanches	X		
Fernando Carvalho	X		
Fernando Quejas		X	
Filipe de Sousa		X	
Filipe Mukenga	X		
Gilberto Gil Umbelina	X		
Henrik Lanjele	X		
João Maria Tudela		X	
Johnny Rodrigues	X		
Justino Delgado	X		
Marino Silva		X	
Mário Mata		X	
Mory Kanté	X		
Os Gingas	X		
Paulo Bragança		X	
Paulo Flores	X		
Ramiro Naka	X		
Raúl Indipwo	X		
Rui de Mascarenhas		X	
Rui Mingas	X		
Sum Alvarinho	X		

Tabanka Djaz	X		
Teta Lando	X		
Titina	X		
Tó Neto	X		
Vasco Rafael		X	
Waldemar Bastos	X		



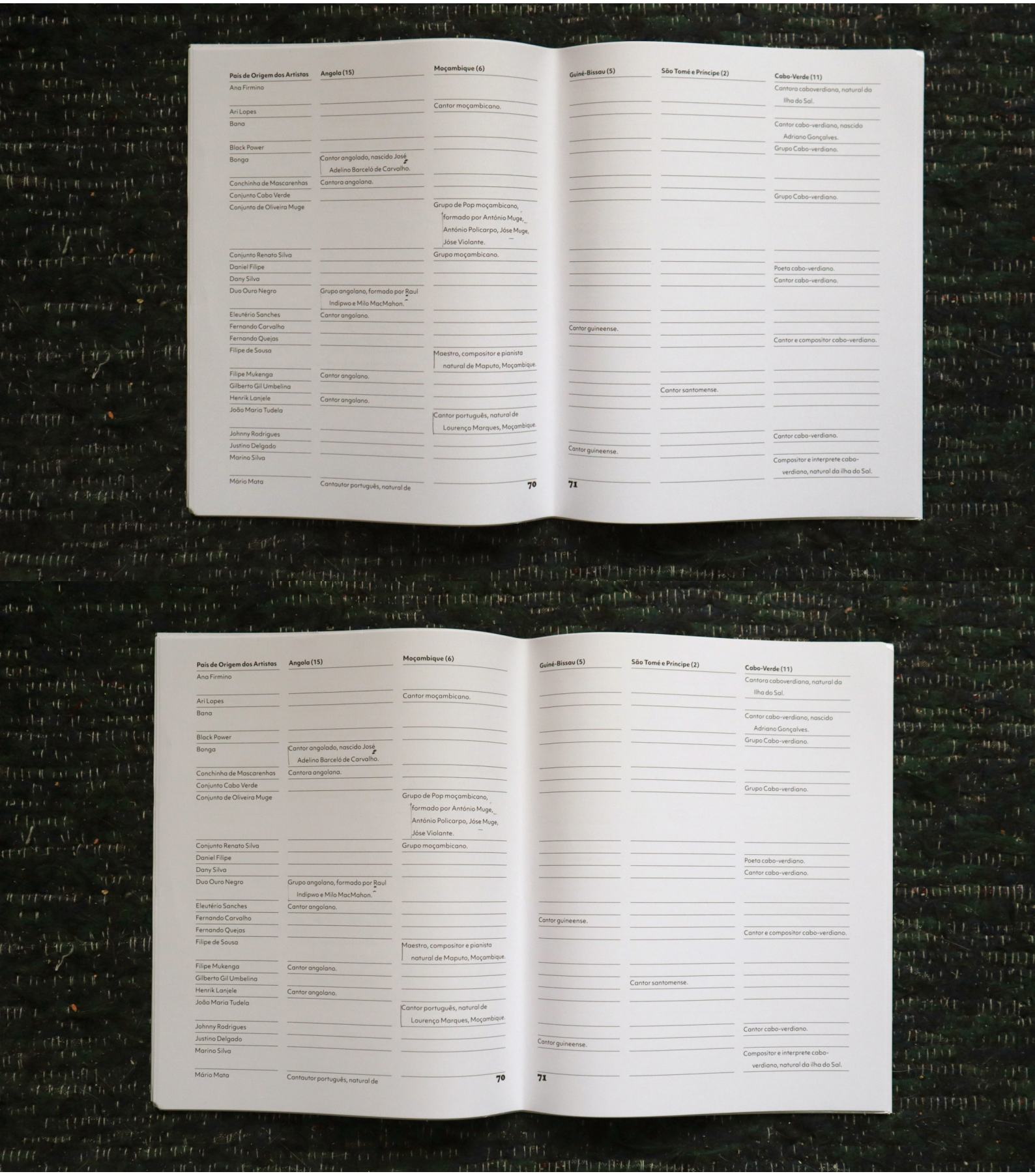
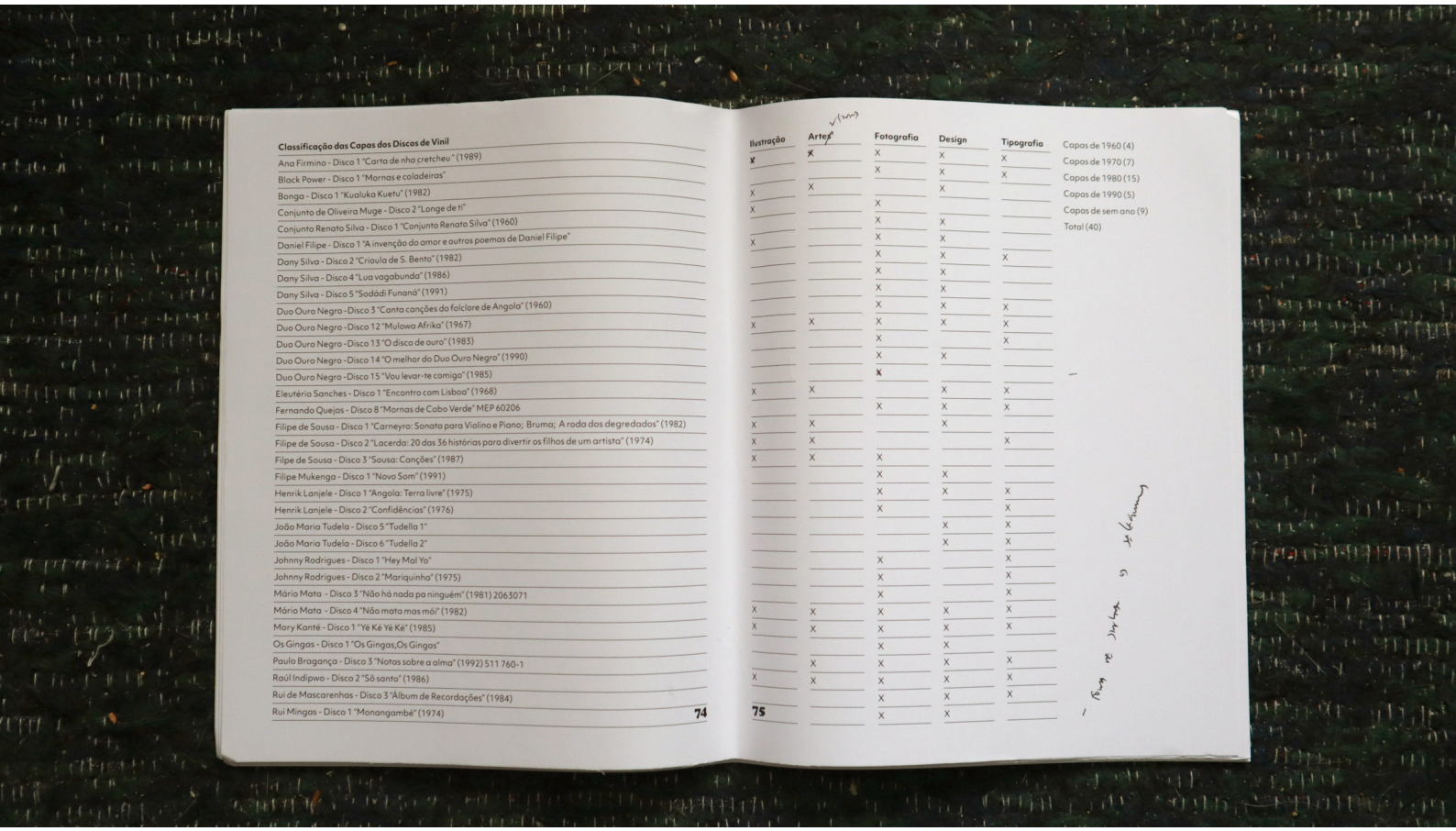


FIG.107g, 107h, e 107i - Versão 3.1 do catálogo.
Fotos por Jorge Duarte.



Classificação das Capas dos Discos de Vinil	Ilustração	Artes	Fotografia	Design	Tipografia
Ana Firmino - Disco 1 "Carta de nha cretcheu" (1989)	X	X	X	X	X
Black Power - Disco 1 "Mornas e coladeiras"			X	X	X
Bonga - Disco 1 "Kualuka Kuetu" (1982)	X	X		X	
Conjunto de Oliveira Muge - Disco 2 "Longe de ti"	X		X		
Conjunto Renato Silva - Disco 1 "Conjunto Renato Silva" (1960)			X	X	
Daniel Filipe - Disco 1 "A invenção do amor e outros poemas de Daniel Filipe"	X		X	X	
Dany Silva - Disco 2 "Crioula de S. Bento" (1982)			X	X	X
Dany Silva - Disco 4 "Lua vagabunda" (1986)			X	X	
Dany Silva - Disco 5 "Sodádi Funanã" (1991)			X	X	
Duo Ouro Negro - Disco 3 "Canta canções do folclore de Angola" (1960)			X	X	X
Duo Ouro Negro - Disco 12 "Mulowa Afrika" (1967)	X	X	X	X	X
Duo Ouro Negro - Disco 13 "O disco de ouro" (1983)			X		X
Duo Ouro Negro - Disco 14 "O melhor do Duo Ouro Negro" (1990)			X	X	
Duo Ouro Negro - Disco 15 "Vou levar-te comigo" (1985)			X		
Eleutério Sanches - Disco 1 "Encontro com Lisboa" (1968)	X	X		X	X
Fernando Quejas - Disco 8 "Mornas de Cabo Verde" MEP 60206			X	X	X
Filipe de Sousa - Disco 1 "Carneyro: Sonata para Violino e Piano; Bruma; A roda dos degredados" (1982)	X	X		X	
Filipe de Sousa - Disco 2 "Lacerda: 20 das 36 histórias para divertir os filhos de um artista" (1974)	X	X			X
Filipe de Sousa - Disco 3 "Sousa: Canções" (1987)	X	X	X		
Filipe Mukenga - Disco 1 "Novo Som" (1991)			X	X	
Henrik Lanjele - Disco 1 "Angola: Terra livre" (1975)			X	X	X
Henrik Lanjele - Disco 2 "Confidências" (1976)			X		X
João Maria Tudela - Disco 5 "Tudella 1"				X	X
João Maria Tudela - Disco 6 "Tudella 2"				X	X
Johnny Rodrigues - Disco 1 "Hey Mal Yo"			X		X
Johnny Rodrigues - Disco 2 "Mariquinha" (1975)			X		X
Mário Mata - Disco 3 "Não há nada pa ninguém" (1981) 2063071			X		X
Mário Mata - Disco 4 "Não mata mas mói" (1982)	X	X	X	X	X
Mory Kanté - Disco 1 "Yé Ké Yé Ké" (1985)	X	X	X	X	X
Os Gingas - Disco 1 "Os Gingas,Os Gingas"			X	X	
Paulo Bragança - Disco 3 "Notas sobre a alma" (1992) 511 760-1		X	X	X	X
Raúl Indipwo - Disco 2 "Sô santo" (1986)	X	X	X	X	X
Rui de Mascarenhas - Disco 3 "Álbum de Recordações" (1984)			X	X	X
Rui Mingas - Disco 1 "Monangambé" (1974)			X	X	

Capas de 1960 (4)
Capas de 1970 (7)
Capas de 1980 (15)
Capas de 1990 (5)
Capas de sem ano (9)
Total (40)

74 75

FIG.107g, 107h, e 107i - Versão 3.1 do catálogo.
Fotos por Jorge Duarte.

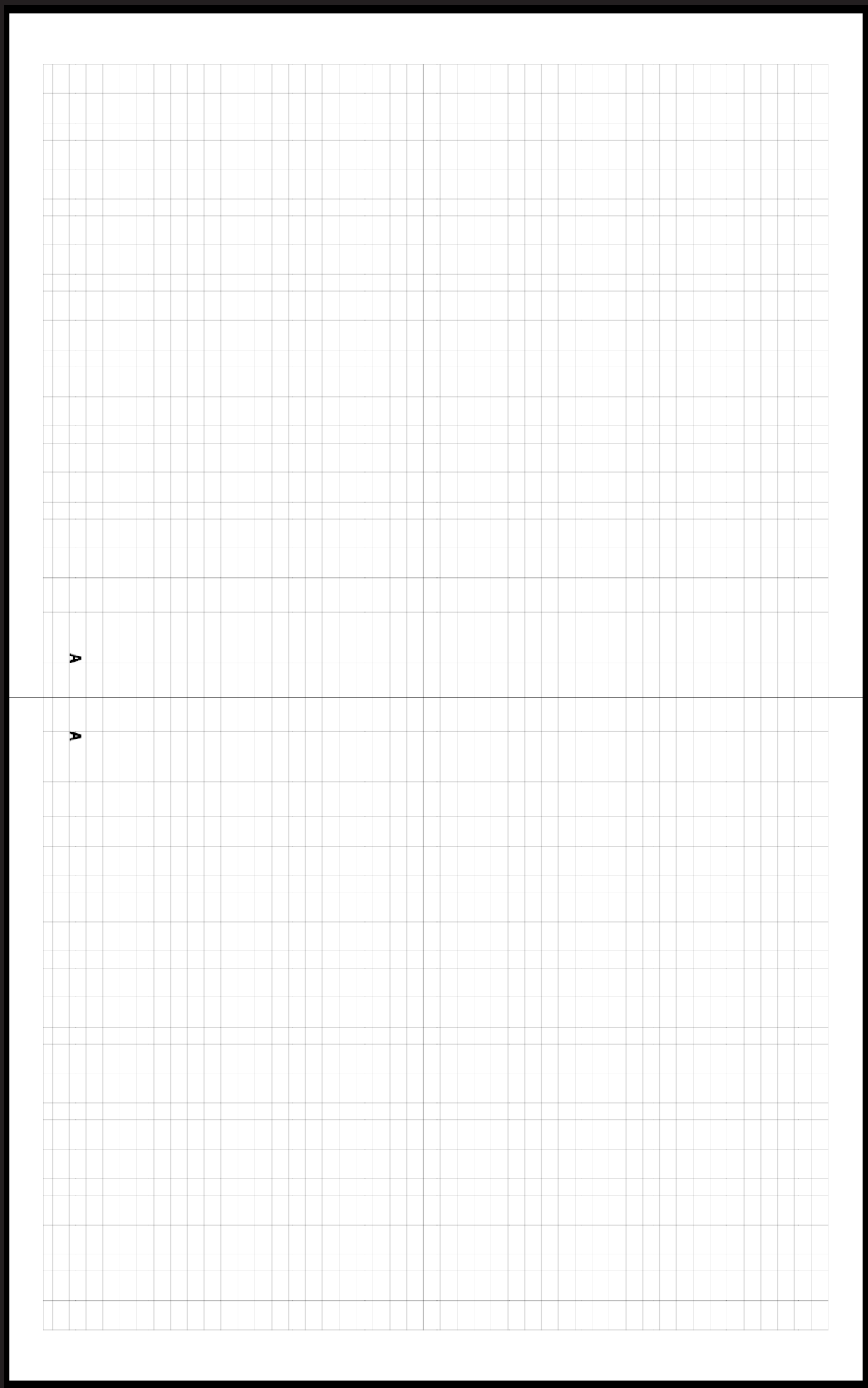


FIG.108 - Versão 4 do Catálogo. Spread exemplo do conceito de célula e grelha aplicada no obejto editorial.

FIG.109a - "Órbita" (2018), GNRATION, poster realizado por João Queirós (GNRATION, 2018)

FIG.109b - "Órbita" (2018), GNRATION, poster realizado por João Queirós (GNRATION, 2018)

FIG.110a - "Aesthetic Legacy of the Tropicália Movement" (2021), José Alexandre (Alexandre, 2021)

FIG.110b - "Aesthetic Legacy of the Tropicália Movement" (2021), José Alexandre (Alexandre, 2021)

FIG.110c - "Aesthetic Legacy of the Tropicália Movement" (2021), José Alexandre (Alexandre, 2021)

FIG.111a, 111b, 111c e 111d - Versão 4 do catálogo. Primeiros usos da grelha. Fotos por Jorge Duarte.

1. Contexto

O presente projeto tem como objeto de estudo o espólio de discos de vinis luso-africanos presentes na FMP, pretendendo assim, identificar, analisar e documentar as editoras e artistas luso-africanos, como a sua presença musical em Portugal.

A FMP é a maior e a única discografia de discos de vinil em Portugal, um projeto criado pela Câmara Municipal do Porto e orientado pela Ágora Cultura e Desporto. O projeto partiu da discografia presente na Biblioteca Municipal Almeida Garret e duas doações da Rádio Renascença e a Rádio Difusão Portuguesa, catalogando mais de 35 mil discos. Este património incluí cerca de 6907 artistas de origens variadas datados da década de 1950 à atualidade contemporânea (FMP, 2025)(Ágora Cultura e Desporto, 2025).

Pela dimensão da discografia, realizou-se inicialmente uma análise e identificação ao catálogo que dividiu os artistas em quatro parâmetros, "Português", "Não Português", "Luso-Africano" e "Luso-Americana (Brasil)". Os resultados obtidos – 4470 artistas estrangeiros, 2185 artistas portugueses, 202 artistas de origem brasileira e 40 de origem africana – apontaram para uma escassez no panorama luso-africano. Em conjunto com o orientador o Doutor Prof. José Carneiro, definiu-se o foco do projeto para os artistas de origem africana, não só pela escassez de conteúdo físico, como para manuseamento e realização do projeto.

Este projeto desenvolveu dois artefactos editoriais, sendo os mesmos um catálogo analítico e visual do design das capas dos discos de vinil e um relatório de projeto, que documenta o contexto sociocultural das épocas que o espólio se insere (1960-1992) e a metodologia aplicada à análise visual do espólio e desenvovimento do catálogo. Conclui-se que o espólio luso-africano presente na FMP por muito reduzido seja comparado a outros espólios presentes, o mesmo contêm vários dos discos e artistas essenciais das suas épocas, como a FMP realiza um trabalho contínuo da divulgação cultural e arquivista da sua função e espaço.

2. Problemática

2.1 Motivação e Objetivos

O tema principal deste projeto é música aplicada ao formato físico, neste contexto, o disco de vinil, pela sua excelência na dimensão, qualidade de áudio e design das capas. O interesse pelo formato físico parte de um contexto pessoal – uma relação entre pai e filho envolvendo a música como artefacto de apreciação, principalmente o vinil, pela

FMP. (2025). Ler com o ouvido: 5 anos de Fonoteca Municipal do Porto - Fonoteca Municipal do Porto. Cm-Porto.pt. https://fonoteca.cm-porto.pt/atividades/ler-com-o-ouvido-5-anos-de-fonoteca-municipal-do-porto-20251016/

Ágora Cultura e Desporto. (2025). Fonoteca Municipal do Porto. Porto Ágora Cultura E Desporto. https://www.agoraporto.pt/cultura/fonoteca-municipal-do-porto

FBAUP. (2025). FBAUP Exposição | ECO: ONDA SONORA. Sigarra up.pt. https://sigarra.up.pt/fbaup/pt/noticias_geral.ver_noticia?p_nr=42502

Oliveira, H. (2018). I2ADS - Instituto de Investigação em Arte, Design e Sociedade | I2ads.up.pt. https://i2ads.up.pt/eventos/o-lugar-do-som-nas-artes-plasticas/

Carvalho, A. C. C. (2022). Disco à daquilo: as capas de discos do rock português (1960-1989). In Universidade do Porto. https://doi.org/10.34626/eab0-1985

FMP. (2026). Artistas - Fonoteca Municipal do Porto. Cm-Porto.pt. https://fonoteca.cm-porto.pt/artistas/

esad-idea. (2017, May 4). Orfeu Records (1956-1983) – imagens/palavras/sons. Esad.pt. https://esad.pt/en/archive/discos-orfeu-1956-1983-imagenspalavrassons

esad-idea. (2022, October). esad-arte&design · Orfeu (1956-1983). Esad.pt. https://www.esad.pt/en/research-projects/orfeu

Nepomuceno, I. (2025a, September 8). "Discos Orfeu: Catálogo Visual e Crítico." Instagram. https://www.instagram.com/ines_nepomuceno_design/p/DOwT3d4DPGR/

Nepomuceno, I. (2025b, September 19). "Discos Orfeu: Catálogo Visual e

sua sonoridade, preciosidade, estética e fragilidade, tanto como marco histórico social, cultural e artístico; uma forma de documentar as relações luso-africanas, no qual fazem parte alguns membros familiares, tornando este projeto uma dedicatória – e académico – a orientação do Doutor Professor José Carneiro e o seu trabalho contínuo na área da música e a imagem – como visto no seu último projeto "ECO: ONDA SONORA" (FBAUP, 2025); a descoberta da FMP a partir do orientador. O contexto pessoal construiu ao longo do tempo um apreço pelo formato físico de várias áreas, dando enfoque à música, tal como os CDs, MiniDisc, Cassete, Vinil, entre outros. O contexto académico permitiu o estudo aprofundado do formato físico mais apreciado pessoalmente, o fonograma conhecido como disco de vinil ou abreviadamente de vinil, na área académica e profissional escolhida, o design editorial.

Ao longo desta investigação, realizou-se uma entrevista ao artista, investigador e colecionador Hugo Oliveira (2018), que quando realizava o seu doutoramento, estudava etnomusicologia focada na editora Voz de Cabo Verde – segundo o mesmo a maior e das principais editoras de música de origem africana, em conjunto da RCA e Valentim de Carvalho. A entrevista proporcionou vários esclarecimentos, desde os estudos reduzido aos espólios luso-africanos e algumas causas pela dimensão reduzida do espólio presente na FMP.

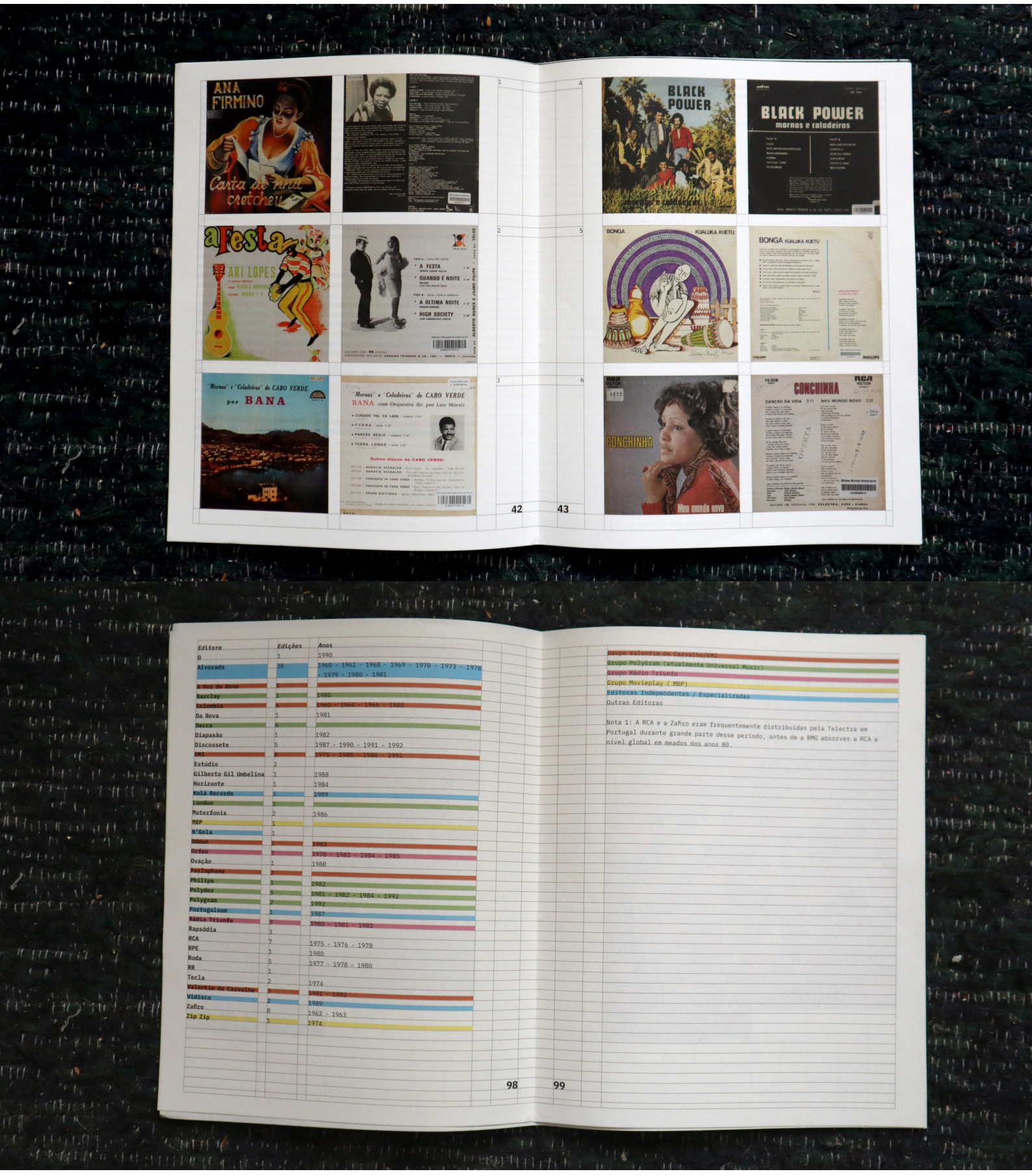
O projeto propôs-se a coletar o espólio luso-africano da FMP e apresentar num catálogo visual a parte gráfica e num relatório de proeto a parte sociocultural dos discos de vinil. A inspiração do catálogo parte do projeto realizado pela Esad-idea, onde realizaram além do catálogo "Discos Orfeu: Catálogo Visual e Crítico", expôs-se no espaço da FMP e na Casa do Design, a continuação da investigação e divulgação da história do Design Português (esad-idea, 2017) (esad-idea, 2022)(Nepomuceno, 2025a)(Nepomuceno, 2025b). Outra inspiração é o projeto de investigação do Mestrado em Design de Comunicação da ESAD de Matosinhos (Alexandre, 2021) "Legado Estético do Tropicalismo", onde se realizou uma análise gráfica e visual às capas de discos de vinil de artistas brasileiros, além de uma estudo sobre o contexto histórico e sócio cultural que o movimento se insera.

2.2 Pergunta de Investigação

A questão incial deste estudo focava na estipulação da dimensão da discografia existente na FMP. No projeto de dissertação de Ana Carvalho (2022) e no

Ana Firmino	1953 -	Cantora caboverdiana, natural da Ilha do Sal.
Ari Lopes		Cantor moçambicano.
Bana	1932 - 2013	Cantor cabo-verdiano, nascido Adriano Gonçalves.
Black Power		Grupo Cabo-verdiano.
Bonga	1942 -	Cantor angolado, nascido José Adelino Barceló de Carvalho.
Conchinha de Mascarenhas		Cantora angolana.
Conjunto Cabo Verde		Grupo Cabo-verdiano.
Conjunto de Oliveira Muge		Grupo de Pop moçambicano, formado por António Muge, António Policarpo, Jóse Muge, Jóse Violante.
Conjunto Renato Silva		Grupo moçambicano.
Daniel Filipe	1925 - 1964	Poeta cabo-verdiano.
Dany Silva	1946 -	Cantor cabo-verdiano.
Duo Ouro Negro		Grupo angolano, formado por Raul Indipwo e Milo MacMahon.

1. Carta de nha cretcheu, Kolá Records, 001-89, ''LP 12, 1989
2. A Festa, RR, RREP 0023, ''EP 7
3. Mornas e Coladeiras de Cabo Verde, Bana, Rapsódia, EPF 5372, ''EP7
4. Mornas e coladeiras, Black Power, Orfeu, SB-1138, "LP 12
5. Kualuka Kuetu, Bonga, Philips, 6330 081, "LP 12, 1982
6. Canção da vida, Conchinha de Mascarenhas, RCA, PB-9238, "Single 7, 1978
7. Maria Provocação, Conchinha de Mascarenhas, Rapsódia, EPF 5464, "EP 7
8. Melodias de Angola, Conchinha de Mascarenhas, Parlophone, LMEP 1302, "EP 7
9. Mulata é a noite, Conchinha de Mascarenhas, RCA, PB-9237, "Single 7, 1978
10. Conjunto Cabo Verde, Conjunto Cabo Verde, Alvorada, AEP 60524, "EP 7
11. Folclore de Cabo Verde, Conjunto de Cabo Verde, Rapsódia, EPF 5195, "EP 7
12. A mãe, Conjunto de Oliveira Muge, Parlophone, LMEP 1331, "EP 7
13. Longe de ti, Conjunto de Oliveira Muge, Roda, RTE 2049, "EP 7
14. Conjunto Renato Silva, Conjunto Renato Silva, Alvorada, MEP 60302, "EP 7, 1960
15. A invenção do amor e outros poemas de Daniel Filipe, Daniel Filipe, Mário Viegas, Orfeu, STAT 016, "LP 12
16. "Branco, tinto e jeropiga", Dany Silva, Valentim de Carvalho, 1VCS 1008, "Single 7, 1981
17. Crioula de S. Bento, Dany Silva, Valentim de Carvalho, VCEP 1034, "Maxi 12, 1982
18. Já estou farto / Não há-de ser nada, Dany Silva, Valentim de Carvalho, 1VCS 1023, "Single 7, 1982
19. Lua vagabunda, Dany Silva, EMI, 1775801, "LP 12, 1986
20. Sodádi Funaná, Dany Silva, EMI, 7975501, "LP 12, 1991
21. Aos nossos amigos, Duo Ouro Negro, EMI, 17755101, "LP 12, 1982
22. Au revoir Silvye, Duo Ouro Negro, Columbia, SLEM 2239, "EP 7, 1966
23. Canta canções do folclore de Angola, Duo Ouro Negro, Columbia, SLEM 2058, "EP 7, 1960
24. Comboio mala de Benguela, Duo Ouro Negro, EMI, 1775057, "Single 7, 1984
25. Duo Ouro Negro, Duo Ouro Negro, Columbia, SLEM 2189, "EP 7, 1964
26. Duo Ouro Negro, Duo Ouro Negro, Columbia, SLEM 2060, "EP 7
27. Está chovendo cá fora, Duo Ouro Negro, Columbia,



Editora	Edições	Anos
0	1	1990
Alvorada	38	1960 - 1961 - 1968 - 1969 - 1970 - 1973 - 1978 - 1979 - 1980 - 1981
A Voz do Dono	1	
Barclay	1	1985
Columbia	6	1960 - 1964 - 1966 - 1980
Da Nova	1	1981
Decca	6	
Diapasão	1	1982
Discossete	5	1987 - 1990 - 1991 - 1992
EMI	8	1975 - 1985 - 1986 - 1991
Estúdio	2	
Gilberto Gil Umbelina	1	1988
Horizonte	1	1984
Kolá Records	1	1989
London	1	
Materfonis	2	1986
MBP	1	
N'Gola	1	
Odeon	1	1983
Orfeu	2	1978 - 1983 - 1984 - 1985
Ovação	1	1988
Parlophone	1	
Philips	1	1982
Polydor	5	1981 - 1982 - 1984 - 1992
Polygram	2	1992
Portugalsom	1	1987
Rádio Triunfo	3	1980 - 1981 - 1982
Rapsódia	3	
RCA	7	1975 - 1976 - 1978
RPE	1	1980
Roda	5	1977 - 1978 - 1980
RR	1	
Tecla	2	1974
Valentim de Carvalho	3	1981 - 1982
Vidisco	2	1989
Zafiro	8	1962 - 1963
Zip Zip	1	1974

Grupo Valentim de Carvalho/EMI
Grupo PolyGram (atualmente Universal Music)
Grupo Rádio Triunfo
Grupo Movieplay (MBP)
Editoras Independentes / Especializadas
Outras Editoras

Nota 1: A RCA e a Zafiro eram frequentemente distribuídas pela Telectra em Portugal durante grande parte desse período, antes de a BMG absorver a RCA a nível global em meados dos anos 80.

98
99

FIG.111e, 111f, 111g e 111h - Versão 4 do catálogo. Introdução da cor, das matrizes e das paletas. Fotos por Jorge Duarte.

272
273
ANA FIRMINO
Cantos de minha infância
A Festa
ARI LOPES
CONCHINHA DE MASCARENHAS
MARIA PRODUCÇÕES
CONCHINHA DE MASCARENHAS
melodias de Angola
"Mornas" e "Coladeiras" de CABO VERDE
por BANA
BLACK POWER
RCA
Morata a noite
FOLCLORE DE CABO VERDE
pelo CONJUNTO DE CABO VERDE
BONGA
KUALUKA KUETU
CONCHINHA
Meu mundo novo
CONJUNTO DE OLIVEIRA MUGE
A MÃE
CONJUNTO DE OLIVEIRA MUGE
132
133

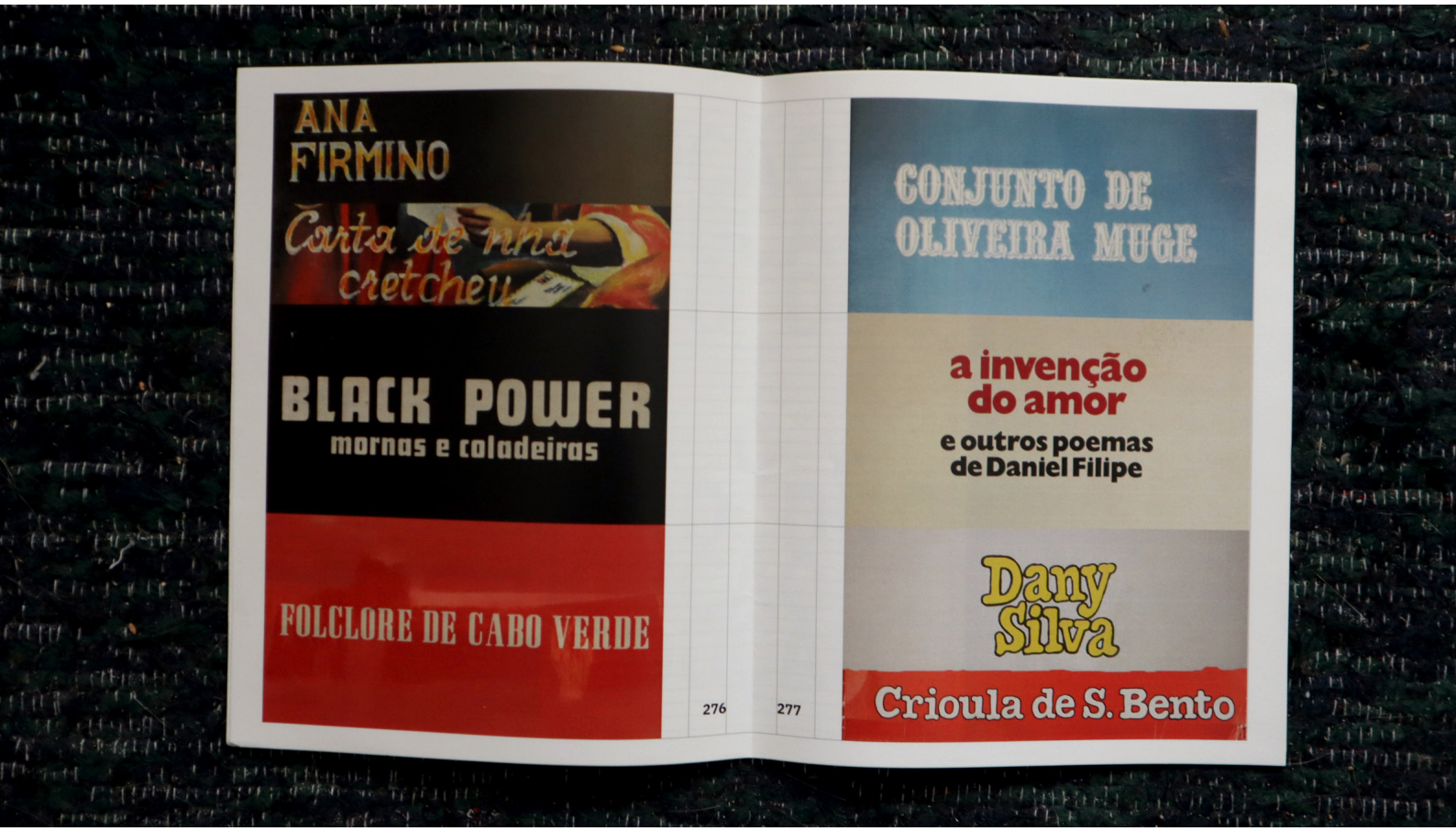


FIG.111i - Versão 4 do catálogo. Introdução das paletas. Foto por Jorge Duarte.

Waldemar Bastos	1954 - 2020	Cantor angolano	130	Vasco Rafael | Alvorada | N-S-97-139 | “Single 7 | 1979 Ah! fadista... | Vasco Rafael | Orfeu | SINP 44 | “Single 7 | 1985
			131	As mulheres do meu país | Vasco Rafael | Roda | RPE 1521 | “EP 7 | 1978
			132	As mulheres do meu país | Vasco Rafael | Roda | SLRL 8003 | “LP 12 | 1977
			133	Cantar / Esta palavra mulher | Vasco Rafael | Orfeu | SINP 2 | “Single 7 | 1983
			134	Flor da beira rio | Vasco Rafael | Rádio Triunfo | RT 51-1 | “Single 7 | 1980
			135	Maria vende cautelas | Vasco Rafael | Rádio Triunfo | RT 51-10 | “Single 7 | 1981
			136	O fado é fixe | Vasco Rafael | Rádio Triunfo | RT 51-29 | “Single 7 | 1982
			137	O melhor de Vasco Rafael | Vasco Rafael | Orfeu | LPP 12 | “LP 12
			138	Os amigos que eu canto | Vasco Rafael | Alvorada | ALV 98-25 | “LP 12 | 1981
			139	Os namorados não têm fome | Vasco Rafael | Alvorada | ALV 97-149 | “Single 7 | 1979
			140	Pescador lavrando o mar | Vasco Rafael | Alvorada | ALV 97-156 | “Single 7 | 1980
			141	Português tornaviagem | Vasco Rafael | Alvorada | LP-S-98-16 | “LP 12 | 1978
			142	Promessa | Vasco Rafael | Roda | RPE 1570 | “EP 7 | 1980
			143	Que povo é este que povo? | Vasco Rafael | Estúdio | EEP 50365 | “EP 7
			144	Um tempo na vida | Vasco Rafael | Ovação | OV-LP-2019 | “LP 12 | 1988
			145	Oiçam tudo o que vos dou | Vasco Rafael | Roda | SLRL 8003 | “LP 12 | 1977
			146	Estamos juntos | Waldemar Bastos | Odeon | 4212581 | “LP 12 | 1983

FIG.112a - Versão 5 do Catálogo. Spread exemplo do conceito de célula com desfoque e cor aplicada no objeto editorial.

FIG.112b - Versão 5 do Catálogo. Spread exemplo do conceito de célula com desfoque e cor aplicada no obejto editorial.

1 4

2 5

3 6

16 17

			Vasco Rafael | Alvorada | N-S-97-139 | “Single 7 | 1979
			130 Ah! fadista... | Vasco Rafael | Orfeu | SINP 44 | “Single 7 | 1985
			131 As mulheres do meu país | Vasco Rafael | Roda | RPE 1521 | “EP 7 | 1978
			132 As mulheres do meu país | Vasco Rafael | Roda | SLRL 8003 | “LP 12 | 1977
			133 Cantar / Esta palavra mulher | Vasco Rafael | Orfeu | SINP 2 | “Single 7 | 1983
			134 Flor da beira rio | Vasco Rafael | Rádio Triunfo | RT 51-1 | “Single 7 | 1980
			135 Maria vende cautelas | Vasco Rafael | Rádio Triunfo | RT 51-10 | “Single 7 | 1981
			136 O fado é fixe | Vasco Rafael | Rádio Triunfo | RT 51-29 | “Single 7 | 1982
			137 O melhor de Vasco Rafael | Vasco Rafael | Orfeu | LPP 12 | “LP 12
			138 Os amigos que eu canto | Vasco Rafael | Alvorada | ALV 98-25 | “LP 12 | 1981
			139 Os namorados não têm fome | Vasco Rafael | Alvorada | ALV 97-149 | “Single 7 | 1979
			140 Pescador lavrando o mar | Vasco Rafael | Alvorada | ALV 97-156 | “Single 7 | 1980
			141 Português tornaviagem | Vasco Rafael | Alvorada | LP-S-98-16 | “LP 12 | 1978
			142 Promessa | Vasco Rafael | Roda | RPE 1570 | “EP 7 | 1980
			143 Que povo é este que povo? | Vasco Rafael | Estúdio | EEP 50365 | “EP 7
			144 Um tempo na vida | Vasco Rafael | Ovação | OV-LP-2019 | “LP 12 | 1988
			145 Oiçam tudo o que vos dou | Vasco Rafael | Roda | SLRL 8003 | “LP 12 | 1977
Waldemar Bastos	1954 - 2020	Cantor angolano	146 Estamos juntos | Waldemar Bastos | Odeon | 4212581 | “LP 12 | 1983

FIG.112c - Versão 5 do Catálogo. Spread exemplo do conceito de célula com desfoque e cor aplicada no objeto editorial.

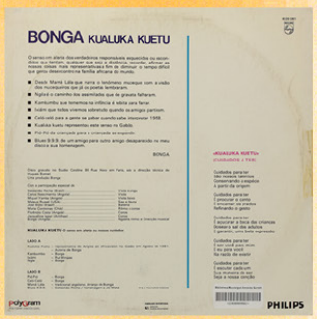
FIG.112d - Versão 5 do Catálogo. Spread exemplo do conceito de célula com desfoque e cor aplicada no obejto editorial.

1

4

2

5



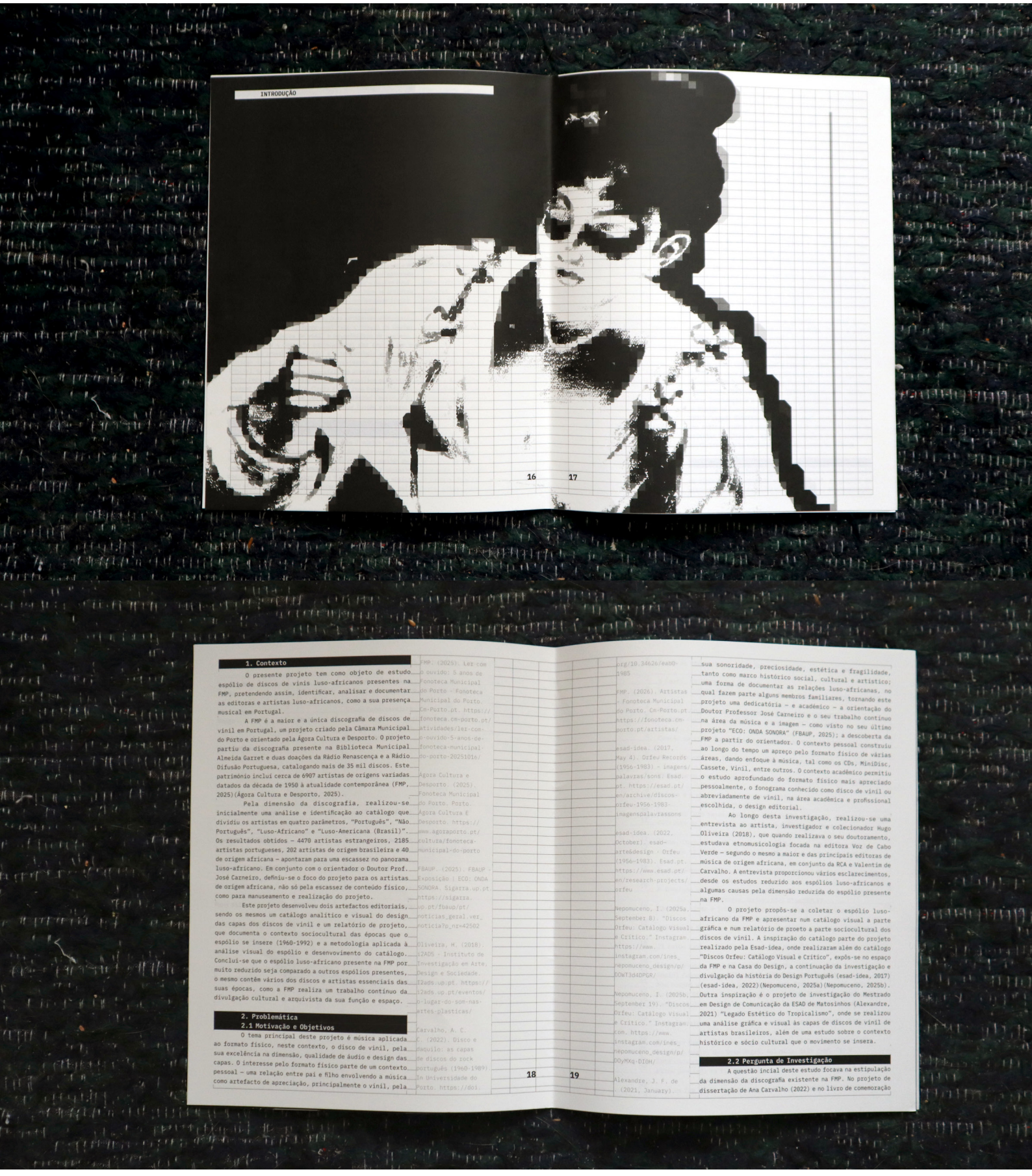
3

6

16

17

FIG.113a, 113b, 113c e 113d - Prints de teste das versões finais do catálogo. Fotos por Jorge Duarte



1. Contexto

O presente projeto tem como objeto de estudo espólio de discos de vinis luso-africanos presentes na FMP, pretendendo assim, identificar, analisar e documentar as editoras e artistas luso-africanos, como a sua presença musical em Portugal.

A FMP é a maior e a única discografia de discos de vinil em Portugal, um projeto criado pela Câmara Municipal do Porto e orientado pela Ágora Cultura e Desporto. O projeto partiu da discografia presente na Biblioteca Municipal Almeida Garret e duas doações da Rádio Renascença e a Rádio Difusão Portuguesa, catalogando mais de 35 mil discos. Este património incluí cerca de 6907 artistas de origens variadas datados da década de 1950 à atualidade contemporânea (FMP, 2025)(Ágora Cultura e Desporto, 2025).

Pela dimensão da discografia, realizou-se inicialmente uma análise e identificação ao catálogo que dividiu os artistas em quatro parâmetros, "Português", "Não Português", "Luso-Africano" e "Luso-Americana (Brasil)". Os resultados obtidos – 4470 artistas estrangeiros, 2185 artistas portugueses, 202 artistas de origem brasileira e 40 de origem africana – apontaram para uma escassez no panorama luso-africano. Em conjunto com o orientador o Doutor Prof. José Carneiro, definiu-se o foco do projeto para os artistas de origem africana, não só pela escassez de conteúdo físico, como para manuseamento e realização do projeto.

Este projeto desenvolveu dois artefactos editoriais, sendo os mesmos um catálogo analítico e visual do design das capas dos discos de vinil e um relatório de projeto, que documenta o contexto sociocultural das épocas que o espólio se insere (1960-1992) e a metodologia aplicada à análise visual do espólio e desenvovimento do catálogo. Conclui-se que o espólio luso-africano presente na FMP por muito reduzido seja comparado a outros espólios presentes, o mesmo contêm vários dos discos e artistas essenciais das suas épocas, como a FMP realiza um trabalho contínuo da divulgação cultural e arquivista da sua função e espaço.

2. Problemática

2.1 Motivação e Objetivos

O tema principal deste projeto é música aplicada ao formato físico, neste contexto, o disco de vinil, pela sua excelência na dimensão, qualidade de áudio e design das capas. O interesse pelo formato físico parte de um contexto pessoal – uma relação entre pai e filho envolvendo a música como artefacto de apreciação, principalmente o vinil, pela sua sonoridade, preciosidade, estética e fragilidade, tanto como marco histórico social, cultural e artístico; uma forma de documentar as relações luso-africanas, no qual fazem parte alguns membros familiares, tornando este projeto uma dedicatória – e académico – a orientação do Doutor Professor José Carneiro e o seu trabalho contínuo na área da música e a imagem – como visto no seu último projeto "ECO: ONDA SONORA" (FBAUP, 2025); a descoberta da FMP à partir do orientador. O contexto pessoal construiu ao longo do tempo um apreço pelo formato físico de várias áreas, dando enfoque à música, tal como os CDs, MiniDisc, Cassete, Vinil, entre outros. O contexto académico permitiu o estudo aprofundado do formato físico mais apreciado pessoalmente, o fonograma conhecido como disco de vinil ou abreviadamente de vinil, na área académica e profissional escolhida, o design editorial.

Ao longo desta investigação, realizou-se uma entrevista ao artista, investigador e colecionador Hugo Oliveira (2018), que quando realizava o seu doutoramento, estudava etnomusicologia focada na editora Voz de Cabo Verde – segundo o mesmo a maior e das principais editoras de música de origem africana, em conjunto da RCA e Valentim de Carvalho. A entrevista proporcionou vários esclarecimentos, desde os estudos reduzido aos espólios luso-africanos e algumas causas pela dimensão reduzida do espólio presente na FMP.

O projeto propôs-se a coletar o espólio luso-africano da FMP e apresentar num catálogo visual a parte gráfica e num relatório de proeto a parte sociocultural dos discos de vinil. A inspiração do catálogo parte do projeto realizado pela Esad-idea, onde realizaram além do catálogo "Discos Orfeu: Catálogo Visual e Critico", expôs-se no espaço da FMP e na Casa do Design, a continuação da investigação e divulgação da história do Design Português (esad-idea, 2017) (esad-idea, 2022)(Nepomuceno, 2025a)(Nepomuceno, 2025b). Outra inspiração é o projeto de investigação do Mestrado em Design de Comunicação da ESAD de Matosinhos (Alexandre, 2021) "Legado Estético do Tropicalismo", onde se realizou uma análise gráfica e visual às capas de discos de vinil de artistas brasileiros, além de uma estudo sobre o contexto histórico e sócio cultural que o movimento se insera.

2.2 Pergunta de Investigação

A questão incial deste estudo focava na estipulação da dimensão da discografia existente na FMP. No projeto de dissertação de Ana Carvalho (2022) e no livro de comemoração

FMP. (2025). Ler com o ouvido: 5 anos de Fonoteca Municipal do Porto - Fonoteca Municipal do Porto. Cm-Porto.pt. https://fonoteca.cm-porto.pt/atividades/ler-com-o-ouvido-5-anos-de-fonoteca-municipal-do-porto-20251016/

Ágora Cultura e Desporto. (2025). Fonoteca Municipal do Porto. Porto. Ágora Cultura E Desporto. https://www.agoraporto.pt/cultura/fonoteca-municipal-do-porto

FBAUP. (2025). FBAUP - Exposição | ECO: ONDA SONORA. Sigarra.up.pt. https://sigarra.up.pt/fbaup/pt/noticias_geral.ver_noticia?p_nr=42502

Oliveira, H. (2018). I2ADS - Instituto de Investigação em Arte, Design e Sociedade. I2ads.up.pt. https://i2ads.up.pt/eventos/o-lugar-do-som-nas-artes-plasticas/

Carvalho, A. C. F. (2022). Disco e daquilo: as capas de discos do rock português (1960-1989) [In Universidade do Porto. https://doi.org/10.34626/ead0-1985

FMP. (2026). Artistas - Fonoteca Municipal do Porto. Cm-Porto.pt. https://fonoteca.cm-porto.pt/artistas/

esad-idea. (2017, May 4). Orfeu Records (1956-1983) - imagens/palavras/sons. Esad.pt. https://esad.pt/en/archive/discos-orfeu-1956-1983-imagenspalavrassons

esad-idea. (2022, October). esad-arteédesign - Orfeu (1956-1983). Esad.pt. https://www.esad.pt/en/research-projects/orfeu

Nepomuceno, I. (2025a, September 8). "Discos Orfeu: Catálogo Visual e Crítico." Instagram. https://www.instagram.com/ines_nepomuceno_design/p/DOWT3d4DPGR/

Nepomuceno, I. (2025b, September 19). "Discos Orfeu: Catálogo Visual e Crítico." Instagram. https://www.instagram.com/ines_nepomuceno_design/p/DOyMXq-DIOH/

Alexandre, J. F. de (2021, January).

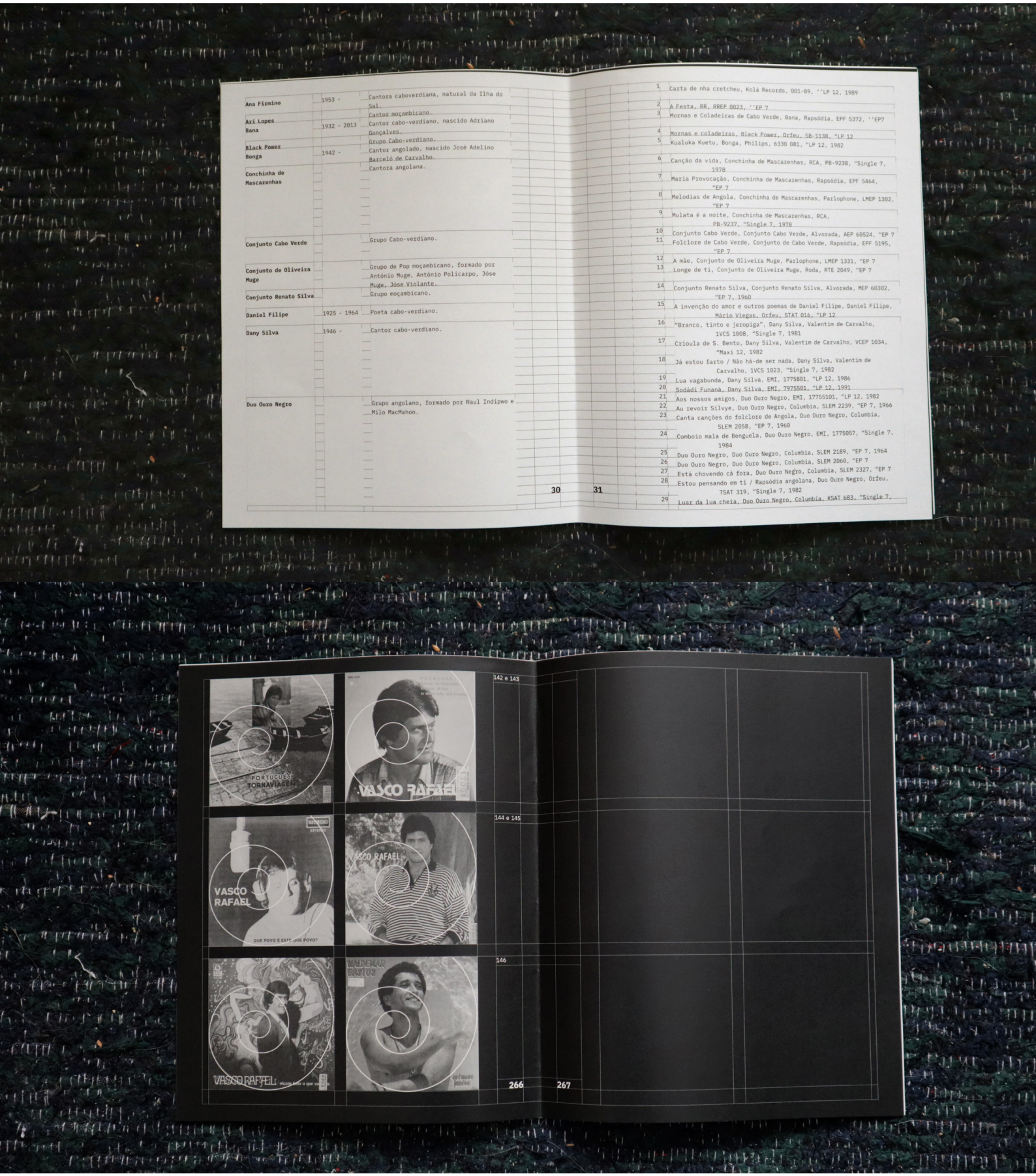
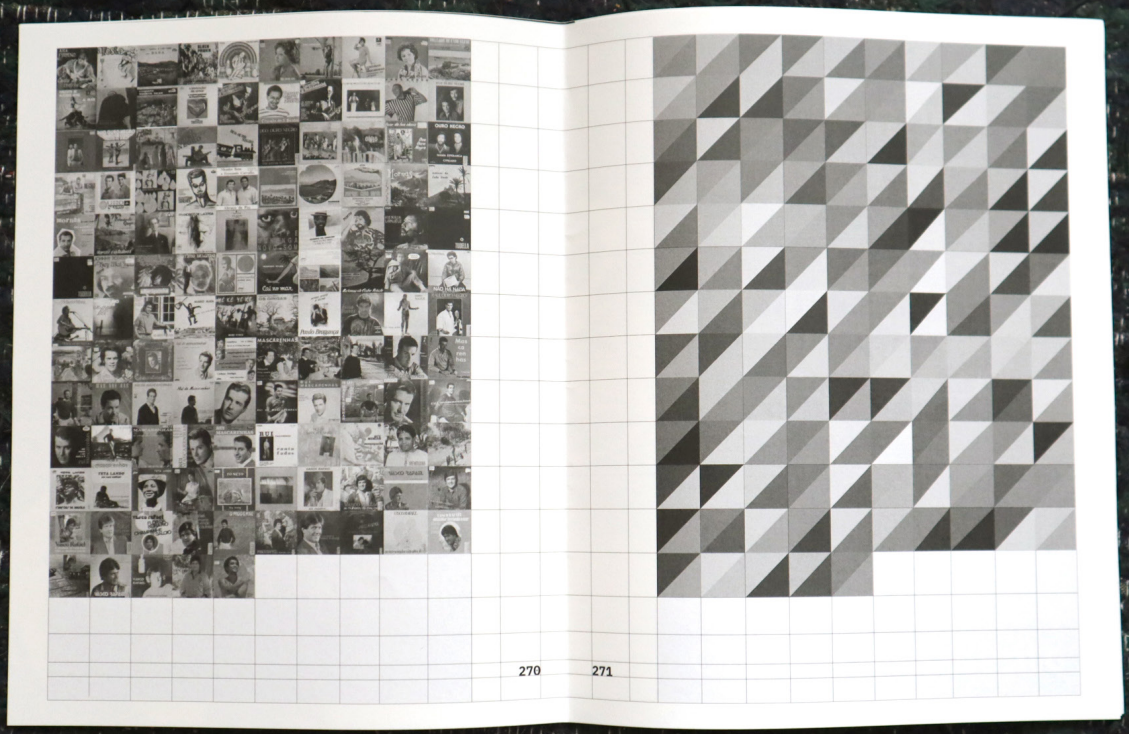


FIG.113e, 113f, 113g e 113h - Prints de teste das versões finais do catálogo. Fotos por Jorge Duarte


270
271

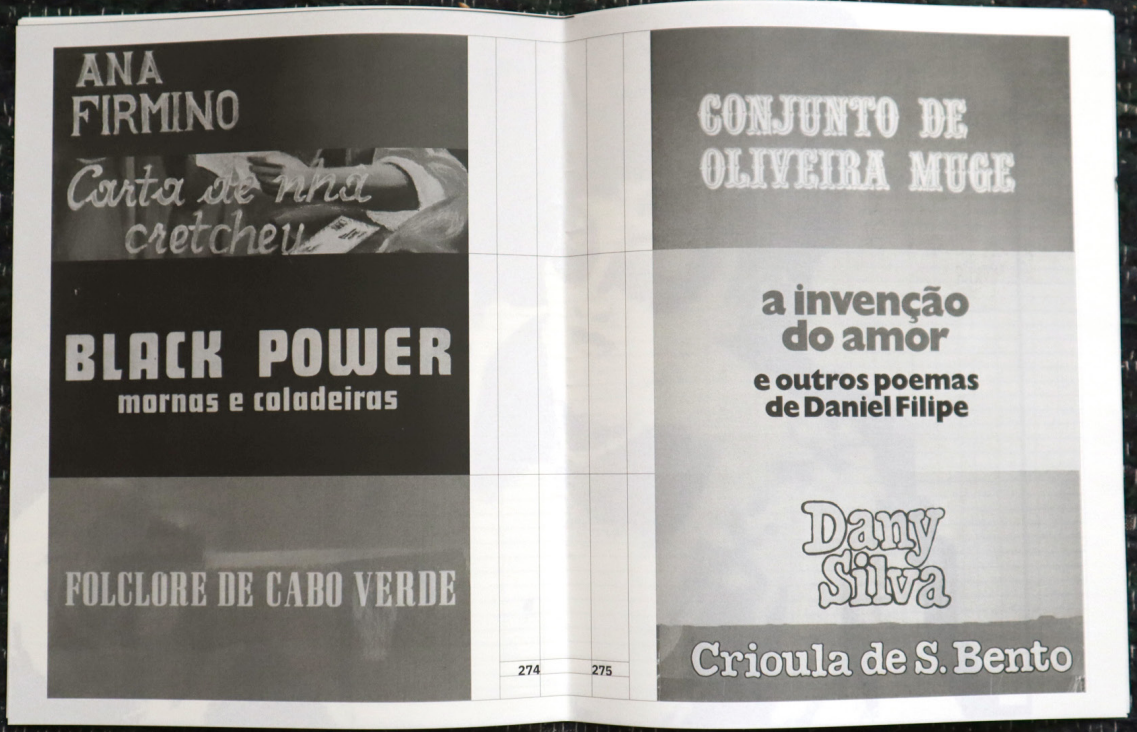
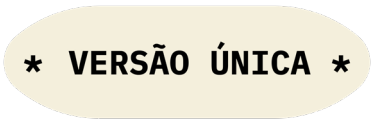

ANA
FIRMINO
Carta de nha
cretcheu
BLACK POWER
mornas e coladeiras
FOLCLORE DE CABO VERDE
274
275
CONJUNTO DE
OLIVEIRA MUGE
a invenção
do amor
e outros poemas
de Daniel Filipe
Dany
Silva
Crioula de S. Bento

FIG.114 - Capa inspirada no poster de João Queirós (GNRATION, 2018)

FIG.115a - Capa e Contra-capa final acompanhada de stickers rematentes à época dos discos de vinil.

FIG.115b - Verso da Capa e Contra-capa final.



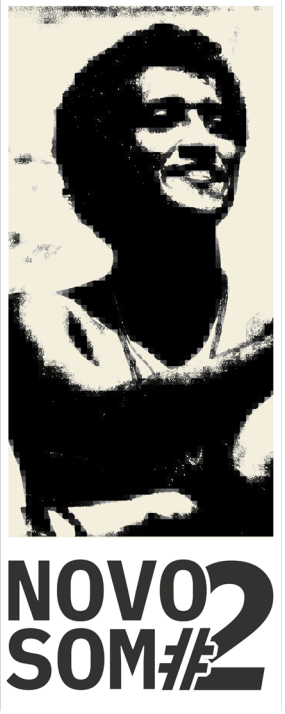


FIG.115c - Stickers produzidos para o catálogo e para o relatório de projeto. Os stikers que dizem "Versão Única", "Homemade Handmande", "Fragile" e com o código de barras seriam repetidos em ambos obejtos editoriais.

INTRODUÇÃO
1. Contexto
2. Problemática
2.1 Motivação e Objetivos
2.2 Pergunta de Investigação
2.3 [De]limitação do Estudo
2.4 Estrutura do Documento
3. Filosofias Luso-tropicalistas e Lusófonas
3.1 Da Vocação Imperial ao Luso-tropicalismo e Cosmopolitismo
3.1.1 Vocação Imperial
3.1.2 Luso-tropicalismo
3.1.3 Cosmopolitismo
3.2 A Lusofonia no Pós-Colonialismo
4. Acervo da Fonoteca Municipal do Porto
5. Espólio Luso-Africano
5.1 Análises do Espólio
5.2 Análise do Dados Recolhidos
5.2.1 Editoras
5.2.2 Artistas de interesse e Origens
5.2.3 Classificação das Capas
5.2.4 Autores das Capas
6.NOVO SOM - Catálogo Visual e Analítico
7. Conclusão

para o Croqui Arestas Rasgasdas, para criar silhuetas a preto e branco de uma seleção das capas. Após aplicar o filtro, era retirado o tom branco e criava-se uma máscara do tom. Desligava-se o efeito Croqui e aplicava-se o filtro de Pixelização em Mosaico, no tom preto. Ao voltar a ligar o filtro Croqui, as manchas retangulares ganhavam textura através da máscara, o que não era necessário o filtro de Ruído, que só iria trazer a perda da presença da mancha escura [FIG.113b].

Cada separador do catálogo apresenta uma imagem retirada de uma capa, e uma a cada novo separador/capítulo, o anterior é apresentado a texto, para mostrar progressão ao longo do catálogo. Além que ao apresentar todos os capítulos e sub-capítulos, os mesmos interagem com a imagem do separador.

A capa do catálogo foi sendo atualizada com o catálogo e o desenvolvimento da estética e conceito. Na primeira maquete, tinha-se usado várias imagens das etiquetas do centro do vinis, e aplicado um filtro de *STIPPLING* através do site Tooooools.app [FIG.104a]. A capa não trazia relação com o conteúdo e não entregava interesse visual. Com a introdução do conceito, numa fase inicial, fazia-se uso da repetição de Queirós, mas como citado anteriormente não trazia relação com o conteúdo e não causava descanso ou empunha um momento de pausa na leitura [FIG.114]. Ao aplicar o conceito graficamente nas imagens já se criou uma relação entre a capa e o conteúdo. Testou-se *layouts*, cores e posicionamento das imagens. O resultado obitdo fora a sobreposição das várias imagens dos separadores numa só, o que criou diversas texturas e ritmos [FIG.115a e 115b]. O título do projeto encontra-se na lombada, para a capa e contra-capa terem o devido protagonismo. O interior já apresenta a mesma imagem desvanecida, apresentando uma grelha que não era perceptível anteriormente, e apresenta-se os autores do estudo, o mestrado e instituição correspondente, além dos logos referentes às entidades que o projeto envolve — Câmara Municipal do Porto e a Ágora Cultura e Desporto do Município do Porto, por serem as entidades públicas responsáveis pelo projeto FMP; a Arda Hub Music por ser a entidade disponibilizadora do espaço da FMP; o da FMP; Por fim os logos da FBAUP e da UP. A imagem encontra-se desvanecida para rematar a dois pontos. O primeiro é que o conteúdo, as células do estudo, libertaram-se da grelha e desenvolveram uma nova de células misturadas e unidas. A segunda é rematar para os separadores, onde o capítulo anterior já foi lido/visto e que se entra num novo, ou seja, já se visualizou e leu-se a capa, agora vai se mergulhar no miolo, no conteúdo, o foco do projeto. Foram criados e adicionados autocolantes [FIG.115c] que remetem às épocas dos discos de vinil, acentuando o foco gráfico e visual do estudo, ajudando inclusive a quebrar a monotonia da capa [FIG.115a].

Arenas, F. (2011). Lusophone Africa : beyond Independence. University Of Minnesota Press, Cop.

Moorman, M. J. (2008). Intonations : a social history of music and nation in Luanda, Angola, from 1945 to recent times. Ohio University Press.

Cardão, M. (2020). Fado tropical. Luso-Tropicalismo na Cultura de Massas (1960-1974). Tigre de Papel.

Silva, M. D. (2003). Os sons de África nos primeiros anos do Estado Novo: Entre exotismo e "vocação imperial." Revista Portuguesa de Musicologia, 13(Vol.13), 113–144. https://rpm-ns.pt/index.php/rpm/article/view/125

Andrade, R. (2015, SEptember 18). Mistérios e maravilhas: O rock sinfónico/progressivo em Portugal na década de 1970. Revista Portuguesa de Musicologia, 2/2, 239–270. https://rpm-ns.pt/index.php/rpm/article/view/276/375. nova série | new series 2/2 (2015), pp. 239/270 ISSN 0871-9705 http://rpm-ns.pt.

Carvalho, A. C. C. (2022). Disco e daquilo: as capas de discos do rock português (1960-1989). In Universidade do Porto. https://doi.org/10.34626/eab0-1985

Randall, D., & Left Book Club (London, England. (2017). Sound system : the political power of music. Pluto Press.

Arenas, F. (2011). Lusophone Africa : beyond Independence. University Of Minnesota Press, Cop.

Moorman, M. J. (2008). Intonations : a social history of

7. Conclusão

Finaliza-se o projeto, dividindo a conclusão pelos tópicos seguintes: revisão de literatura; espólio luso-africano e as análises (irá rever-se os resultados do catálogo e por fim irá afirmar-se o que foi retirado do estudo); o projeto em como destaca-se no seu tema e na área gráfica; e como a FMP encontra-se perante o todo deste estudo.

Num projeto que iniciou às cambalhotas e vira-voltas, ao definir o espólio luso-africano permitiu apontar para um objetivo. Obviamente que perceber quais passos tomar após esclarecido ponto de partida, parece desnorteante, mas a orientação do Prof. José Carneiro, fez os pés do projeto deslocarem-se ao seu ritmo. Ao indicar o designer e colecionador, Hugo Oliveira, o obstáculo da revisão de literatura do projeto, desencadeou um interesse sociocultural do projeto e as influências gráficas causadas. O estudo prendeu-se em quatro autores principais, Fernando Arenas (2011), Marissa Moorman (2008), Marcos Cardão (2020) e Manuela Deniz Silva (2003). O que relaciona os mesmos, além do foco da colonialismo, pós-colonialismo e o cenário musical nessas épocas, é o foco nas atividades de lazer e como as mesmas influenciam uma nação. A música é principalmente uma atividade de lazer, seja privada ou pública, e através da mesma contruir uma nação, liberdade, independência, torna-a numa arma importante.

Fernando Arenas no seu estudo foca não só na música, principalmente no panorama cabo-verdiano, mas partilha foco com a literatura e cinema na sua obra, além de comunicar as realidades geopolíticas, climáticas, económicas, entre outros destes países. Moorman focou-se na música como o instrumento referido e comunicou como toda uma sociedade expandiu nas diversas áreas que Arenas mais tarde apresentou. Cardão por sua parte rende a sua atenção às massas, documentando os concursos yé-yé, o futebol, os concursos de beleza e os principais artistas luso-africanos importantes nesses meios. Silva já se distancia numa questão temporal, embora parte do foco musical, mas pré-Estado Novo e perante o Estado Novo. Cria-se uma linha cronológica entre eles, partindo de Silva — como a vocação imperial mobilizou milhares, se não mais, de portugueses para as colónias, por desejo de enriquecimento e mentalidade opressora e retrógada — para Moorman — o seu foco no país angolano, parte da onda de portugueses que entram no páis e como isso aumentou a segregação e preconceito racial e social, embora tenha trazido uma evolução na indústria —, seguida Cardão — como os países luso-africanos nas massas portuguesas, africanas e europeias, se encontravam entre 1960 a 1974, inclusive 1980 — , finalizando em Arenas — o seu estudo marca o início da Guerra Colonial, para a independência, seguindo para as guerras civis e o ponto de situação de cada país no ano de publicação do estudo.

As obras e autores estudados, não só se prenderam aos países lusófonos, como argumentam o cenário musical em Portugal. Dos primórdios do tema e foco do estudo, Ricardo Andrade (2015) e Ana Carvalho (2022), estudam cenários do rock português — no estudo de Andrade, fala-se do rock sinfónico/progressivo, desde as suas origens e influências e como influenciou o *boom rock*, e no estudo de Carvalho sobre as capas do estilo entre 1960 e 1989. O que retira destes estudos são o interesse na nação portuguesa nas tendências estrangeiras — maioritariamente Inglesas, Francesas e Americanas — e como isso desviou o foco da mesma dos sons africanos que lhes era entregue. Arenas numa parte do seu estudo, comenta sobre os principais géneros que se instalaram em Portugal após 1974, sendo estes o punk, o metal e o hip-hop, surgindo entre 1980 e 2000 (Arenas, 2011). Assim dá-se um final apontamento sobre a americanização dos géneros musicais, que Dave Randall (2017) e Fernando Arenas (2011), comentam quanto aos sons africanos — e pode-se inclusive comentar sobre a americanização dos restantes estilos a nível mundial, pela força das tendências criadas pelos estados americanos ao longo dos últimos 66 anos.

Obtem-se então da revisão de literatura, que parte de uma nação, desenvolver-se e afirmar-se, solificando a sua nacionalidade e liberdade. Então

music and nation in Luanda, Angola, from 1945 to recent times. Ohio University Press.

seguindo esta reflexão, questiona–se se o presente espólio da FMP, realiza tal ato coletivo. Ainda que a sua dimensão não seja em grande quantidade, quer de artistas, quer de discos, comparado a outros espólios, o espólio luso-africano apresenta artistas marcantes e importantes nos seus devidos países e discos de qualidade gráfica e visual excelente. O projeto tem noção de uma margem de erro na divisão dos artistas luso-africanos devido a vários fatores como manuseamento do tempo — como o tema fora definido em novembro, existia uma atraso significativo —, os termos para a identificação do artistas — a atribuição do parâmetro "Luso-Africano", era dado mediante nome do artista, bibliografia ou algum disco que indicasse a sua origem, o que alguns artistas não continham nenhum dos três — e o site da FMP — a dimensão do acervo cria dificuldade no manuseamento dos dados relativos a artistas e discos, podendo haver algum erro, como o grupo Conjunto Cabo Verde, que aparecia repetido como Conjunto de Cabo Verde. Ainda assim os resultados obtidos permitem posteriormente uma revisão do projeto.

Dos artistas presentes os mais importantes, tanto para os países luso-africanos como para Portugal, são os Duo Ouro Negro, Bonga, Bana, Conjunto Oliveira Muge, Danny Silva, João Maria Tudela, Mário Mata, Raúl Indipwo, Tabanka Djaz, Teta Lando e Tó Neto. Encontram-se também editoras de renome internacional com as majors EMI, a PolyGram/Philips, a RCA e a CBS, e nacional, quer sejam independentes ou distribuídoras/representantes das majors internacionais, tais como a Valentim de Carvalho, a Alvorada, a Orféu, a Portugalsom, a Rádio Triunfo, a Rapsódia e a Roda. Embora a maioria dos artistas seja de origem africana(29) em relação aos de origem portuguesa(10), a diversidade já não é equilibrada, tendo uma maioria de artistas angolanos(15) e caboverdianos(11) e uma minoria nos moçambicanos (6), bissau-guineense(5) e santomense(2). Quanto aos discos, a maioria pertence aos artistas de origem africana, sendo que Rui de Mascarenhas e Vasco Rafael são os artistas com maior número de discos em seu nome, e os artistas de origem africana, o Duo Ouro Negro é quem mais tem discos, deixando os restantes entre 1 a 6 discos de vinil. Contudo relembra-se que os formatos são diversos, entregando dos 146 discos, 67 EP de 7 polegadas, 40 de 12 polegadas, 37 *Singles* de 7 polegadas e 2 *Maxi* de 12 polegadas. Dentro das épocas em que o espólio se insere, a maioria dos vinis não são datados, enquanto a maioria que são, datam-se da década de 1980 com 43 discos, empatando em segundo lugar os da década de 1960 e 1970 com 19 discos e deixando a década de 1990 com 11 discos.

Infelizmente a FMP não contêm — relembrando da margem de erro — discos, artistas e editoras importantes, que foram citados nas obras estudadas, como Eduardo Nascimento, Cesária Évora, a editora Voz de Cabo-Verde, os Ultramar, os B-29, Luís Morais, Manuel de Novas, Morgadinho, Tói d'Bibia, Jean Da Lomba, Frank Cavaquim, Os Kiezos, David Zé, Urbano de Castro, Artur Nunes, entre outros — os artistas citados estão presentes nos estudos de Arenas (2011, p.49) e Marissa Moorman (2008).

Partindo para a riqueza visual e gráfica do espólio, selecionou-se 24 capas dos 146 discos, como as de maior interesse para as artes visuais e design. A seleção não partiu das capas que se enquadrassem nas várias categorias de seleção ou que melhor representasse alguma, mas sim as que dentro das várias categorias, apresentam uma composição que valoriza o trabalho musical do artista. Dentro das 24 capas, verificou-se as décadas que se inseriam, totalizando em 4 capas sem data, 3 de 1960, 3 de 1970, 10 de 1980 e 4 de 1990, o que aponta mais uma vez para o aumento da expressividade artística pós-colonialismo. Cita-se então os trabalhos gráficos realizados nos discos "*Carta de nha cretcheu*" (Ana Firmino) [FIG.60], "*Kualuka Kuetu*" (Bonga) [FIG.48], "Crioula de S. Bento" (Danny Silva) [FIG.49], "Lua Vagabunda" (Danny Silva), "*Sodádi Funaná*" (Danny Silva), "Canta canções do folclore de Angola" (Duo Ouro Negro)[FIG.62], "*Mulowa Afrika*" (Duo Ouro Negro) [FIG.50], "Encontro com Lisboa"[FIG.61] (Eleutério Sanches), "Mornas de Cabo Verde" (Fernando Quejas)[FIG.76], "Carneyro: Sonata para Violino e Piano; Bruma; A roda dos degredados" (Felipe de Sousa), "Novo Som" (Felipe Mukenga)

INTRODUÇÃO
1. Contexto
2. Problemática
2.1 Motivação e Objetivos
2.2 Pergunta de Investigação
2.3 [De]limitação do Estudo
2.4 Estrutura do Documento
3. Filosofias Luso-tropicalistas e Lusófonas
3.1 Da Vocação Imperial ao Luso-tropicalismo e Cosmopolitismo
3.1.1 Vocação Imperial
3.1.2 Luso-tropicalismo
3.1.3 Cosmopolitismo
3.2 A Lusofonia no Pós-Colonialismo
4. Acervo da Fonoteca Municipal do Porto
5. Espólio Luso-Africano
5.1 Análises do Espólio
5.2 Análise do Dados Recolhidos
5.2.1 Editoras
5.2.2 Artistas de interesse e Origens
5.2.3 Classificação das Capas
5.2.4 Autores das Capas
6.NOVO SOM - Catálogo Visual e Analítico
7. Conclusão
8. Referências
Revisão de Literatura
Autores Citados nas Referências
Entrevistas
Referências Gráficas
Glossário e Siglas
Imagens

[FIG.51], “Tudella 1“ (João Maria Tudela), “Tudella 2“ (João Maria Tudela), “Não mata mas mói” (Mário Mata), “*Yé Ké Yé Ké*“ (Mory Kanté) [FIG.55], “Os Gingas“ (Os Gingas)[FIG.77], “Notas sobre a alma“ (Paulo Bragança), “Sô Santo“ (Raúl Indipwo)[FIG.56], “*Monangambé*“ (Ruy Mingas)[FIG.81], “*Tabanka Djaz*“ (Tabanka Djaz) [FIG.57], “Canções de Angola“ (Teta Lando) [FIG.58], “Big Bang“ (Tó Neto) [FIG.86], “Português tornaviagem“ (Vasco Rafael) e “Estamos Juntos” (Waldemar Bastos)[FIG.75].

Ainda aponta-se os autores das capas, alguns que estão envolvidos ou são autores singulares, de algumas das capas selecionadas anteriormente. Dentro dos autores encontram-se grandes nomes das artes visuais como o José Santa-Bárbara, José Manuel Cruz e Silva, Luís Vasconcelos, Fátima Rolo Duarte, Eleutério Sanches e Raúl Indipwo. Alguns são pintores, ilustradores ou designers, outros são fotógrafos. Compilou-se ainda as gráficas responsáveis pelas impressões das capas, onde se percebeu que todas eram impressas, nas mesmas empresas como a Costa e Valério, a Lugo, a Gráficos Reunidos, entre outras.

Das matrizes e *layouts* nota-se que os mais usados eram os 3x3, Cruzado, Centrado e Espiral, pois moviam o olhar do espetador pela capa até o centro da ação. A paleta cromática recolhida aponta um grande uso em tons neutros e quentes, desde brancos e castanhos a vermelhos e amarelos, deixando cores mais frias e vibrantes em segundo plano como os azuis, verdes, rosas e roxos. Não se deixa de lado o trabalho tipográfico realizado, pois encontram-se na paleta tipográfica, tipos de letra principalmente gráficas, entre serifadas e sem serifa do interesse dos tipógrafos.

Conclui-se este estudo com as seguintes afirmações. A recolha de dados e análises dos mesmos deveria ter sido mais aprofundada. O espólio luso-africano da FMP, em princípio, é maior que o que está presente nestes objetos editoriais, ainda assim, o que foi recolhido e analisado permitiu a construção e desenvolvimento deste projeto, o que trouxe riqueza histórica, visual e musical para os autores deste projeto e os leitores destes artefactos editoriais. Ter o entendimento de como uma nação controla, manipula outra, enquanto a mesma alimenta o seu desejo por liberdade e independência, de identificar-se pelos seus sonhos e desejos, morais, sociais, políticcos, entre outros. Como referido anteriormente, o espólio, por muito que a sua escala não seja a maior ou tenha a maior diversidade de artistas ou géneros musicais, ainda coleta discos de vinil e artistas que são marco na história portuguesa e luso-africana. Para finalizar, agradece-se à FMP pelo seu trabalho árduo no acervo digital e físico, pelas suas atividades e programas também digitais e no próprio espaço, por cultivar história e curiosidade para os menos entendidos no cenário musical, seja ele qual for. Agradecer pelo seu esforço na preservação desde artefactos e por promover qualidade artística e sonora. A FMP é um projeto como muitos outros que parte do público para se manter, ou seja, os visitantes do espaço ou os interantes pelas mídia digitais, que tem o dever de divulgar ainda mais o projeto e alimentar o seu acervo com doações, podendo assim no futuro, revisitar este espólio e descobrir que cresceu. Este projeto trouxe história, música e arte mais próximas. Acredita-se que o catálogo e o relatório conseguiram, se não, irão conseguir como parte do público, fazer a FMP crescer.

As perspectivas futuras do projeto focam-se no seu aprofundamento e aperfeiçoamento, além de permitir expandir-se nos meios digitais da FMP, desde os mídias sociais e podcats, e planear-se uma exposição no espaço onde promove-se fisicamente a interação com o espólio. Se os resultados forem positivos, espera-se que o mesmo tipo de projeto possa ser realizado para outros espólios à espera de ser estudados e apresentados ao público.

8. Referências
Revisão de Literatura

A Voz de Cabo Verde. (n.d.). A Voz de Cabo Verde. Discogs. Retrieved May 12, 2025, from https://www.discogs.com/label/222689-A-Voz-De-Cabo-Verde

Andrade, R. (2015, September 18). *MISTÉRIOS E MARAVILHAS: O ROCK SINFÓNICO/PROGRESSIVO EM PORTUGAL NA DÉCADA DE 1970*. Revista Portuguesa de Musicologia, 2/2, 239–270. https://rpm-ns.pt/index.php/rpm/article/view/276/375 nova série | new series 2/2 (2015), pp. 239/270, ISSN 0871-9705, http://rpm-ns.pt

Arenas, F. (2011). *LUSOPHONE AFRICA : BEYOND INDEPENDENCE* (NED - New edition, pp. 5–6-8-11-37-38-39-42-43). University Of Minnesota Press, Cop. https://www.jstor.org/stable/10.5749/j.ctttsjz3

Busch, R., Kirby, J., & Wiedemann, Ed. J. (2014). *ROCK COVERS* (45th Ed.). Taschen America Llc.

Cardão, M. (2020). *FADO TROPICAL. LUSO-TROPICALISMO NA CULTURA DE MASSAS (1960-1974)* (pp. 17–20-21-233-244-250-251). Tigre de Papel.

Carvalho, A. C. C. (2022). *DISCO E DAQUILO: AS CAPAS DE DISCOS DO ROCK PORTUGUÊS (1960-1989)*. In Universidade do Porto. https://doi.org/10.34626/eab0-1985

FBAUP. (2025). *FBAUP - EXPOSIÇÃO | ECO: ONDA SONORA*. Sigarra. Up.Pt. https://sigarra.up.pt/fbaup/pt/noticias_geral.ver_noticia?p_nr=42502

FMP. (2025). *LER COM O OUVIDO: 5 ANOS DE FONOTECA MUNICIPAL DO PORTO* - Fonoteca Municipal do Porto. Cm-Porto.Pt. https://fonoteca.cm-porto.pt/atividades/ler-com-o-ouvido-5-anos-de-fonoteca-municipal-do-porto-20251016/ Page Range. 63 - 65 - 69

FMP. (2026a). Artistas - Fonoteca Municipal do Porto. Cm-Porto.Pt. https://fonoteca.cm-porto.pt/artistas/

FMP. (2026b). Fonoteca Municipal do Porto. Instagram.Com. https://www.instagram.com/fonotecamunicipaldoporto/

Heitor, J. (2020). *GOLPE DE ESTADO NA GUINÉ-BISSAU DERRUBA PRESIDENTE KUMBA IALÁ*. Público; Público. https://www.publico.pt/2003/09/15/jornal/golpe-de-estado-na-guinebissau-derruba-presidente-kumba-iala-205349

Moorman, M. J. (2008). *INTONATIONS : A SOCIAL HISTORY OF MUSIC AND NATION IN LUANDA, ANGOLA, FROM 1945 TO RECENT TIMES*. Ohio University Press. (Original work published 2008), A versão em Ebook comprada pela Wook e lida na app Wook Reader, não tem paginação ou uma paginação fidedign à original.

Oliveira, H. (2018). i2ADS - Instituto de Investigação em Arte, Design e Sociedade. I2ads.Up.Pt. https://i2ads.up.pt/eventos/o-lugar-do-som-nas-artes-plasticas/

Príncipe. (2025). Merch from Príncipe. Príncipe. https://principediscos.bandcamp.com/merch

Público. (2020). *PRÍNCIPE, UMA EDITORA COM MÚSICA NOBRE*. Público; Público. https://www.publico.pt/2012/01/06/jornal/principe-uma-editora-com-musica-nobre-23712791#

Randall, D., & Left Book Club (London, England. (2025). *SOUND SYSTEM : THE POLITICAL POWER OF MUSIC* (Pluto Press - 08/2025, pp. 34–35). Pluto Press. (Original work published 2017)

Santos, N. de F. N. (2023). *IDEAL DE CABOVERDIANIDADE ATRAVÉS DO MOVIMENTO CLARIDADE* (p. 2). https://www.snh2023.anpuh.org/resources/anais/11/snh2023/1693777688_ARQUIVO_55f45a5f1a6c66ddd94471c2877b976e.pdf

Silva, M. D. (2003). *OS SONS DE ÁFRICA NOS PRIMEIROS ANOS DO ESTADO NOVO: ENTRE EXOTISMO E "VOCAÇÃO IMPERIAL."* Revista Portuguesa de Musicologia, 13(Vol.13), 114–115-117-119-120-122-124-136-139-141. https://rpm-ns.pt/index.php/rpm/article/view/125, p. 113-144

Spampinato, F., & Wiedemann, Ed. J. (2017). *ART RECORD COVERS* (45th Ed.). Taschen.

Thomaz, O. R. (2002). *"TIGRES DE PAPEL: GILBERTO FREYRE, PORTUGAL E OS PAÍSES AFRICANOS DE LÍNGUA OFICIAL PORTUGUESA.." IN TRÂNSITOS COLONIAIS: DIÁLOGOS CRÍTICOS LUSOBRASILEIROS* (pp. 39–63). Imprensa de Ciências Sociais.

Ágora Cultura e Desporto. (2025). Fonoteca Municipal do Porto. Porto. Ágora Cultura E Desporto. https://www.agoraporto.pt/cultura/fonoteca-municipal-do-porto

Autores Citados nas Referências

A Voz de Cabo-Verde. (2026). A Voz De Cabo-Verde Discography | Discogs. Discogs. https://www.discogs.com/label/222689-A-Voz-De-Cabo-Verde

Alves, F., & Monteiro, L. (2020, October 2). *FONOTECA MUNICIPAL DO PORTO: A NOVA CASA DA MÚSICA.* Visão. https://visao.pt/visaose7e/sair/2020-10-02-fonoteca-municipal-do-porto-a-nova-casa-da-musica/

Anderson, B. (2006). *IMAGINED COMMUNITIES: REFLECTIONS ON THE ORIGIN AND SPREAD OF NATIONALISM.* Verso. (Original work published 1983)

Anderson, B. (n.d.). *IMAGINED COMMUNITIES QUOTES BY BENEDICT ANDERSON.* Www.goodreads.com. Retrieved April 30, 2026, from https://www.goodreads.com/work/quotes/388581-imagined-communities-reflections-on-the-origin-and-spread-of-nationalis

Andrade, M. P. de . (1955). *"QU'EST-CE QUE LE LUSO-TROPICALISMO?", DE BUANGA FELE (MÁRIO PINTO DE ANDRADE)*. Présence Africaine, 4(4), 24–25. http://casacomum.org/cc/visualizador?pasta=04330.008.006

Barbeitos, A. (1997). *"UNE PERSPECTIVE ANGOLAISE SUR LE LUSOTROPICALISME." IN LUSOTROPICALISME: IDÉOLOGIES COLONIALES ET IDENTITÉS NATIONALES DANS LES MONDES LUSOPHONES* (pp. 309–326). Karthala ; Talence.

Boxer, C. R. (1988). *RELAÇÕES RACIAIS NO IMPÉRIO COLONIAL PORTUGUÊS, 1415-1825* (p. 7). Afrontamento.

Correia e Silva, A. L. (1996). *HISTÓRIAS DE UM SAHEL INSULAR.*

Davidson, B. (1975). *A LIBERTAÇÃO DA GUINÉ* (pp. 3–4). Livraria Sá da Costa.

Fernandes, G. (2002). *A DILUIÇÃO DE ÁFRICA: UMA INTERPRETAÇÃO DA SAGA IDENTITÁRIA CABO-VERDIANA NO PANORAMA POLÍTICO (PÓS)COLONIAL.* Editora Da Ufsc.

Ferreira, A. P., & Ribeiro, M. C. (2003). *FANTASMAS E FANTASIAS IMPERIAIS NO IMAGINÁRIO PORTUGUÊS CONTEMPORÂNEO.* Campo das Letras.

Fikes, K. (2006). *"EMIGRATION AND THE SPATIAL PRODUCTION OF DIFFERENCE FROM CAPE VERDE." IN GLOBALIZATION AND RACE: TRANSFORMATIONS IN THE CULTURAL PRODUCTION OF BLACKNESS* (pp. 154–170). Duke University Press.

FMP. (2025). *LER COM O OUVIDO: 5 ANOS DE FONOTECA MUNICIPAL DO PORTO* - Fonoteca Municipal do Porto. Cm-Porto.pt. https://fonoteca.cm-porto.pt/pt/atividades/ler-com-o-ouvido-5-anos-de-fonoteca-municipal-do-porto-20251016/

FMP. (2026a). Artistas - Fonoteca Municipal do Porto. Cm-Porto.pt. https://fonoteca.cm-porto.pt/pt/artistas/

FMP. (2026b). Discos - Fonoteca Municipal do Porto. Cm-Porto.pt. https://fonoteca.cm-porto.pt/pt/discos/

França, J. A. (1992). *OS ANOS VINTE EM PORTUGAL* (p. 104). Editorial Presença.

Gomes dos Anjos, J. C. (2002). *INTELECTUAIS, LITERATURA E PODER EM CABO VERDE.* Porto Alegre: Editora da UFRGS.

Infopédia. (2024a). *GERAÇÃO DA CLARIDADE.* Infopedia.pt - Porto

Editora. https://www.infopedia.pt/artigos/

Infopédia. (2024b). *O COMÉRCIO DO PORTO.* Infopedia.pt - Porto Editora. https://www.infopedia.pt/artigos/

João Santos Costa. (2023, November 24). *FIGURAS MOÇAMBICANAS DO NOSSO TEMPO – BOB VOCALISTA DO CONJUNTO "NIGHT STARS" – "XILUNGUINE" DE JOÃO SANTOS COSTA.* BigSlam. https://bigslam.pt/blogues/joao-santos-costa/figuras-mocambicanas-do-nosso-tempo-bob-vocalista-do-conjunto-night-stars-xilunguine-de-joao-santos-costa/

Leite, J. (2019). *CONCURSO "IÉ-IÉ" EM 1966.* Bloguespot.com. https://restosdecoleccao.bloguespot.com/2012/05/concurso-ie-ie-em-1966.html

Livros de África, Ultramar & Guerra Colonial. (2026, May 28). *ULTRAMAR & GUERRA DO ULTRAMAR - REVISTA "PRESENÇA", N.O 01, DE OUTUBRO DE 1963 (DO MNF) - MUITO RARA.* Bloguespot.com. https://livrosultramarguerracolonial.bloguespot.com/2014/12/ultramar-revista-presenca-n-01-de.html

Lourenço, E. (1984). *"A PROPÓSITO DE FREYRE (GILBERTO)."* O Comércio Do Porto - Ocasionais I (1950-1965), 105–113.

Marques, B. (1943). *MÚSICA NEGRA: ESTUDOS DE FOLCLORE TONGA* (p. 8). Agência Geral das Colônias.

Mondlane, E. (2011). *"A ESTRUTURA SOCIAL - MITOS E FACTOS." IN MALHAS QUE O IMPÉRIO TECEM - TEXTOS ANTICOLONIAIS, CONTEXTOS PÓS-COLONIAIS,*. Viagens da teoria antes do pós-colonial (p. 310). Edições 70.

Neto, M. de C. (1997). *IDEOLOGIAS, CONTRADIÇÕES E MISTIFICAÇÕES DA COLONIZAÇÃO DE ANGOLA NO SÉCULO XX. IN LUSOTROPICALISME: IDÉOLOGIES COLONIALES ET IDENTITÉS NATIONALES DANS LES MONDES LUSOPHONES* (pp. 327–359). Karthala ; Talence.

Perry, A. (1963). *LE PORTUGAL ET LA FIN DE L'ULTRA-COLONIALISME.* Maspero.

Rocha, H. (1933). *RAPSÓDIA NEGRA. POEMAS AFRICANOS.* Tip. Artes de Letras,.

Rocha, H. (1934, May). *O MUNDO PORTUGUÊS*, 1(5), 185.

Rocha, H. (1940). *POEMAS EXÓTICOS.* Educação Nacional.

Victor, G. B. (1973, January 3). *"PROBLEMÁTICA DA MODERNA MÚSICA POPULAR ANGOLANA."* Revista de Actualidades Ultramarinas, 3, 17.

Entrevistas

Indipwo, R. (2005, November 27). *HERNAÇAS D' OURO* (M. J. Gama, Interviewer) [Interview]. https://arquivos.rtp.pt/conteudos/raul-indipwo-2/

Referências Gráficas

Alexandre, J. F. de . (2021, January). *AESTHETIC LEGACY OF THE TROPICÁLIA MOVEMENT.* Behance. https://www.behance.net/gallery/110728873/Aesthetic-Legacy-of-the-Tropicalia-Movement

Duarte, J. S. (2025). *HAIRCUST FOR MEN.* Jsduartedesign.com. https://jsduartedesign.com/projeto-2-p-mdgpe.html

esad-idea. (2017, May 4). *ORFEU RECORDS (1956-1983)* – imagens/palavras/sons. Esad.pt. https://esad.pt/en/archive/discos-orfeu-1956-1983-imagenspalavrassons

esad-idea. (2022, October). *ESAD—ARTE&DESIGN · ORFEU (1956—1983)*. Esad.pt. https://www.esad.pt/en/research-projects/orfeu

GNRATION. (2018). *ÓRBITA BY GNRATION*. Instagram. https://www.instagram.com/p/DWmgl7oiV1W/?utm_source=ig_web_copy_link&igsh=MzRlODBiNWFlZA==. Pôster desenvolvido por João Queirós, https://www.instagram.com/q.u.e.i.r.o.s/.

Nepomuceno, I. (2025a, September 8). *"DISCOS ORFEU: CATÁLOGO VISUAL E CRÍTICO."* Instagram. https://www.instagram.com/ines_Nepomuceno_design/p/DOWT3d4DPGR/

Nepomuceno, I. (2025b, September 19). *"DISCOS ORFEU: CATÁLOGO VISUAL E CRÍTICO."* Instagram.com. https://www.instagram.com/ines_Nepomuceno_design/p/DOyMXq-DI0H/

Glossário e Siglas

CPLP. (2019). *CPLP - COMUNIDADE DOS PAÍSES DE LÍNGUA PORTUGUESA*. CpLp.org. https://www.cplp.org/

Infopédia. (2024a). *INFOPEDIA - APARTHEID.* Infopedia.pt - Porto Editora. https://www.infopedia.pt/artigos/$apartheid

Infopédia. (2024b). *INFOPEDIA - INDEPENDÊNCIA DAS COLÓNIAS PORTUGUESAS.* Infopedia.pt - Porto Editora. https://www.infopedia.pt/artigos/$independencia-das-colonias-portuguesas-em

Infopédia. (2026a). *BATUQUE | DICIONÁRIO INFOPÉDIA DA LÍNGUA PORTUGUESA.* Dicionários Infopédia Da Porto Editora. https://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/batuque

Infopédia. (2026b). *BENIGNA | DICIONÁRIO INFOPÉDIA DA LÍNGUA PORTUGUESA.* Dicionários Infopédia Da Porto Editora. https://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/Benigna

Infopédia. (2026c). *COLADEIRAS | DICIONÁRIO INFOPÉDIA DA LÍNGUA PORTUGUESA.* Dicionários Infopédia Da Porto Editora. https://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/coladeiras

Infopédia. (2026d). *HEGEMONIA | DICIONÁRIO INFOPÉDIA DA LÍNGUA PORTUGUESA.* Dicionários Infopédia Da Porto Editora. https://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/hegemonia

Infopédia. (2026e). *MISCIGENAÇÃO | DICIONÁRIO INFOPÉDIA DA LÍNGUA PORTUGUESA.* Dicionários Infopédia Da Porto Editora. https://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/miscigena%C3%A7%C3%A3o

Infopédia. (2026f). *MORNAS | DICIONÁRIO INFOPÉDIA DA LÍNGUA PORTUGUESA.* Dicionários Infopédia Da Porto Editora. https://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/Mornas

Infopédia. (2026g). *MUSSEQUE | DICIONÁRIO INFOPÉDIA DA LÍNGUA PORTUGUESA.* Dicionários Infopédia Da Porto Editora. https://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/musseque

Imagens

A NAÇÃO. (2026, March 30). *CLARIDADE, 90 ANOS: A REVISTA QUE NOS FINCOU OS PÉS NAS ILHAS – A NAÇÃO – JORNAL INDEPENDENTE.* Anacao.cv. https://www.anacao.cv/noticia/2026/03/30/claridade-90-anos-a-revista-que-nos-fincou-os-pes-nas-ilhas/

Agenda Cultural Lisboa. (2022). *TABANKA DJAZ.* Agendalx.pt. https://www.agendalx.pt/events/event/tabanka-djaz/

Alexandre, J. (2021, January). *AESTHETIC LEGACY OF THE TROPICÁLIA MOVEMENT.* Behance. https://www.behance.net/gallery/110728873/Aesthetic-Legacy-of-the-Tropicalia-Movement

Alvarinho, S. (2026). *MENGUÁNÀ - FONOTECA MUNICIPAL DO PORTO.* Cm-Porto.pt. https://fonoteca.cm-porto.pt/pt/discos/menguana-719266/

Bana. (2026). *MORNAS E COLADEIRAS DE CABO VERDE - FONOTECA MUNICIPAL DO PORTO.* Cm-Porto.pt. https://fonoteca.cm-porto.pt/pt/discos/mornas-e-coladeiras-de-cabo-verde-662409/

Bantumen. (2026). *FILIPE MUKENGA AO VIVO.* Bantumen.com. https://www.bantumen.com/event/filipe-mukenga-concerto/

Bastos, W. (2026). *ESTAMOS JUNTOS - FONOTECA MUNICIPAL DO PORTO.* Cm-Porto.pt. https://fonoteca.cm-porto.pt/pt/discos/estamos-juntos-785667/

Baú das Memórias. (2022, November 23). *JOÃO MARIA TUDELA – CANTOR PÚBLICO E AGENTE SECRETO!* BigSlam. https://bigslam.pt/historia/bau-

das-memorias/joao-maria-tudela-cantor-publico-e-agente-secreto/

Bonga. (2026). *KUALUKA KUETU - FONOTECA MUNICIPAL DO PORTO.* Cm-Porto.pt. https://www.fonoteca.cm-porto.pt/pt/discos/kualuka-kuetu-455179/

ChatGPT. (2025). *EDITORAS LUSO-AFRICANAS ENTRE 1960 E 1992.* ChatGPT. https://chatgpt.com/share/6a19a0fb-70f8-83eb-8261-473de5c55149

Conjunto Cabo Verde. (2026). *CONJUNTO CABO VERDE - FONOTECA MUNICIPAL DO PORTO.* Cm-Porto.pt. https://fonoteca.cm-porto.pt/pt/discos/conjunto-cabo-verde-420858/

Conjunto de Oliveira Muge. (2026a). *A MÃE - FONOTECA MUNICIPAL DO PORTO.* Cm-Porto.pt. https://fonoteca.cm-porto.pt/pt/discos/a-mae-663570/

Conjunto de Oliveira Muge. (2026b). *LONGE DE TI - FONOTECA MUNICIPAL DO PORTO.* Cm-Porto.pt. https://fonoteca.cm-porto.pt/pt/discos/longe-de-ti-692583/

Conjunto Renato Silva. (2026). *CONJUNTO RENATO SILVA - FONOTECA MUNICIPAL DO PORTO.* Cm-Porto.pt. https://fonoteca.cm-porto.pt/pt/discos/conjunto-renato-silva-682741/

Delgado, J. (2026). *CASAMENTI D'HAÖS - FONOTECA MUNICIPAL DO PORTO.* Cm-Porto.pt. https://fonoteca.cm-porto.pt/pt/discos/casamenti-dhas-801476/

Denselow, R. (2020, May 25). *MORY KANTÉ OBITUARY.* The Guardian; The Guardian. https://www.theguardian.com/music/2020/may/25/mory-kante-obituary

Digital, H. (2026). *CONTEMPORÂNEA [1915-1926].* Cm-Lisboa.pt. https://hemerotecadigital.cm-lisboa.pt/OBRAS/CONTEMPORANEA/Contemporanea.htm

Djaz, T. (2026). *TABANKA DJAZ - FONOTECA MUNICIPAL DO PORTO.* Cm-Porto.pt. https://www.fonoteca.cm-porto.pt/pt/discos/tabanka-djaz-719254/

Duo Ouro Negro. (2026a). *AOS NOSSOS AMIGOS - FONOTECA MUNICIPAL DO PORTO.* Cm-Porto.pt. https://fonoteca.cm-porto.pt/pt/discos/aos-nossos-amigos-437939/

Duo Ouro Negro. (2026b). *CANTA CANÇÕES DO FOLCLORE DE ANGOLA - FONOTECA MUNICIPAL DO PORTO.* Cm-Porto.pt. https://fonoteca.cm-porto.pt/pt/discos/canta-cancoes-do-folclore-de-angola-444871/

Duo Ouro Negro. (2026c). *COMBOIO MALA DE BENGUELA - FONOTECA MUNICIPAL DO PORTO.* Cm-Porto.pt. https://fonoteca.cm-porto.pt/pt/discos/comboio-mala-de-benguela-441181/

Duo Ouro Negro. (2026d). *DUO OURO NEGRO - FONOTECA MUNICIPAL DO PORTO.* Cm-Porto.pt. https://fonoteca.cm-porto.pt/pt/discos/duo-ouro-negro-444776/

Duo Ouro Negro. (2026e). *LUAR DA LUA CHEIA - FONOTECA MUNICIPAL DO PORTO.* Cm-Porto.pt. https://fonoteca.cm-porto.pt/pt/discos/luar-da-lua-cheia-444794/

Duo Ouro Negro. (2026f). *MULOWA AFRIKA - FONOTECA MUNICIPAL DO PORTO.* Cm-Porto.pt. https://www.fonoteca.cm-porto.pt/pt/discos/mulowa-afrika-438227/

ESAD.CR. (2024). *OPEN CLASS – FÁTIMA ROLO DUARTE |* ESAD.CR. Ipleiria.pt. https://www.ipleiria.pt/esadcr-en/2024/10/17/open-class-fatima-rolo-duarte-2/

Esquina, L. (2026). *MUNDO PORTUGUÊS IMAGENS DE UMA EXPOSIÇÃO HISTÓRICA 1940.* Livraria Esquina. https://livrariaesquina.pt/products/mundo-portugues?srsltid=AfmBOor7jyKwe3bERmIZdGNwmydKWfumGlxeB7DNWxKQW4VdGr0haOW-

Eye Magazine. (2026). *EYE MAGAZINE | FEATURE | REPUTATIONS: ALEX STEINWEISS.* Eye Magazine. https://eyemagazine.com/feature/article/reputations-alex-steinweiss

Fidalgo, V. (2026, April 30). *MORREU JOSÉ SANTA-BÁRBARA, O*

DESIGNER DA "INTERVENÇÃO." Cmjornal.pt; Correio da Manhã. https://www.cmjornal.pt/cultura/detalhe/morreu-jose-santa-barbara-o-designer-da-intervencao

Filipe, D. (2026). *A INVENÇÃO DO AMOR E OUTROS POEMAS DE DANIEL FILIPE - FONOTECA MUNICIPAL DO PORTO.* Cm-Porto.pt. https://fonoteca.cm-porto.pt/pt/discos/a-invencao-do-amor-e-outros-poemas-de-daniel-filipe-472186/

Firmino, A. (2026). *CARTA DE NHA CRETCHEU - FONOTECA MUNICIPAL DO PORTO.* Cm-Porto.pt. https://fonoteca.cm-porto.pt/pt/discos/carta-de-nha-cretcheu-573116/

FMP. (2026a). *BONGA - FONOTECA MUNICIPAL DO PORTO.* Cm-Porto.pt. https://www.fonoteca.cm-porto.pt/pt/artistas/bonga/

FMP. (2026b). *CONCHINHA DE MASCARENHAS - FONOTECA MUNICIPAL DO PORTO*. Cm-Porto.pt. https://www.fonoteca.cm-porto.pt/pt/artistas/conchinha-de-mascarenhas/

FMP. (2026c). *DANY SILVA - FONOTECA MUNICIPAL DO PORTO.* Cm-Porto.pt. https://www.fonoteca.cm-porto.pt/pt/artistas/dany-silva/

FMP. (2026d). *DUO OURO NEGRO - FONOTECA MUNICIPAL DO PORTO.* Cm-Porto.pt. https://www.fonoteca.cm-porto.pt/pt/artistas/duo-ouro-negro/

FMP. (2026e). *FERNANDO QUEJAS - FONOTECA MUNICIPAL DO PORTO.* Cm-Porto.pt. https://www.fonoteca.cm-porto.pt/pt/artistas/fernando-quejas/

FMP. (2026f). *FILIPE MUKENGA - FONOTECA MUNICIPAL DO PORTO.* Cm-Porto.pt. https://www.fonoteca.cm-porto.pt/pt/artistas/filipe-mukenga/

FMP. (2026g). *JOÃO MARIA TUDELA - FONOTECA MUNICIPAL DO PORTO.* Cm-Porto.pt. https://www.fonoteca.cm-porto.pt/pt/artistas/joao-maria-tudela/

FMP. (2026h). *MARINO SILVA - FONOTECA MUNICIPAL DO PORTO.* Cm-Porto.pt. https://www.fonoteca.cm-porto.pt/pt/artistas/marino-silva/

FMP. (2026i). *MÁRIO MATA - FONOTECA MUNICIPAL DO PORTO.* Cm-Porto.pt. https://www.fonoteca.cm-porto.pt/pt/artistas/mario-mata/

FMP. (2026j). *MORY KANTÉ - FONOTECA MUNICIPAL DO PORTO.* Cm-Porto.pt. https://www.fonoteca.cm-porto.pt/pt/artistas/mory-kante/

FMP. (2026k). *OS GINGAS - FONOTECA MUNICIPAL DO PORTO.* Cm-Porto.pt. https://www.fonoteca.cm-porto.pt/pt/artistas/os-gingas/

FMP. (2026l). *RAÚL INDIPWO - FONOTECA MUNICIPAL DO PORTO.* Cm-Porto.pt. https://www.fonoteca.cm-porto.pt/pt/artistas/raul-indipwo/

FMP. (2026m). *TABANKA DJAZ - FONOTECA MUNICIPAL DO PORTO.* Cm-Porto.pt. https://www.fonoteca.cm-porto.pt/pt/artistas/tabanka-djaz/

FMP. (2026n). *TETA LANDO - FONOTECA MUNICIPAL DO PORTO.* Cm-Porto.pt. https://www.fonoteca.cm-porto.pt/pt/artistas/teta-lando/

FMP. (2026o). *TÓ NETO - FONOTECA MUNICIPAL DO PORTO.* Cm-Porto.pt. https://www.fonoteca.cm-porto.pt/pt/artistas/to-neto/

FMP. (2026p). *WALDEMAR BASTOS - FONOTECA MUNICIPAL DO PORTO.* Cm-Porto.pt. https://www.fonoteca.cm-porto.pt/pt/artistas/waldemar-bastos/

FMP Instagram. (2026). *LER COM O OUVIDO 5 ANOS DE FONOTECA MUNICIPAL DO PORTO.* Instagram. https://www.instagram.com/fonotecamunicipaldoporto/p/DPy4WSlEZ9-/

Freyre, G. (2010). *AVENTURA E ROTINA : SUGESTÕES DE UMA VIAGEM À PROCURA DAS CONSTANTES PORTUGUESAS DE CARÁTER E AÇÃO.* É Realizações Editora.

Freyre, G. (2019). *CASA-GRANDE & SENZALA EBOOK BY GILBERTO FREYRE - RAKUTEN KOBO.* Rakuten Kobo; Kobo. https://www.kobo.com/br/pt/ebook/casa-grande-senzala?srsltid=AfmBOoq8-ZHKLI3rnOdN-xqzlGGOAEcLJRg7lLHKJkv21gzZYYIalElW

Indipwo, R. (2026a). *MEUS OLHOS FICARAM MAR - FONOTECA MUNICIPAL DO PORTO.* Cm-Porto.pt. https://fonoteca.cm-porto.pt/pt/discos/meus-olhos-ficaram-mar-446573/

Indipwo, R. (2026b). *SÔ SANTO - FONOTECA MUNICIPAL DO PORTO.* Cm-Porto.pt. https://www.fonoteca.cm-porto.pt/pt/discos/so-santo-578956/

Kanté, M. (2026). *YÉ KÉ YÉ KÉ - FONOTECA MUNICIPAL DO PORTO.* Cm-Porto.pt. https://www.fonoteca.cm-porto.pt/pt/discos/ye-ke-ye-ke-873376/

Lando, T. (2026a). *CANÇÕES DE ANGOLA - FONOTECA MUNICIPAL DO PORTO.* Cm-Porto.pt. https://fonoteca.cm-porto.pt/pt/discos/cancoes-de-angola-703585/

Lando, T. (2026b). *TETA LANDO - FONOTECA MUNICIPAL DO PORTO.* Cm-Porto.pt. https://fonoteca.cm-porto.pt/pt/discos/teta-lando-744866/

Lanjele, H. (2026a). *ANGOLA: TERRA LIVRE - FONOTECA MUNICIPAL DO PORTO.* Cm-Porto.pt. https://fonoteca.cm-porto.pt/pt/discos/angola-terra-livre-692878/

Lanjele, H. (2026b). *CONFIDÊNCIAS - FONOTECA MUNICIPAL DO PORTO.* Cm-Porto.pt. https://fonoteca.cm-porto.pt/pt/discos/confidencias-727996/

Liliana Queiroz, L. A. (2026). *A IDADE DO JAZZ-BAND DE ANTÓNIO FERRO.* Livraria Alfarrabista. https://www.livrariaalfarrabista.com/?livro=27981&titulo=A%20ARQUITECTURA%20RELIGIOSA%20DO%20ALTO%20ALENTEJO%20Na%20segunda%20metade%20do%20s%E9culo%20XVI%20e%20nos%20s%E9culos%20XVII%20e%20XVIII&flg=PT

Lopes, A. (2026). *A FESTA - FONOTECA MUNICIPAL DO PORTO.* Cm-Porto.pt. https://fonoteca.cm-porto.pt/pt/discos/a-festa-851000/

Marques, S. M. (2011, March 6). *LUÍS VASCONCELOS OS FOTOJORNALISTAS ESTÃO A IN? TERVIR NA SOCIEDADE.* PÚBLICO; Público. https://www.publico.pt/2011/03/06/jornal/luis-vasconcelos-os-fotojornalistas-estao-a-in-tervir-na-sociedade-21417922

Mata, M. (2026a). *NÃO MATA MAS MÓI - FONOTECA MUNICIPAL DO PORTO.* Cm-Porto.pt. https://fonoteca.cm-porto.pt/pt/discos/nao-mata-mas-moi-481151/

Mata, M. (2026b). *NUNCA MAIS É SÁBADO / AMANHÃ É UM NOVO DIA - FONOTECA MUNICIPAL DO PORTO.* Cm-Porto.pt. https://fonoteca.cm-porto.pt/pt/discos/nunca-mais-e-sabado-amanha-e-um-novo-dia-444826/

Mata, M. (2026c). *QUE GRANDE SECA - FONOTECA MUNICIPAL DO PORTO.* Cm-Porto.pt. https://fonoteca.cm-porto.pt/pt/discos/que-grande-seca-444830/

Mindelo, U. do. (2022, December 17). *AMÍLCAR LOPES CABRAL - UNIVERSIDADE DO MINDELO.* Universidade Do Mindelo. https://um.edu.cv/um_membro/amilcar-lopes-cabral/

Mingas, R. (2026). *MONANGAMBÉ - FONOTECA MUNICIPAL DO PORTO.* Cm-Porto.pt. https://fonoteca.cm-porto.pt/pt/discos/monangambe-625900/

Monitor Mercantil. (2023, April 13). *SEMPRE BOM RELEMBRAR GILBERTO FREYRE | MONITOR MERCANTIL.* Monitor Mercantil. https://monitormercantil.com.br/sempre-bom-relembrar-gilberto-freyre/

Mukenga, F. (2026). *NOVO SOM - FONOTECA MUNICIPAL DO PORTO.* Cm-Porto.pt. https://www.fonoteca.cm-porto.pt/pt/discos/novo-som-710376/

Museu do Porto. (2023, December 18). PERCURSO ESPECIAL #16 — REVISITAR A EXPOSIÇÃO COLONIAL PORTUGUESA 90 ANOS Depois. Museu Do Porto. https://museudoporto.pt/recurso/percurso-especial-16-revisitar-a-exposicao-colonial-portuguesa-90-anos-depois/

Nepomuceno, I. (2025a, September 8). *"DISCOS ORFEU: CATÁLOGO VISUAL E CRÍTICO."* Instagram. https://www.instagram.com/ines_Nepomuceno_design/p/DOWT3d4DPGR/

Nepomuceno, I. (2025b, SEptember 19). *"DISCOS ORFEU: CATÁLOGO VISUAL E CRÍTICO."* Instagram.com. https://www.instagram.com/ines_Nepomuceno_design/p/DOyMXq-DI0H/

Neto, T. (2026a). *BIG BANG - FONOTECA MUNICIPAL DO PORTO.* Cm-Porto.pt. https://fonoteca.cm-porto.pt/pt/discos/big-bang-579048/

Neto, T. (2026b). Ne*GRO - FONOTECA MUNICIPAL DO PORTO. CM-PORTO.PT. HTTPS://*fonoteca.cm-porto.pt/pt/discos/negro-579046/

Os Gingas. (2026). *OS GINGAS - FONOTECA MUNICIPAL DO PORTO.* Cm-Porto.pt. https://fonoteca.cm-porto.pt/pt/discos/os-gingas-421003/

Power, B. (2026). *MORNAS E COLADEIRAS - FONOTECA MUNICIPAL DO PORTO.* Cm-Porto.pt. https://fonoteca.cm-porto.pt/pt/discos/mornas-e-coladeiras-741137/

Quejas, F. (2026a). *MORNAS - FONOTECA MUNICIPAL DO PORTO.* Cm-Porto.pt. https://fonoteca.cm-porto.pt/pt/discos/mornas-440169/

Quejas, F. (2026b). *MORNAS DE CABO VERDE - FONOTECA MUNICIPAL DO PORTO.* Cm-Porto.pt. https://fonoteca.cm-porto.pt/pt/discos/mornas-de-cabo-verde-440203/

Quejas, F. (2026c). *MORNAS DE CABO VERDE - FONOTECA MUNICIPAL DO PORTO.* Cm-Porto.pt. https://fonoteca.cm-porto.pt/pt/discos/mornas-de-cabo-verde-440200/

Quejas, F. (2026d). *MORNAS E COLADERAS - FONOTECA MUNICIPAL DO PORTO.* Cm-Porto.pt. https://fonoteca.cm-porto.pt/pt/discos/mornas-e-coladeras-690705/

Rafael, V. (2026). *FLOR DA BEIRA RIO - FONOTECA MUNICIPAL DO PORTO.* Cm-Porto.pt. https://fonoteca.cm-porto.pt/pt/discos/flor-da-beira-rio-726103/

recordart. (2016, September 18). *STEINWEISS-SMASH-HITS.* Recordart. https://recordart.net/2016/09/18/alex-steinweiss-the-inventor-of-the-illustrated-record-cover/steinweiss-smash-hits/

REDE ANGOLA. (2016, December 9). *MORREU O PINTOR, POETA E CANTOR ANGOLANO ELEUTÉRIO SANCHES - REDE ANGOLA - NOTÍCIAS INDEPENDENTES SOBRE ANGOLA.* Rede Angola - Notícias Independentes Sobre Angola. http://m.redeangola.info/morreu-o-pintor-poeta-e-cantor-angolano-eleuterio-sanches/

Rodrigues, J. (2026). *HEY MAL YO - FONOTECA MUNICIPAL DO PORTO.* Cm-Porto.pt. https://fonoteca.cm-porto.pt/pt/discos/hey-mal-yo-744922/

RTP Arquivos. (2023). *TÓ NETO – PARTE I.* Arquivos.rtp.pt. https://arquivos.rtp.pt/conteudos/to-neto-parte-i/

Sanches, E. (2026). *ENCONTRO COM LISBOA - FONOTECA MUNICIPAL DO PORTO.* Cm-Porto.pt. https://fonoteca.cm-porto.pt/pt/discos/encontro-com-lisboa-710744/

Silva, D. (2026a). *BRANCO, TINTO E JEROPIGA - FONOTECA MUNICIPAL DO PORTO.* Cm-Porto.pt. https://fonoteca.cm-porto.pt/pt/discos/brancon-tinto-e-jeropiga-455867/

Silva, D. (2026b). *CRIOULA DE S. BENTO - FONOTECA MUNICIPAL DO PORTO.* Cm-Porto.pt. https://www.fonoteca.cm-porto.pt/pt/discos/crioula-de-s-bento-477660/

Silva, D. (2026c). *LUA VAGABUNDA - FONOTECA MUNICIPAL DO PORTO.* Cm-Porto.pt. https://fonoteca.cm-porto.pt/pt/discos/lua-vagabunda-707209/

Silva, M. (2026). *CABO VERDE - FONOTECA MUNICIPAL DO PORTO.* Cm-Porto.pt. https://fonoteca.cm-porto.pt/pt/discos/cabo-verde-428791/

Sousa, F. de. (2026). *CARNEYRO: SONATA PARA VIOLINO E PIANO; BRUMA; A RODA DOS DEGREDADOS - FONOTECA MUNICIPAL DO PORTO.* Cm-Porto.pt. https://fonoteca.cm-porto.pt/pt/discos/carneyro-sonata-para-violino-e-piano-bruma-a-roda-dos-degredados-670037/

Tudela, J. M. (2026a). *HAMBANINE - FONOTECA MUNICIPAL DO PORTO.* Cm-Porto.pt. https://www.fonoteca.cm-porto.pt/pt/discos/hambanine-441087/

Tudela, J. M. (2026b). *KANIMAMBO - FONOTECA MUNICIPAL DO PORTO.* Cm-Porto.pt. https://www.fonoteca.cm-porto.pt/pt/discos/kanimambo-441093/

Tudela, J. M. (2026c). *LOURENÇO MARQUES, GOSTO DE TI - FONOTECA MUNICIPAL DO PORTO.* Cm-Porto.pt. https://www.fonoteca.cm-porto.pt/pt/discos/